

UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL

# Entre acordes, cenas e amorosidade:

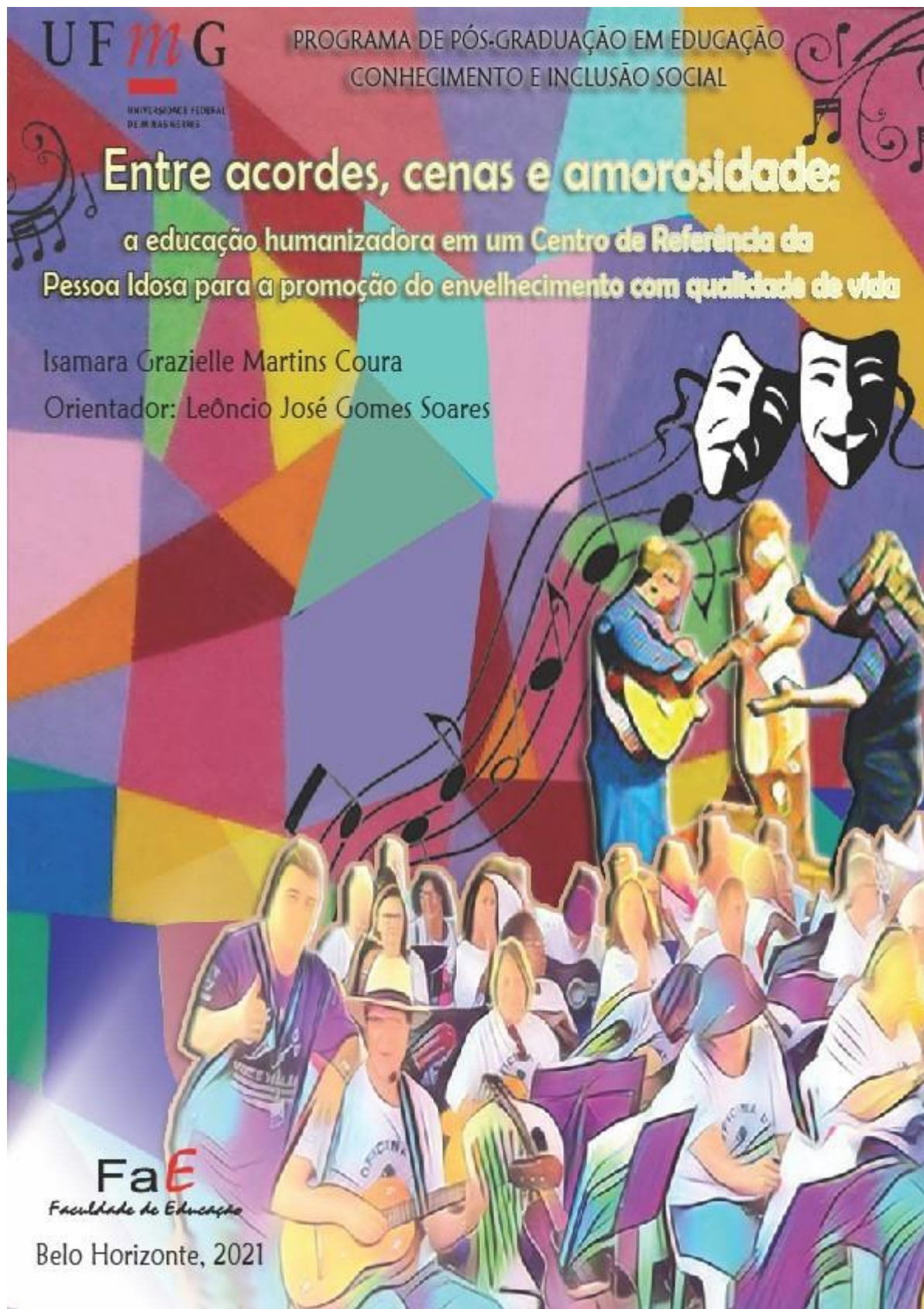
a educação humanizadora em um Centro de Referência da  
Pessoa Idosa para a promoção do envelhecimento com qualidade de vida

Isamara Grazielle Martins Coura

Orientador: Leôncio José Gomes Soares

FaE  
Faculdade de Educação

Belo Horizonte, 2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social

ISAMARA GRAZIELLE MARTINS COURA

**ENTRE ACORDES, CENAS E AMOROSIDADE:** a educação humanizadora em um Centro de Referência da Pessoa Idosa para a promoção do envelhecimento com qualidade de vida.

Tese apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito final para a obtenção do título de Doutora em Educação.  
Linha de Pesquisa: Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas.  
Orientador: Prof. Dr. Leôncio José Gomes Soares.

Belo Horizonte  
Dezembro de 2021

C858e  
T

Coura, Isamara Grazielle Martins, 1979-

Entre acordes, cenas e amorosidade [manuscrito] : a educação humanizadora em um centro de referência da pessoa idosa para a promoção do envelhecimento com qualidade de vida / Isamara Grazielle Martins Coura. - Belo Horizonte, 2021.

313 f. : enc, il., color.

Tese -- (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientador: Leôncio José Gomes Soares.

Bibliografia: f. 275-299.

Apêndices: f. 300-306.

Anexos: f. 307-313.

1. Educação -- Teses. 2. Educação de adultos -- Teses. 3. Idosos -- Educação -- Teses. 4. Idosos -- Qualidade de vida -- Teses. 5. Idosos -- Políticas públicas -- Teses. 6. Educação -- Políticas públicas -- Teses. 7. Envelhecimento -- Teses.

I. Título. II. Soares, Leôncio José Gomes. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 374

**Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)**

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Entre acordes, cenas e amorosidade: a educação humanizadora em um Centro de Referência da Pessoa Idosa para a promoção do envelhecimento com qualidade de vida**

**ISAMARA GRAZIELLE MARTINS COURA**

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, como requisito para obtenção do grau de Doutor em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL.

Aprovada em 17 de dezembro de 2021, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Leôncio José Gomes Soares - Orientador  
UFMG  
Prof(a). Mônica de Ávila Todaro  
UFSJ  
Prof(a). Anita Liberalesso Neri  
Unicamp  
Prof(a). Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva  
UFOP  
Prof(a). Lúcia Helena Alvarez Leite  
UFMG

Belo Horizonte, 25 de janeiro de 2022.

Professora Dra. Rosimar de Fátima Oliveira  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação:  
Conhecimento e Inclusão Social - FAE/UFMG  
Belo Horizonte, 23 de março de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Rosimar de Fatima Oliveira, Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 23/03/2022, às 08:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1327201** e o código CRC **F5719EEE**.

*Espalhe amor e o amor se espalhará*  
(Donnie Wahlberg)

## AGRADECIMENTOS

Elaborar uma tese é um trabalho que exige concentração, disciplina, envolvimento e reflexões. Muitas vezes ouvi dizer que fosse um trabalho solitário. Pois bem, apesar de precisar de alguns momentos comigo mesma para organizar os pensamentos e a escrita, ao longo dos quatro anos no doutorado, eu nunca estive sozinha.

Estive comungando ideias e conhecimentos sobre a pesquisa e sobre a vida com meu orientador e com o grupo de pesquisa; amor e afeto com meus familiares; experiências, carinho e alegrias com meus amigos e muita aprendizagem com os idosos e os profissionais do Centro de Referência da Pessoa Idosa (CRPI). Foi um período muito difícil devido à COVID-19, mas eu tive suportes diversos que me fizeram chegar até aqui, feliz e com o coração cheio de gratidão. Assim, é hora de agradecer.

Agradeço a Deus pela vida e pelas oportunidades que tenho tido de me realizar tanto no âmbito pessoal quanto no âmbito profissional.

À minha mãe, Zezé Coura, e ao meu pai, Raimundo Isaías, por terem me garantido todo amor, carinho, afeto, educação e suportes necessários para que meus caminhos fossem suaves e muito alegres. Obrigada por acreditarem em mim, por tantas renúncias e mudanças para que eu realizasse os meus sonhos durante a vida. Amo vocês profundamente.

Ao meu amor, Vagner Batista, pelo incentivo para que a caminhada acadêmica se realizasse. Obrigada por todo amor, carinho, pelo companheirismo diário e pelas trocas e reflexões constantes sobre o tema pesquisado. Sua parceria e seu amor alegram os meus dias.

Ao meu querido orientador e amigo, Léo, por acreditar em mim, por me receber novamente de braços abertos, por todas as contribuições para minha formação enquanto pesquisadora, assim como para me tornar um ser humano melhor. Você é muito especial e me sinto privilegiada por ter sua presença em minha vida como exemplo a ser seguido.

Ao nosso grupo de pesquisa, o Grupo de Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos (GRUPEJA), pelo companheirismo, pelas trocas, escutas e contribuições ao longo deste percurso. Em especial, quero agradecer à Victoria, por nossas conversas e pelos momentos inesquecíveis de “safaris” por BH; ao Adenilson e ao Jerry, pelas “resenhas”, risadas e pelas ajudas ao longo do caminho; à Trindade, por suas leituras muito atenciosas e suas observações pertinentes. Agradeço a cada um e a cada uma das pessoas que dedicaram seu tempo a ler e refletir sobre esta produção em conjunto comigo.

Agradeço de forma especial à Meiriele Cruz, pela companhia diária nas conversas, nas orientações, nas diversões e por todas as riquíssimas contribuições neste trabalho.

À Flávia Grossi, pelas trocas em relação às nossas pesquisas sobre pessoas idosas e pelas dicas importantes sobre os detalhes necessários à finalização deste processo.

Ao Instituto Federal de Ciências e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG), em especial, à Fernanda, ao Sidimar e à Juliana, por generosamente concederem meu afastamento, para que a realização deste trabalho fosse possível em condições muito melhores do que aquelas imaginadas no início do doutorado.

Às minhas queridas amigas, Lucélia, Michelle, Fátima e Lucy, pela parceria de vida desde a faculdade. Em especial, à Michelle Cobra Torre, por tantas conversas e pela leitura atenta de cada parte desse trabalho. Amo vocês!

Às minhas amigas distantes fisicamente, mas muito presentes em minha vida, em especial neste período de pandemia, Andrea, Solange, Leninha e Betânia. Vocês fizeram meus dias mais leves e mais alegres, mesmo quando estive diante de inúmeros desafios. Obrigada por me acolherem, por me ouvirem e me divertirem tanto. Vocês são muito especiais.

À minha amiga Luciani Dalmaschio, pela sua amizade sincera de tantos anos e por ser uma grande incentivadora da minha trajetória acadêmica.

Ao meu amigo Diniz Júnior, pelas trocas acadêmicas e pelas conversas divertidas e profundas sobre a vida, desde os tempos da Secretaria Municipal de Educação de Contagem.

Às professoras Anita Neri, Mônica Todaro, Fernanda Silva, Lucinha, Ção e ao professor Jerry, componentes da banca, por estarem dispostos a ler e contribuir com este trabalho.

Agradeço, de forma especial, aos idosos e aos servidores do CRPI, pelo acolhimento e pela boa vontade em participar desta pesquisa. Obrigada por tanto conhecimento adquirido ao longo desses anos que passamos juntos. Parabéns por tudo aquilo que vocês vêm fazendo coletivamente.

Por fim, agradeço a todos os familiares e colegas que estiveram ao meu lado durante a vida e que me ajudaram no processo de me constituir no que hoje eu sou.

## RESUMO

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o cenário demográfico do país indica um envelhecimento populacional. Dados do IBGE publicados em 2019 apontam que o Brasil tem um índice de 13% de sua população composta por idosos, o que corresponde a 28 milhões de pessoas nessa faixa etária. O IBGE retrata ainda que em 2050 o Brasil terá praticamente um terço da população composta por pessoas acima de 60 anos. Diante disso, é importante que essas pessoas vivam com qualidade, que tenham uma velhice cada vez mais saudável e com condições de estarem e se sentirem ativas socialmente. Para tanto, deve-se oferecer, especialmente por meio de políticas públicas, espaços e condições para a atuação desses sujeitos, assim como os cuidados necessários e oportunizar formas para seu contínuo aprendizado visando a uma maior compreensão de seu papel social, seus direitos e de como viver melhor essa fase da vida. O presente trabalho apresenta uma pesquisa de doutorado que tem como questão central verificar como as práticas educativas ofertadas no Centro de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferrara (CRPI), a partir da análise das aulas de Teatro e de Voz e Violão, contribuem para melhorar a qualidade de vida de pessoas com 60 anos ou mais. Quanto aos objetivos, buscou-se verificar como os idosos percebem as práticas educativas que lhes são oferecidas, quais são as motivações para frequentá-las, como também analisar quais ganhos vêm obtendo em relação à qualidade de vida. A pesquisa também analisou o perfil dos professores envolvidos nas atividades escolhidas, investigar como eles se formaram e de que maneira realizaram a educação das pessoas idosas. A investigação apresentou caráter qualitativo e contou com a observação participante e a entrevista semiestruturada como instrumentos de coleta de dados. As observações foram realizadas inicialmente de forma presencial, entre os meses de fevereiro de 2019 e fevereiro de 2020, porém, devido à pandemia da COVID-19, o trabalho foi concluído de forma remota, entre os meses de junho e outubro de 2020. Foram entrevistadas nove pessoas: dois professores, o coordenador do equipamento e seis idosos, sendo quatro deles mulheres e dois homens, com idades entre 67 e 95 anos. Os resultados apontam para uma melhoria na qualidade de vida dos idosos a partir da participação nas atividades analisadas. Os benefícios gerados referem-se à maior integração social e à maior valorização de si mesmos, além de melhorias na saúde, como, por exemplo, em relação à memória. Os achados ainda revelam a importância do trato afetivo e respeitoso por parte dos professores para que se chegue a resultados positivos nos processos educativos. Em relação à formação dos professores, verificou-se que se formaram durante o fazer pedagógico com os idosos. Além disso, a pesquisa



revelou a importância da realização dessas atividades para minimizar os efeitos negativos da pandemia de COVID-19 na qualidade de vida dos sujeitos participantes da pesquisa.

**Palavras-chave:** Envelhecimento. Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Qualidade de vida.

## ABSTRACT

According to the Brazilian Institute of Geography and Statistics (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE), the country's demographic scenario indicates that its population is aging. IBGE data published in 2019 indicate that 13% of Brazil's population is composed of elderly people, which comprises 28 million people in this age group. IBGE also points out that in 2050 Brazil will have practically one third of the Brazilian population made up of people over 60 years old. Given this, it is important that those people live with quality of life, in order to have an increasingly healthy aging and conditions to be and feel socially active. Therefore, it is necessary to offer, especially through public policies, places and conditions that allow the involvement of these citizens in different environments, as well as provide adequate eldercare. They also should be provided with opportunities for their continuous learning, aiming at a greater understanding of their social role, their rights and how to live this stage of life better. This work presents a doctoral-level study whose main purpose is to verify if the educational practices offered at the Vereador Sérgio Ferrara Senior Reference Center contribute to improving the quality of life of people aged 60 and over. The analysis is based on the “Theater” and the “Voice and Guitar” classes. These study objectives are to verify how the elderly perceive the educational practices that are offered to them, what are their motivations for attending them and to analyze what benefits they have been obtaining in terms of quality of life. The research also seeks to analyze the profile of the teachers involved in the chosen activities, to investigate how they are trained and how they understand the education for the elderly. This is a qualitative research study which used methods such as participant observation and semi-structured interviews for data collection. The observations were made face-to-face between February 2019 and February 2020 and virtually between June and October 2020, due to the COVID-19 pandemic. In total, nine people were interviewed: two teachers; the CRPI coordinator and six elderly people. From the group of seniors, four of them were women and two were men, all aged between sixty-seven and ninety-five years old. The results point to an improvement in the quality of life of the elderly as a consequence of their participation in the analyzed activities. The benefits generated refer to greater social integration and greater self-worth, as well as improvements in their health, for example, in relation to memory. The findings of this study also reveal the importance of affectionate and respectful treatment by teachers in order to have positive results in these educational processes. Regarding the teachers' training, it is possible to say that they learn in the course of their pedagogical work with the elderly. In

addition, the research revealed the importance of these types of activities to minimize the negative effects of the COVID-19 pandemic on the quality of life of these subjects.

Keywords: Ageing. Education of youth, adults and seniors. Quality of life.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Usuários cadastrados de acordo com o ano de exercício .....	65
Gráfico 02 - Participação de usuários por região de Belo Horizonte no ano de 2019.....	68
Gráfico 03 - Participação de usuários por cidade da região metropolitana de Belo Horizonte no ano de 2019.....	68

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Trabalhos selecionados a partir do descritor “Educação de Idosos” .....	29
Quadro 2 - Trabalhos selecionados a partir do descritor “educação e envelhecimento” .....	42
Quadro 3 - Atividades regularmente ofertadas no Centro de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferrara no ano de 2019.....	70

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AH/SD - Altas Habilidades/Superdotação  
ANG - Associação Nacional de Gerontologia  
AVC- Acidente Vascular Cerebral  
BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações  
BPC – Benefício de Prestação Continuada  
CAPS - Caixas de Aposentadoria e Pensões  
CEI - Conselho Estadual do Idoso  
CMI - Conselho Municipal do Idoso  
CNDI - Conselho Nacional do Direito da Pessoa Idosa  
COBAP - Confederação Brasileira dos Aposentados e Pensionistas  
COI - Comitê Olímpico Internacional  
CONFINTEA - Conferência Internacional de Jovens e Adultos  
CONTAG - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura  
CQV - Centro Qualidade de Vida  
CRAS - Centros de Referência da Assistência Social  
CRPI - Centro de Referência da Pessoa Idosa  
EBAPI - Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa  
EEFFTO/UFMG – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG  
EJA - Educação de Jovens e Adultos  
ELV - Educação ao Longo da Vida  
EPJA - Educação de Pessoas Jovens e Adultos  
FUMID - Fundo Municipal do Idoso  
FURB - Universidade Regional de Blumenau  
GAEPI - Grupo de Atuação Especial para a Proteção ao Idoso no Ministério Público  
GTI - Grupos da Terceira Idade  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
ICAE - Associação Internacional de Educação de Adultos  
IES - Instituições de Ensino Superior  
IFMG - Instituto Federal de Ciências e Tecnologia de Minas Gerais  
ILPI - Instituições de Longa Permanência para Pessoas Idosas  
IMACO - Instituto Municipal de Administração e Ciências Contábeis  
IPSEMG - Instituto de Previdência dos Servidores de Estado de Minas Gerais

LOAS - Lei Orgânica da Assistência Social

LTCI - Long- Term Care Insurance

MOSAP - Movimento de Servidores Aposentados e Pensionistas

MOVA- Guarulhos- Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da cidade de Guarulhos

NETI - Núcleo de Estudos da Terceira Idade da Universidade Federal de Santa Catarina

NUGG - Núcleo de Geriatria e Gerontologia da Universidade Federal de Minas Gerais

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

OMS -Organização Mundial da Saúde

ONG – Organização não Governamental

ONU - Organização das Nações Unidas

OPAS - Organização Panamericana da Saúde

PAEFI - Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos

PBH - Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

PHE - Projeto Habilidades de Estudo

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNE – Plano Nacional de Educação

PNI - Política Nacional do Idoso

PNSI - Política Nacional de Saúde do Idoso

PNUD - Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento

PPP- Projetos Políticos Pedagógicos

PROEF- 2 - Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos – 2º Segmento da UFMG

PROEF-1 – Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos – 1º Segmento da UFMG

PROEMJA - Projeto de Ensino Médio de Jovens e Adultos da UFMG

PROEP - Programa de Educação Permanente

SARS-CoV-2 - Síndrome Respiratória Aguda Grave

SBGG - Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia

Seed-PR -Secretaria de Estado da Educação e do Esporte do Paraná

SENAC - Serviço Nacional do Comércio

SENAI - Serviço Nacional da Indústria

SESC – Serviço Social do Comércio

SMASAC - Secretaria Municipal de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania

SUDC - Subsecretaria de Direito e Cidadania

TSI - Trabalho Social com Idosos

UATI- Universidades Abertas da Terceira Idade

UAMA -Universidade Aberta à Maturidade  
UATISA - Universidade Aberta da Terceira Idade da Escola Superior de Agricultura  
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais  
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco  
UFS- Universidade Federal de Sergipe  
UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina  
UFSM- Universidade Federal de Santa Maria  
UMA - Universidade da Maturidade do Tocantins  
UMA/UFT - Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins  
UNATI/ UATI- Universidades Abertas da Terceira Idade  
UNESCO - Organização das Nações Unidas pela Educação, Ciência e Cultura  
UNESP - Universidade Estadual Paulista  
UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo  
UTI - Unidade de Terapia Intensiva



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO 1 – OS PERCURSOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>51</b>
1.1 - OS CAMINHOS DA PESQUISA, AS ABORDAGENS METODOLÓGICAS E A PRODUÇÃO DE DADOS .....	51
1.2 - O CAMPO DE PESQUISA: O CENTRO DE REFERÊNCIA DA PESSOA IDOSA VEREADOR SÉRGIO FERRARA (CRPI).....	63
1.3 - AS PRÁTICAS EDUCATIVAS ANALISADAS .....	72
1.3.1- <i>Aula de Teatro</i> .....	72
1.3.2 – <i>Aula de Voz e Violão e Canto Coral</i> .....	76
1.4 - OS ENTREVISTADOS NA PESQUISA.....	80
1.4.1 - <i>O Coordenador do CRPI</i> .....	82
1.4.2 – <i>Os educadores</i> .....	83
1.4.2.1 – Daniel.....	83
1.4.2.2 – Fernanda .....	85
1.4.3 – <i>As pessoas idosas</i> .....	87
1.4.3.1 – José .....	87
1.4.3.2 – Cátia.....	88
1.4.3.3 – Ana.....	91
1.4.3.4 – Claudina.....	94
1.4.3.5 – Felipe .....	96
1.4.3.6 - Betânia.....	98
<b>CAPÍTULO 2 - O ENVELHECIMENTO HUMANO.....</b>	<b>102</b>
2.1 – DIFERENTES VELHICES: CONCEPÇÕES SOBRE O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO HUMANO .....	102
2.2 - AS VELHICES E SEUS DIFERENTES TERMOS.....	112
2.3 – O ENVELHECIMENTO HUMANO AO LONGO DO TEMPO E DAS CULTURAS .....	117
2.4 - O ENVELHECIMENTO HUMANO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS .....	126
2.5 - QUALIDADE DE VIDA E ENVELHECIMENTO.....	137
2.6 – A COVID-19 E SEUS REFLEXOS NA VIDA DE PESSOAS IDOSAS.....	141
<b>CAPÍTULO 3 – EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO .....</b>	<b>148</b>

3.1 – DE QUE EDUCAÇÃO ESTAMOS FALANDO? .....	148
3.2 – EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA .....	169
3.3 – A EDUCAÇÃO PARA/COM OS IDOSOS .....	174

**CAPÍTULO 4 – A EDUCAÇÃO DE IDOSOS NO CENTRO DE REFERÊNCIA DA PESSOA IDOSA VEREADOR SÉRGIO FERRARA .....** 184

4.1 – A FORMAÇÃO DOS EDUCADORES DE IDOSOS .....	184
4.2 – AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS ATIVIDADES DE TEATRO E VOZ E VIOLÃO .....	193
4.3 – AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE TEATRO E VOZ E VIOLÃO DURANTE A PANDEMIA .....	216

**CAPÍTULO 5 – AS CONTRIBUIÇÕES DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE TEATRO E VOZ E VIOLÃO PARA A QUALIDADE DE VIDA DE PESSOAS IDOSAS.....** 232

5.1 – AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS A PARTIR DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS: UM ELEMENTO FUNDAMENTAL PARA A QUALIDADE DE VIDA NO ENVELHECIMENTO HUMANO .....	232
5.2 – OS BENEFÍCIOS DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS INVESTIGADAS PARA MELHORIA NA QUALIDADE DE VIDA DAS PESSOAS IDOSAS .....	245
5.3 – A QUALIDADE DE VIDA DOS IDOSOS PARTICIPANTES DAS AULAS DE TEATRO E VOZ E VIOLÃO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 .....	259

**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....** 265

**REFERÊNCIAS .....** 275

**APÊNDICES .....** 300

APÊNDICE A – TERMO DE CONCORDÂNCIA DO CENTRO DE REFERÊNCIA DA PESSOA IDOSA . 300

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM AS PESSOAS IDOSAS.....301

APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM O COORDENADOR DO CRPI .....

302

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS EDUCADORES DO CRPI .....

303

APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO RECEBIDO E ASSINADO PELOS ENTREVISTADOS.....304

APÊNDICE F – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE (ELABORADO DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO 466/2012 – CNS/CONEP) .....

306

<b>ANEXOS .....</b>	<b>307</b>
ANEXO 1 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA NA PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS .....	307
ANEXO 2 – MATERIAIS DIDÁTICOS ELABORADOS PELO PROFESSOR DAS AULAS DE VOZ E VIOLÃO .....	310

## INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população brasileira já vem sendo apontado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) há algum tempo e pode ser percebido no cotidiano das cidades. Dados do IBGE, publicados em 2019, apontam que o país tem um índice de 13% de sua população composta por idosos, o que corresponde a 28 milhões de pessoas nessa faixa etária. O IBGE retrata ainda que, em 2050, o Brasil terá praticamente um terço da população composta por pessoas acima de 60 anos, o que representará 29,3% do total da população brasileira.

Diante desse cenário, é importante que essas pessoas vivam com qualidade, que tenham uma velhice cada vez mais saudável e com condições de estarem e se sentirem ativas socialmente. Para isso, a sociedade deve oferecer espaços e condições para a atuação desses sujeitos, assim como os cuidados necessários a eles. Também deve-se oportunizar formas para seu contínuo aprendizado visando a uma maior compreensão de seu papel social, seus direitos e de como viver melhor essa fase da vida.

A vivência de processos educativos por pessoas idosas pode contribuir para um envelhecimento mais ativo e saudável. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define o envelhecimento ativo como: “o processo de aperfeiçoar oportunidades para a saúde, a participação e a segurança de modo a melhorar a qualidade de vida no processo de envelhecimento de cada pessoa” (OMS, 1998, p. 28). O processo de educar-se durante toda a vida nos remete a Paulo Freire que considera o homem como um ser inacabado e que se educa ao longo da vida:

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou a educabilidade (FREIRE, 2018, p. 64).

A educação tem se mostrado uma aliada no sentido de ampliar a qualidade de vida para pessoas com 60 anos ou mais tanto em seus processos escolares quanto não escolares. Pode-se notar que os idosos vêm ocupando diversos espaços de aprendizagem, como as Universidades Abertas à Terceira Idade e as salas de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Alguns têm acessado também as salas de aula de cursos superiores, cursos de artesanato, aulas de dança, de música, de teatro, de informática, de idiomas, dentre outros espaços educativos.

A preocupação com a qualidade de vida da população idosa no Brasil deve fazer parte das políticas públicas, da sociedade civil e das pesquisas científicas. Estas últimas têm o papel de, a partir de seus resultados, auxiliar para que sejam encontrados caminhos para novas formas de cuidados e de tratamentos, como também para haver mais oportunidades e uma maior inclusão desse grupo etário na sociedade, visando à plena garantia de seus direitos e às melhorias na vida dessas pessoas.

Sendo assim, investigações acerca daquilo que os idosos têm acessado enquanto processos educativos e sobre quais práticas eles apontam como facilitadoras para garantir-lhes uma melhoria na qualidade de vida tornam-se, a cada dia, mais necessárias. Há que se compreender quais elementos os idosos entendem como importantes para uma velhice mais feliz, para que se tenha cada vez mais políticas públicas e ações sociais voltadas para esse público. Sobre esse aspecto, Neri e Yassuda (2008) ressaltam:

Com o notório envelhecimento da população brasileira, crescem as demandas por maiores conhecimentos científicos sobre o tema que possam repercutir na qualidade dos serviços oferecidos, assim como nas políticas governamentais que atingem essa população. (NERI; YASSUDA, 2008, p. 10).

É nesse sentido que a pesquisa aqui apresentada pretende colaborar, ao buscar compreender se as práticas educativas ofertadas no Centro de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferrara (CRPI), um equipamento público da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, contribuem para a melhoria da vida de pessoas idosas que frequentam o espaço e as realizam.

Cabe ressaltar que a minha trajetória como pesquisadora da educação de idosos teve início no mestrado. Na verdade, as minhas inquietações em relação a essa temática se iniciaram ainda enquanto eu era estudante de licenciatura do curso de História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Fui monitora bolsista do Programa de Educação de Jovens e Adultos da UFMG, tendo atuado por dois anos no Segundo Segmento da EJA, o que corresponde hoje ao período do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental, que acontece por meio do Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos – 2º segmento (PROEF-2). Nesse projeto, as turmas para as quais eu lecionava tinham um considerável número de idosos, porque, no momento da seleção, o projeto privilegiava alunos com mais idade.

Foi a partir da minha experiência com essas turmas que surgiu minha primeira questão começando a indagar o que fazia com que pessoas com mais de 60 anos, já alfabetizadas, voltassem a estudar. Quais eram suas expectativas? Quais as suas motivações? Esses foram os questionamentos que nortearam minha pesquisa de mestrado. Tratava-se de uma pesquisa que

investigava os motivos pela busca de uma educação formal, por esse grupo de pessoas, nessa fase da vida. Ou seja, eu queria saber o que levava pessoas idosas, que já eram alfabetizadas, a voltarem a estudar. Pessoas que já estavam num momento da vida em que, na maioria dos casos, o desejo pela escolarização não está vinculado à procura por um lugar no mundo do trabalho.

Quanto aos resultados da pesquisa, uma das motivações dizia respeito ao desejo desses sujeitos de terem tido acesso a uma escola e à vontade que eles manifestavam de terem um certificado que comprovasse o conhecimento adquirido. Era isso que, em muitos casos, os levavam, no primeiro momento, até as salas de aula da EJA. O que motivava a muitos era, inicialmente, o sonho de passar por um processo formal de educação. Além disso, apontaram também como motivação o desejo de ter que tivessem acesso a novos conhecimentos, como o inglês, por exemplo, e a necessidade de exercitar a memória. Ali estando, a escola lhes propiciava novas possibilidades, uma vida diferente. Uma vida mais ativa, mais alegre, possibilitando estabelecer novos laços de sociabilidade e conhecer outros espaços culturais, os quais ainda não tivessem acessado até então. As conquistas advindas da presença nas salas de aula da EJA os faziam sentirem-se mais capazes e com uma autoimagem mais elevada.

Além desses aspectos, os entrevistados afirmaram que voltar para a escola tinha melhorado sua memória e a relação com a família. Frequentar a EJA tinha ainda possibilitado a eles ampliar seus horizontes e o redimensionamento dos seus sonhos, inclusive incentivando alguns a continuar os estudos em cursos técnicos e em faculdades.

Passaram-se 10 anos e lá estava eu novamente no processo seletivo do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFMG, buscando investigar mais sobre a educação de idosos. Aqui, abro um espaço para uma reflexão acerca da escolha desse tema. Essa reflexão foi feita a partir de questionamentos que me foram realizados em dois momentos do doutorado: um, no dia da banca de defesa do projeto, ainda no processo seletivo, e outro, na disciplina “Psicanálise e Educação: sujeito, saber e inclusão escolar”.

Os tensionamentos realizados nesses dois momentos me fizeram questionar sobre o porquê de eu me dedicar à pesquisar sobre a educação de idosos, uma vez que minha trajetória na área educacional poderia ter me levado a pesquisar outras temáticas. Trabalhei por dez anos como professora da Rede Municipal de Contagem e atuei em vários espaços, com diferentes perspectivas. Trabalhei como professora de História no Ensino Fundamental Regular, como professora de apoio escolar em letramento, com projetos de informática na escola e atuei na EJA do município, onde tive a oportunidade de lecionar em turmas com inclusão de alunos com deficiência, em especial, formadas por estudantes surdos.

Ainda como servidora municipal, trabalhei na Secretaria Municipal de Educação de Contagem, como Diretora do Programa de Educação Integral e Integrada, proposta esta que lidava muito com atividades ligadas à cultura compreendida também como práticas pedagógicas. Esse tempo na Secretaria Municipal de Educação de Contagem, além de questões próprias da educação integral, ainda me possibilitou viver e questionar sobre a atuação de um gestor educacional.

Fui, por oito anos, professora de duas faculdades da rede privada, localizadas na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Dessa experiência, poderiam ter surgido diversos temas de pesquisa, como a investigação acerca da docência de disciplina nas áreas das humanidades em turmas de engenharias, questões ligadas à expansão do acesso à educação superior no país, condições do trabalho docente em instituições privadas, dentre outros. Mas nenhum desses temas me moveu para a pesquisa no doutorado.

Desde 2014, atuo como Técnica em Assuntos Educacionais no Instituto Federal de Ciências e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG). Nesse trabalho, tenho passado por ricas experiências no campo educacional, lidando com questões voltadas para o ensino técnico integrado ao ensino médio e com demandas dos cursos de engenharia. Estando fora da sala de aula, tenho tido uma compreensão do funcionamento escolar muito diferente da visão que tinha enquanto era professora. Nesse espaço teriam outros tantos temas possíveis para a realização de pesquisas científicas, no âmbito educacional, como a investigação dos processos de registros e censos escolares, da relação entre professor e estudante, das questões ligadas às políticas públicas vinculadas à criação dos Institutos Federais, assim como dos aspectos ligados às condições de acesso e permanência no ensino público federal. No entanto, nenhuma dessas experiências me despertou tanto interesse como investigar a educação de pessoas com mais de 60 anos.

Tratar desse tema era realmente o que eu desejava. Mas não tinha refletido sobre o porquê dessa escolha até a inquietação provocada pela disciplina acima citada. Em uma determinada atividade, fui incentivada a pensar sobre a implicação do meu Eu na pesquisa que estava sendo realizada. A questão que se colocava diante de mim era: o que me levou a querer pesquisar sobre a educação de idosos, tendo vivenciado ricos espaços educativos com temas, tais como: inclusão de pessoas com deficiência; educação integral; ampliação do acesso ao ensino superior; gestão de programas educacionais; ensino e aprendizagem; ensino de história, entre outros? Diniz e Santos (2016) mencionam:

Colocar em questão e analisar o envolvimento do (a) pesquisador (a) com seu objeto de pesquisa – o que não está inicialmente resolvido, pronto - tem uma aproximação com que faz o clínico (...). O método clínico enfatiza a implicação do(a) pesquisador(a) com seu objeto de pesquisa e busca a sua sustentação no paradigma indiciário. Por meio de indícios e de pistas, busca refletir sobre a relação que o sujeito estabelece com seu objeto de pesquisa, sendo impelido a analisar também a transferência/resistência que passa a operar tanto na pesquisa quanto na escrita que dela decorre. (DINIZ e SANTOS, 2016, p. 239)

Foi na banca de defesa do processo seletivo do doutorado que, pela primeira vez, me deparei falando sobre essa escolha. Questionaram-me sobre a minha insistência com o tema e eu reafirmei que é sobre isso que queria investigar. Ali citei alguns dos temas que me envolvi durante meu percurso como trabalhadora da Educação, mas ainda não havia refletido de fato sobre o porquê da minha relação com o tema do envelhecimento. Foi na disciplina, já citada anteriormente, que me vi mais instigada a pensar sobre tal questão. Como a psicanálise relaciona nossas ações ao nosso inconsciente e às implicações em nossa formação enquanto sujeitos a partir da nossa infância, busquei, a partir daí, as possíveis respostas para essa pergunta. Quando criança, a presença dos meus avós maternos foi muito intensa. Moramos próximos durante os meus primeiros anos de vida e eram eles que cuidavam de mim, enquanto meus pais saíam para trabalhar. Nossa relação foi sempre de muito afeto, amor e cumplicidade. Tenho clara na memória a imagem dos meus avós lendo livros de histórias para mim, das nossas brincadeiras, das viagens que realizamos juntos e de outros momentos alegres que vivenciamos. Foi uma infância feliz com a presença desses dois idosos.

Além disso, meus pais hoje são idosos. Os dois estão com 79 anos de idade e muito ativos. A convivência com meus pais nessa fase da vida também me auxilia na compreensão da inclinação para o tema. Relaciono minha satisfação em discutir práticas educativas exitosas na qualidade de vida de pessoas com mais de 60 anos com uma vontade pessoal de que os meus pais ainda tenham muitos anos de vida ativa e feliz. A tentativa que aqui estabeleço, de discutir sobre o que tem sido ofertado a essa população como forma de ampliar para ela as possibilidades de uma velhice mais autônoma, com a possibilidade de que os idosos tenham novos sonhos e realizações e sintam-se vivos socialmente, relaciona-se diretamente com as recordações que possuo de meus avós e com a convivência com meus pais.

Esses podem ser os principais elementos que explicariam o porquê desse tema me mobilizar tanto. Talvez, por esses motivos, observar uma ação educativa que transforma um momento de aprendizagem dos idosos num episódio claro de realização e alegria, me deixa tão feliz. A resposta pode estar na relação afetiva que tive com meus avós maternos e que tenho com meus pais. A intenção pode ser investigar modos de se estabelecer relações com um



conhecimento que seja significativo para a vida dessas pessoas, para que não se sintam excluídas da sociedade devido à sua idade. Ao abordar essa questão, penso no que Voltolini (2018) diz ao discutir sobre a exclusão como sintoma social:

Ainda que eu não me reconheça concretamente como um excluído, não posso escapar por completo de uma sensação de exclusão que seria mais ou menos frequente a todos os que vivem na sociedade sem vida em comum.

No limite, o excluído é o lembrete de que a exclusão está a espreita de todos e que toda a sustentação no plano do laço social é frágil e pode se desfazer repentinamente. (VOLTOLINI, 2018, p. 41).

Investigar práticas educativas para idosos é uma maneira de compreender e oferecer informações que promovam maneiras de mantê-los mais ativos e integrados socialmente. É buscar evidenciar formas para que possam: lidar com as inovações tecnológicas e novos arranjos sociais; acessar espaços e movimentos culturais; facilitar o estabelecimento de outros espaços de sociabilidade e de novas amizades; melhorar suas memórias e condição de saúde; e, por fim, promover maior autonomia na velhice.

A nossa sociedade ainda lida muito mal com as pessoas mais velhas. A relação utilitarista do corpo no capitalismo tem a ver com essa realidade. Interessa a esse modelo econômico pessoas consideradas produtivas para o mercado. À medida que a idade vai avançando, as pessoas vão perdendo seu valor e espaço no mundo de trabalho e, conseqüentemente, sua valorização social. Para a população, em geral, a aposentadoria significa o momento do descanso merecido após anos de contribuição, de o sujeito estar mais tempo com a família e de ter mais momentos de lazer, mas pode ser também o início de um isolamento social, o que é designado por alguns autores como “morte social”, expressão inicialmente cunhada por Guillemard (*apud* VERAS, 1999). De acordo com esse autor, a aposentadoria seria o momento em que o eu social perderia seus laços e sua identidade, fazendo com que ocorra a morte social.

Duarte (2004) comunga desse pensamento. Em seu texto, para tratar de tal assunto, fala de uma dupla existência que todo ser humano vive: além de sua existência física, o seu ser biológico, o ser humano possui uma existência social que lhe confere características do seu ser social. O autor ressalta que é na velhice que essas duas existências sofrem uma maior oposição entre si:

Em sua dupla existência sente um contraste cada vez maior entre o ser social cada vez mais sem vez e sem sentido que carrega em corpo e mente e a sua reserva biológica de vida. E no dia em que sentir que somente esta última tem o direito de existir, já sem eira nem beira, já sem nenhum propósito exterior, sentirá, tendo ou não consciência disso, a chegada da morte social. (DUARTE, 2004, p. 203).

Poderia ser no sentido de tentar evitar essa morte social para os idosos, a partir da relação amorosa com meus pais e avós, a resposta para a minha inclinação para este estudo. Além disso, poderia ser ainda uma autodefesa diante do meu futuro na velhice. Assim sendo, sigo estudando e refletindo sobre a educação das pessoas idosas, na busca de uma perspectiva de uma velhice mais saudável e feliz.

Essa busca me fez interrogar no doutorado sobre outras formas de práticas educativas, para além das escolares, as quais podem gerar benefícios para quem esteja nessa fase da vida. A pesquisa aqui apresentada, como mencionado, buscou analisar as atividades educativas para idosos, ocorridas no Centro de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferrara (CRPI), equipamento da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Foram analisadas aulas de Teatro e de Voz e Violão. A questão central da pesquisa consistiu em compreender como as práticas educativas ofertadas no CRPI têm contribuído para a melhoria na vida das pessoas que delas participam.

A investigação objetivou verificar como os idosos percebiam as práticas educativas que lhes eram oferecidas, quais eram as motivações para que eles frequentassem tais atividades, além de analisar quais os ganhos que eles obtinham com elas, como também compreender como estes idosos se relacionavam com a questão do envelhecimento. Além disso, a pesquisa buscou analisar o perfil dos professores envolvidos nas atividades escolhidas, investigar como eles se formaram e de que maneira eles compreendiam a educação de pessoas idosas.

A relevância da pesquisa em questão consiste em obter dados que auxiliem a refletir sobre o processo de envelhecimento da população, sobre o perfil dos idosos, como também permitam analisar de que forma as práticas educativas não escolares podem auxiliar no processo de melhoria da qualidade de vida das pessoas com 60 anos ou mais. Além disso, a pesquisa contribui com as reflexões acerca dos caminhos educativos mais propícios para que haja um envelhecimento ativo, saudável e feliz.

A pesquisa justifica-se ainda por contribuir para a reflexão acerca da formação de profissionais que lidam com a educação de idosos. Isto porque busca compreender o perfil dos agentes que estão à frente da organização das práticas educacionais no Centro de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferrara, localizado em Belo Horizonte, como também compreender de que maneira tais trabalhadores se formam para atuar com esses sujeitos, além de investigar como essa formação os auxilia na obtenção de bons resultados nas ações desenvolvidas.

Justifica-se também pelo fato de a produção científica relacionada à educação de idosos necessitar ainda de ser ampliada, especialmente no que diz respeito ao tipo de espaço e de

atividades que são escolhidos para as investigações no campo. Erbolato (1997) ressalta que as pessoas que se dedicam a estudar sobre a educação formal na terceira idade poderão encontrar dificuldades, já que “via de regra há muita literatura acerca da educação para adultos, mas pouco se encontra a respeito da educação para adultos maduros ou idosos” (ERBOLATO, 1997, p. 12). Ainda sobre as produções científicas sobre o tema da educação de idosos Skoralick-Lempke e Barbosa (2012) afirmam que

a educação de idosos pode ser considerada um tema recente entre os pesquisadores, educadores, legisladores e outros profissionais, especialmente no Brasil. A variedade de termos encontrados na literatura para designar o processo educacional ao longo do curso da vida corrobora a afirmação anterior. É evidente a incipiência da educação nessa fase, principalmente caso se considere o fato de que o estudo do envelhecimento começou a se desenvolver de forma mais sistematizada na década de 1970. O estado atual da área torna fundamental que se produza conhecimento científico que sirva como base para o desenvolvimento, a implantação e a avaliação de programas educacionais para idosos. (SCORALICK-LEMPKE e BARBOSA, 2012, p. 654).

Um dos temas mais estudados em relação à educação de idosos são as Universidades Abertas para a Terceira Idade. Cachioni (2012) afirma que os estudos sobre esse assunto vêm aumentando mundialmente e discorre:

O primeiro artigo científico publicado, data de 1975, escrito por seu idealizador, Pierre Vellas. Conforme as bases de dados: ISI-Web of Science, PsycInfo, PubMed, Medline, ERIC, Birene, Scielo, LILACS, em busca realizada com as palavras-chave: Universidade da Terceira Idade; Universidade Aberta à Terceira Idade; Universidade para a Terceira Idade; Universidade com a Terceira Idade. Third Age University, University of the Third Age, Open University of the Third Age, no período de janeiro de 1975 a maio de 2012, 125 artigos foram publicados em todo o mundo. (CACHIONI, 2012, p. 7).

No entanto, as Universidades Abertas da Terceira Idade ainda estão disponíveis para um grupo reduzido da população idosa. Isso porque, em sua maioria, esses cursos estão localizados em grandes centros urbanos e, mesmo nas cidades em que há esse tipo de curso, não raras vezes, a divulgação acerca dessa oferta não chega a toda a população dessa faixa etária. Assim, os cursos ficam destinados a um grupo mais restrito desses sujeitos.

Grande parte dos idosos, os quais frequentam práticas educativas, encontra essas práticas em grupos de convivência e em salas de aula da EJA. Quanto ao acesso à EJA, isso ocorre pelo fato de muitas pessoas as quais se encontram nessa fase da vida, não terem tido acesso à escolarização no período denominado como “idade própria”. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua Educação (2019) revelam que 18% daqueles com 60 anos ou mais, no Brasil, não são alfabetizados. Além desses, ainda existem pessoas que, apesar de alfabetizadas, não conseguiram concluir a educação básica. Esses

também fazem parte dos sujeitos da EJA. Nota-se, no entanto, que, apesar de haver um crescimento no interesse referente aos estudos sobre a educação ofertada para a pessoa idosa, a produção científica nessa área ainda é pequena, principalmente se comparada a outras áreas da educação. É um campo de estudos que necessita ainda ser ampliado.

Para pesquisar sobre o que vem sendo produzido no Brasil em relação à educação na velhice, realizou-se uma busca no *site* da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). A revisão bibliográfica foi feita usando a busca por “assunto”, utilizando termos que se relacionavam diretamente com o tema da pesquisa. Tomou-se como referência temporal as produções que datavam entre os anos 2008 e 2020, tendo como base inicial o ano posterior aquele da defesa da dissertação desta pesquisadora. Durante a busca, os termos “educação e qualidade de vida de idosos” e “práticas educativas e idosos” não retornaram nenhum resultado. Quando se buscou por “processos educativos e idosos” o único resultado apresentado foi a pesquisa de Santos (2014), a qual é intitulada “Autocuidado e processo educativo de idosos com doenças crônicas não transmissíveis que demandam cuidados de enfermagem no domicílio”. Na leitura do resumo, percebeu-se que se tratava de uma pesquisa voltada para questões mais específicas da área da saúde e foi decidido não destacá-la na descrição das investigações encontradas.

A busca com o termo “educação de idosos” retornou uma lista com cento e setenta pesquisas, entre teses e dissertações. A partir de então, passou-se a ler cada um dos resumos para analisar sobre a relação entre as investigações listadas e esta pesquisa. Neste conjunto, trinta e quatro produções científicas estavam diretamente relacionadas à temática desta investigação. Já a busca com os termos “educação e envelhecimento” resultou em cento e seis títulos de pesquisas científicas. Após a leitura dos resumos, verificou-se que algumas das pesquisas que apareceram eram comuns àquelas já verificadas com o termo “educação de idosos” e que doze destas também estavam relacionadas ao estudo em questão.

No caso do termo “educação de idosos”, apareceram pesquisas que foram produzidas entre os anos de 2008 e 2018. Tratava-se de teses e de dissertações apresentadas em programas de pós-graduação de universidades de diversas regiões do país. Foi possível verificar a realização de estudos nessa área em diferentes estados brasileiros. Encontrou-se pesquisas feitas em Goiás, Ceará, Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraíba, Amazonas, Santa Catarina, Sergipe e Pernambuco.

A amplitude geográfica demonstrada no resultado da busca indica que a preocupação da ciência brasileira em discutir sobre a educação de idosos se faz presente em todas as regiões do

país. Serão apresentadas no Quadro 1 estas investigações e, em seguida, será realizada uma breve apresentação de cada uma delas.

**Quadro 1:** Trabalhos selecionados a partir do descritor “educação de idosos”

Ano	Autor	Título	Dissertação	Tese	Instituição
2008	BUENO, Meygla Rezende	A flauta doce em um processo de musicalização na terceira idade	x		Universidade Federal de Goiás
2008	COSTA, Patrícia Cláudia da.	Sem medo de ser falante: conquistas da oralidade por educandas idosas no MOVA –Guarulhos.	x		Universidade de São Paulo
2008	GIL, Thais Nogueira	Meninas de Sinhá: a reinvenção da vida nas tramas do discurso musical	x		Universidade Federal de Minas Gerais
2008	MELLO, Andréia Nóbrega de.	A Qualidade de Vida na Fala dos Egressos da Universidade Aberta à Terceira Idade	x		Universidade Federal de São Paulo
2008	PONTAROLO, Regina Sviech.	Políticas públicas educacionais para o idoso e sua implementação pela SEEd – PR na cidade de Prudentópolis	x		Universidade Estadual de Ponta Grossa
2009	ARRUDA, Ivan Eduardo de Abreu	Análise de uma Universidade da Terceira Idade no município de Campinas	x		Pontifícia Universidade Católica de Campinas
2009	CAMPAGNA, Jossett	Lazer: significados e ressonâncias da educação não-formal do idoso		x	Universidade Estadual Paulista (UNESP)
2009	LACERDA, Simone Magalhães	Universidade Aberta à Terceira Idade: representações da velhice	x		Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2009	MENNOCCHI, Lauren Mariana	Representações sociais de professores e alunos sobre envelhecimento humano e educação em um programa de Universidade Aberta à Terceira Idade.	x		Universidade Estadual Paulista (UNESP)
2009	PEREIRA, Elizabeth Thomaz	A Terceira Idade na Universidade Aberta: navegando, buscando, aprendendo em um mar sem fim		x	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2010	ASSIS, Maria Tereza Bonitatibus de	Múltiplas aprendizagens de idosos da Faculdade Aberta a Terceira Idade UNIA		x	Pontifícia Universidade

				Católica de São Paulo
2011	TAVARES, Nayana Pinheiro	Discursos sobre o idoso no processo de formação do bacharel em educação física da escola superior da UFPE	x	Universidade Federal de Pernambuco
2012	CAPUZZO, Denise de Barros	Elementos para a educação de pessoas velhas		x Pontifícia Universidade Católica de Goiás
2012	SERRA, Deuzimar Costa	Gerontagogia dialógica intergeracional para autoestima e inserção social de idosos		x Universidade Federal do Ceará
2012	COSTA, Leandra Costa da	Acadêmico idoso no ensino superior: características de altas habilidades/superdotação?		Universidade Federal de Santa Maria
2013	BOEHME, Rosana Andrade Rebelo	Saberes docentes na educação do idoso: compreensões de professores do Programa de Educação Permanente - FURB /	x	Universidade Regional de Blumenau - FURB
2013	MEDEIROS, Almira Lins de.	Governamentalidade, educação e normalização: As práticas de subjetivação da Universidade Aberta à Maturidade.		x Universidade Federal de Campina Grande
2013	COSTA, Gracielle Elaine Ramos	Teatro-educação está de cortinas abertas para o espetáculo da longevidade brasileira?	x	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2014	SANTOS, Fabiola Silva dos	A influência do processo Educacional na qualidade de vida dos idosos a luz da teoria do autocuidado de Orem.	x	Universidade Federal do Amazonas - Universidade do Estado do Pará
2015	GONÇALVES, Edyane Maria de Souza	Aprendizagem e construção dos saberes docentes na prática da educação com idosos	x	Universidade de Taubaté
2015	LIMA, Luciano Feliciano de	Conversas sobre matemática com pessoas idosas viabilizadas por uma ação de extensão universitária		x Universidade Estadual Paulista (UNESP)
2016	PEREIRA, Fabíola Andrade	Educação de pessoas idosas: um estudo de caso da Universidade da Maturidade no Tocantins		x Universidade Federal da Paraíba
2016	CARRARO, Valéria	E a trajetória de vida se alonga além dos 60 anos... o idoso universitário	x	Universidade Nove de Julho
2016	MIRABELLI, Sandra Carla Sarde	Ações socioeducativas na educação permanente o trabalho social com idosos (TSI) do Sesc SP: diálogo	x	Pontifícia Universidade

		com o contexto globalizado e impacto na vida dos sujeitos participantes			Católica de São Paulo
2016	COSTA, Leandra Costa da	Altas habilidades/superdotação e acadêmicos idosos: o direito à identificação		x	Universidade Federal de Santa Maria
2016	SCORTEGAGNA, Paola Andressa	Emancipação política e educação: ações educacionais para o idoso nas instituições de ensino superior públicas paranaenses		x	Universidade Estadual de Ponta Grossa
2017	PORTO, Maria Augusta Rocha	Tempo cognitivo e tempo social nas aulas de inglês para a envelhecimento e terceira idade		x	Universidade Federal de Sergipe
2017	NEIVA, Larissa Maria de Resende	Escrita autobiográfica do idoso e invenção de si	x		Universidade Federal de Minas Gerais
2017	MACHADO, Cássia Cilene de Almeida Chalá	O empoderamento de idosos na escolarização da EJA do Núcleo de Estudos da Terceira Idade/UFSC	x		Universidade Federal de Santa Catarina
2017	LESINHOVSK, Anne Caroline	O público idoso e o design participativo para apoio à inclusão digital			Universidade Tecnológica Federal do Paraná
2017	PINHEIRO TAVARES, Nayana	A prática pedagógica de professores de educação física do Programa Academia da Cidade do Recife com idosos		x	Universidade Federal de Pernambuco
2018	SCAGION, Matheus Pereira	Representações sociais de pessoas idosas sobre Matemática	x		Universidade Estadual Paulista (UNESP)
2018	RODRIGUES, Patrícia Mattos Amato	Envelhecimento e educação, aspectos jurídicos e jornalísticos: a busca por direitos e participação social da pessoa idosa		x	Universidade Federal de Viçosa
2018	JAHN, Elisiane de Fátima	Envelhecimento, campesinato e o crédito consignado: o papel educativo de movimentos sociais em relação às estratégias de educação financeira com idosas camponesas e idosos camponeses		x	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Fonte: Própria autora

A primeira investigação que se destaca no quadro acima é a de Bueno (2008). Ela se relaciona com a temática desta pesquisa de doutorado por discutir o processo de musicalização de pessoas acima de 60 anos. A produção de dados se deu por meio da pesquisa bibliográfica e

das observações das aulas semanais de flauta doce que ocorreram por um período de dez meses. Foram aplicados questionários com a participação de quinze idosas integrantes da Associação Brasil/Goiânia. Os resultados apontaram que essas idosas conseguiram assimilar os conteúdos das aulas e percebeu-se que a música era um fator que favorecia o envelhecimento bem-sucedido, por estimular a socialização, a criatividade, a coordenação motora e a comunicação de sujeitos nessa fase da vida.

Já a dissertação de Costa (2008) teve como objetivos conhecer quais eram as expectativas das pessoas idosas participantes de um núcleo de alfabetização em relação às aprendizagens da leitura e da escrita e de que forma essas aprendizagens têm sido trabalhadas ao longo da vida desses sujeitos. Além disso, a pesquisa buscou observar a preferência dessas pessoas pelo estudo em um ambiente socioeducativo não formal, como também buscou proporcionar aos participantes colaboradores do estudo uma experiência formativa por meio da pesquisa-formação. A pesquisa foi realizada com um grupo de sete estudantes idosas do MOVA-Guarulhos, com idades entre 60 e 73 anos, que tinham aulas nas dependências de uma Igreja Católica. Nos resultados, percebeu-se que a aprendizagem de leitura e da escrita não se constituíam como o principal fator motivacional para que as idosas frequentassem o curso. A motivação estava assentada nas relações sociais, com a melhoria das expressões orais e com o tratamento entre os sujeitos participantes desse movimento de educação popular.

O Estudo de Gil (2008) foi realizado com as Meninas de Sinhá, um grupo musical composto por 34 idosas negras, de classe popular da cidade de Belo Horizonte, localizado no Alto Vera Cruz e criado na década de 1990. A pesquisa teve como objetivo reconstruir a história deste grupo a partir dos discursos dos sujeitos envolvidos, contando com a observação e a entrevista semiestruturada como elementos de produção de dados. A pesquisadora concluiu que houve um desenvolvimento do grupo tanto no aspecto pessoal (quando as integrantes afirmaram não estarem mais em depressão, em razão do trabalho lá realizado) quanto no aspecto musical (além das cantigas musicais de domínio público, cantam, em suas apresentações, composições próprias). O grupo possibilitou a essas senhoras a configuração de uma rede de possibilidades que as levaram a uma vida mais feliz e com mais saúde.

Mello (2008) apresenta um estudo sobre a percepção de egressos sobre a influência da Universidade Aberta da Terceira Idade, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), na sua qualidade de vida. Os dados foram produzidos a partir de entrevistas semiestruturadas com 14 egressos. Os resultados revelaram a importância do curso para a melhoria dos domínios psicológicos, das relações sociais e da qualidade de vida para esses sujeitos. Os entrevistados



apontaram como ganhos a reconstrução de novos planos de vida e os reflexos positivos sobre a autoestima e sobre o estado depressivo presente em momento anterior ao ingresso no curso.

A pesquisa de Pontarolo (2008) teve como objetivo verificar as políticas públicas educacionais para idosos e sua implementação pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, na cidade de Prudentópolis, como também identificar os interesses e as dificuldades das pessoas acima de 60 anos quanto à participação em projetos educacionais. Como instrumentos metodológicos foram utilizados questionários e a análise documental. A pesquisadora concluiu que a educação é, na esfera pública, o setor que menos contempla os idosos com a oferta de projetos que dizem respeito aos seus interesses.

A dissertação de Arruda (2009) apresentou a história dos dezoito anos da Universidade da Terceira Idade, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. A pesquisa foi realizada por meio de bibliografias, documentos e entrevistas com pessoas envolvidas no programa. Percebeu-se, com o estudo, que os aspectos, tais como objetivos, currículo, corpo docente e localização foram muito importantes para a qualidade da oferta do curso.

A pesquisa de Campagna (2009) foi realizada por meio de questionário com pessoas de ambos os sexos, acima de 60 anos, moradoras da cidade de Rio Claro, em São Paulo, buscando investigar quais os significados e as ressonâncias da educação não formal para pessoas nessa fase da vida, a partir da vivência de práticas culturais de lazer. Buscou-se ainda identificar a percepção que o idoso tem de si. Os resultados alcançados apresentaram uma predisposição desses sujeitos às novas aprendizagens, levando a um redimensionamento da imagem social da pessoa idosa.

Lacerda (2009), em sua dissertação, discutiu a Universidade Aberta da Terceira Idade, da Universidade Federal de Alfenas, em Minas Gerais, ampliando a discussão ao abordar as concepções acerca do envelhecimento que subsidiam as atividades educativas dessa natureza. O trabalho apresenta o histórico das Universidades Abertas da Terceira Idade. A autora defende que, apesar da possibilidade de se identificar temas mais gerais, como ensinar/aprender, saúde/doença, vida/morte, perda/ganhos e atividade/ociosidade, é possível identificar singularidades que contrariam discursos cristalizados socialmente em relação à velhice e ao processo de envelhecimento.

O estudo de Mennocchi (2009) estudou um programa de Universidade Aberta da Terceira Idade, buscando analisar as representações sociais de alunos e docentes desse tipo de atividade educativa quanto à velhice e às questões referentes à aprendizagem nessa fase da vida. Os resultados apontaram que as visões dos professores sobre a pessoa idosa, sobre a velhice e sobre a aprendizagem nesse período da vida eram, em geral, mais positivas que aquelas dos

educandos. Essa visão positiva em relação ao processo de aprendizagem por parte dos educadores indicou que eles percebiam menos dificuldades por parte dos idosos para aprender e, conseqüentemente, uma menor necessidade de adaptações nos métodos de ensino para esse grupo etário.

Pereira (2009), em sua tese, buscou descrever e interpretar o fenômeno de aprender para estudantes adultos e idosos de duas Universidades Abertas da Terceira Idade, presentes na cidade de São Paulo. Foram realizadas entrevistas com 16 pessoas, entre professores e estudantes adultos maduros e idosos. A partir dos dados coletados, concluiu-se que o ponto central estava na busca por parte das pessoas idosas pelas Universidades Abertas da Terceira Idade. Segundo a investigação, essa procura se dá em função de esses educandos irem em busca de bem-estar, aprendizagens, ocupação e novas relações sociais. A pesquisadora ressaltou a importância desses temas para as pesquisas posteriores e para aqueles que trabalham com esse grupo etário.

A investigação de Assis (2010) foi realizada na Faculdade Aberta da Terceira Idade, do Centro Universitário Anhanguera de Santo André, no estado de São Paulo. O estudo tinha como objetivos caracterizar a proposta pedagógica das atividades desenvolvidas e verificar qual era a programação ofertada. Além disso, buscou identificar quais motivos levaram os idosos a optarem por tais atividades, analisar o significado das aprendizagens adquiridas e verificar quais as repercussões desses aprendizados na condição de vida dos idosos.

A pesquisa de Assis (2010) foi realizada com sete idosas que tinham, em média, sete anos que frequentam as atividades analisadas. A investigação levou a concluir que essas idosas reconheceram mais possibilidades de reflexão e maior abertura para mudar os comportamentos delas a partir da presença nas atividades propostas. Para as idosas, as novas aprendizagens proporcionaram a descoberta de outras potencialidades para que vivessem a velhice de forma mais plena. Além disso, a participação nessas atividades levou à melhoria na autoestima e à maior acolhida pelos familiares.

Pinheiro Tavares (2011) realizou sua investigação tendo como campo a Escola Superior de Educação Física e teve como objetivo analisar os discursos sobre as pessoas idosas na formação do bacharel em educação física. Para tanto, a autora analisou ementas e programas de disciplinas e entrevistou professores. A partir da análise dos dados coletados, concluiu que havia aproximações, distanciamentos e até mesmo silenciamentos referentes à temática do idoso. Percebeu que há a predominância de uma visão voltada para questões biológicas e uma abordagem mais técnica.

A tese de Serra (2012) analisou o processo de alfabetização de idosos, a partir da perspectiva de educação ao longo da vida, tendo como norte a Gerontologia Dialógica Intergeracional. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, questionários e observação. A pesquisa foi realizada no município de Caxias, no interior do estado do Maranhão, e contou com a participação de vinte idosos de um Centro de Convivência de Idosos, 05 filhos, 05 netos de alguns desses idosos e 05 professoras designadas pela Secretaria Municipal de Educação de Caxias para que trabalhassem com idosos nesse centro de convivência. Foram aplicadas vinte atividades gerontagógicas para vinte idosos utilizando como metodologia os círculos de cultura. Foi adotada, no trabalho com alfabetização de idosos, a concepção de Paulo Freire para a alfabetização de adultos.

Em relação aos resultados alcançados por Serra (2012), destacam-se as mudanças nas concepções dos idosos em relação à velhice e ao envelhecimento. Além disso, verificou-se um aumento da autoestima e ganhos referentes à aprendizagem da leitura e da escrita, alfabetização digital e ampliação de conhecimento acerca dos direitos dos idosos. Concluiu-se que as atividades levaram os idosos à participação mais ativa nas ações existentes em suas comunidades, como em igrejas e nos centros de convivência, além de o estudo apontar para o fortalecimento dos laços familiares e para a necessidade da formação de professores para que exerçam o trabalho com os idosos.

Já a pesquisa de Capuzzo (2012) foi realizada visando verificar quem eram os profissionais que lidavam com a educação de pessoas velhas em algumas Universidades Abertas da Terceira Idade (UNATIs), como também qual era a formação deles. A partir da análise dos dados, a pesquisadora concluiu que fosse recomendável uma formação em gerontologia para uma prática educativa mais qualificada com as pessoas idosas. Percebeu ainda o lugar de destaque da afetividade nas relações vivenciadas entre professores e estudantes e entre os próprios idosos nos cursos. A investigação mostrou que os idosos que buscam por tais atividades desejam ter uma participação mais ativa na sociedade e na transformação desta.

A dissertação de Costa (2012) discutiu a continuidade da aprendizagem de idosos no ensino superior da Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, a partir da investigação das características de Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), relacionando essas características a pressupostos socialmente difundidos de que a velhice seja o período de desaceleração da vida. A pesquisa foi realizada com 5 idosos matriculados nos cursos superiores dessa universidade e concluiu que todos os participantes se enquadravam no comportamento característico de Altas Habilidades/Superdotação. Costa (2012) ressaltou a importância de se

reconhecer tais características no estudante idoso para que sejam oferecidas a eles alternativas educacionais diferenciadas.

A pesquisa realizada por Medeiros (2013) investigou as práticas educacionais da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA), da Universidade Estadual da Paraíba. Segundo a autora, a UAMA utiliza práticas que ela denominou como orientações terapêuticas, na busca por incentivar idosos a se transformarem. Por meio do acesso a conhecimentos sobre envelhecimento, os idosos passavam a perceber a si mesmos como sujeitos de direitos e com a capacidade de mudar a forma de se conduzirem nos processos de vida. Para Medeiros (2013), a partir dos conhecimentos adquiridos nesse espaço, os idosos escolhiam em quais aspectos desejavam transformar suas vidas para se aproximarem mais do ideal dos idosos ativos, saudáveis e socialmente desejáveis.

Já Boehme (2013), em sua dissertação, discutiu quais eram os saberes docentes necessários para se trabalhar com idosos a partir da fala dos professores do Programa de Educação Permanente (PROEP), da Universidade Regional de Blumenau (FURB). O PROEP foi criado na década de 1990, inspirado no modelo de Pierre Vellas, da Universidade de Toulouse, na França, como Universidade da Terceira Idade. Foram entrevistados dezoito docentes de diferentes áreas do conhecimento. Os resultados apontaram que os professores não tinham trabalhado com idosos até chegarem ao PROEP e que não realizaram nos últimos cinco anos nenhum curso na área de gerontologia. Os educadores apontaram o saber ouvir, o ser tolerante e estar aberto às diferenças como elementos fundamentais na educação de idosos. Apontaram ainda a necessidade da adaptação do material didático, dos espaços da sala de aula e da criação de momentos de interação entre os idosos. A pesquisa apontou para a necessidade da oferta de cursos de formação para os professores que atuam com idosos.

A investigação realizada por Costa (2013) buscou verificar se as temáticas do envelhecimento e da longevidade eram abordadas nos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) dos cursos de teatro, na modalidade de licenciatura no Brasil. As análises foram realizadas tomando como base as disciplinas de Estágio Supervisionado III e/ou IV, abordando o ensino em espaços não formais para idosos. Os resultados apontaram para a escassez desses temas nos cursos analisados. Das quarenta e nove instituições analisadas, apenas em dois PPP as temáticas se fizeram presentes. A pesquisa destacou a importância da inclusão da discussão sobre envelhecimento e sobre a longevidade nos cursos de licenciatura de teatro no país.

A dissertação de Santos (2014) trouxe resultados acerca da análise da influência do processo educacional na qualidade de vida dos idosos à luz da teoria do autocuidado de Orem. Foi realizado um estudo transversal, descritivo, com abordagem quanti-qualitativo, que contou

com a participação de cento e trinta e um idosos que frequentavam a Universidade Aberta da Terceira Idade. Como resultado, tendo como base o questionário de qualidade de vida do *Whoqol*, a autopercepção de qualidade de vida como “boa” atingiu o índice de 69,4%. Em relação ao domínio ambiental, o índice foi de 67,7%. No domínio psicológico, 67,7 % e, quanto ao domínio de relações sociais, o índice chegou a 67,1%. A pesquisa concluiu que o enfermeiro é o profissional mais adequado para coordenar situações de aprendizagem relacionadas ao autocuidado. Segundo a autora, esse profissional pode ter como base a teoria de Orem, a qual aponta que a população idosa deve ser orientada no sentido de que o principal responsável por sua saúde é ela própria.

A pesquisa de Gonçalves (2015) tratou-se de um estudo de caso, o qual foi realizado em um programa de educação permanente para idosos, com dez educadores de diversas áreas do conhecimento, como psicologia, letras, matemática, computação, educação física, fisioterapia e enfermagem. O trabalho teve como objetivo principal investigar como os professores dessas diferentes áreas do conhecimento articulavam seus saberes no trabalho educativo que desenvolviam com os idosos. Dentre os sujeitos da pesquisa, havia dois homens e oito mulheres, sendo que, desses profissionais, apenas três tinham formação em gerontologia.

Os resultados da pesquisa de Gonçalves (2015) apontaram que trabalhar com idosos fazia com os professores se mantivessem estimulados quanto à formação continuada. A pesquisa levou a perceber que a articulação dos saberes desses educadores se dava por meio de suas experiências de vida e sua formação inicial, sendo estas as principais bases para a docência. O trabalho apontou para a necessidade de formação de profissionais na área da gerontologia, para que possam realizar um trabalho ainda mais qualificado com esse grupo etário.

Lima (2015) teve como problema de pesquisa a seguinte indagação: o que se mostrava em uma ação de Extensão Universitária envolvendo conversas sobre matemática com pessoas idosas? Os dados analisados foram coletados por meio do diário de campo do pesquisador, pelas transcrições das entrevistas de oito pessoas e pelas produções do grupo denominado “Conversas sobre matemática”, o qual foi criado para a realização da investigação, com a participação de pessoas acima de cinquenta anos de idade. Os resultados referentes aos motivos para a frequência dos idosos na ação “Conversas sobre a matemática” teve como respostas: as contribuições das tarefas matemáticas para a cognição; as novas possibilidades para que ocorresse a interação social e para a frequência em um espaço voltado para a aprendizagem de coisas novas; além do desejo de aprender e o gosto pela matemática. Os participantes sentiram-se motivados pela realização das tarefas sugeridas e pela experimentação com os materiais disponibilizados.

A pesquisa de Carraro (2016) foi realizada com seis idosos, sendo três do sexo feminino e três do sexo masculino, os quais se encontravam matriculados em cursos de graduação presencial. Tinha como objetivos: compreender quais seriam as motivações para uma pessoa idosa cursar uma graduação regular nessa fase da vida investigar sobre as relações intergeracionais e as expectativas de idosos após a conclusão do curso de graduação; ampliar o conhecimento sobre o envelhecimento humano. Os resultados apontaram para a satisfação dos idosos em relação ao curso, dado que lhes propiciava novas relações sociais intergeracionais, outras aprendizagens e a possibilidade de eles iniciarem mais uma carreira. Segundo a autora, a educação de idosos pode gerar melhorias na qualidade de vida desses sujeitos e promover transformações no âmbito social, cultural e intelectual daqueles que estão envolvidos no processo educativo.

Costa (2016), em sua tese de doutorado, procurou identificar a presença de Alta Habilidade/Super Dotação (AH/SD) em pessoas idosas matriculadas em cursos superiores da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), localizada no Rio Grande do Sul (RS). Para tanto, foi desenvolvido um instrumento que possibilitou a identificação das AH/SD em graduandos idosos para facilitar a sua inserção no âmbito acadêmico e social. Foram investigados oito idosos que frequentavam cursos presenciais da UFSM e entraram por meio de vestibular. Para o autor, identificar o público idoso com AH/SD pode promover ações educativas mais adequadas, além do reconhecimento de suas potencialidades e de suas singularidades comportamentais.

Scortegagna (2016) buscou investigar se as ações educacionais para o idoso, as quais eram desenvolvidas por projetos/cursos das Instituições de Ensino Superior (IES) Públicas Paranaenses, por meio das Universidades Abertas da Terceira Idade (UATI), cumpriam sua função educativa e contribuía para emancipação política dos idosos. Foram pesquisados cento e quarenta e seis idosos de sete UATI vinculadas a IES públicas, por meio de questionários com questões abertas e fechadas. Além desses idosos, responderam também ao questionário cinco dos sete coordenadores dessas UATI. Como resultado, obteve-se que, mesmo com limitações, a educação nessa fase da vida contribuía para a maior conscientização das pessoas acima de 60 anos. Concluiu-se ainda que os trabalhos desenvolvidos levaram à melhoria da qualidade de vida dos idosos, aumentaram sua autoestima e propiciaram uma melhor inserção social desses sujeitos.

Já Mirabelli (2016) teve como ponto de partida para sua investigação verificar se a educação permanente seria capaz de criar ou de manter condições que favoreciam a atualização das potencialidades vitais dos idosos. A pesquisadora pretendia analisar a capacidade de diálogo

do Programa Trabalho Social com Idosos (TSI), do Sesc (Serviço Social do Comércio) São Paulo, com o contexto social no qual ele se inseria e compreender qual seria o impacto das ações socioeducativas realizadas naquele espaço na vida dos sujeitos da pesquisa. Os resultados apontaram para um impacto muito positivo dessas ações de educação permanente na vida dos idosos. A pesquisa permitiu verificar a adequação da metodologia de ação comunitária ou grupal, utilizada no TSI para a oferta de uma educação emancipadora. Surgiram algumas proposições, tais como: ampliar a dimensão dialógica empregada, o que permitiria ao idoso compartilhar a sua experiência sobre o envelhecimento; e aumentar os encontros de integração com uso de ferramentas tecnológicas.

Em sua tese, Pereira (2016) apresentou uma investigação ligada ao conceito de aprendizagem ao longo da vida, como também as seguintes indagações: em que medida as discussões contemporâneas sobre Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EPJA) contemplariam a questão do idoso e do envelhecimento? Em que medida a Universidade da Terceira Idade poderia auxiliar na busca dessa educação? O que seria e para que serviria a educação de idosos? A pesquisa foi realizada com idosos que participaram de atividades da Universidade da Maturidade do Tocantins (UMA), a qual faz parte da Universidade Federal de Tocantins. A pesquisa concluiu que as atividades desenvolvidas proporcionaram maior protagonismo dos idosos, valorizaram seus saberes e experiências, e atuaram no combate ao isolamento social desses sujeitos.

A tese de Porto (2017) teve como objetivo verificar o efeito do tempo, de acordo com suas dimensões cognitiva e social, em aulas de inglês para pessoas idosas, ofertadas como um curso de extensão na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Como resultado, a pesquisa apontou que, mesmo que estudos sobre o envelhecimento humano apontem para uma maior demora da execução das tarefas por parte dos idosos em relação aos mais jovens, isso não se mostra como empecilho para que a aprendizagem de uma nova língua aconteça. Além disso, a pesquisa contribuiu para a discussão acerca da formação de professores e de material didático voltado para pessoas com mais de 60 anos.

Tavares (2017), em sua pesquisa de doutorado, teve como objetivo analisar a prática pedagógica de professores de educação física em turmas com idosos no Programa Academia da Cidade, na Cidade de Recife, em Pernambuco. A investigação foi realizada com doze professores e cento e dezenove idosos. A pesquisa levou a perceber que havia aproximações e distanciamentos nas práticas pedagógicas dos professores em relação aos constituintes de uma velhice bem-sucedida, compreendendo que a prática pedagógica poderia contribuir nesse

sentido. Além disso, o trabalho concluiu que o programa em si contribuiu para uma velhice bem-sucedida mais pelas práticas educativas e pelo lazer que pelas atividades físicas em si.

Neiva (2017) se propôs a analisar a escrita autobiográfica e o processo de invenção de si por pessoas idosas. A pesquisa foi realizada com a análise de autobiografias de oito idosos, com mais de 65 anos de idade, sendo três mulheres e cinco homens. Uma das indagações da pesquisa se relacionou a questões referentes ao pertencimento. O trabalho concluiu que, ainda que os pertencimentos fossem dinâmicos, eles não eram neutros. No caso das mulheres, as narrativas se relacionaram com elementos religiosos e familiares; já para os homens, o pertencimento estava ligado a questões profissionais, socioeconômicas e geográficas. Em relação ao envelhecimento, os homens se mostraram mais saudosistas e com maior desconforto em relação a essa fase da vida. As mulheres se mostraram mais realizadas e adaptadas.

Já Machado (2017) pesquisou idosos na Educação de Jovens e Adultos, buscando registrar e dar destaque às vozes desses sujeitos. A pesquisa buscou compreender as relações entre os saberes escolares e as suas possíveis contribuições para o empoderamento de pessoas com sessenta anos ou mais. A pesquisa foi realizada com idosos do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI), da Universidade Federal de Santa Catarina. O trabalho apontou como resultado que o nível de escolarização dos idosos influenciava sua conscientização, sua independência e sua participação política e social. No entanto, a pesquisa destacou que havia um elemento de subjetividade que poderia potencializar ou não as ações dos sujeitos no mundo e com o mundo.

A pesquisa de Lesinhovski (2017) teve como objetivo analisar a aplicação de técnicas de *Design Participativo* com pessoas acima de 60 anos visando à inclusão digital desses sujeitos. Foram elaborados materiais didáticos, no formato digital, voltados para pessoas idosas. Esses materiais foram validados pelos idosos e atenderam a maioria dos requisitos propostos para a inclusão digital nessa fase da vida. O trabalho concluiu que a atividade participativa para as pessoas nessa fase da vida gerou resultados satisfatórios e que poderia ser adotada no desenvolvimento de novas tecnologias para pessoas desse grupo etário.

Rodrigues (2018) apresentou uma pesquisa que foi dividida em três artigos distintos. O primeiro se caracterizou por uma revisão bibliográfica sobre o tema “educação e envelhecimento”. O segundo se configurou como uma análise a partir de textos jornalísticos da revista *Veja* e do jornal *Folha de São Paulo*, buscando verificar a presença de notícias ou a ausência delas sobre educação de idosos. E, por último, foi apresentado um artigo que tratava da visão de idosos universitários e de seus familiares em relação à educação nessa fase da vida. Como conclusão, a autora percebeu o idoso como sujeito negligenciado em seu direito e ainda



percebeu que esse grupo possuía uma cidadania subjugada e restringida pela conveniência do mercado. A pesquisa apontou a demanda crescente de educação escolar para pessoas com mais de 60 anos.

Jahn (2018), em sua tese de doutorado, buscou compreender o papel dos movimentos sociais na vida de idosos camponeses, relacionando os campos de estudo campesinato, envelhecimento e crédito consignado. Como objetivos, a pesquisa pretendeu entender como se dava a presença do crédito consignado na vida desses sujeitos, como também descrever as características do envelhecimento do camponês e verificar a importância dos movimentos sociais em relação à educação financeira de pessoas acima de 60 anos. A realização da investigação se deu por meio da pesquisa participante, contando com dezenove idosos dos municípios de Lajeado do Bugre, Ibirubá, Sagrada Família e Selbach, no estado do Rio Grande do Sul. Foram realizadas entrevistas com três lideranças locais do Movimento de Mulheres Camponesas e do Movimento de Pequenos Agricultores e entrevistas com mais quinze mulheres e quatro homens, com idades entre 58 e 85 anos, a maioria participante dos movimentos sociais citados anteriormente. A pesquisa de Jahn (2018) apontou como resultados que o trabalho permitiu dar voz e visibilidade aos idosos camponeses e que os movimentos sociais eram importantes, enquanto práticas educativas, uma vez que as pessoas aprendiam e, de forma coletiva, passavam a dar novo significado para suas práticas e seus conhecimentos.

Scagion (2018) investigou o que os idosos, que participam de atividades na Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), no campus de Rio Claro, diziam sobre o seu envolvimento com a matemática no tempo presente, no passado e no futuro. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas envolvendo questões relacionadas à escola, ao cotidiano, à qualidade de vida, ao trabalho e ao futuro. O trabalho concluiu que havia a presença da matemática no cotidiano dos idosos, evidenciando seu importante papel na resolução de problemas do dia a dia. Percebeu ainda que a matemática poderia contribuir para que esses sujeitos estabelecessem novas aprendizagens e compartilhassem outras experiências.

As pesquisas apresentadas até então vieram da busca utilizando o descritor “educação de idosos”. Já em relação ao descritor “educação e envelhecimento”, foram selecionadas sete pesquisas, as quais foram realizadas em diferentes regiões do país e que dialogavam com a pesquisa aqui apresentada. Foram encontrados estudos produzidos em São Paulo, Amazonas, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Tocantins, o que reforça a amplitude geográfica das pesquisas com essa temática no país. No Quadro 2, será apresentada cada uma das pesquisas encontradas com esse segundo descritor e, logo em seguida, uma breve descrição de cada uma delas.

**Quadro 2:** Trabalhos selecionados a partir do descritor “educação e envelhecimento”

Ano	Autor	Título	Dissertação	Tese	Instituição
2008	ARAÚJO, Mônica Ferreira de	O lazer e sua articulação com a educação: concepções de alunos e professores de um curso de extensão universitária sobre educação e envelhecimento	x		Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2008	RAMOS, Vania	Velhas e velhos conquistam espaços nas universidades de São Paulo: política, sociabilidade e educação		x	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2008	SILVA, Sara Regina Moreira da	Processos educativos e memórias de mulheres em processo de envelhecimento que vivem em um abrigo e participam de uma tertúlia musical dialógica	x		Universidade Federal de São Carlos
2008	TAVARES, Dirce Encarnacion	A presença do aluno idoso no currículo da universidade contemporânea: uma leitura interdisciplinar		x	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2009	ANDRADE, Everaldo Robson de	Histórias de idosos: sementes para cultivarmos uma educação para uma velhice bem-sucedida.		x	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
2011	QUEIROZ, Sheylane Beltrão de	Educação e envelhecimento: um olhar sobre a participação masculina nos grupos de terceira idade de Manaus	x		Universidade Federal do Amazonas
2014	MORAES, Paulo Fernando	Envelhecimento ativo de professores de um programa de atividades físicas da UnATI/ESALQ/USP	x		Universidade Estadual Paulista
2015	GERTH, Hélio Marconi	Representações sociais de mulheres idosas participantes de uma intervenção educacional sobre envelhecimento ativo	x		Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2015	COSTA, Samara Queiroga Borges Gomes da	A Educação Intergeracional como Tecnologia Social: uma vivência no âmbito da Universidade da Maturidade - UFT	x		Universidade Federal do Tocantins
2016	MIYAKE, Gabrielle Mítico	Estágio interdisciplinar em centros de convivência para idosos: uma proposta de intervenção para os cursos de educação física	x		Universidade de São Paulo
2016	CONTARINE NETO, Luiz	Educação permanente como contribuição para a intervenção e prevenção de quedas em idosos	x		Universidade Federal Fluminense

Ano	Autor	Título	Dissertação	Tese	Instituição
2017	ROOS, Simone Neiva Milbradt	Projeto Aluno Especial II da UFSM:educaçãoe envelheci -mento	x		Universidade Federal de Santa Maria

Fonte: Própria autora

A pesquisa de Araújo (2008) objetivou investigar o lazer e a sua articulação com a educação a partir das concepções de educadores e educandos de um curso de extensão universitária sobre Educação e Envelhecimento, ofertado na cidade de São Paulo. A partir da análise dos dados, a autora concluiu que temas como funções e características do lazer, assim como questões, tais como atitude, tempo, cultura vivida, espaços, atividades e articulação entre educação, envelhecimento e lazer, se fizeram presentes na fala dos entrevistados.

A tese de Ramos (2008) analisou, a partir de um estudo descritivo-analítico, os projetos da Universidade Aberta da Terceira Idade, da USP, e da Universidade Aberta da Maturidade, da PUC de São Paulo, buscando verificar as diferentes visões sobre o envelhecimento humano e analisar as trajetórias históricas dessas duas universidades da terceira idade. A pesquisa foi realizada por meio de aplicação de questionários e entrevistas feitas com estudantes dos cursos estudados. Como resultado, a autora ressaltou que os projetos precisariam de algumas alterações, em especial, no sentido da oferta da formação de educadores que fossem trabalhar com pessoas idosas, como também de encontros geracionais entre jovens e idosos em espaços educativos, além da promoção de estudos sobre o envelhecimento. A pesquisadora ainda destacou a necessidade de se caracterizar e impulsionar a gerontologia educacional para a formação do educador de pessoas idosas. As entrevistas revelaram que os idosos que buscavam por esses cursos queriam ampliar seus espaços de convivência e fazer novas amizades. Também foi apontado que eles estavam em busca de novos aprendizados.

A pesquisa de Silva (2008) teve como objetivos analisar os processos educativos e de memórias, a partir de vivências musicais, as quais foram denominadas “Tertúlia Musical Dialógica”, em um abrigo para mulheres em processo de envelhecimento; compreender como essas atividades causaram impactos na rotina dessas senhoras; e verificar quais seriam as contribuições desse trabalho para a sociedade, para a educação e para a educação musical. A pesquisa foi realizada a partir de diálogos com as idosas a respeito da audição de clássicos musicais. As participantes compartilharam o entrelace entre as músicas e suas experiências de vida, e ainda fizeram relatos sobre suas memórias. Como resultado, percebeu-se que a atividade causou impactos positivos nas moradoras do abrigo, com momentos de alegria, compartilhamento de memórias, criação de sentido, descobertas e redescobertas sobre a vida.

O estudo de Tavares (2008) buscou compreender quais fatores levaram pessoas acima dos 60 anos à retomada dos estudos após passarem longo período longe da escola e de que forma os idosos aprendiam e como eles se relacionavam com os colegas de sala e com si próprios. Foram entrevistados sete idosos em duas faculdades particulares localizadas na periferia da zona sul de São Paulo. A pesquisa buscou reconstituir a identidade do aluno nessa faixa etária a partir da narrativa de suas histórias e do resgate de suas memórias. Concluiu-se que a volta aos estudos possibilitou ao idoso sentir-se vivo, vislumbrar novas possibilidades e novos sonhos.

A pesquisa de Andrade (2009) buscou investigar o processo de envelhecimento humano a partir da história de vida de dez idosos que foram classificados como pertencentes ao perfil de velhice bem-sucedida. Como resultado, a investigação apontou que um estilo de vida ativo, com atividades físicas, sociais e recreativas, ao longo da vida, é muito importante para a melhoria da autoestima, da autonomia e do sentimento de alegria de viver, que são elementos fundamentais para uma velhice bem-sucedida. Concluiu-se que a oferta de atividades educativas que ampliavam as possibilidades de se estabelecerem relações sociais, ao longo da vida, também contribuía para o envelhecimento bem-sucedido.

Queiroz (2011) investigou a participação de homens em Grupos da Terceira Idade (GTIs) que possuíam um viés educacional para o envelhecimento. A pesquisa foi realizada em Manaus e contou com a participação de oito mulheres e de oito homens que participavam de GTIs, como também de oito homens que não participavam desses grupos e foram indicados pelos participantes anteriormente citados. A conclusão do estudo foi de que ainda havia muito preconceito e resistência dos homens em participar dessas atividades e que havia a necessidade de pesquisas com esse gênero para que se pudesse promover ações que incentivassem a participação. A autora apontou que a forma como a sociedade promovia a formação humana fazia com que os homens tivessem menor capacidade de interação social e de lazer.

A pesquisa realizada por Moraes (2014) tinha como objetivo compreender o processo de envelhecimento ativo do grupo de indivíduos participantes de um programa de atividade física da Universidade Aberta da Terceira Idade, da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, da Universidade de São Paulo (UnATI/ESALQ-USP), comparando professores aposentados e não professores. Quarenta e sete pessoas se disponibilizaram para a pesquisa e, destas, 18 eram professores aposentados. Como resultado, Moraes percebeu que os professores se mostraram mais ativos devido ao nível de atividades físicas relacionadas ao âmbito doméstico e do lazer. No que diz respeito à capacidade funcional, à vitalidade e à limitação por aspectos físicos, a vitalidade dos professores apresentou índice menor na comparação com os

não professores, mas o pesquisador alertou que não foi possível relacionar esse índice com a atividade laboral. Moraes (2014) ressaltou a importância de se investigar outros grupos de atividades físicas de idosos para que se pudesse analisar se haveria maior tendência entre os docentes em buscar por um envelhecimento ativo.

Gerth (2015) buscou identificar as representações sociais de um grupo de idosas referentes às propostas educacionais de envelhecimento ativo. A intenção era verificar as reações dessas mulheres diante da metodologia utilizada para, mais tarde, desenvolver uma proposta de envelhecimento ativo, voltada para as pessoas com mais de 60 anos. Foram realizados seis encontros, os quais ocorreram duas vezes por semana, com duração de uma hora cada, contemplando a teoria de educação popular de Paulo Freire. O grupo estudado tinha a participação de dez senhoras, com idades entre sessenta e oitenta anos, escolhidas aleatoriamente entre as participantes de grupos de atividades físicas ofertados pela Prefeitura Municipal de Sorocaba, no estado de São Paulo. O estudo concluiu que a metodologia foi muito bem aceita pelas senhoras pesquisadas e que elas perceberam que houve novas aprendizagens acerca dos temas trabalhados. Além disso, elas apontaram que a metodologia favoreceu a união entre elas, fortalecendo este laço afetivo, como também o estabelecimento de novas amizades.

A dissertação de Costa (2015) questionou como realizar a integração entre gerações, no âmbito da escola, durante o processo de aprendizagem, na intenção de internalizar o conceito de envelhecimento. A investigação buscou analisar o papel da educação intergeracional como tecnologia social na educação básica e compreender a sua função como metodologias que integrem diferentes gerações e formam cidadãos comprometidos com as transformações sociais. A pesquisa foi desenvolvida com professores da educação básica a partir de reflexões acerca do conceito de educação intergeracional e da vivência desses sujeitos numa atividade com os alunos da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT).

Para Costa (2015), os resultados demonstraram que a reflexão pode levar à mudança de atitudes em relação ao idoso e que as práticas intergeracionais, mediadas por docentes que compreendam seu papel como formador de sujeitos críticos, podem permitir uma convivência mais respeitosa e harmoniosa entre as diferentes gerações.

Contarine Neto (2016) realizou uma pesquisa com o intuito de verificar a prevalência de quedas e os fatores de risco em pessoas idosas que fazem parte do projeto denominado Centro Qualidade de Vida (CQV), do Instituto Federal Fluminense, campus centro. Participaram como sujeitos da pesquisa cinquenta idosos, com sessenta anos ou mais, e nove professores de educação física, integrantes do projeto CQV.

Os resultados da pesquisa de Neto (2016) demonstraram que havia prevalência de queda em 50% dos idosos, sendo a maior parte do sexo feminino. Em relação aos fatores de risco para quedas, foram apontados: escadas sem corrimão; piso irregular; ausência de tapetes de borracha nos banheiros; e buracos em ruas e calçadas. A partir do estudo, foi elaborada uma cartilha contendo informações sobre os fatores de risco de quedas em idosos e alertas sobre prevenção. O autor ressaltou que houve uma proposta de educação permanente na área da educação física, com o intuito de promover ações educativas e preventivas, no sentido de haver divulgação dos fatores de risco e, a partir desse conhecimento, ser estabelecido um programa de prevenção da queda de idosos.

Miyake (2016), em seu estudo, propôs uma reflexão teórica acerca do significado do estágio supervisionado na área da saúde para a formação do educador físico. Teve como objetivo ofertar um repertório teórico contendo conceitos que contribuíssem para a ação reflexiva dos futuros profissionais que fossem exercer a função de supervisores de estágio. Como conclusão, o estudo apontou para a importância do estágio supervisionado como forma de o estagiário vivenciar a atividade para a qual estava se formando e, a partir do vivido, refletir e criar práticas inovadoras em seu trabalho.

Roos (2017) pesquisou as contribuições da formação continuada, a qual era oferecida pelo Projeto Aluno Especial II para tratar do idoso que participava dessa prática educativa. Esse projeto fazia parte da Universidade Federal de Santa Maria, que possibilitou às pessoas idosas cursarem disciplinas a partir da Resolução 11/92, independentemente da realização de prova e da escolaridade mínima. A pesquisa foi realizada com quatro idosos participantes do programa, com o idealizador do programa e com um representante do Departamento de Registro e Controle Acadêmico. Como resultado, a pesquisa apontou que o Projeto Aluno Especial II oferecia à população idosa uma formação continuada e lhes possibilitava a confiança de que eram capazes de aprender, o que os levava a novas descobertas e a realizações pessoais.

Apesar da amplitude geográfica citada anteriormente, percebe-se que essa discussão ainda precisa ser ampliada no país. A análise das produções científicas acima descritas mostra que, em pouco mais de uma década, a BDTD apresentou quarenta e seis pesquisas que se relacionavam de forma mais próxima com o tema da educação de idosos. Muitas dessas produções ainda estão vinculadas a atividades ofertadas em Universidades Abertas para a Terceira Idade e pouco se vê sobre as contribuições de práticas educativas ofertadas em centros de convivência na vida de pessoas com 60 anos ou mais. São exemplos desse tipo de abordagem a dissertação de Fonseca (2005), que discutiu sobre a construção de um grupo de convivência

de idosas de baixa renda, e a tese de doutorado de Motta (1999), que também tratou sobre grupos de convivência de idosos e sua perspectiva pedagógica.

Além das pesquisas que foram encontradas a partir da busca no *site* da BDTD, as quais tiveram como referência temporal os anos de 2008 a 2020, é importante destacar uma produção científica realizada na Faculdade de Educação da UFMG, concluída no ano de 2021, que tem como temática a educação de pessoas idosas. Trata-se da pesquisa de Grossi (2021), a qual teve como objetivo compreender as formas pelas quais mulheres em processo de envelhecimento, já alfabetizadas na EJA, se apropriavam de práticas de numeramento escolares.

A investigação de Grossi (2021) foi realizada por meio do acompanhamento de 12 mulheres, durante o ano letivo de 2018, contando como instrumentos de produção de dados a observação participante e as entrevistas semiestruturadas. Como resultado, percebeu-se que a apropriação de práticas de numeramento escolares, a qual era realizada por essas mulheres, encontrava-se configurada não apenas referente às questões geracionais, mas também raciais, de gênero, econômicas e institucionais, o que estabeleceu tanto interdições quanto possibilidades que requeriam lutas e até mesmo transgressões, confrontavam discursos, referências e marcavam as formas de dar significado à cultura letrada.

Outra pesquisa concluída em 2021 e que tratava sobre mulheres idosas foi a dissertação de Vieira (2021). A pesquisa foi realizada no Programa de Pós-Graduação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG e buscou compreender a percepção de mulheres velhas sobre suas ocupações em seus cotidianos na Vila Marçola, uma comunidade de vulnerabilidade social do Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte. Este estudo de caso contou com a participação de 11 mulheres acima dos 60 anos. A pesquisa apontou para a centralidade do cuidado na vida dessas mulheres, como, por exemplo, o cuidado doméstico, o cuidado com as pessoas e com a comunidade, o cuidado de si e as ocupações emancipatórias, como a participação em grupos de convivência. Concluiu-se que muitas ocupações realizadas ao longo da vida dessas pessoas foram impostas e que a velhice era a fase da vida na qual elas estavam conseguindo realizar ocupações a partir de seus desejos.

A partir do que foi discutido até aqui, percebe-se que há a necessidade de se pensar sobre quais possibilidades de educação estão sendo ofertadas para as pessoas idosas e como elas percebem esses processos educativos enquanto facilitadores de uma velhice mais feliz e saudável. A partir de uma pesquisa nesse sentido, pode-se promover reflexão e serem feitos apontamentos sobre de que forma a educação de idosos pode contribuir para que as pessoas, nesta fase da vida, vivam melhor. Assim, pensar sobre a educação que esses sujeitos têm acesso e sobre quais os benefícios ela pode trazer a eles é de suma importância.

Dentre os problemas vivenciados pelas pessoas com mais de 60 anos de idade, encontram-se queixas relacionadas à saúde, à solidão, à falta de espaços de sociabilidade, à queda da renda e à necessidade de maiores gastos com saúde. Acredita-se que esses problemas perpassem a vida desses sujeitos de uma forma geral, tendo maior ou menor intensidade, levando em consideração a condição econômica, o pertencimento étnico-racial, o gênero e o local de moradia. Mas cabe questionar se aqueles que participam de alguma atividade educativa percebem algum benefício em suas vidas. É necessário também identificar se essas ações levam em consideração as especificidades dos idosos que as frequentam, preparando um currículo e metodologias que garantam a eles maior autonomia e felicidade na velhice.

Acredita-se que a importância desta pesquisa de doutorado se dá por discutir sobre o perfil dos idosos no cenário atual, assim como sobre a educação destinada a esse grupo etário e sobre quais são os efeitos gerados por essas práticas educativas para que se estabeleçam condições de melhoria na qualidade de vida dessa população. Estudos a esse respeito promovem maior conhecimento acerca do que é ser idoso nos tempos atuais, provocam reflexões e podem gerar ações sociais na busca de políticas públicas que atendam melhor a essas pessoas, para que possam proporcionar que cada vez mais pessoas tenham uma velhice com mais qualidade de vida.

A pesquisa aqui apresentada se organiza em cinco capítulos. O primeiro apresenta os percursos metodológicos, destacando como foi o processo da fase exploratória da investigação até a escolha do campo, logo em seguida, é realizada a apresentação do Centro de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferrara e, na sequência, feita a apresentação dos entrevistados da pesquisa. O segundo capítulo visa discutir aspectos relacionados ao envelhecimento humano, trazendo as diferentes concepções acerca do processo de envelhecer, destacando seu caráter singular. Esse capítulo apresenta as diferentes formas de se designar o idoso, traz um breve histórico sobre as agendas políticas e as políticas públicas sobre o envelhecimento ao longo dos anos. Trata ainda sobre a relação entre qualidade de vida e envelhecimento, e sobre a COVID-19 e seus reflexos na vida das pessoas idosas. No terceiro capítulo, busca-se discutir sobre a relação entre educação e envelhecimento, visando esclarecer sobre qual educação trata esta investigação, assim como sobre as práticas educativas analisadas, apresentando apontamentos acerca da educação ao longo da vida.

Já o quarto capítulo trata das análises das informações relacionadas às práticas educativas analisadas no CRPI. Discute o perfil dos professores e suas formações para lidar com pessoas acima de 60 anos e as formas como se dão essas práticas educativas, tratando, inclusive, de como as atividades ocorreram durante a pandemia da COVID-19. O quinto



capítulo, por sua vez, consiste nas análises realizadas buscando tratar da relação entre a educação e as melhorias promovidas na vida dos idosos, destacando a importância das relações interpessoais nesse processo e os benefícios percebidos pelos idosos na realização das atividades. O último tópico deste trabalho apresenta as considerações finais acerca do estudo realizado.

Além da apresentação dos capítulos, deve-se destacar que, entre cada um deles há uma poesia que remete ao tema discutido. As poesias apresentadas são de autoria de Maria Isabel Carlos, uma senhora idosa que integrava o Grupo Cultural Meninas de Sinhá<sup>1</sup>, em Belo Horizonte, até sofrer um Acidente Vascular Cerebral (AVC) e mais tarde vir a falecer. O livro de poesia foi organizado após sua morte, a partir de escritos pessoais que estavam reunidos em folhas separadas, como forma de homenageá-la e de realizar o seu sonho de ter suas produções publicadas. Maria Isabel Carlos era uma senhora negra, nascida numa cidade do interior de Minas Gerais, que veio para Belo Horizonte no início da década de 1960 e viveu na comunidade do Alto Vera Cruz. Ela não chegou a frequentar uma escola durante sua vida e aprendeu a ler e a escrever com a ajuda do seu pai. A escolha das poesias se deve ao fato de se compreender Maria Isabel Carlos como uma artista que produziu cultura, quando idosa, o que a assemelha às pessoas idosas participantes desta pesquisa de doutorado.

Outro ponto que deve ser destacado em relação a esta tese diz respeito à forma como ela foi escrita. Buscou-se utilizar a forma impessoal, na maior parte do texto, mas, em alguns momentos, foi necessário tratar de assuntos pessoais, como, por exemplo, na narrativa da trajetória profissional e acadêmica da pesquisadora, assim como quando tratou-se de questões relacionadas aos seus sentimentos e percepções, ocasiões nas quais optou-se pela utilização da primeira pessoa do singular.

---

<sup>1</sup> O Grupo Cultural Meninas de Sinhá foi criado, no ano de 1996, a partir do desejo de compartilhar experiências e elevar a autoestima de senhoras da comunidade do bairro Alto Vera Cruz, na cidade de Belo Horizonte. Participavam e participam do grupo senhoras com 50 anos ou mais, que vivem na comunidade acima referida. O início do grupo se deu por meio de reuniões semanais, quando começaram a cantar e dançar, lembrando cantigas de roda. Atualmente o grupo é conhecido por suas apresentações culturais que valorizam a cultura popular por meio destas músicas. Mais informações pelo *site*: <<https://meninasdesinha.org.br/>>

*Eu não sabia<sup>2</sup>*

*Eu não sabia que sabia o que eu queria saber*

*Só descobri que sabia quando quis aprender*

*Eu não sabia porque sabia viver*

*E sabia sorrir*

*E sabia cantar e sofrer*

*E esquecer*

*E perdoar*

*E aprender a começar a viver*

*E recomeçar*

*Aprender a cair e levantar*

*Nos tropeços*

*A caminhar do começo*

*A procura dos endereços*

*Da alegria que mereço*

*E cresço todo dia*

---

<sup>2</sup> CARLOS, Maria I. Eu não sabia. *In*: SENA, Bernardina de e LACERDA, Patrícia. (Orgs.) **Eu Bonsai** - Minha vida em versos. Belo Horizonte: Grupo Cultural Meninas de Sinhá, 2017.

## CAPÍTULO 1 – OS PERCURSOS METODOLÓGICOS

### 1.1 - Os caminhos da pesquisa, as abordagens metodológicas e a produção de dados

Ao se tratar dos percursos metodológicos, acredita-se que seja importante descrever o caminho percorrido e as reformulações que foram feitas até que se chegasse à definição daquilo que se desejava pesquisar e sobre onde e como a investigação se realizaria. O projeto de pesquisa, o qual foi aprovado no processo seletivo, passou por uma reformulação, após a entrada da pesquisadora no doutorado. Inicialmente, pretendia-se pesquisar sobre como se dava a educação de idosos em Belo Horizonte, levando-se em consideração as turmas da EJA, em escolas regulares, e as turmas externas da Rede Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH).

A proposta anterior pretendia analisar como era pensada a educação de idosos na EJA da PBH e como ela se dava no cotidiano. A intenção era verificar como eram elaboradas as propostas pedagógicas para esses variados espaços educativos e para os diferentes sujeitos que os frequentavam, relacionando tais propostas com as práticas dos docentes. A pesquisa pretendia ainda verificar como os sujeitos percebiam a educação que vinham recebendo.

Buscava-se investigar em que medida essas práticas eram pensadas, levando-se em consideração as especificidades dos estudantes atendidos, uma vez que um idoso que estivesse em uma Instituição de Longa Permanência Para Idosos (ILPI) não teria, necessariamente, os mesmos desejos e necessidades educacionais que alguém que frequentasse aulas em um centro de convivência ou em uma escola. Assim, a intenção era verificar como se estabeleciam as relações entre expectativas, desejos e frustrações dos sujeitos da EJA, professores e idosos estudantes, nesses contextos educacionais.

No entanto, após reavaliação da proposta, com a ajuda do orientador e da disciplina “Seminário de Pesquisa III: Educação, Cultura e Movimentos Sociais”, percebeu-se a necessidade de se ampliar o olhar abrangendo quais eram as práticas educativas destinadas aos idosos em Belo Horizonte, para, a partir de então, redefinir o projeto.

O primeiro passo foi investigar quais espaços havia, nos quais a proposta de educação fosse destinada a pessoas com 60 anos ou mais na Capital Mineira. A investigação mostrou que, além das salas de aula da EJA, existiam práticas educativas para idosos em grupos de convivência, em ILPIs, Universidades Abertas à Terceira Idade, atividades ofertadas no Centro

de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferrara, assim como atividades oferecidas pelo Serviço Social do Comércio (SESC), com cursos de teatro, dança, coral, dentre outros. Havia cursos de informática, de línguas e, um espaços privado, criado especialmente para pessoas com 50 anos ou mais, com a oferta de cursos de música, dança, teatro, oficina de memórias e um espaço de convivência para pessoas idosas, com programações de encontros semanais e viagens.

Alguns desses espaços foram visitados para as propostas fossem mais bem conhecidas e, a partir de então, fosse possível redefinir o projeto de pesquisa. Dentre os locais visitados, estavam os centros de convivência, ILPIs, o Centro de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferrara e uma instituição privada, criada exclusivamente para atendimento de pessoas com 50 anos ou mais.

A pesquisa foi feita inicialmente por meio da internet, buscando-se por cursos para idosos em Belo Horizonte e ILPIs. Dentre esses, acreditou-se, inicialmente que um dos espaços interessantes para o tipo de pesquisa proposto seria aquele das ILPIs. Isso porque poderia ser realizada uma comparação com outros locais, os quais também atuassem com atividades educativas para pessoas idosas, uma vez que as pessoas residem nessas instituições de longa permanência e não foram lá apenas em busca de alguma prática educativa.

Em relação às ILPIs, foram pesquisadas instituições públicas e privadas. Estas últimas, majoritariamente possuem *sites* e são chamadas de “Lar de Idosos” ou “Casa de Repouso”. Nos *sites* dessas instituições são descritas todas as atividades desenvolvidas e há fotos que trazem a imagem de idosos felizes e ativos. Foram analisadas três casas privadas e uma pública, todas localizadas em Belo Horizonte. As instituições privadas ficavam na região da Pampulha e a pública na região Nordeste da Capital Mineira.

As visitas às instituições privadas levaram ao conhecimento de que elas tinham, em média, capacidade para 30 internos, tendo pessoas com idades entre 63 e 94 anos, sendo que a maioria dos internos possuía mais comprometimento em sua saúde. Em relação às atividades oferecidas se destacaram: fisioterapia, terapia ocupacional, musicoterapia, dança sênior, bingo, pintura e, em uma delas, teatro. As casas, no geral, não promoviam passeios com os internos. Apenas uma declarou que saía com os mais autônomos, em locais próximos à Lagoa da Pampulha. Os valores mensais por idoso internado variavam entre R\$3500,00 (para quartos coletivos com até três pessoas) e R\$7.500,00 (para quartos individuais). Poucos idosos estavam numa condição mais ativa nos momentos das visitas. Em duas casas visitadas, foi relatado que apenas um dos idosos internados tinha autonomia para sair sozinho.

As casas apresentavam uma boa infraestrutura e contavam com profissionais de nutrição e da área de enfermagem que auxiliavam no cuidado com os idosos. Mas o que se percebeu é que muitos passavam o tempo em suas cadeiras de descanso, sem muitas atividades relacionadas às práticas educativas que imaginava-se encontrar. Em uma das casas, a proprietária disse que a biblioteca seria montada a partir da doação de livros, a qual foi proposta por um interno recém-chegado. Como não havia salas de informática nesta casa, um idoso, que estava habituado a usar o computador em sua residência, teve que se adaptar ao *tablet*, ganhado dos filhos, para continuar a usar a internet no espaço. Percebeu-se que as ações nesses espaços privados estavam mais ligadas a cuidados médicos que a propostas mais educativas.

A ILPI pública tratava-se de uma instituição mantida pela Sociedade São Vicente de Paulo, vinculada à Igreja Católica. No lar, foi verificado que a fala da coordenadora frequentemente ligava as ações à ideia de caridade. A coordenadora da instituição descreveu as atividades que realizavam no espaço durante a semana: terapia ocupacional (pintura e recreação – bingo); Educação de Jovens e Adultos (turma externa de EJA de uma escola da Rede Municipal de Educação, da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte); musicoterapia; aulas de educação física; dia da beleza; e reza do rosário (terço) todos os dias. Além dessas atividades, quinzenalmente havia corte de cabelo e, uma vez por mês, ocorria uma atividade espiritual, na qual era exibido um filme sobre a Bíblia. Também, uma vez por mês, recebiam uma companhia de dança que fazia uma apresentação para os idosos. A cada seis meses, realizavam as festas dos aniversariantes do semestre. Durante o ano, faziam festa junina e baile de carnaval. Quando questionada se o lar promovia algum passeio para os idosos, a coordenadora disse que eles saíam para ir à Missa.

Destaca-se nessas visitas que as imagens que os *sites* das instituições privadas apresentavam não condiziam com a realidade verificada. Na maioria dos casos, trata-se de casas nas quais os idosos exerciam atividades básicas, como em uma ILPI pública, e não se percebeu esses locais como espaços em que se destacavam as práticas educativas. A percepção foi de que eram lugares pensados para que os idosos fossem levados pelas famílias para serem cuidados, muito mais em relação às doenças ou às suas limitações, que espaços que tivessem uma concepção da educação, como promotora de qualidade de vida nessa fase da vida.

As aulas de musicoterapia, por exemplo, são realizadas nessas instituições com alguém tocando algum instrumento para os idosos assistirem. Não houve, em nenhuma das ILPIs visitadas, uma aula de música em que eles tivessem a oportunidade de tentar tocar algum instrumento. Percebe-se que esses espaços ainda não têm a educação como um elemento que possa contribuir para a melhoria da qualidade de vida desses sujeitos. As atividades muitas

vezes são realizadas no intuito de passar o tempo ou melhorar as condições motoras apenas. Parecem, muitas vezes, vinculadas a uma representação da velhice na qual se acredita que essas pessoas já estão numa idade e numa condição em que aprender não faça muito sentido.

A impressão que ficou foi a de que, apesar de haver uma distinção entre as classes sociais que frequentavam as instituições privadas e públicas e dos aspectos estéticos das casas, as práticas e a visão de como lidar com os idosos não fossem tão distintas. Também não foram percebidas, na comparação entre aqueles que estavam em instituições privadas e aqueles residentes em instituições públicas, diferenças quanto à satisfação pessoal dos idosos por eles estarem naqueles lugares.

Com isso, a impressão que ficou foi a de os idosos se sentirem em um espaço no qual estivessem por obrigação. Além disso, a situação observada instigou a pensar sobre as condições de pessoas que têm que abandonar suas referências de lar, bem como as marcas identitárias que construíram até o momento de adentrarem nessas instituições, para irem viver em um espaço coletivo, com outras pessoas com as quais não tiveram nenhum contato durante a vida e que, na maioria dos casos, passaram a ter que dividir até mesmo o quarto. A impressão que passava era a de que estavam naqueles lugares vendo outros idosos, por vezes, até mais debilitados e que sabiam que ficariam ali, sem muita perspectiva de mudança, até os seus últimos dias. A realidade desses espaços pareceu muito fria e triste, mesmo que fossem eles uma casa com bela arquitetura.

A literatura debruça-se ainda nas consequências que a institucionalização pode trazer ao idoso, entre as quais o afastamento do convívio social e familiar, exigências de adaptação a uma nova situação, novas rotinas, novos contactos e interações com pessoas que não conhece, o que pode gerar no idoso sentimentos de angústia, medo, revolta e insegurança (Almeida, 2008). Segundo Custódio (2008), o idoso institucionalizado tende a sentir-se triste, só e abandonado, com dificuldades de adaptação a este processo de institucionalização, e mesmo aqueles que parecem integrados, quase sempre manifestam a preferência de permanecer na sua casa. O próprio ambiente institucional desempenha um papel importante na qualidade do processo de envelhecimento, surgindo como um elemento facilitador do envelhecimento. (ALMEIDA e RODRIGUES, 2008 *apud* LOPES, 2010, p. 2)

Outro espaço pesquisado foi o de uma instituição que foi pensada especialmente para ser um local de cursos e para a convivência de pessoas idosas. Tratava-se de um espaço particular no centro de Belo Horizonte. Segundo a proprietária do local, a ideia surgiu após ela ter feito um trabalho de conclusão de curso sobre idosos no seu curso de Terapia Ocupacional. Ela apontou que, desde então, se interessava por esse tema e buscava criar atividades que fossem relevantes para esse público.

O espaço atendia pessoas com 50 anos ou mais e as atividades eram pagas. Para a realização de duas atividades por semana, era cobrada uma mensalidade em torno de R\$400,00 (quatrocentos reais). As pessoas que frequentavam esse lugar eram aqueles idosos que se encontravam numa maior condição de autonomia e que iam aos espaços por conta própria. Lá eram oferecidas atividades como *coaching* para a terceira idade, o qual, segundo a proprietária do espaço “sugere um caminho de autoconhecimento e planejamento para melhorar a autoestima e limitações atribuídas ao processo de envelhecimento”, fisioterapia, pilates, yoga, aulas de canto, danças, teatro, produção literária, tecnologias, oficinas de arte e terapia, oficina de memória, oficina de espiritualidade, além de viagens em grupos e *workshops* de automaquiagem e de empregabilidade na terceira idade.

Esse espaço apresentava como diferencial o fato de ser um local realmente pensado para as pessoas que estavam nessa fase da vida e era notável a preocupação da proprietária em oferecer atividades que fossem significativas para esse grupo de pessoas. Mas o principal fator que nos fez desistir de pesquisar esse espaço se devia ao fato de ser ele um espaço particular, com o valor da mensalidade considerado elevado, se levarmos em conta as condições financeiras da maioria dos idosos do país.

Outra visita foi realizada ao Centro de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferrara (CRPI), localizado na cidade de Belo Horizonte, e, após uma conversa com o orientador sobre os espaços visitados e as impressões tidas em cada um desses lugares, definimos que este seria o local da pesquisa. A escolha se deu em razão do fato de ser ele um local público e gratuito.

O CRPI é destinado a pessoas com 60 anos ou mais, apesar de ter como frequentadores pessoas que ainda não alcançaram essa idade. O espaço oferece diferentes tipos de atividades, tais como teatro, artesanato, dança, aulas de música, oficinas de memória, esporte e Educação de Jovens e Adultos (EJA), atendendo, assim, a perspectiva da pesquisa de verificar diferentes práticas educativas, as quais contemplem um perfil de público mais abrangente que aquele contemplado pela instituição privada.

De acordo com uma publicação do *site* do CRPI (2019), o espaço é um equipamento da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e oferece atividades que têm como foco a “promoção e a defesa dos direitos da pessoa idosa”. Destacam-se, entre seus objetivos, promover atividades de lazer, de cultura e aquelas socioeducativas que busquem a promoção da cidadania e a inclusão da pessoa idosa, levando o idoso à vivência do novo, valorizando sua cultura e promovendo a elevação de sua autoestima, na busca por elevar em quantidade e qualidade as vivências de lazer do idoso, assim como sua participação cidadã, sua interação sociocultural e

afetiva. Além disso, o espaço tem como um de seus compromissos a preservação da identidade do idoso em relação às suas escolhas, criando oportunidades de realização de projetos que foram abortados ou não oportunizados ao longo da vida desses sujeitos.

Para a realização da pesquisa, optou-se pelo método qualitativo, levando-se em consideração as questões e os objetivos deste estudo. Em relação à abordagem qualitativa, Minayo (2010) aponta que pesquisas desse modelo vinculam-se ao estudo dos significados dos fenômenos, os quais podem não ser visíveis e interpretados em observações mais superficiais, sendo necessário, para sua compreensão, traduzir-se em objeto de estudo de um pesquisador. Assim, esse método dedica-se às particularidades das questões e preocupa-se com aspectos da realidade que são imbuídos de significados não passíveis de quantificação. A investigação contou com instrumentos de produção de dados, a saber: a pesquisa bibliográfica, a análise documental, a observação participante e as entrevistas semiestruturadas.

A pesquisa bibliográfica se fez necessária durante todo o período da pesquisa para que se pudesse compreender melhor o que já havia sido produzido sobre a temática e para que se ampliasse o conhecimento sobre os assuntos tratados. Segundo Oliveira (2007), a pesquisa bibliográfica consiste na busca de contribuições de diferentes pesquisadores em relação a determinado objeto de estudo. A pesquisa bibliográfica contribuiu para o aprofundamento teórico e conceitual das unidades de análise, assim como para a compreensão das políticas públicas criadas em prol da pessoa idosa, dos conceitos e das concepções acerca do envelhecimento e da educação. Além disso, forneceu importantes subsídios para as análises das informações produzidas.

Com o intuito de identificar possíveis trabalhos acadêmicos que tratassem de temas relacionados ao objeto dessa pesquisa, ou seja, com o objetivo de “conhecer o já construído e produzido para depois buscar o que ainda não foi feito” (FERREIRA, 2002, p. 259), foi realizada a pesquisa bibliográfica, por meio do levantamento de dissertações e teses, do tipo estado do conhecimento, no banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). A opção de se realizar a pesquisa na BDTD deveu-se ao fato de que essa base de dados contém informações relativas a todas as pesquisas desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação no Brasil, uma vez que seu sistema faz a integração entre os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do país.

A revisão bibliográfica foi feita utilizando descritores que se relacionavam diretamente com o tema da pesquisa. Tomou-se como referência temporal as produções que datavam entre os anos de 2008 e 2020. O recorte temporal teve como base o primeiro ano após a defesa da dissertação da pesquisadora, defendida em 2007. Assim, buscou-se identificar o que havia sido



produzido em relação a essa temática após a defesa do mestrado e durante a pesquisa do doutorado.

Outro recurso metodológico utilizado foi a análise documental. Este recurso possibilitou traçar o perfil dos usuários que frequentam o local, por meio de documentos da secretaria do Centro de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferrara, assim como da análise de *sites* e dos panfletos de divulgação do equipamento e de suas atividades, o que permitiu conhecer melhor os objetivos do equipamento e o que era ofertado por ele. Segundo Chizzotti (2000), considera-se documento qualquer informação que se apresente sob a forma de textos, imagens, sons, sinais, dentre outros, contida em determinado suporte material, seja papel, madeira, tecido ou pedra, e a partir do emprego de variadas técnicas, como impressão, gravação, pintura, etc., além de quaisquer informações orais, como diálogo, exposição, aula ou reportagens faladas, caso transcritas em suporte material.

As observações também se mostraram imprescindíveis para analisar as diferentes atividades oferecidas no CRPI e para verificar os distintos perfis de idosos que as frequentam. As observações auxiliaram na escolha das atividades que seriam o foco da pesquisa, assim como na escolha dos sujeitos que seriam entrevistados. Sobre a observação participante, Minayo (2010) afirma:

A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações e fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, o que há de mais imponderável e evasivo da vida real. (MINAYO, 2010, p. 58).

A definição foi por uma observação participante que se restringia às atividades relacionadas às práticas educativas do Centro de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferrara, não sendo realizadas observações referentes às situações de cunho particular dos participantes da pesquisa. Sendo assim, o papel da pesquisadora seria o que Minayo (2010) aponta como participante observador: “Nessa situação o pesquisador deixa claro para si e para o grupo sua relação como sendo restrita ao momento da pesquisa de campo” (MINAYO, 2010, p. 60).

As observações se dividiram em dois momentos, sendo o primeiro composto pelas observações presenciais, que ocorreram durante o ano de 2019 e se estenderam até a atividade de carnaval 2020, e o segundo constituído pelas observações remotas, realizadas entre os meses de junho e outubro de 2020. Com a pandemia da COVID-19, as atividades do CRPI foram

suspensas em meados de março de 2020 e voltaram a partir do mês de junho do mesmo ano, mas de forma remota.

Quanto às observações presenciais, inicialmente elas foram realizadas nas aulas da EJA, de Voz e Violão, de pintura em tecido, de Teatro, de pintura em tela, de dança sênior, de dança cigana, de canto coral, assim como em atividades esportivas, tais como Vida Ativa e Academia da Cidade. Foram realizadas observações em atividades mais livres, como tricô, buraco e tarde dançante. Além dessas práticas educativas que aconteciam em horários fixos durante a semana, foram observadas algumas atividades extras que aconteceram durante esse período, no equipamento, como as Rodas de Conversas envolvendo temas relacionados à longevidade e os eventos comemorativos, como aquele do aniversário do CRPI, a Semana de Valorização da Pessoa Idosa, a festa de encerramento das atividades do ano de 2019 cujo tema foi “EnvelheSer em BH” e um baile de carnaval, ocorrido em 2020.

Também foi observada a oficina de troca de saberes intergeracionais que acontecia entre os estudantes do ensino médio do Colégio Padre Eustáquio e alguns idosos que frequentam o CRPI. Esses encontros buscavam promover a integração e a troca de experiências e de conhecimentos entre diferentes gerações. Eles ocorriam quinzenalmente, alternando os espaços do encontro entre o colégio e o Centro de Referência.

Após as observações das mais diversas atividades ofertadas no equipamento, decidiu-se acompanhar mais de perto quatro atividades: Teatro, Canto Coral, Voz e Violão e a turma de Educação de Jovens e Adultos. A escolha inicial da EJA se deveu ao fato de ser a oferta de um processo educativo escolarizado, diferentemente das outras propostas do CRPI, e que poderia trazer alguns elementos interessantes para o resultado da pesquisa. No entanto, no decorrer das observações, por se tratar de aulas muito tradicionais, verificamos que os possíveis resultados não contribuiriam com novidades relevantes, em termos científicos, para a área da educação, em especial para a área da educação de jovens, adultos e idosos. As aulas eram realizadas com o foco na alfabetização e no numeramento dos estudantes, mas com relações interpessoais e didáticas muito próximas daquilo que se encontrava em qualquer sala de aula com o perfil de educação tradicional da EJA. Sobre a conceituação do que se compreende por educação tradicional, Rodrigues e Todaro (2021) apontam que:

A educação tradicional prioriza o treinamento técnico como objetivo de aprendizagem. Para tanto, valoriza a aula expositiva, na qual o professor é o transmissor de conhecimentos e sujeito da aprendizagem, enquanto o aluno é o objeto, passivo e receptivo. Segundo Freire (2018c), “Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante.” (p. 80). (RODRIGUES e TODARO, 2021, p. 193).

Não foram observadas relações mais integradas entre as aulas da EJA e as ações que ocorriam no CRPI. A relação mais estreita que havia era entre a turma e a horta comunitária e ela ocorria quando um dos alunos da turma se envolvia com os cuidados da horta e quando acontecia o momento de distribuição da colheita entre os estudantes. Mas, durante as observações, foi possível perceber que poucas atividades se relacionavam ao tema da horta. Às vezes apareciam algumas palavras na atividade do ditado, mas nenhum outro trabalho mais integrador foi realizado, relacionado ao tema da horta ou a outras ações do CRPI. Durante as festas que ocorriam no equipamento no decorrer do ano, a EJA realizava a exposição, em um *stand*, de alguns trabalhos escritos, os quais haviam sido feitos pelos estudantes. Além disso, percebeu-se que não havia muita distinção na forma de trabalho das professoras, em relação à didática, por se tratar de idosos. Por ser uma metodologia muito tradicional, a forma de se trabalhar os conteúdos se assemelhava às aulas tradicionais de qualquer outra turma de alfabetizando, independentemente da idade.

Já as aulas de Voz e Violão, de Canto Coral e de Teatro se mostraram interessantes para o que se buscava com a pesquisa. A relação entre os estudantes e os professores se dava de forma muito próxima e integrada, o que fazia com que as atividades ocorressem com muito interesse por parte dos estudantes e com muita dedicação e entusiasmo por parte dos professores. Os conteúdos trabalhados se relacionavam com temas próprios do envelhecimento, no caso do Teatro, e com repertórios que faziam parte da vida desses sujeitos idosos, ao longo dos anos, no que dizia respeito às aulas de Canto Coral e de Voz e Violão. Entendeu-se que essas aulas promoviam melhorias na vida dos sujeitos que as frequentavam e podiam indicar caminhos sobre como realizar atividades educativas com idosos.

As atividades presenciais das aulas de Voz e Violão aconteciam de segunda a quinta-feira, das 13h às 14h, e aquelas de Canto Coral ocorriam toda sexta-feira, às 9h. As duas atividades somavam o total de 385 estudantes inscritos no ano de 2019. Já as aulas de Teatro, de forma presencial, aconteciam às segundas e terças-feiras, das 15h às 16h, e contaram com um total de 50 inscritos no ano de 2019. As turmas das atividades investigadas eram divididas entre iniciantes e avançados.

A partir da escolha das atividades a serem pesquisadas, as observações nessas turmas se tornaram mais sistemáticas e, assim, definiu-se que os professores dessas atividades também seriam entrevistados. A opção pela entrevista com roteiro semiestruturado tem teve como justificativa o fato de este tipo de proposta apresentar questões previamente elaboradas pelo pesquisador visando orientá-lo, mas que o permitia realizar adaptações e incorporações de

perguntas que se fizessem necessárias no decorrer da entrevista, conforme afirmam Lüdke e André (2013).

Dessa forma, foram entrevistados, de forma presencial, a professora de Teatro e o professor de Voz e Violão que também era quem estava à frente das aulas de Canto Coral. A professora de Teatro trabalhava no CRPI há nove anos, sendo professora efetiva das Redes Municipais de Educação de Contagem e de Belo Horizonte. Encontrava-se cedida por ambas as secretarias municipais de educação para trabalhar no CRPI. A professora possuía vasta experiência com teatro, já tendo atuado, dirigido e produzido peças, além de ter sido diretora de importantes teatros da Capital Mineira.

Já o professor de Canto Coral e Voz e Violão era funcionário do CRPI há seis anos, tendo sido contratado por meio do recrutamento amplo, em função de sua experiência musical e da atuação à frente dessas atividades. Ele possuía formação musical e em teologia. Havia gravado diversos álbuns durante sua carreira como músico e cantor, tendo recebido alguns prêmios por suas produções artísticas.

A experiência destes profissionais e a qualidade dos trabalhos realizados, qualidade esta percebida a partir das observações feitas, foram fundamentais para a escolha tanto das atividades a serem pesquisadas quanto dos professores a serem entrevistados. Além disso, contemplavam diferenças em relação aos quesitos gênero e formação inicial, já que a docente tinha formação pedagógica e o docente não. Foi entrevistado o coordenador do CRPI, de forma presencial, pois naquele momento ainda não vigoravam protocolos sanitários.

Em relação aos idosos, a escolha dos entrevistados contemplou homens e mulheres, com faixas etárias distintas dentro do que se estabelece como idosos. Entre os entrevistados, estavam pessoas com idades entre 67 e 95 anos, que participavam das atividades escolhidas para a pesquisa. A intenção em se abranger um espectro mais amplo em relação à idade dos idosos pesquisados justificou-se para que se tivesse uma visão mais ampliada da perspectiva do que esses sujeitos percebiam como diferenças em suas vidas, a partir das práticas das atividades estudadas, nas distintas fases do envelhecimento.

Outros fatores levados em consideração para a escolha dos idosos a serem entrevistados diziam respeito à questão de gênero, ao tempo no qual frequentavam as atividades e ainda em relação às suas histórias de vida. Estas últimas contadas por eles mesmos, em conversas informais, ou pelos professores. Além disso, buscou-se por aqueles que se apresentaram como dispostos à participação na pesquisa.

No entanto, apesar dos critérios acima descritos, a escolha dos idosos para participarem das entrevistas se mostrou uma tarefa bastante difícil. A quantidade de idosos que frequentavam

as atividades era considerável e a maioria deles demonstravam interesse em participar da investigação. De acordo com as listas de presença, o número de inscritos nas atividades escolhidas chegava a 435 participantes. Foi definido, então, que, dentre eles, seriam escolhidos os participantes respeitando a diversidade de gênero, de idade, dentro do que se compreendia como pessoa idosa, levando-se em consideração o tempo de participação na atividade e as suas histórias de vida.

Assim, a primeira pessoa escolhida foi uma senhora de 95 anos, sendo ela a estudante mais velha, em termos cronológicos, do CRPI. Tratava-se de uma senhora branca, que participava das aulas de Teatro há dois anos, de forma muito atuante. A segunda escolhida foi uma senhora de 67 anos, negra, que participava tanto da turma do Teatro como das aulas de Voz e Violão. Sua história de vida foi caracterizada por muita luta e determinação. Mesmo com apenas quatro meses de participação nas atividades, já relatava mudanças significativas em sua vida e este foi considerado como um dado significativo.

Para que as entrevistas com as pessoas idosas, com os educadores e com o coordenador do CRPI ocorressem, foi necessária a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por parte de cada um dos entrevistados. As entrevistas foram realizadas entre os meses de novembro e dezembro de 2019, de forma presencial, marcadas com antecedência, e ocorreram nas dependências no próprio CRPI.

No entanto, a situação mundial foi modificada, a partir de meados de março de 2020, com a pandemia de COVID-19, e isso teve reflexos no andamento da pesquisa. As atividades do CRPI foram paralisadas por alguns meses e retornaram, de forma remota, a partir de junho de 2020. A partir das conversas com o orientador, durante o período de paralisação das atividades, decidiu-se entrar em contato com aqueles que haviam sido entrevistados até então para saber como estavam lidando com as condições impostas pelo isolamento social. Assim, foi feito contato, por meio de ligações telefônicas, com os entrevistados. Os professores informaram sobre a retomada das atividades, via aplicativos, e, desde aquele momento, foi solicitado a eles que permitissem a realização das observações de forma remota, já que estas ocorriam quando do período presencial.

O professor de Voz e Violão e de Canto Coral permitiu prontamente as observações e a professora de Teatro pediu autorização aos integrantes do grupo de *WhatsApp* para que esta pesquisadora fosse adicionada, o que foi consentido. A partir de então, iniciou-se as observações participantes pelo *WhatsApp* do grupo Voz e Violão, como também pelo *WhatsApp* do grupo de Teatro. Também foi autorizada a participação da pesquisadora nas aulas de Voz e Violão ocorridas via aplicativos de videoconferência. Assim, foi possível ter acesso ao novo

formato das aulas que vigorou durante o período da pandemia, de forma particular, aquele de exigência de isolamento social.

As aulas de Teatro, que antes aconteciam duas vezes por semana e presencialmente, passaram a ser realizadas por meio de um grupo de *WhatsApp*, todas as terças-feiras, das 14h às 15h. As aulas de Voz e Violão, que ocorriam de segunda a quinta-feira, das 13h às 14h, também de forma presencial, passaram a ser realizadas nesses mesmos dias e horários, mas por aplicativos de reuniões virtuais. Os professores tiveram que se reinventar, buscando novas alternativas, e os estudantes tiveram que se adaptar ao novo formato, sem previsão de volta imediata ao modelo anterior.

Nesse período, não foi possível acompanhar as aulas de Canto Coral. Nas vezes em que se tentou observar a realização dessa atividade, não houve comparecimento dos estudantes. No entanto, muitos participavam das aulas de Voz e Violão. Diante disso, as análises realizadas nesta pesquisa ficaram restritas às atividades das aulas de Teatro e de Voz e Violão. As observações passaram a ser realizadas por meio do *WhatsApp*, no que diz respeito à aula de Teatro, e por meio de reuniões virtuais em aplicativos de videochamadas, com o grupo das aulas de Voz e Violão. No caso das aulas de Voz e Violão, como os estudantes tocavam e cantavam durante as aulas, eles foram tentando encontrar um aplicativo que tivesse recursos audiovisuais melhores para que elas ocorressem. Utilizaram o *Google Meet*, o *Zoom Cloud Meeting* e o *Google Duo* para tanto.

Os formatos adotados pelos professores, para dar continuidade às atividades durante a pandemia, se diferenciaram tanto pelo uso de ferramentas tecnológicas via internet quanto pela metodologia das aulas. No caso do Teatro, a interação se dava por meio de mensagens, as quais eram encaminhadas pelos participantes e pela professora durante os encontros; e nas aulas de Voz e Violão, ao invés de tocarem todos juntos, como no modelo presencial, cada estudante escolhia uma canção para tocar ou cantar e os outros colegas, juntamente com o professor, iam avaliando a execução da música. Dessa forma, as aulas foram se tornando mais individualizadas, o que facilitou conhecer um pouco melhor cada um dos integrantes das turmas e, assim, escolher novos sujeitos para as entrevistas.

Quatro outras pessoas idosas foram escolhidas, a partir das observações remotas. Um dos critérios utilizados foi a frequência durante as atividades no período da pandemia de COVID-19. Nesse caso, foram escolhidos dois homens e duas mulheres. Um deles foi um homem de 72 anos de idade, pardo, que tinha curso superior, era aposentado, participava das aulas de Voz e Violão há dois anos, desde que se aposentou, e que tinha esses encontros como um compromisso diário no período de isolamento social. Sua participação nas aulas remotas foi

tão relevante que, por diversas vezes, o professor o colocou como seu auxiliar para coordenar as atividades.

Uma das senhoras escolhidas tinha 81 anos de idade, era branca e se aposentou como servidora do estado de Minas Gerais. Ela participava das atividades do CRPI há nove anos, praticamente, durante toda a existência desse local público. Essa senhora atuava de forma ativa nas aulas remotas e se mostrava bastante feliz em participar. Fazia questão de se arrumar para as aulas e, algumas vezes, criou personagens, durante os encontros virtuais, para divertir a turma.

O outro homem entrevistado nesse período foi um integrante da turma de Teatro, que se mostrou bastante ativo no período da pandemia, chegando inclusive a criar um canal no *Youtube*, para que realizasse contação de histórias. Tratava-se de um senhor branco, de 83 anos, aposentado e que frequentava o CPRI há um pouco mais de 5 anos, estando matriculado nas turmas de Teatro e de Contação de história na ocasião da pesquisa.

A outra idosa escolhida foi uma senhora de 74 anos, branca, participante da aula de Voz e Violão, que tinha uma história de superação de depressão, a partir da sua participação nas atividades do grupo, e que naquele momento estava responsável pelo contato com outras ILPIs para a realização de apresentações do grupo Voz e Violão naqueles espaços. Ela foi considerada pelo professor como uma secretária do grupo, tendo consigo muitas fotos e memórias de momentos relevantes das apresentações durante seus nove anos de participação nessas aulas.

Assim, foram realizadas ao todo, nove entrevistas, sendo: a primeira, com o coordenador do espaço investigado; a segunda, com a professora de Teatro; a terceira, com o professor de Voz e Violão; e as demais com os seis idosos participantes das atividades pesquisadas. Em alguns momentos do presente texto, serão utilizados relatos de outros participantes dessas atividades que, apesar de não terem sido entrevistados, contribuíram, durante as observações, com questões relevantes para o desenvolvimento da tese. A partir de então, será realizada a apresentação mais detalhada do CRPI, assim como das atividades investigadas e de cada um dos entrevistados. É importante ressaltar que, por questões éticas, os nomes dos participantes da pesquisa, os quais aparecem neste trabalho, são fictícios, buscando-se, assim, preservar a identidade dos sujeitos.

## **1.2 - O campo de pesquisa: O Centro de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferrara (CRPI)**

O Centro de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferrara está localizado no bairro Caiçara, na região Noroeste da Capital Mineira. Trata-se de um equipamento da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, vinculado à Diretoria de Políticas para a Pessoa Idosa, da Subsecretaria de Direito e Cidadania (SUDC), que compõe a estrutura da Secretaria Municipal de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania (SMASAC).

De acordo com o *site* da própria Prefeitura, o equipamento oferta programas, serviços e ações, visando à promoção e à defesa dos direitos da pessoa idosa, por meio de relações transversais entre as políticas sociais, a educação, os esportes, a saúde e a cultura. As ações têm como objetivo promover condições para o envelhecimento mais autônomo, com mais saúde e dignidade, além de favorecer a criação de novas tecnologias, no que diz respeito às abordagens e cuidados com os idosos.

O terreno onde está localizado o CRPI conta com 13 mil metros quadrados e, antes da existência desse equipamento, o espaço abrigava um clube recreativo. Este clube era chamado de Clube Tancredo Neves, razão pela qual o equipamento, até os dias atuais, é conhecido por muitos idosos como “Tancredão”. Após o fechamento dele, houve uma articulação, por parte de grupos de idosos, para que ali se tornasse um local público para a realização de atividades voltadas para pessoas desse grupo etário.

De acordo com Campos (2020), a partir do ano de 2006, coordenadores de grupos de convivência para pessoas idosas, juntamente com a então Coordenadoria de Direitos da Pessoa Idosa, iniciaram, de forma intensa, a busca por um local que seria um espaço de referência para a pessoa idosa na Capital Mineira. As reivindicações junto ao então prefeito de Belo Horizonte, o Sr. Fernando Pimentel, surtiram efeito e, em um evento com cerca de 4 mil pessoas idosas, foi garantida a cessão do espaço para a construção do Centro de Referência da Pessoa Idosa.

Segundo Campos (2020), neste período, chegaram a fundar uma Organização Não Governamental (ONG), que teria como objetivo catalogar e representar os interesses dos grupos de idosos junto ao poder público. No ano de 2008, o então prefeito, o Sr. Fernando Pimentel, por meio da Lei nº 9.575 de 18 de junho de 2008, declarou de utilidade pública a entidade Centro de Referência dos Idosos de Belo Horizonte que levava o nome Centro de Referência dos Idosos de Belo Horizonte Luz e Sabedoria.. No entanto, foi no ano de 2009 que se deu a criação, por meio do Decreto nº 13.595, de 10 de junho de 2009, e a fundação, em 15 de junho de 2009, pelo então prefeito, o Sr. Márcio Lacerda, conforme publicação no Diário Oficial do Município, na data de 16 de junho de 2009.

No período da inauguração, foi realizada a construção de uma área contendo salas para a administração e uma quadra com palco e camarim, sendo todos os espaços com acessibilidade.

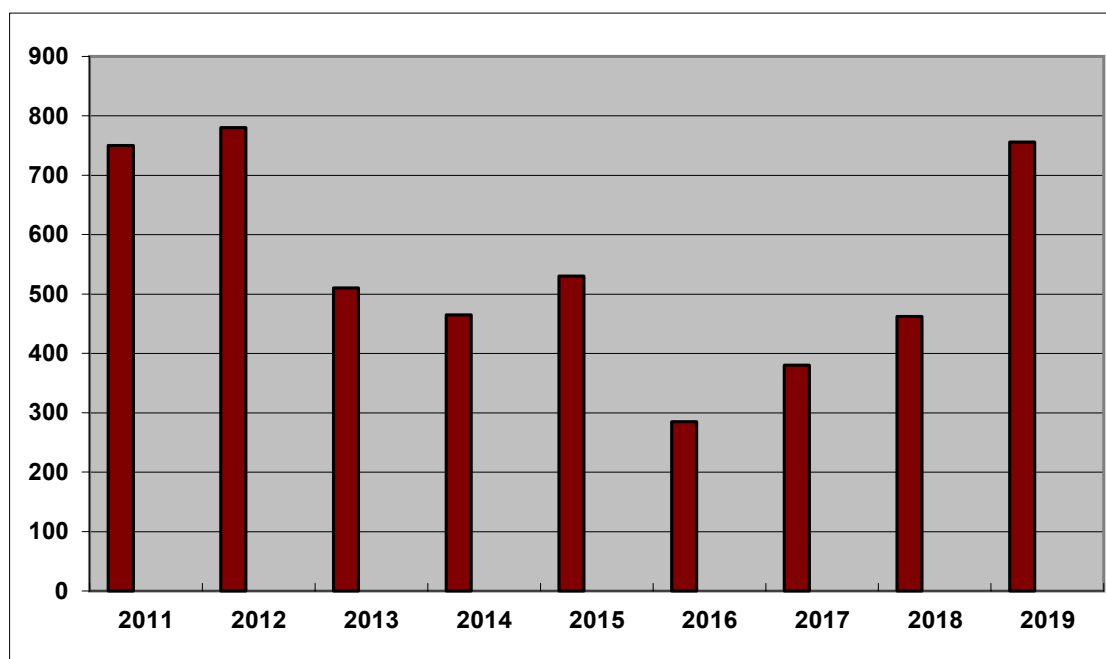


O então prefeito pretendia disponibilizar outras duas quadras e as piscinas do antigo clube. Após obras realizadas no governo do prefeito Alexandre Kalil, foram construídos: uma quadra, anteriormente prometida; um anexo contendo duas salas multiuso; três banheiros, sendo um deles adaptado para pessoas com deficiência; e vestiários, voltados para o atendimento da quadra poliesportiva. Até a conclusão desta pesquisa, as piscinas não foram revitalizadas e liberadas para uso.

A partir de 01 de outubro de 2011, o espaço passou a se denominar Centro de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferrara, por meio da proposta da então vereadora Silvia Helena, como homenagem ao falecido ex-presidente da Câmara Municipal de Belo Horizonte.

No gráfico que segue, é feita a representação do número de atendimentos realizados no equipamento ao longo dos anos de sua existência. De acordo com Campos (2020), não foram localizados nos documentos do CRPI registros dos cadastros ocorridos nos anos de 2009 e 2010.

**Gráfico 01 – Usuários Cadastrados de acordo com o Ano de Exercício**



Fonte: A autora a partir dos dados de Campos (2020).

O gráfico demonstra que, a partir de 2011, o número de atendimentos ultrapassou 700 pessoas. Segundo Campos (2020), esses índices se deram em razão da finalização das obras, após a inauguração, e à maior divulgação do espaço e das atividades ali desenvolvidas entre o seu público-alvo. Houve períodos de queda no atendimento, sendo que, no ano de 2016, o número retrocedeu para menos de 300 atendidos. A partir de 2017, no entanto, o número de atendimentos voltou a crescer.

Campos (2020) defende que o crescimento desses valores se ocorreu em razão das diversas mudanças, as quais incluíram a criação de uma comissão, com representantes dos usuários de diferentes atividades, com o objetivo de garantir um espaço de participação dos idosos no funcionamento do equipamento, assim como aumentar os canais de comunicação entre a gestão e os usuários. Além disso, o autor aponta mudanças, como aquela que aconteceu na realização dos cadastros, que eram feitos de forma manual e que passaram a ser informatizados. Também no momento da acolhida dos idosos, uma vez que, a partir das entrevistas realizadas quando da chegada deles ao CRPI, os servidores passaram a compreender as condições em que essas pessoas chegavam, passaram a conhecer a história de vida delas e a podiam verificar, de forma mais detalhada, se estavam vivenciando alguma situação de vulnerabilidade ou de violações de direitos para, a partir de todos os dados acolhidos, haver a inserção dos idosos nas atividades que escolhessem. Houve, em parceria com o Conselho Municipal do Idoso, por meio do Fundo Municipal do Idoso, a aquisição de novos materiais e, por meio da Secretaria Municipal de Obras, aconteceram a reforma e a construção de novos espaços.

Em relação ao quadro de funcionários, o CRPI contava, na época da pesquisa, com funcionários efetivos, ou seja, servidores públicos da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e com funcionários, via recrutamento amplo, como é o caso do professor das turmas de Voz e Violão. Havia a participação de voluntários na oferta das atividades. Em relação aos servidores, o equipamento contava com um coordenador, três profissionais de assessoria administrativa, uma profissional para apoio aos projetos especiais, um coordenador da área musical, uma coordenadora de artes visuais, uma coordenadora de artesanato, uma coordenadora de artes cênicas, assessoria esportiva e quatro analistas de políticas públicas. Esses coordenadores de área também atuam como professores em algumas das atividades de suas respectivas áreas.

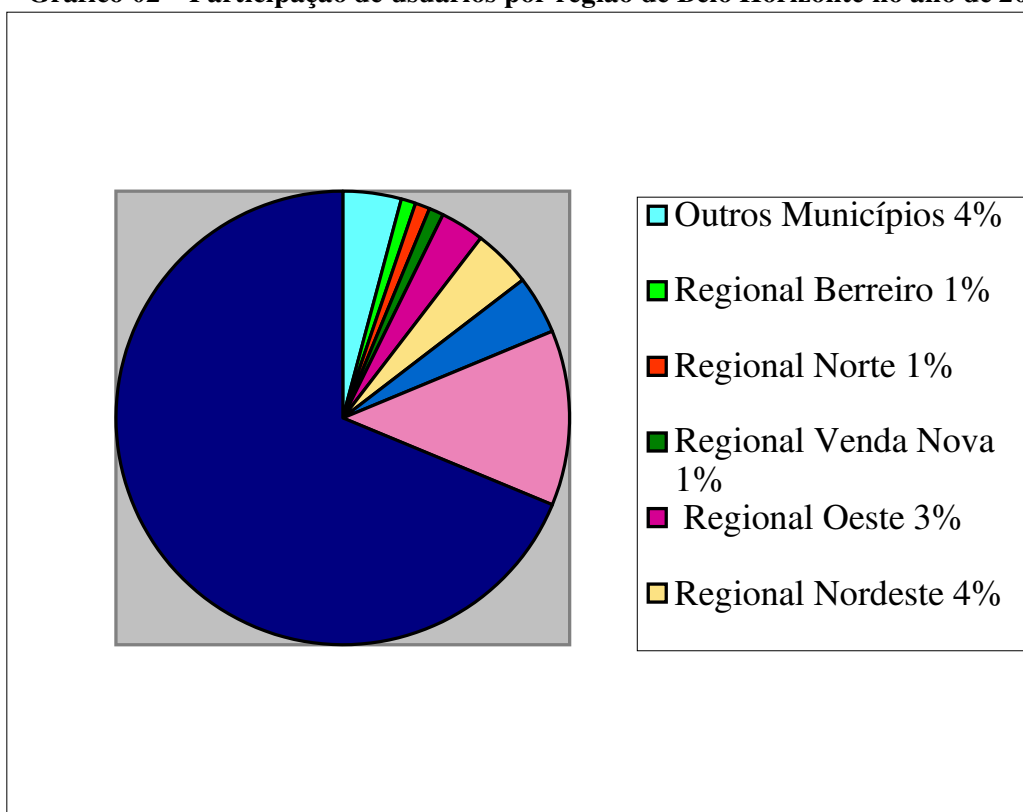
No que diz respeito aos voluntários que atuam no Centro de Referência da Pessoa Idosa, havia parceiros nas atividades de dança de salão, dança cigana, oficina de bijuterias, oficina de artesanato, dança livre e nas aulas de teclado. Estava em vigor a parceria com a ONG Luz e Sabedoria que disponibilizava os músicos para a realização dos bailes, às quintas-feiras, no período vespertino.

Outro aspecto relevante no funcionamento do equipamento municipal em questão era aquele relacionado com a intersetorialidade. De acordo com Campos (2020), a Secretaria Municipal de Esporte e Lazer foi responsável por 26% dos atendimentos ao longo do ano de 2019, com atividades como dança sênior, programa Vida Ativa, *Liang Gong* e caminhada orientada. A Secretaria Municipal de Saúde atuou em 25% dos atendimentos, com o número de

19.004 (dezenove mil e quatro) atendimentos ao longo de 2019, por meio das atividades da Academia da Cidade e da parceria com a Regional Noroeste, nas oficinas do Projeto Saúde em Pauta. Juntas, a Secretaria Municipal de Educação, a Secretaria Municipal de Cultura e a Secretaria Adjunta de Segurança Alimentar e Nutricional totalizaram 3.271 (três mil, duzentos e setenta e um) atendimentos ao longo de 2019, correspondendo a 4% do total, atuando na Educação de Jovens e Adultos (EJA), no teatro, na oficina de contação de histórias, na pintura em tela, na pintura em tecido, nas palestras de apoio e na horta comunitária. A Secretaria Municipal de Educação disponibilizava, no período, duas professoras para atuarem na turma de EJA externa, presente no CRPI, a qual, como já mencionado aqui, tratava-se de uma turma de alfabetização exclusiva para idosos. Esta Secretaria também era responsável pela presença das professoras da rede municipal que estavam cedidas para ministrarem aulas de teatro, pintura em tela e pintura em tecido.

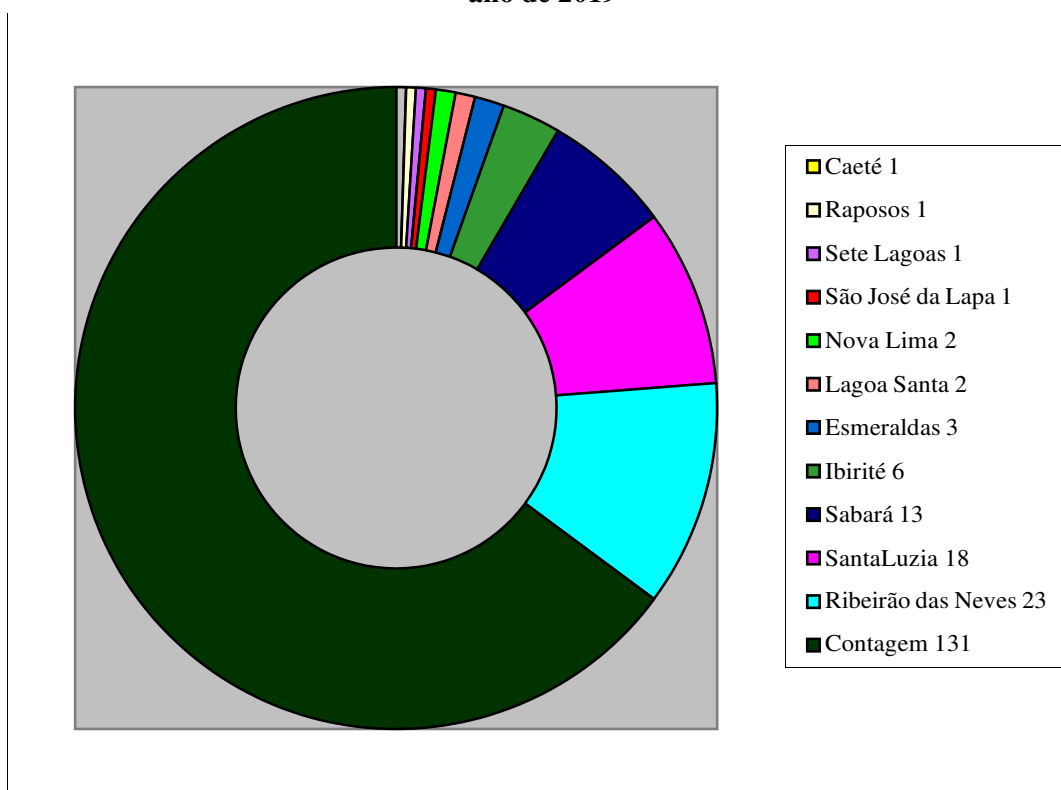
No que tange à origem dos usuários do equipamento, foi possível perceber que havia pessoas vindas de diferentes regionais e até mesmo de cidades da Região Metropolitana de Belo Horizonte. No entanto, havia a predominância de pessoas oriundas da Regional Noroeste, onde se localiza o CRPI. Tal fato poderia ser explicado por haver uma divulgação ainda incipiente nas outras regiões e pela dificuldade de locomoção de idosos entre as regionais, uma vez que a maioria utilizava o transporte público para se locomover e este, apesar de ser gratuito para pessoas acima de 65 anos ainda apresenta problemas em relação à acessibilidade e na forma de condução dos ônibus, que muitas vezes não levam em consideração as possíveis limitações desse grupo etário. Além disso, a própria questão da violência na cidade poderia justificar a menor procura de possíveis usuários provenientes de outras regiões. Seguem os gráficos que representam a origem dos usuários do CRPI na época da pesquisa:

**Gráfico 02 – Participação de usuários por região de Belo Horizonte no ano de 2019**



Fonte: A autora a partir dos dados de Campos (2020).

**Gráfico 03 – Participação de usuários por cidade da região metropolitana de Belo Horizonte no ano de 2019**



Fonte: A autora a partir dos dados de Campos (2020).

Em relação às atividades ofertadas no Centro de Referência da Pessoa Idosa em Belo Horizonte, como mencionado anteriormente, há considerável variedade de opções, as quais estão também aqui representadas. Lá eram contempladas atividades culturais, esportivas, de recreação e aulas regulares de diversas áreas, assim como eram realizadas ações, tais como palestras, rodas de conversa e oficinas com temas relacionados ao envelhecimento. Para que essas atividades acontecessem, o equipamento contava com servidores da Subsecretaria de Direito e Cidadania (SUDC), a qual compunha a estrutura da Secretaria Municipal de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania (SMASAC), na qual o equipamento encontra-se vinculado. Contava também com servidores de outras secretarias municipais, como já mencionado, assim como com o trabalho de voluntários e de ONGs. Abaixo segue uma tabela com as atividades regulares do CRPI.

**Quadro 3** – Atividades regularmente ofertadas no Centro de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferrara no ano de 2019

<b>ATIVIDADE</b>	<b>PERIODICIDADE</b>	<b>HORÁRIOS</b>	<b>VÍNCULO DO(S) RESPONSÁVEL (IS) PELA ATIVIDADE COM O CRPI</b>
Academia da Cidade	De segunda-feira a sexta-feira	7h às 8h 11h às 12h	Servidores da Secretaria Municipal de Saúde
Artesanato	Terça-feira e quinta-feira	8h 30 mim às 9h 30 min	Voluntária
Biodança	Terça-feira	8h30 min	Servidora da Secretaria Municipal de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania
Buraco	Segunda-feira Terça-feira Sexta-feira	A partir de 14h	Usuários do CRPI
Canto Coral	Sexta-feira	9h às 10h	Contratado por recrutamento amplo
Contação de História	Quarta-feira	8h30min às 10h	Professora da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte
Dança Cigana	Sexta-feira	10h às 11h	Voluntária
Dança de Salão	Segunda-feira	10h às 11h	Voluntário
Dança Livre	Quarta-feira	16h	Voluntário
Dança Sênior	Terça-feira Sexta-feira	15h às 16h	Servidores da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer
Educação de Jovens e Adultos (EJA)	Segundafeira a quinta-feira	8h às 10h30min	Professoras da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte
Lian Gong	Terça-feira Sexta-feira	14h às 15h	Servidores da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer
Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF)- Projeto Saúde em Paula (Palestras)	Segunda-feira	13h às 14h	Servidores da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte
Pintura em Tecido	Segunda-feira	14h às 15h	Professora da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte
Pintura em Tela	Terça-feira a quinta-feira	15h às 16h	Professora da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte
	Sexta-feira	10h às 11h	
Tai Chi Chuan da (Academia da Cidade)	Segunda-feira Quarta-feira	7h às 8h 15min	Servidores da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte

<b>ATIVIDADE</b>	<b>PERIODICIDADE</b>	<b>HORÁRIOS</b>	<b>VÍNCULO DO(S) RESPONSÁVEL (IS) PELA ATIVIDADE COM O CRPI</b>
Tarde Dançante	Quinta-feira	13h às 17h	ONG Luz e Sabedoria
Teatro	Segunda-feira Terça-feira	15h às 17h	Professora da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte
Teatro com Grupo Galpão	Quarta-feira	15h às 17h	Parceria com o Grupo Galpão
Teclado	Terça-feira	10h às 11h	Voluntário
	Sexta-feira	15h às 16h	
Tricô	Terça-feira Quarta-feira	14h às 15h	Usuários do CRPI
Troca de Saberes	Quinzenalmente	14h às 17h	Parceria entre CRPI e Colégio Padre Eustáquio
Vida Ativa	Segunda-feira e Quarta-feira	14h às 15h	Servidores da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer
	Quinta-feira	8h às 9h	
Voz e Violão	Segunda-feira a quinta-feira	13h às 14h	Contratado por recrutamento amplo

Fonte: Própria autora (2019)

Como se pode perceber, tratava-se, na época, de um equipamento com considerável número de atividades, as quais eram realizadas de forma regular, majoritariamente, com frequência semanal, estando disponíveis para as pessoas idosas da Capital Mineira e das cidades da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Além das atividades acima elencadas, que possuíam uma periodicidade predefinida, o equipamento ainda contava com palestras, oficinas e outras ações vinculadas ao direito, à cidadania, à saúde e ao bem-estar do idoso, que ocorriam durante o ano, de forma esporádica. Essas atividades eram ofertadas por órgãos públicos, como a própria Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, por meio de suas secretarias e do Conselho Municipal do Idoso, por Grupos de Convivência, assim como por ONGs ligadas às questões do envelhecimento. Durante o ano de 2019, ainda ocorreram atividades ligadas à horta comunitária, caminhadas orientadas e foram iniciadas as aulas de informática.

As atividades desenvolvidas pelos idosos no CRPI promoviam ações para além dos muros do equipamento. A coordenação de artes visuais, por meio das aulas de pintura em tela,

realizou exposições com o tema “Mulheres do Mundo”, com 22 (vinte e duas) telas em acrílico, de autoria das alunas do curso. As exposições ocorreram no Minas Tênis Clube, na Secretaria de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania (SMASAC) e na USIMINAS. A proposta apresentada na época para os idosos que participavam da ação foi a elaboração de quadros inspirados em personalidades femininas do mundo todo, a partir de um projeto iniciado pela então professora, em fevereiro de 2018. Segundo Campos (2020), o trabalho foi realizado a partir da pesquisa e da identificação bibliográfica das personagens que seriam retratadas. Esse projeto possibilitou “elaborar a construção bibliográfica das artistas idosas, potencializando o reconhecimento de suas habilidades e identidade” (CAMPOS, 2020, p. 43).

No próximo tópico serão apresentadas as atividades investigadas na pesquisa. A intenção é trazer, a partir dessas descrições, mais elementos para a compreensão acerca dos dados analisados.

### **1.3 As práticas educativas analisadas**

#### *1.3.1- Aula de Teatro*

As aulas de Teatro do CRPI aconteciam, no período anterior à pandemia da COVID-19, às segundas-feiras e às terças-feiras, das 15h às 16h, em turmas distintas para iniciantes e veteranos, em uma das salas de aula do espaço multiuso. As cadeiras eram dispostas em forma de círculo e a professora ficava no centro coordenando as atividades. Em todas as aulas presenciais, eram realizadas chamadas, a partir da lista de presença. As turmas contavam com uma média de 20 participantes, em sua maioria, composta por mulheres.

Após a professora propor as atividades, os estudantes que iam representar algum papel na peça, a qual se ensaiava naquele momento, vinham à frente do círculo, para realizar tal ensaio. Durante estes ensaios, a professora estava sempre atenta aos detalhes, a saber: entonação de voz, postura e desempenho dos papéis. Ela sempre contribuía com a representação a ser feita dando aos idosos mais elementos para que desempenhassem bem o papel de seus personagens. Os demais idosos participavam dando sugestões de como melhorar o desempenho dos colegas em cena.

Durante uma aula, havia ensaios de mais de uma peça, o que fazia com que vários idosos participassem ativamente. As histórias narradas nestas peças eram, muitas vezes, de curta extensão, o que facilitava tanto a memorização das falas como a possibilidade de rodízio entre os espetáculos a serem ensaiados.



Além de ensaios de peças com as quais os idosos já estavam familiarizados, as aulas também eram momentos para que se realizassem atividades ligadas ao corpo e à memória. Além disso, aconteciam momentos de construção coletiva de esquetes, como foi o caso das apresentações sobre acidentes domésticos, as quais foram realizadas no Parque Municipal de Belo Horizonte e no Hospital João XXIII.

No caso dos esquetes, a professora perguntou quem desejava participar das apresentações e se estes idosos poderiam comparecer nos espaços e nas datas preestabelecidas. Aqueles que se prontificaram a participar foram à frente do círculo. A professora explicou a ideia que tinha em mente e pediu que eles criassem cenas pequenas que remetessem às situações perigosas relacionadas a acidentes domésticos, como se queimar com ferro de passar, esquecer panelas com fogão ligado, entre outras. Assim, eles mesmos criavam suas falas e apresentavam suas partes. A professora e os outros estudantes iam dando palpites, até chegarem à versão definitiva, a qual configurou a apresentação.

As pessoas que participavam das aulas se constituíram como um grupo de teatro. Este grupo, assim, foi formado a partir destas aulas de Teatro, com todos os alunos que as frequentavam, e recebeu o nome de Grupo de Teatro Sementes. Era com este nome que o grupo se apresentava em diversos espaços da cidade de Belo Horizonte. Para realizar as apresentações, normalmente, os idosos usavam um uniforme que era composto por uma blusa de malha preta, contendo o nome do grupo, e uma calça preta.

As apresentações surgiam a partir de convites vindos de diversas instituições para o grupo. As idas para as apresentações se davam por meio de carros oferecidos pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, os quais tinham como ponto de partida o CRPI. Alguns idosos acabavam indo por conta própria, em alguns casos, por considerarem a distância entre a sua residência e o local do espetáculo mais próxima, se comparada àquela necessária ao deslocamento até ao CRPI. Em outros casos, iam por conta própria porque não havia espaço para todos nos carros oferecidos pela prefeitura.

Uma das peças apresentadas em 2019 foi a intitulada “A Tinta e o Pincel do Tempo”, que apresentava um diálogo entre uma adolescente e pessoas idosas, com seus cabelos brancos. A peça destacava a consciência da sabedoria, a qual era alcançada com a vivência ao longo do tempo de vida, e foi apresentada em um teatro de Belo Horizonte, como também no CRPI. Ainda no ano de 2019, ocorreram apresentações nas regionais administrativas de Belo Horizonte, com o intuito de sensibilizar famílias acompanhadas pela assistência social, em contexto de supostas violações de direitos das pessoas idosas. Para estes espaços, o espetáculo intitulado “Sete malas e uma poesia” foi o escolhido. A peça teatral apresentava sete cenas diferentes entre si, que

tinham como ponto central os conflitos, os desrespeitos e os abusos por parte de familiares com as pessoas idosas.

Com a chegada da pandemia da COVID-19, as aulas foram remodeladas, como já mencionado. Passaram a ocorrer, de forma remota, por meio do *WhatsApp*, às terças-feiras, das 14h às 15h. O grupo de *WhatsApp* já era utilizado como ferramenta para comunicação entre a professora e os estudantes, mas passou a ser o canal que viabilizou os encontros semanais durante a pandemia.

No encontro semanal de uma hora, havia diferentes momentos de troca de mensagens e vídeos. A professora sempre iniciava a aula com um vídeo, o qual contivesse uma mensagem de esperança. Logo após, encaminhava outro vídeo contendo a proposta da aula do dia, a qual poderia ser, por exemplo, a elaboração e a apresentação de uma poesia, na qual houvesse as iniciais do próprio nome; a apresentação de seu bicho de estimação; ou a fala sobre uma brincadeira da infância. Os estudantes participavam mandando fotos e mensagens sobre a proposta.

Em seguida, a professora fazia a atividade denominada “Qual é a música?”. Nesta proposta, ela encaminhava vídeos nos quais ela aparecia tocando partes de cinco diferentes músicas no piano e os estudantes deveriam dizer o título da canção. As pessoas participavam, por meio de áudios, nos quais, não raras vezes, cantavam as canções tocadas pela professora. Em determinados momentos, os próprios idosos começavam a brincar enviando áudios com charadas para o grupo tentar adivinhar.

Além disso, a professora encaminhava vídeos que continham algum conteúdo relacionado às artes cênicas e comentava com os estudantes sobre as técnicas e a importância das artes. As aulas finalizavam com um vídeo da professora se despedindo apresentando novamente uma mensagem de esperança e alguma proposta de atividade para ser realizada na aula seguinte.

Durante os meses de acompanhamento das aulas remotas de Teatro, destacaram-se três situações importantes. A primeira foi a criação de uma personagem, por parte de uma idosa, para participar das aulas *on-line*. Aureliana<sup>3</sup> fazia uma voz mais fina e brincava com as pessoas durante as aulas, dizendo ser uma bonequinha. Ela foi denominada pela professora de Boneca Pandêmica. A bonequinha participava de todas as aulas e brincava com os colegas.

---

<sup>3</sup> Aureliana não fez parte do grupo de idosos selecionados para a entrevista. No entanto, acredita-se que sua participação nas atividades remotas, em especial, ao criar uma personagem, merece ser destacada nesse trabalho. Trata-se de uma idosa que participa ativamente das atividades do Teatro, inclusive durante as atividades desenvolvidas remotamente.

Outra situação interessante foi a produção de vídeos caseiros, com interpretações, músicas e personagens criados pelos estudantes durante o período do isolamento social. Durante as aulas, alguns enviavam monólogos que eles encenaram em casa, como também danças, poesias e até uma marchinha de carnaval sobre os idosos.

Um momento de destaque foi a elaboração de um videoclipe para a música “Aprendendo a dizer não”. Ela trata dos abusos, relacionados a questões financeiras, sofridos por idosos, como, por exemplo, envio de cartão de créditos, ofertas de empréstimos consignados, membros da família que pedem dinheiro, etc. Para a elaboração do clipe, a professora encaminhou a música para cada um dos participantes das aulas. No momento da aula, ela explicou a proposta e deu exemplo de algumas cenas que os idosos poderiam realizar em casa para compor o clipe. Nas aulas seguintes, os estudantes foram enviando suas ideias e a professora, juntamente com os demais colegas, iam dando sugestões de melhorias. Depois dos vídeos prontos, a professora encaminhou para a edição e no final o videoclipe foi disponibilizado no *YouTube*. Este videoclipe<sup>4</sup> foi uma iniciativa do Instituto de Defesa Coletiva e, segundo o *site* da instituição, a música é da compositora e cantora Rê Minera, tendo contado com a produção artística da professora de Teatro do CRPI e com a participação do Grupo de Teatro Sementes. Ainda segundo o mesmo *site*, “A iniciativa integra o projeto ‘Crédito Consciente para Idosos’, desenvolvido pelo Instituto Defesa Coletiva, com o intuito de educar as pessoas idosas para um consumo consciente e saudável, bem como para a prevenção e tratamento do superendividamento”

No entanto, há que se destacar que nem todos os estudantes matriculados participaram das aulas remotas. Era comum que o mesmo grupo, que girava em torno de dez pessoas, participasse ativamente e de forma frequente das aulas no *WhatsApp*. Alguns participavam esporadicamente e outros não participavam. Alguns deles, por não terem acesso à tecnologia utilizada ou não saber utilizá-la. Este foi o caso de duas entrevistadas, uma que era aluna apenas do Teatro e outra da turma de Teatro e de Voz e Violão. Durante o contato realizado com elas para saber como estavam no período de isolamento social, as duas afirmaram que não sabiam utilizar o *smartphone* para que pudessem ter contato com os professores e com os outros colegas por meio dos aplicativos. Mas os professores entravam em contato com elas por meio de ligações telefônicas de vez em quando, para manter o vínculo. A filha de uma delas chegou a enviar vídeo para sua participação no videoclipe citado anteriormente.

---

<sup>4</sup> O videoclipe pode ser acessado pelo link: <<https://www.youtube.com/watch?v=wdI0JKriKZ4>>

As aulas de Teatro promoviam ações de integração e de desenvolvimento da criatividade dos idosos que delas participavam. Além disso, eram momentos de descontração, construção de laços sociais de amizade e fomentavam ações de reativação da memória, desinibição e melhoria da autoestima dos idosos, conforme apresentavam os dados produzidos.

### *1.3.2 – Aula de Voz e Violão e Canto Coral*

As aulas de Voz e Violão aconteciam, antes da pandemia, de segunda-feira a quinta-feira, das 13h às 15h, em uma das salas multiuso do CRPI, em turmas separadas, de acordo com o desenvolvimento e a aprendizagem. As turmas contavam com uma média de 30 participantes, tendo como maioria alunas do sexo feminino. A partir da metade de 2019, a turma de novatos recebeu duas estudantes cegas.

Já as aulas de Canto Coral aconteciam às sextas-feiras, às 9h. A turma utilizava uma das salas multimídias. As aulas contavam com uma média de 35 participantes, sendo a maioria do sexo feminino. Na turma, existia uma estudante cega, que era levada por um filho que a acompanhava durante as aulas.

No caso das aulas de Voz e Violão, os estudantes tinham vinte e dois violões que ficavam à disposição para o uso. Dez destes instrumentos foram adquiridos por meio de doação e os outros doze vieram por meio de verbas da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Os violões ficavam no CRPI. Os idosos que iam avançando na aprendizagem e apresentavam condições financeiras para tanto, acabavam adquirindo seu próprio instrumento, assim, poderiam continuar treinando.

Nas aulas de Canto Coral, além da aprendizagem das canções a serem cantadas, havia a preocupação do professor em desenvolver o ritmo e a parte motora dos estudantes. Era comum, durante o período em que cantavam músicas mais animadas, que cada estudante tivesse nas mãos dois pedaços de cano, os quais deveriam bater um no outro, para seguir o ritmo da música e, ao mesmo tempo, se exercitar. O professor afirmava que a intenção era fazer com que aprendessem ritmo, aguçassem os ouvidos e movimentassem o corpo durante as aulas.

Tanto as aulas de Canto Coral quanto aquelas de Voz e Violão eram lecionadas pelo mesmo professor, como já mencionado aqui. Com isso, as apresentações realizadas eram sempre feitas em conjunto. O professor elaborou um projeto que foi apresentado na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte com as propostas das atividades cujo título era “Despertando Talentos da Maturidade”.

Como as turmas eram numerosas, o professor contava com o auxílio de estudantes mais experientes para dar suporte aos recém-chegados. Além de facilitar a aprendizagem, o contato entre eles aumentava os laços de amizade entre os participantes. Eles aprendiam músicas populares e de serestas que já fizeram parte de seus cotidianos durante a vida. Além disso, eram criadas algumas apresentações especiais que contavam com as sugestões dos estudantes.

No caso das aulas de Voz e Violão, para os iniciantes, o professor entregava alguns materiais didáticos<sup>5</sup> para facilitar a aprendizagem acerca de como tocar o instrumento. Além disso, havia um texto que falava sobre gêneros musicais. O professor exemplificava durante as aulas, representando cada nota musical com os dedos, e ia realizando questionamentos sobre o conteúdo apresentado e sobre os gêneros musicais que havia na apostila entregue.

Além disso, as turmas dos novatos recebiam o apoio dos mais experientes. O professor pedia para aqueles que podiam e que já tinham um conhecimento mais aprofundado sobre como tocar violão, para que o auxiliassem. Assim, ele dividia a turma em grupos, com dois ou três iniciantes por veterano, o qual deveria ir acompanhando a afinação do violão pelos primeiros e as posições dos dedos no instrumento. Enquanto isso, o professor ia passando nos grupos e auxiliando no processo de aprendizagem. Os alunos possuíam pastas com as letras e as cifras das músicas que ficavam em um pedestal, na frente de cada um, na hora que fosse necessário tocar e cantar as canções.

Nas turmas dos mais experientes, era comum o professor pedir que uma dupla fosse ao centro da sala para tocar uma música para a turma toda. Ocorria de o professor dividir a turma em duplas e pedir que fizessem apresentações sobre um determinado ritmo. Na apresentação, os estudantes precisavam falar sobre o ritmo e executar canções referentes a ele. Assim, os idosos se envolviam com o aprendizado de ritmos, se dedicam a aprender para tocar para a turma e ainda desenvolviam habilidades de pesquisa, formas de desinibição, como também fortaleciam os laços de amizade entre eles.

Em diversos momentos observados, seja em aulas de novatos ou veteranos, o professor sempre incentivava a aproximação entre os colegas, as trocas de conhecimentos e o fortalecimento da amizade entre eles.

As turmas que compunham as aulas de Voz e Violão e de Canto Coral realizavam apresentações pela cidade de Belo Horizonte e pela Região Metropolitana da Capital Mineira. Eram convidadas para tocarem em inaugurações, eventos comemorativos e em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Em 2019, realizaram 37 (trinta e sete) apresentações

---

<sup>5</sup> Os materiais elaborados pelo professor para as aulas de Voz e Violão encontram-se no anexo 2.

em locais externos. Somente em ILPIs, nesse mesmo ano, ocorreram apresentações em 14 instituições diferentes, segundo Campos (2020). Além dessas apresentações fora do CRPI, as turmas de Voz e Violão, assim como aquelas do Canto Coral, realizaram apresentações em eventos, ocorridas no próprio Centro de Referência. Foram feitas apresentações nas festas relacionadas às datas comemorativas, tais como a celebração do dia internacional do idoso e as ações de fechamento de semestre.

Além disso, no ano de 2019, a coordenação musical, por meio do professor Daniel, elaborou uma produção artística denominada “A Era de Ouro do Rádio”, contando com a participação dos usuários do CRPI, dos grupos de convivência e das ILPIs. O público do espetáculo chegou a 1.200 (um mil e duzentas) pessoas, de acordo com Campos (2020). Nesse dia, houve apresentação de teatro do Grupo Sementes, representando trechos da novela “O direito de nascer” e os estudantes das turmas de Voz e Violão e de Canto Coral se apresentaram representando os artistas da época da era do rádio, cantando e tocando ao vivo.

Para realização da atividade, o professor realizou, juntamente com os estudantes, pesquisas sobre a história do rádio no Brasil, sobre os artistas da época e as músicas mais tocadas no período. O professor levou os estudantes das turmas para visitarem o Museu da Imagem e do Som, como parte da proposta pedagógica de conhecerem melhor sobre a época que seria representada no referido espetáculo. Houve um significativo envolvimento dos estudantes na proposta. Alguns se apresentaram cantando ao vivo, individualmente, em duplas e até em trios, representando cantores da época, e outros se apresentaram como personagens famosos do período. Entre as personalidades representadas, estavam: Hebe Camargo, Chacrinha e o presidente Getúlio Vargas. Como cantores, foram representados: Maísa, Cauby Peixoto, Cascatinha e Inhana, Aracy de Almeida, Emilinha Borba, Nelson Gonçalves, Dalva de Oliveira e Marlene. Além disso, um trio composto por três senhoras cantou a música “As mocinhas da cidade”. Todos estavam vestidos de forma que representavam os personagens. As roupas foram providenciadas pelos próprios estudantes. Houve um grande envolvimento dos idosos no espetáculo.

As apresentações externas dos estudantes das turmas de Voz e Violão e de Canto Coral foram muito significativas para eles. Durante as entrevistas, ficou evidente o quanto tais apresentações os faziam sentirem-se úteis e valorizados socialmente. Falavam com grande alegria sobre poder tocar para outras pessoas e levar alegria aonde iam.

Com a pandemia da COVID-19, as aulas foram remodeladas e as apresentações tiveram que ser suspensas. Como mencionado, as aulas passaram a ocorrer, de segunda-feira a quinta-feira, das 13h às 14h, de forma remota, por meio de aplicativos de videoconferências. Durante

o período de isolamento social, o grupo foi testando alguns aplicativos, buscando ver qual/quais seria(m) mais adequado(s) para as aulas, a fim de evitarem muitos ruídos e possibilitarem a transmissão de uma imagem mais nítida.

Nas aulas de Voz e Violão, anteriormente, o professor propunha que tocassem determinada música, que constava nas pastas de letras e cifras, e todos o acompanhavam. A partir dos encontros realizados por meio de aplicativos de videoconferência, o formato da aula mudou. Cada estudante escolhia uma música para tocar e os outros assistiam. Após tocarem, eles conversavam com o professor e entre os colegas sobre a forma como a canção foi executada e o que precisava ser melhorado. Alguns alunos participavam apenas cantando canções. Era o caso de alguns que não sabiam ainda tocar bem o violão, ou daqueles que, naquele tempo, apresentavam alguma limitação nas mãos. Os estudantes da turma de Canto Coral também participavam das aulas nesse formato e em conjunto com aqueles de Voz e Violão.

O número de estudantes que participava das atividades remotas era sempre muito inferior ao quantitativo daqueles que participavam das atividades presenciais. Inicialmente, as aulas contavam com a participação de uma média de 15 estudantes. Com o passar dos meses, a participação foi reduzindo. Segundo o professor, isso se devia ao fato de alguns não se adaptarem ao formato, outros estarem em sítios ou regiões onde a internet não funcionava adequadamente e ainda, em alguns casos, por não saberem utilizar as ferramentas usadas e não terem por perto quem os oferecesse suporte para tanto.

Durante o período da pandemia da COVID-19, o professor, a professora de Teatro e o coordenador do CRPI chegaram a ir até a porta de alguns idosos que não estavam conseguindo participar das atividades e realizaram serestas para alegrá-los e para manter o vínculo com esses sujeitos.

Aqueles que participavam das atividades remotas tinham as aulas como um momento para reverem os colegas, para brincarem entre si, tocarem e cantarem músicas, como também para que pudessem espairecer a mente. Muitos falavam durante as aulas da alegria de poderem rever os colegas e de ocuparem o tempo com a atividade. Uma das estudantes chegou a agradecer o professor por retirá-la da solidão durante o período de isolamento social. Ela estava isolada em casa, apenas com uma filha, e via os familiares por vídeos.

Era comum ver as pessoas bem arrumadas para as aulas remotas. As mulheres faziam questão de passar batom e usar acessórios. O professor sempre fazia questão de elogiar cada

uma delas. Além disso, duas senhoras, Cátia e Ângela<sup>6</sup>, começaram a se fantasiar e a brincar com os colegas durante as aulas. Elas sempre apareciam com adereços diferentes. As duas combinavam antes das aulas qual seria o tema do dia. Fantasiaram-se de ciganas, de homens, com roupas de festa junina e outras mais. No período do Natal, uma delas vestiu-se de Papai Noel e a outra de Mamãe Noel. Cada uma, em sua casa, fez um vídeo com uma mensagem para os colegas sobre o Natal e encaminharam no grupo de *WhatsApp*.

As aulas de Voz e Violão e aquelas de Canto Coral representavam momentos de alegria na vida dos estudantes idosos. Para alguns, elas significavam a realização de um sonho que estava adormecido - aprender a tocar um instrumento ou a cantar, para outros, tornavam-se um espaço de convivência e de novas aprendizagens. Os estudantes destacavam bastante a figura do professor descrevendo-o como alguém que conseguia lhes oferecer muito aprendizado e ao mesmo tempo muita atenção e carinho. O perfil do professor promovia uma grande integração entre os participantes e despertava o protagonismo dos idosos para a realização das atividades propostas.

#### **1.4 Os participantes da pesquisa**

A pesquisa foi realizada a partir das observações participantes e das entrevistas semiestruturadas. No processo de análise das informações, decidiu-se por utilizar alguns trechos das falas de alguns idosos, as quais foram realizadas ao longo das atividades, para corroborar com as análises. Assim, no decorrer do texto, aparecem algumas citações de pessoas idosas, as quais, apesar de não terem sido entrevistadas, tiveram uma participação importante durante o período de observação, o qual será apresentado de forma breve neste subitem.

Áurea era uma senhora com 90 anos no ano de 2020, a qual participava das atividades de voz e violão, também durante a pandemia e nesta investigação foi decidido utilizar uma de suas falas, ocorrida durante uma reunião para avaliação sobre a comemoração dos oito anos do grupo Voz e Violão, quando ela se pronunciou defendendo o uso do termo aula para designar as atividades desenvolvidas.

Greice também não foi entrevistada. No entanto, acredita-se que o relato de Greice, em uma das atividades observadas, seja relevante para as análises aqui propostas. Foram utilizados os relatos de Greice, ao se tratar do uso do termo aula e ainda para discutir a percepção dos

---

<sup>6</sup> Ângela não foi entrevistada para a pesquisa, mas foi uma aluna frequente e muito participativa nas aulas de Voz e Violão. Diante de sua atuação durante as aulas remotas e suas composições musicais no período da pandemia da COVID-19, foi considerado pertinente e interessante trazer suas contribuições.



idosos em relação às apresentações realizadas no espetáculo “A Era de Ouro do Rádio”. Tratava-se de uma senhora que participa ativamente das aulas de Voz e Violão. Ela estava com 73 anos, no ano de 2020, e vinha enfrentando um tratamento contra um câncer. Greice e seu professor acreditavam que as aulas vinham contribuindo muito para o sucesso do tratamento.

Outro participante que foi citado aqui sem ter sido entrevistado foi Celso. Ele estava com 61 anos em 2020 e participava das aulas de Voz e Violão há dois anos. O relato utilizado foi retirado também da reunião avaliativa sobre os oito anos do grupo Voz e Violão. Sua fala tratava de sua aprendizagem no decorrer de sua participação na atividade e sobre a importância do apoio que recebia do grupo.

Denise era uma das idosas que participa das aulas de Voz e Violão e que também teve um trecho de sua fala citado no decorrer da tese. Ela estava com 65 anos em 2020 e destacou em seu relato a importância da boa relação entre os participantes da atividade e do incentivo dos colegas para as aprendizagens do grupo. Esta fala também foi realizada durante a reunião de avaliação da comemoração dos oito anos do grupo de Voz e Violão.

Dalva, uma senhora que tinha 63 anos no ano de 2020, que participava ativamente das atividades do grupo de Voz e Violão, inclusive no período das atividades remotas, também teve um trecho da sua fala citada neste texto. O trecho utilizado diz respeito às descobertas das habilidades dos participantes do grupo durante o período de aulas *on-line*.

Ângela, uma estudante da turma de Voz e Violão, estava com 61 anos em 2020. Não foi entrevistada, mas era uma aluna frequente e muito participativa nas aulas. Em razão da sua atuação durante as aulas remotas e de suas composições musicais no período da pandemia de COVID-19, foi apontado como interessante trazer suas contribuições.

Leonora, que tinha 71 anos em 2019, e Alzira, com 63 anos na época, estudantes do grupo Voz e Violão, tiveram seus nomes citados no decorrer do texto por terem trazido sugestões relevantes durante a construção coletiva em uma proposta de atuação do grupo.

Como entrevistados, conforme já mencionado aqui, foram selecionados: o coordenador do Centro de Referência da Pessoa Idosa; a professora da aula de Teatro; o professor das aulas de Canto Coral e de Voz e Violão; e seis idosos, com idades entre sessenta e sete e noventa e cinco anos no período das entrevistas, sendo dois homens e quatro mulheres. Os entrevistados serão apresentados de forma mais detalhada nos subitens a seguir.

A entrevista com o coordenador nos permitiu ter uma visão mais ampliada sobre o CRPI e sobre as experiências de quem atua na coordenação dessa política pública de grande importância para a população idosa na Capital Mineira. As entrevistas com os professores permitiram compreender a trajetória de cada um deles até chegarem ao CRPI, perceber os

desafios que enfrentavam diante da educação de pessoas idosas, como iam se formando durante o processo educativo e quais seriam as contribuições desse trabalho para suas vidas. Quanto às entrevistas com os idosos, as falas dos sujeitos permitiram compreender a importância dos processos educativos nessa fase da vida, fosse por uma questão de realização pessoal, fosse por questões relacionadas à convivência social ou aos benefícios vinculados à qualidade de vida.

#### *1.4.1 - O Coordenador do CRPI*

No período da realização da entrevista, no ano de 2019, Lucas estava com 40 anos de idade no ano de 2019 e atuava como coordenador do CRPI desde o ano de 2017. Psicólogo de formação, tinha pós-graduação em Gestão, Políticas Sociais, Coletividade e Trabalho e em Gerontologia e Qualidade de Vida. Iniciou sua carreira no âmbito empresarial, mas afirmou que trabalhar na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte era um desejo seu. Havia atuado em diferentes espaços desta prefeitura tendo iniciado o trabalho como servidor efetivo municipal, no ano de 2013, no atendimento do serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos (PAEFI). Nesse período, trabalhava com pessoas idosas, pessoas com deficiência e pessoas em privação de direitos.

Lucas mencionou que até então trabalhava com o indivíduo, mas, após ser convidado para atuar na Gerência de Programas Sociais do município, começou a trabalhar com grupos. Afirmou que trabalhou com grupos de convivência, grupos de adolescentes e de crianças enquanto atuava na Regional Leste e que esse trabalho foi muito interessante porque nele teve a oportunidade de participar de fóruns e conferências, além de poder agregar pessoas, a partir da escuta, e fortalecer, a partir dos encontros promovidos pelo seu trabalho, os vínculos que esses sujeitos já possuíam.

Segundo Lucas, após uma mudança na administração municipal, as gerências foram reconstituídas e ele foi convidado a atuar na Diretoria de Políticas Públicas da Pessoa com Deficiência, mas que seu maior interesse era trabalhar com as pessoas idosas. Após esse período de estruturação do novo governo, ele foi convidado a se tornar o coordenador do Centro de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferraz. Além de coordenar o CRPI, Lucas participou da gestão do Conselho Municipal do Idoso (CMI), sobre o qual afirmou ter iniciado sua atuação como conselheiro e tendo ficado, posteriormente, por cerca de cinco anos na direção deste conselho.

Lucas disse que ficou muito feliz ao ser convidado para se tornar coordenador do CRPI, por já saber das potencialidades do espaço. Afirmou acreditar que as pesquisas realizadas no

espaço eram importantes e que se fazia necessária a devolução dos resultados encontrados para a administração. Segundo ele, o que acontece no CRPI alimentava de uma forma muito forte a percepção daqueles que idealizavam a política pública para a pessoa idosa na cidade.

#### 1.4.2 – Os educadores

##### 1.4.2.1 – Daniel

Daniel, na época da entrevista, em 2019, estava com 53 anos de idade e afirmou que trabalhava no CRPI há seis anos. Periodicamente ele vinha sendo recontratado, por recrutamento amplo, devido às práticas desenvolvidas por ele com os idosos cujos resultados positivos gozavam de reconhecimento da parte dos órgãos contratantes. Sua vida foi permeada pelo vínculo com a música e, apesar de não ter nenhuma formação pedagógica, sua atuação, na regência das aulas de Canto Coral e de Voz e Violão, promovia ações significativas na vida das pessoas que participavam das atividades propostas.

Ele relatou que nasceu numa família que tinha boas condições financeiras, mas que perdeu todas as suas posses, devido sua mãe ter sido fiadora de algumas pessoas. Ela teve que ir morar com a avó dele e ele foi morar na casa de um pastor evangélico que tinha muito contato com vários políticos mineiros. Depois de algum tempo, começou a trabalhar como *office boy* na papelaria de um tio seu. Disse que naquela época estudava na parte da manhã, trabalhava à tarde e, à noite, ia cantar na igreja.

Daniel afirmou que não tinha tempo para brincar com pipa ou jogar bola, como as demais crianças da sua idade, pois tinha que trabalhar. Relatou que, mais tarde, foi morar numa pensão e gravou seu primeiro disco, pela Universal Discos, no ano de 1979. Segundo ele, o dinheiro para gravar seu primeiro disco, com apenas duas músicas, foi conseguido por meio do seu trabalho de venda de picolé. Disse ainda que seu primeiro violão já tinha sido comprado por outras cinco pessoas anteriormente e foi dado a ele de presente.

Ainda em relação à sua carreira musical, Daniel contou que conheceu um produtor que estava promovendo uma dupla sertaneja, a qual ele comporia, ao lado de Donizete. No entanto, a sua relação com a igreja evangélica o impediu de prosseguir nesse projeto e o Donizete seguiu carreira solo, enquanto ele ficou na gravadora Continental gravando discos evangélicos.

Ele disse que sua relação com a igreja o levou a estudar Teologia no Instituto São Vicente de Paulo, no bairro Jaraguá, em Belo Horizonte. Daniel afirmou que foi aí que fez suas primeiras aulas de música. Segundo ele, após a gravação de seu quarto disco, ele começou a fazer Faculdade de Música, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por um ano. Lá

ele afirmou ter feito aula de canto, piano e violão e que, mesmo não tendo concluído, o curso o auxiliou na sua carreira de músico e cantor.

Daniel fazia parte da Ordem dos Músicos do Brasil como intérprete, autor e músico. Ele falou com orgulho de sua carteirinha vitalícia nesta Ordem. Durante sua vida, seguiu carreira artística gravando vários discos evangélicos e realizando shows em diversos espaços. Contou, durante uma das aulas remotas, sobre momentos da época em que realizava shows em cruzeiros, apresentando fotos com registros desta fase de sua carreira de músico. Daniel tinha um estúdio de gravação musical e utilizou sua experiência em produção musical, em uma aula remota, para demonstrar para os estudantes como era a gravação de uma música, apresentando como se colocava os solos de violão nas canções. Naquele tempo, quando da realização da pesquisa, mesmo tendo seu trabalho no CRPI, ele realizava shows durante os fins de semana.

Sua entrada no CRPI se deu exatamente por seu trabalho como músico. Daniel tocava e cantava nos bailes realizados no CRPI às quintas-feiras. Ele contou que lá conheceu a então vereadora de Belo Horizonte, a Sra. Silvia Helena, e ela o convidou para ser seu assessor. Trabalhou como assessor da vereadora por dois mandatos. Depois, foi convidado a trabalhar no CRPI, no setor administrativo. No entanto, Daniel percebeu que poderia fazer mais para aquele espaço, realizando um trabalho com sua arte. Daniel relatou:

Eu vim como funcionário e, nas primeiras semanas que eu vim pra trabalhar, eu ficava olhando para as coisas e pensando: o que que eu vou fazer? Só isso aqui? Aí, lá no fundo, tinha as árvores e eu parei pra pensar e comecei a conversar sozinho. Mas, na verdade, eu estava conversando com alguém, né?! Esse alguém se chama Deus. Aí eu falei: Meu Deus, o que eu vou fazer aqui, além do que eu já estou fazendo? Aí me veio na mente: por que você não ensina o idoso a tocar violão? Aí eu comecei a me fazer umas perguntas: mas como eu vou fazer isso? O idoso? Como que eu vou fazer isso? (DANIEL, 53 anos).

Ele contou que elaborou um projeto, a partir de umas ideias que teve, e o apresentou à então coordenadora do equipamento que logo se prontificou a ajudá-lo a propor o projeto para a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Ele resolveu contar à Silvia Helena sobre seu projeto e ela o pediu que apresentasse a ela suas ideias. Ao escutar sua proposta, ela telefonou para o prefeito na época, que os atendeu naquele mesmo momento. O prefeito questionou se ele teria condições de executar o projeto de aula de violão para pessoas idosas. A partir da sua resposta afirmativa, o prefeito concordou e, então, o projeto teve início.

Daniel narrou que, no primeiro dia, após a divulgação da proposta para os idosos, apareceram apenas duas pessoas. No terceiro dia, mais três pessoas novas. E, assim, uns foram chamando os outros e, o trabalho cresceu, tanto que, nas aulas que ocorriam de segunda-feira a quinta-feira, na época desta pesquisa, o professor contava sempre com as turmas cheias. Ele

afirmou que ficou por três anos apenas com as aulas de Voz e Violão. Quando a professora que dava a aula de Canto Coral saiu do CRPI, ele foi convidado a assumir a turma e estava, na época da entrevista, há dois anos à frente da atividade.

O professor afirmou que, até então, nunca tinha trabalhado com idosos ou atuado como professor de música sistematicamente. Relatou que essa pode ser considerada sua primeira experiência como professor, pois, em momento anterior, teve quatro ou cinco pessoas que foram aprender violão com ele na igreja, no ano de 1985, mas isto durou por volta de cinco meses, apenas, devido às suas viagens constantes, assim, não conseguiu dar prosseguimento ao que ministrava. Segundo ele: “com essa sequência, com essa consequência do trabalho, de esforço em conjunto, é a primeira vez”.

É interessante notar como Daniel veio se formando enquanto lecionava. Apesar de não ter um curso específico para ser professor ou para trabalhar com idosos, ele desenvolveu atividades que demonstravam uma intencionalidade didática e que iam além de ensinamentos próprios de conteúdos, como as posições das notas musicais no violão ou as técnicas vocais. Ele conseguia fazer das aulas por ele ministradas momentos de ensino e de aprendizagem de música, mas também promovia a integração, o protagonismo, a melhoria da autoestima e isto refletia na qualidade de vida dos idosos que participavam de suas atividades.

#### 1.4.2.2 – Fernanda

Fernanda tinha 65 anos em 2019 e era professora concursada da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte e da Rede Municipal de Educação de Contagem. Diante de seus trabalhos prestados no Centro de Referência da Pessoa Idosa, estava cedida pelas duas secretarias municipais para atuar como coordenadora de artes cênicas e como professora das turmas de Teatro, conforme já mencionado neste trabalho. No entanto, sua trajetória no mundo das artes vem desde a infância.

Ela afirmou que, desde os nove anos, começou a tocar piano, mesmo sem ter professor. Ao ver seu talento, os pais a colocaram numa aula de música. Uma professora sua também percebeu seu talento e a indicou para participar de programas infantis, na televisão, no Rio de Janeiro, cidade onde nasceu e morava até então. Fernanda foi convidada para trabalhar nos programas infantis “Pastoril”, “Clube do Guri” e “Essa gente inocente”.

Aos 15 anos, foi cursar magistério e deixou os programas infantis. Fez o “Teatro Nacional de Comédia”, casou-se e foi morar na Alemanha por dois anos. Durante esse período na Europa, teve a oportunidade de conhecer várias escolas e teatros. Logo depois, mudou-se

para Belo Horizonte. Ela afirmou que a Capital Mineira a recebeu de braços abertos, mas que na época ainda enfrentou muitas dificuldades para trabalhar com sua arte.

A professora disse que boa parte da sua trajetória profissional foi realizada na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Ela citou que começou sua carreira de servidora municipal como professora de artes no Instituto Municipal de Administração e Ciências Contábeis (IMACO), depois, disse que montou uma fanfarra musical e, após já ser reconhecida na cidade pelo seu trabalho com as artes, foi convidada pelo então prefeito, Célio de Castro, para dirigir o Teatro Marília, função desempenhada por nove anos. Por dois anos, também foi diretora do Teatro Francisco Nunes, ambos os espaços importantes na cena artística da cidade de Belo Horizonte.

Fernanda atuou ainda como diretora de Leitura e Informação da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, por seis anos, e trabalhou na Biblioteca infanto-juvenil da Capital Mineira. Há nove anos, se considerado o tempo de realização desta pesquisa, ela havia passado a trabalhar no Centro de Referência da Pessoa Idosa. Na época da entrevista, ela tinha 29 anos de trabalho como servidora da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

Além de ter sido diretora de teatros importantes da capital, Fernanda escreveu e produziu peças teatrais como “As bonequinhas encantadas”, esta em parceria com Luiz Carlos Moreira Ludovikus, a qual foi apresentada no teatro do Palácio das Artes e também no Teatro Marília. Escreveu ainda as peças “A invasão no Reino Vegetal” e “As Aventuras da Princesa Cebolinha”. Ela montou espetáculos a partir de obras de outros autores, como: “O menino maluquinho”, de Ziraldo; “Histórias de dois amores”, de Carlos Drummond de Andrade; “Uma fada nos meus olhos”, de Paulinho Pedra Azul; e “Uma professora muito maluquina”, de Ziraldo, a qual antecedeu o momento em que assumiu a direção do Teatro Marília.

Sua vasta experiência com o mundo do teatro fez com que recebesse o convite do então secretário de Assistência Social do município para montar um projeto de teatro para o CRPI. Ela ressaltou que viu o convite como um grande desafio, pois nunca havia trabalhado com idosos. Na entrevista, disse: “E esse desafio me fez estudar, estudar antes o Estatuto do Idoso, e vivenciar, a ouvir muito esses idosos. E ouvindo eu aprendi a conviver com eles e respeitá-los. E isso fez com que crescesse esse projeto maravilhoso”.

Fernanda afirmou que o Grupo de Teatro Sementes, formado pelos estudantes de suas turmas de teatro no CRPI, tinha oito anos na época da entrevista. Ela contou que a primeira grande apresentação realizada foi uma peça apresentada no teatro SESC Palladium, na região central da cidade de Belo Horizonte. A peça apresentada contava a história de uma cidade fictícia, governada por um rei e uma rainha, que vivia com vários problemas relacionados à

violência contra a pessoa idosa. A professora relatou que a peça foi um jeito lúdico de abordar o tema e que foi um sucesso, tendo sido assistida por mais de 1.800 pessoas.

Ao tratar dessa apresentação como sendo seu primeiro desafio de montar, dirigir e apresentar um grande espetáculo com o grupo de idosos do CRPI, ela afirmou que eles ficaram muito felizes e encantados com a apresentação, especialmente por poderem atuar com toda a infraestrutura que o espaço oferecia. Fernanda relatou que, a partir daí, começaram outros convites para apresentações do grupo, as quais seguem acontecendo em diferentes locais, como ILPIs, clubes, SESC, Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, eventos da prefeitura de Belo Horizonte, entre outros.

A professora disse que estava próxima de se aposentar, mas que ainda pretendia trabalhar por mais tempo no CRPI. Ela acreditava que ainda tinha muito o que fazer e afirmava que o trabalho tinha contribuído para que ela se aprimorasse como professora e como ser humano.

No próximo item, serão apresentados os idosos escolhidos para serem entrevistados. A apresentação deles ajudará a compreender sobre quem são e poderá facilitar em relação à compreensão acerca da análise dos dados.

### *1.4.3 – As pessoas idosas entrevistadas*

#### *1.4.3.1 – José*

José nasceu em Belo Horizonte e estava com 72 anos em 2020. Ele estava casado há 50 anos e tinha um filho. Era aposentado e trabalhava durante muitos anos como engenheiro civil. Suas atividades estavam ligadas ao ramo de projetos rodoviários, atuando com a elaboração de projetos e com a fiscalização de construção de rodovias.

Na maior parte do tempo, trabalhou em empresas localizadas em Belo Horizonte, exceto em um período de oito anos, no qual trabalhou em Porto Alegre e em Santa Cruz do Sul, no estado do Rio Grande do Sul. Ele ficou no sul do país entre os anos de 1997 e 2005. José afirmou que se aposentou oficialmente no ano de 2009, mas que continuou trabalhando na empresa, como prestador de serviços, como pessoa jurídica, até o final de 2017.

Foi só a partir daquele momento que José chegou ao CRPI. Ele contou que seu filho fez faculdade com o atual coordenador do CRPI e foi por meio deste seu filho que surgiu o convite para que conhecesse o espaço e as atividades que lá eram ofertadas. Assim, a esposa e ele foram

até lá, ocasião na qual os dois fizeram o cadastro para que participassem da atividade de Voz e Violão, no entanto, sua esposa, na época da pesquisa não estava frequente nas aulas.

José relatou que se matriculou logo na aula de Voz e Violão e nem procurou saber muito sobre as outras atividades que o CRPI ofertava, pois seu interesse era aprender a tocar violão. Ele contou que tinha começado a aprender a tocar o instrumento em outros períodos da vida. O primeiro contato foi com um estudante de música, da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Minas Gerais. Mais tarde, quando morou em Santa Cruz do Sul, ocasião na qual ele se matriculou em uma aula de violão ofertada pela prefeitura da cidade. Na terceira aula, o professor lhe chamou e o convidou para participar de um grupo de italianos que se reuniam semanalmente para tocar, afirmando que ele já tocava bem e que poderia contribuir com o grupo. José contou que o grupo fazia muitas festas, que chegaram a se apresentar em uma emissora de rádio local e que a apresentação foi publicada numa matéria de um jornal da cidade cujo exemplar ele guarda com carinho.

José afirmou que também fazia aula particular de violão. Quando questionado sobre por que continuava indo às aulas do professor Daniel, sendo que tinha um professor particular, ele afirmou que, com o professor Daniel, ele gostava mais, por ser uma atividade coletiva. Que lá eles aprendiam como um grupo, aprendiam a tocar juntos e a cantar como um coral. Em relação à sua motivação em participar das aulas de Voz e Violão, ele destacou: “Pois é, o tal do entretenimento que tem com as pessoas. Ou seja, tem um grupo de pessoas e tudo mais que ali transmite alegria, transmite... cada um conhecendo um pouco de cada um, entendeu? E são pessoas da mesma faixa etária, né, e tudo mais”.

Além desses aspectos, José destacou as apresentações realizadas pelo grupo formado com os estudantes das turmas de Voz e Violão e de Canto Coral. Para ele, esses momentos trazem traziam uma sensação de alegria, ao poder levar entretenimento a outras pessoas.

Durante o período da pandemia de COVID-19, José ficou em um sítio, numa cidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte, com sua esposa. Relatou que via a família apenas por aplicativos de videoconferência. José participava ativamente de todas as aulas remotas de Voz e Violão e chegou a substituir o professor nos momentos em que Daniel precisou se ausentar. Além disso, José enviou diversos vídeos e cifras de músicas elaboradas por ele para o grupo de *WhatsApp* da turma, auxiliando na aprendizagem dos colegas.

#### 1.4.3.2 – Cátia



Cátia nasceu em Rio Casca, uma cidade do interior do estado de Minas Gerais, mas se mudou para Belo Horizonte quando tinha nove meses. Ela havia se casado por duas vezes. No primeiro casamento, ela se divorciou e, no segundo, o marido faleceu. Ela tinha cinco filhos e, no momento de realização da pesquisa, morava com uma das filhas, que era solteira. Relatou que tinha sete netos e sete bisnetos.

Ao ser questionada quanto à sua idade, ela afirmou que tinha 81 anos em 2020, mas que se considerava com a cabeça de 18. Ela afirmou que trabalhou desde os quatro anos e que continuou trabalhando até completar 80 anos. Quando questionada sobre quais as atividades desenvolvidas durante a vida, ela disse: “Ih, minha filha, de tudo, trabalhei de faxineira, trabalhei de capinadeira de lote, trabalhei de lavadeira, trabalhei de babá, trabalhei na roça... trabalhei nisso tudo. Aposentei no IPSEMG, no Estado”.

Ela disse ainda que, no Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais (IPSEMG), desempenhou várias atividades e que se aposentou quando trabalhava no setor de realização de eletrocardiograma. Ela disse que aprendeu a fazer eletrocardiograma na prática, sem curso específico para tal atividade. Cátia relatou que, durante o tempo de trabalho no IPSEMG, ela iniciou suas atividades servindo lanches, depois, passou a trabalhar no laboratório e, mais tarde, no setor de eletrocardiograma. Ela disse que fez alguns cursos por lá, mas não se lembra mais. Cátia concluiu o ensino médio já adulta, em salas de aula de Educação de Jovens e Adultos.

Ela havia se aposentado no ano de 2009 e relatou que chegou a buscar o Centro de Referência da Pessoa Idosa, pouco tempo antes da aposentadoria, por indicação de um conhecido. Ela contou que, ao chegar ao CRPI, não conseguiu se matricular, mas que a então coordenadora a atendeu com um sorriso no rosto e disse que logo teria a liberação da vaga para ela. Ela contou que conseguiu se matricular, um tempo depois, e que fazia atividades no o CRPI há dez anos.

Cátia iniciou suas atividades, no CRPI, com as aulas de ginástica, mas contou que já fez aulas de artesanato e de teatro na instituição. Ela relatou: “Eu comecei a fazer ginástica. Aí, da ginástica, a gente foi fazer caixinha. Da caixinha, eu fui... Eu fui aumentando as minhas atividades lá, né? Nada supria aquela vontade que eu tinha. Eu tinha desejo demais, de coisa assim... que eu não pude ficar parada, não, né?”

Ela ressaltou que, quando foram iniciadas as aulas de Voz e Violão, ela foi logo se inscrever. Tocar violão era um sonho que ela tinha durante toda sua vida. Contou que a primeira vez que viu um violão foi quando tinha cinco anos:

É, eu tinha cinco anos. Ah, eu fui com a minha mãe – ainda tinha mãe, né? – fui numa festinha com a minha mãe, e lá tinha um povo cantando. Aí, a minha mãe falou com ele assim... Eu queria tomar o violão do moço. [risos] Aí, a minha mãe, para me tirar de lá, falou: “Não, depois nós vamos procurar um para comprar e tal”. E foi me engabelando, tal, tal, aí, eu fui embora. Só que, pouco tempo depois, a minha mãe morreu, eu fiquei com seis anos de idade, e o violão foi só distanciando de mim; só indo embora. Agora, quando apareceu esse professor, lá, com essa aula, Nossa Senhora, tudo de bom! Acho que eu fui a primeira a matricular.

No período da entrevista, Cátia participava das atividades de Voz e Violão, duas vezes por semana; daquelas do Canto Coral, às sextas-feiras, e da aula de informática, uma vez por semana. Ela contou que as aulas de ginástica ela fazia no programa da UFMG, voltado para a terceira idade, porque fica mais próximo de sua casa. No CRPI, ela comparecia quatro vezes por semana, sem contar os dias nos quais ela saía para as apresentações. Para chegar lá, ela precisava utilizar dois ônibus, o que compunha mais de uma hora de viagem para ir e mais de uma hora para regressar em casa. O percurso, nos dias das aulas de Voz e Violão e em dias de apresentações, é realizado transportando consigo o seu violão.

Apesar das dificuldades com o transporte, Cátia não deixava de participar das aulas e das apresentações. Ela afirmava que colocou um apelido no CRPI, de tanto que gosta de participar das atividades lá: “Inclusive, eu pus um apelido lá, no CRPI, de Pedacinho do Céu.” No tempo da pesquisa, foi possível perceber que ela já sabia tocar e cantar e que, além das apresentações promovidas pelo grupo no CRPI, ela se apresentava nas festas de família e até para alguns vizinhos que pediam para vê-la tocar.

Nas aulas do CRPI, além de ela ter realizado seu sonho de aprender a tocar violão, participava de vários momentos de diversão. Ela enfatizou as festas promovidas no equipamento para celebrar aniversários e demais datas comemorativas, além das apresentações que realizava com o grupo das aulas de Voz e Violão e de Canto Coral momentos destacados por ela como sendo muito especiais.

Durante o período da pandemia de COVID-19, Cátia participou ativamente das aulas remotas. Ela fazia questão de se vestir bem, de se maquiar e de participar das atividades propostas. Além da participação como estudante da turma, ela, juntamente com outra colega, organizava algumas caracterizações para alegrar os encontros. As duas se vestiram com trajes de ciganas, de festa junina, se fantasiaram de homem e de outros personagens que iam criando ao longo das aulas, com acessórios que tinham em casa.

Durante uma das aulas, Cátia agradeceu publicamente ao professor dizendo que ele a havia retirado da solidão durante aquele período de isolamento social. Por alguns dias, precisou se ausentar das aulas, por ter tido um problema de saúde, mas, quando conseguiu voltar, foi

recuperando sua alegria. No período do Natal, fez questão de se vestir de Papai Noel e gravou um vídeo com uma mensagem de agradecimento ao grupo, pela companhia virtual, durante o ano, e de esperança de dias melhores. No vídeo, ela reforçava a necessidade de agradecer por eles estarem bem diante de uma doença tão terrível e da importância de continuarem se cuidando para em breve terem outros momentos de encontros e abraços.

#### 1.4.3.3 – Ana

Ana era natural de Catas Altas da Noruega, uma cidade do interior de Minas Gerais. Ela afirmou que acreditava ter 67 anos em 2019, mas não tinha certeza. Seu registro civil foi realizado tardiamente, somente no momento do registro de sua primeira filha. A pergunta sobre a idade de Ana gerou um relato comovente sobre sua história. História esta de uma menina negra, do interior, que veio trabalhar na capital, em troca de casa e de alimentação, que sofreu maus-tratos e teve que ir sobrevivendo numa cidade estranha, sem o apoio de familiares. Ana relatou que saiu da sua cidade para vir morar em Belo Horizonte com uma família, para fugir de um casamento com um viúvo. Ela afirmou que a nora da senhora para quem ela trabalhava a ajudou a fugir da casa:

Tem... deixa eu ver... eu tô com 67 anos... é o que eu penso que eu tenho 67 anos, porque eu vim pra cá com pessoas que foram em Catas Altas buscar empregada. E me trouxeram pra cá e a patroa não tinha muita paciência e um dia ela me bateu e me jogou no chão. Então a nora dela, eles já tinham problema com a polícia, aí, por causa de outra empregada que eles tinham machucado, então, a nora dela me ajudou. Me chamou e falou que eles não mandavam minhas cartas, que a filha dela tinha mentido que trabalhava no correio. E, quando eu escrevia pedindo minha família pra me buscar, que eles riam muito do meu português, que é muito ruim, e ela não estava mentindo porque realmente eu tenho um português ruim, meus filhos tentam até me corrigir, melhorando. Mas meu português sempre foi muito ruim. Porque, quando eu vim pra cá, eu não tinha terminado nem o 3º ano. Então eles riam e elas rasgavam a carta. E a nora dela ficou com medo de fazerem coisa pior comigo e eu não ter família. Eu não podia voltar pra Catas Altas sozinha, porque eu era uma menina e eu não tinha documento.

Diante dessa situação, uma senhora, que trabalhava nessa residência como lavadeira de roupas, conseguiu outra família, em outro bairro, para que Ana fosse trabalhar e residir. Com essa família, ela trabalhava, recebia seu salário e era tratada com dignidade. Ao longo dos anos, foi trabalhando com outras famílias, até que engravidou da sua primeira filha:

E assim foi. Depois que eu saí da casa dela, eu fui pra casa da dona Norma, tomava conta do Lauro, minha paixão. Aí, quando eu engravidei da minha primeira filha, dona Norma tinha uma lojinha no quatinho, onde eu dormia, aí, uma freguesa dela falou

com ela: “Norma, essa empregada sua tá grávida.” E a Norma falou: “Se ela tiver grávida, eu vou colocar ela na rua com as coisas dela, porque ela não tem família e eu não vou ficar com ela e uma criança, porque eu já tenho o Lauro.” E ela tinha uma costureira que fazia a reforma de roupas pra ela e eu sempre levava roupa lá na Francisco Bicalho, aí, eu falei com a costureira dela que ela falou que ia me pôr na rua se eu tiver grávida. E ela me perguntou: “E você tá?” Eu disse: “Eu não sei.” Ela falou: “Oh meu Deus, mais uma pra ficar na rua igual cachorro vira-lata? E sua família?” Eu disse: “Eu não sei como entrar em contato com eles e pedir ajuda pra eles.” Ela falou: “Então junta suas coisas e vem pra cá que eu converso com a Norma”. Eu peguei minhas poucas coisas e fui pra casa da costureira.

Enquanto os meses foram passando, Ana conseguiu um emprego na casa de outra senhora que lhe disse que ela poderia trabalhar lá, mas que não poderia dormir lá, porque não queria conviver com um recém-nascido em sua casa, para não atrapalhar seu sono. Então, Ana começou a trabalhar lá. À noite, recebia da dona da casa um sanduíche e ia passar parte da noite na igreja do bairro Padre Eustáquio, onde permanecia até o último momento que a igreja ficasse aberta. Depois, ia andar pelo bairro para poder encontrar algum lugar para alugar:

Quando foi, um dia, descobri lá, na rua Anchieta, tinha uma dona que alugava barracão. Aí, eu fui lá. Dona Zefa me falou que não tinha quarto pra alugar, não, que tava tudo ocupado. Mas, nela me mostrar o lugar, eu vi que tinha um quartinho, onde o cachorrinho dela dormia e tinha um sofá. Então ela fechava o portão dela, mas não fechava o portão do lote onde tinha os quartos, por causa do horário que os moradores chegavam. Então, o que eu comecei a fazer? Eu ia pra lá, mas o cachorrinho começou a me estranhar. Aí eu fazia assim: A dona me dava o sanduíche, eu ia pra igreja, eu comia um pedaço e guardava o outro pedaço para dar para o cachorrinho. Aí, ele ia pro cantinho dele e dormia no meu pé. Aí, nós dois ficou amigo e, pra você ver, é coisa de Deus, mesmo.

Quando viu que iria desocupar um quarto, ela foi logo negociar com a dona para alugar o espaço. Ana contou que conseguiu alugar o quarto três dias antes de sua filha nascer. Tempos depois, Ana engravidou de sua segunda filha e, para realizar o registro desta criança, passou por mais uma dificuldade na vida. Dessa vez, ela foi vítima de preconceito racial. Ela contou que foi ao cartório registrar a segunda filha, a qual era mais branca que a primeira, e a atendente do cartório se negou a registrar a criança. Segundo Ana, ela lhe disse: “Mas eu não vou registrar essa menina, não, uma menina branca, bonita. Eu não vou registrar essa menina, não. Eu não sei se você está roubando filha de patroa”. Ana, então, voltou triste para casa e sua patroa lhe direcionou para outro cartório, próximo à Praça da Liberdade:

Quando eu cheguei na fila, via as pessoas entregando as senhas e perguntando que, se tivesse alguém de menor, tinha que ter um responsável junto pra registrar. E quem foi maior de 18 anos vai poder se registrar sozinho. Eu não sabia a minha idade, eu não tinha um responsável comigo, quando ela chegou pra me dar a senha, ela me perguntou: “Quanto anos você tem?” Eu respondi: “Eu tenho 18.” Por isso que eu não sei se eu tenho 67, se eu tenho menos de 67. Porque, naquela hora, eu tinha 18 anos, era pra mim registrar a minha filha. Aí, me registrei.

Ana teve mais três filhos, mas um deles foi assassinado quando ele tinha 32 anos. Na época da entrevista, ela morava com dois filhos. Ana se orgulhava da formação que deu a seus filhos, a partir do seu trabalho, e relatou que, apesar de aposentada, ainda fazia faxina, duas vezes por semana, para auxiliar um dos filhos a terminar a faculdade. Os dois filhos estavam solteiros, no momento de realização da pesquisa, e as duas filhas eram casadas. Ana tinha uma neta que estava fazendo faculdade. Ana se aposentou após trabalhar para uma conservadora.

Ela relatou que conhecia o espaço do Centro de Referência da Pessoa Idosa, desde a época em o local era um clube recreativo particular. Ela observava as pessoas que frequentavam as piscinas do local, quando morava ali perto. Estando mais velha, precisou fazer fisioterapia e foi encaminhada para realizar caminhadas orientadas no CRPI, assim, conheceu as atividades que eram ofertadas lá.

Ana ressaltou que foi buscar uma atividade no CRPI para exercitar sua mente. Ela percebeu que estava esquecendo as coisas com muita facilidade e isso a fez procurar alguma atividade que a auxiliasse a melhorar sua condição de memória. Ana foi à procura de aulas de informática, mas, nesse período, essa atividade não estava sendo oferecida pelo equipamento. No entanto, ao chegar ao CRPI, ela foi recebida pela professora de Teatro e não conseguiu dizer não ao convite dela para participar de suas aulas:

Seria muito indelicado da minha parte, como se diz, desagradar um carinho que foi dado, assim, com tanta espontaneidade. Eu já fui chegando e ela, com o sorriso dela, me abraçando e falando com o cara lá: “Pode fazer a inscrição dela, tinha 5 vagas, mas agora 1 é dela”.

Na época da entrevista, Ana estava há quatro meses frequentando o CRPI. Ela fazia a aula de Teatro, de Voz e Violão e tinha se matriculado na aula de computação, que havia iniciado há pouco tempo. Sobre a inscrição na aula de Voz e Violão, ela apontou:

Foi porque eu tava fazendo teatro e cheguei na secretaria, aí, eles falaram que tinha vaga na aula de violão. É tanto que eu já venho na segunda e na terça, mas o dia mesmo que eu me inscrevi foi pra quinta-feira. Mas você já ouviu falar: tomou posse do pedaço?”. Eu que “tomei posse do pedaço”, porque eu venho na segunda-feira, igual hoje, eu vim, porque nós tínhamos esse compromisso, mas eu não sabia que ia ter teatro, porque teatro pra gente é na terça-feira, então, eu vim pelo nosso compromisso. Quando for amanhã, eu já faço violão, fico pro teatro e, quando for quinta-feira, eu tô aí, de novo, pro violão. Eu escutei eles falando que tinha vaga pro violão, aí, eu entrei, era só na quinta-feira. É tanto que eu fazia faxina pra dona Eva na quinta, eu pedi, ela mudou pra quarta, e eu entrei no violão na quinta.

Com a chegada da pandemia de COVID-19, Ana acabou ficando afastada das atividades. Ela não sabia ainda utilizar os recursos tecnológicos usados nas aulas de Teatro e de

Voz e Violão. Chegamos a conversar com ela, por telefone, no início das atividades remotas, e ela afirmou que o filho a havia presenteado com um *smartphone*, mas que precisava da ajuda dele para acessar os grupos e para participar das aulas. Relatou, em seguida, que ele não tinha paciência para auxiliá-la. Na conversa, ela disse que, se soubesse que viveria uma situação dessas, teria se dedicado mais às aulas de computação, para não ficar dependente do filho, como estava.

No entanto, apesar do pouco tempo nas atividades do CRPI, Ana destacava que já percebia muitas mudanças em sua vida. Ela ressaltou que aprendeu a se valorizar mais, a cuidar mais de si mesma e a exigir mais respeito, até mesmo por parte de seus filhos. Além disso, ela contou que sua memória já estava melhor, por estar se mantendo ativa, ao decorar textos para aulas de teatro e por estar aprendendo a tocar violão.

#### 1.4.3.4 – Claudina

Claudina nasceu na cidade de Juiz de Fora, no interior de Minas Gerais, em 01 de junho de 1924. Na época da entrevista, ela estava com 95 anos de idade, em 2019, e era a estudante com mais idade da turma do Teatro. Mudou-se para Belo Horizonte com 21 anos, meses após se casar. Trabalhou, durante a vida, como costureira, realizando as costuras em casa, enquanto cuidava dos filhos. Ela relatou que morava há tanto tempo na Capital Mineira que estranhava o clima da sua cidade natal quando voltava lá.

Claudina mencionou que tinha filhos, netos e bisnetos. Na ocasião da pesquisa, residia com uma filha solteira e com outros dois netos, que eram filhos de uma nora de Claudina, que havia falecido pouco tempo antes do diálogo para esta pesquisa. Os netos tinham 32 e 34 anos. Eram esses seus familiares que se revezam para levá-la às atividades, as quais ela realizava ao longo da semana.

Ela relatou que fazia diversas atividades. No SESC, ela fazia coral, vozes e ritmos e, quando podia, frequentava a hora dançante também. Além do SESC, ela fazia aula particular de pilates, às sextas-feiras, e Teatro, no CRPI, às segundas e terças-feiras. Em casa, ela afirmou que adorava praticar *sudoku* e que passava a madrugada fazendo essa atividade, mas escondido de sua filha.

Quando questionada se a única atividade que ela fazia no CRPI era aquela do Teatro, ela contou que quinta-feira era seu único dia sem aulas na semana e que não fazia outra atividade no CRPI, porque precisa respeitar sua idade: “Só o Teatro. Porque também a gente tem que ir

respeitando a idade, né. Eu ia todo dia (no SESC), mas eu tinha 60, 70 e poucos anos. Aí, era diferente, né?”.

Claudina morava próximo ao CRPI e já conhecia o espaço anteriormente, mas realizava todas as atividades no SESC, inclusive, o Teatro. Mas o SESC finalizou algumas atividades anteriormente ofertadas, dentre elas, a aula de teatro, o que fez com que ela passasse a realizá-la no CRPI. Na época da entrevista, ela frequentava as aulas da professora Fernanda há pouco mais de dois anos e se dizia encantada com essa prática educativa e com a professora.

Ela apontou que adorava a atividade do teatro. Quando perguntada sobre a aula, ela ressaltou: “Eu acho que é a atenção que ajuda muito. A gente tem que ter e trabalha muito o cérebro da gente. Eu acho que ajuda muito. Se você fica preocupada em decorar um texto, você foca”. Ela relatou que as filhas falavam que sua memória era seletiva, que esquecia o que queria, pois as falas das peças ela decorava e não esquecia nada.

Claudina participava ativamente das aulas e das peças. No espetáculo que tratava de uma senhora com Alzheimer, retratando os dilemas e as dificuldades da família com os cuidados necessários às pessoas idosas com essa doença, era ela quem tinha o papel principal e atuava de forma brilhante. Além das peças teatrais, ela participava das festas realizadas no CRPI, aproveitando intensamente e dançando com os outros colegas.

A professora Fernanda estava sempre atenta às participações de Claudina e demonstrava muito cuidado e carinho com ela. Fazia questão de acompanhá-la até o carro de sua filha ou de outro parente que viesse buscá-la. Nos dias das apresentações fora do CRPI, a professora fazia questão que Claudina e outra senhora, que também tinha mais de 90 anos, fossem com ela em seu carro. Claudina mesmo relatou esses cuidados e se sentia muito feliz com o carinho da professora.

No período da pandemia da COVID-19, Claudina teve que se afastar de todas as suas atividades fora de casa. Foi realizado um contato com ela, por ligação telefônica, e ela afirmou que ficava em casa com sua filha durante todo o tempo. Afirmou ainda que naquele momento, no qual não pode sair e participar das aulas, iria ficar velha. Claudina dizia não saber utilizar a internet e isso fazia com que não pudesse participar das aulas de Teatro por meio do *WhatsApp*.

No entanto, a professora e a coordenação do CRPI não a deixaram se sentir isolada. Durante o período de isolamento, Claudina foi uma das idosas visitadas que recebeu uma seresta na porta de casa, realizada pela professora de Teatro, pelo professor de Voz e Violão e pelo coordenador do CRPI, como mencionado aqui. Além desse momento, alguns servidores realizaram uma carreata e passaram na porta da casa de Claudina na comemoração da Semana no Idoso.

A professora Fernanda ainda entrou em contato com Claudina e sua filha para que ela participasse da gravação do videoclipe sobre abusos contra o consumidor idoso. Claudina preparou uma cena, sua filha a filmou e enviou à Fernanda que colocou o vídeo de Claudina na produção coletiva do grupo de Teatro Sementes. A professora incentivava, durante as aulas remotas, que os colegas entrassem em contato com os estudantes que não conseguiam participar e, por isto, alguns dos idosos entravam em contato com Claudina, por telefone. Além disso, Claudina informou que tinha escrito algumas poesias, a pedido da professora.

#### 1.4.3.5 – Felipe

Felipe se encontrava com 83 anos no ano de 2020. É natural da cidade de Sete Lagoas, localizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte, mas havia se mudado para a Capital Mineira ainda criança. No momento da realização desta pesquisa, encontrava-se casado há 55 anos e tinha cinco filhos, onze netos e um bisneto. Ele residia em sua casa com a sua companheira e um filho, a qual ficava a cerca de quinze quilômetros de distância do CRPI.

Nos últimos tempos, devido a um problema nas mãos, Felipe vinha de ônibus para as atividades no CRPI, por não estar conseguindo dirigir. Para chegar lá, ele precisava utilizar dois ônibus, uma vez que não havia transporte público direto.

Ele se aposentou como técnico em enfermagem nos dois cargos públicos, nos quais trabalhou como servidor público na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e no estado de Minas Gerais. Ele afirmou ter exercido sua profissão com muito amor e muito carinho. Disse que, por haver poucos homens na área da enfermagem, este acabava se tornando um trabalho cansativo, pois, quando surgia um trabalho mais pesado para ser realizado, eram sempre os homens aqueles chamados a desempenhá-lo. Mas afirmou que tinha muito orgulho da profissão que exerceu, mesmo que essa não fosse tão valorizada financeiramente.

Ele ressaltou que muitas vezes se esquecia que fosse um idoso. Disse que, por vários momentos, somente se lembrava quando tinha que realizar alguma atividade a qual exigisse um pouco mais de esforço físico. Ressaltou que o país, apesar de apresentar algumas leis que defendem a pessoa idosa, ainda precisa avançar mais nesse sentido. Ele afirmou que, muitas vezes, a pessoa idosa se sentia constrangida por ter que exigir seus direitos, como o seu lugar preferencial em filas, por exemplo. E que, mesmo nos tempos atuais, ainda havia muitas pessoas que não cumpriam as leis.

Quanto às suas atividades no CRPI, Felipe afirmou que frequentava o espaço há pouco mais de cinco anos. Ele afirmou que anteriormente fazia aulas de Teatro no SESC, mas que a



oferta dessa atividade foi finalizada na unidade a qual ele frequentava e que, a partir de então, passou a frequentar o CRPI. Felipe se dizia muito satisfeito com o Teatro no CRPI e ressaltou a dedicação da professora em estar sempre buscando novas atividades para o grupo. No entanto, ele destacou que a pandemia da COVID-19 prejudicou o andamento das aulas.

Além do Teatro, Felipe fazia aulas de Contação de história no CRPI. Essa era uma atividade que ele também gostava muito de participar e afirmou ter surgido daí sua ideia de criar um canal no *Youtube*, criado para que contasse suas histórias durante a pandemia da COVID-19. Sobre seu canal na internet, ele apontou:

Não, foi na pandemia. Eu fiquei muito parado, Isa, e eu comecei a adoecer. Porque eu sempre fui muito dinâmico, eu não aguento ficar parado. E eu criei esse canal e isso aí me fez um bem. Se eu estivesse sem ele, eu não sei como eu estava, não, viu? Porque, mesmo com ele... Que agora ele deu uma parada. Porque eu tenho um neto que ele que faz as coisas para mim e agora ele está meio rebelde e, aí, o meu canal deu uma parada. Então, eu estou sentindo um... eu sinto aquela falta. Eu tenho que estar mexendo e fazendo alguma atividade, senão eu... Então, esse canal me fez muito bem, viu? Muito bem, mesmo.

Além dessas atividades, Felipe ainda participava de dois corais, um do IPSEMG, local onde trabalhou durante muitos anos, e outro de um centro espírita, que ficava próximo da sua residência. Este último mantinha ensaios e apresentações virtuais durante o período da pandemia da COVID-19; mas as ações do coral do IPSEMG estavam paradas. Felipe também participava, antes da pandemia da COVID-19, de aula de *Lian Gong*, duas vezes por semana. Ele afirmou que gostava muito de participar dessa atividade, por manter laços de amizade com pessoas mais próximas de sua casa:

Então, é um grupo, assim, mais, bem mais unido, mais coeso, mais junto. Mas é por causa mesmo da proximidade, né? Eu acho que é isso, porque a gente está muito perto aqui, aí, a gente está sempre junto. Por isso que eu gosto mais. Não é o exercício, não, é a forma como o grupo está unido, sabe?

Quando questionado se ainda teria interesse em realizar alguma outra atividade desenvolvida no CRPI, Felipe destacou que achava a horta comunitária um projeto muito interessante e que gostaria de participar. Ele ainda falou sobre as atividades de artesanato desenvolvidas no espaço, mas afirmou que acreditava que não tinha muitas habilidades manuais para desenvolver os trabalhos propostos.

Quanto às atividades do Teatro, especificamente, ele ressaltou que a professora era muito criativa e que incentiva os alunos a que criassem também. Ele disse que a Fernanda era muito aberta às propostas que os estudantes levam para as atividades. Ele destacou: “É assim, mesmo; a gente começa a ensaiar, é aberto para a gente mudar alguma coisa. Se a gente muda,

ela aceita bem.” No entanto, ele apontou que percebia que, apesar de haver algumas criações do grupo durante o período da pandemia da COVID-19, houve uma perda em relação às atividades presenciais. Ele achou que as aulas ficaram mais dispersas, uma vez que as pessoas usam o grupo para conversar sobre diversas coisas, inclusive durante as aulas, mas ressaltou a importância desses encontros semanais para o grupo se manter unido, apesar da distância física.

#### 1.4.3.6 - Betânia

Betânia tinha 74 anos no ano de 2020. Era uma senhora branca, natural de Belo Horizonte, aposentada, que trabalhou durante muitos anos no Ministério da Agricultura, no setor de compras. Ela afirmou que, mesmo após se aposentar, ainda continuou trabalhando por mais um tempo, até ter que parar, para cuidar de sua mãe que havia adoecido.

No período da entrevista, ela morava sozinha, após perder seus parentes mais próximos. Betânia residia anteriormente com sua mãe e mencionou que, no intervalo de um mês, perdeu a mãe, um irmão, dois sobrinhos e os dois cachorrinhos que viviam com ela. Nesse período, após tantas perdas, ela entrou num processo de depressão profunda, tendo chegado a pensar em suicídio. Ela afirmou que as aulas de Voz e Violão foram fundamentais para que ela conseguisse sair da depressão.

Ela contou que um dia pegou o carro e saiu pelas ruas de Belo Horizonte, sem destino pré-definido e que nunca tinha ido ao CRPI. Passando em frente, resolveu entrar e encontrou um grupo tocando violão.

E eu parei e fiquei olhando ele tocando violão, com esse pessoal, lá, esses quatro ou cinco. Aí, eu perguntei ele: “O senhor ensina tocar?” Ele falou: “Estou aqui, né, ensinando”. Eu falei: “O senhor não quer me ensinar, não?” Ele falou: “Não; não tem lugar”. Menina, mas, assim, ele não sabia da minha situação. E eu não sabia que ele estava brincando. Na hora que ele falou isso, você sabe o que é você despencar? Mas eu comecei a chorar, chorar, chorar sem parar, e fui para o lado do carro. Ele gritou: “Ô moça, vem cá”. Eu falei: “Obrigada pelo ‘moça’, viu, porque...”. Aí, ele chegou e falou: “Não, eu estava brincando com você. Nós estamos iniciando agora o curso com esses alunos aqui, mas senta aqui e fica aqui. Você tem violão?” Eu falei: “Eu tenho um que era da minha mãe”. Aí, ele falou assim: “Senta aqui, você vai olhar para ver se você gosta”. E dali eu não saí mais. Sabe? Aí, eu fui para as aulas, o Daniel, toda vida, me tratou muito bem. Eu fiz questão de ajudar o Daniel em tudo que eu podia ajudar, e estou lá até hoje. E foi assim que eu cheguei no Tancredo. Foi onde me ajudou muito, sabe? Porque eu não sei, talvez, se eu não tivesse ido lá, se eu estaria conversando com você aqui hoje.

Betânia está no Voz e Violão, desde o início das atividades desta turma e ela contou que eram apenas umas cinco pessoas que estavam ali, com o professor, e que ela pôde acompanhar e auxiliar no crescimento do grupo. Além de contar com a ajuda do professor para sair da depressão, ela afirmou que teve muito apoio de servidores do CRPI, na época em que chegou

lá, em especial, da coordenadora do espaço naquele momento, assim como da analista de políticas públicas do equipamento. Betânia afirmou que esse apoio foi fundamental para se reerguer.

Por morar no mesmo bairro do CRPI, ela ia caminhando até o espaço. Ela apontou que levava em torno de dez minutos para completar o trajeto. Afirmou que já participou de outras atividades no equipamento, como a Vida Ativa, que é um projeto com exercícios físicos e que, assim que puder voltar para ele, após a pandemia da COVID-19, estará lá novamente. Além do Vida Ativa e do Voz e Violão, participou das aulas de artesanato, mas não deu continuidade, devido a dificuldades dela com o horário dessas aulas. Entre fazer as aulas de artesanato ou de Voz e Violão, ela preferiu ficar com a segunda opção.

Betânia era considerada a secretária do grupo para organização das apresentações em ILPIs, como já mencionado aqui. Foi ela quem deu a ideia para que essas ações acontecessem. Era ainda quem entrava em contato com as instituições e organizava a agenda de apresentações, como também a ida do grupo aos esses espaços externos. Sobre a organização das apresentações nessas instituições, Betânia afirmou:

Começou assim, ele (o professor) olhou bem na minha cara, como quem se diz: “Você é doida”. Sabe quando você fala uma coisa, você espanta e olha? Aí, passou. Aí, eu falei com ele: “Topa ou não topa?” Ele falou: “É, se você arrumar...” Chegava aqui em casa, eu ficava o dia inteiro no telefone, oferecendo e explicando e pedindo e implorando. Hoje, eles (ILPIs) ligam pedindo. Então, eu acho que isso também ajudou o grupo a subir.

Quando questionada sobre como ela definiria o grupo Voz e Violão, hoje ela disse: “Voz e Violão é formado por um grupo de jovens idoso, que está pronto a servir os necessitados e ajudar quem precisa. É um grupo de caridade.” Mais do que um grupo de pessoas idosas aprendendo a tocar violão, para Betânia, o papel mais importante do grupo residia nas apresentações realizadas. As entrevistas de outros idosos também destacaram a importância dessas apresentações para eles.

Em relação às aulas remotas, Betânia acompanhou algumas no início, mas alegou que não tinha conseguido participar mais ativamente porque estava com um problema nas vistas, o qual vinha a prejudicando bastante. No entanto, ela ressaltou a importância dos encontros para os participantes saírem da monotonia nestes tempos de isolamento social.

Durante toda a entrevista, Betânia fez questão de ressaltar a importância do perfil do professor Daniel para o sucesso das atividades do Voz e Violão. Ela ressaltou a paciência e a atenção dele ao ensinar, além de estar sempre atento às necessidades de cada uma e de cada um ali presente, tentando passar mais alegria para a vida das pessoas que o cercam no CRPI. Além

disso, na visão dela, o crescimento do número de pessoas no CRPI, assim como a maior visibilidade do equipamento em Belo Horizonte, se deve ao trabalho desenvolvido no grupo Voz e Violão.

Após essa apresentação dos percursos metodológicos da pesquisa, assim como do espaço em que foi desenvolvida e dos sujeitos que participaram das entrevistas, pretende-se, no próximo capítulo, ampliar a discussão acerca do envelhecimento humano. Para tanto, buscou-se abordar diferentes aspectos, tais como as diferentes concepções acerca do envelhecimento, as designações sobre a velhice e seus significados, o envelhecimento humano ao longo das culturas, as políticas públicas relacionadas ao processo de envelhecimento e a relação entre qualidade de vida e envelhecimento.

**O tempo<sup>7</sup>**

*O tempo aqui e o tempo aí  
É tempo em mim e tempo em ti*

*É tempo de ouvir o tempo  
O que o tempo diz  
É tempo de sentir do tempo  
Que é tempo de ser feliz*

*É tempo de amar, tempo de paz  
Tempo de seguir em frente  
Tempo de olhar pra trás*

*É tempo de saber do tempo  
O tempo que o tempo tem  
É tempo de entender que o tempo  
Não tem tempo de esperar por ninguém*

*É tempo de somar amor  
Tempo de diminuir a quebra  
Tempo de multiplicar a paz  
Tempo de dividir o pão*

*É tempo matemático do tempo  
Do tempo e do espaço  
É tempo de muito amor tempo de confundir-se  
Nesse grande e imenso  
Atraso*

---

<sup>7</sup> CARLOS, Maria I. O tempo. *In*: SENA, Bernardina de e LACERDA, Patrícia. (Orgs.) **Eu Bonsai** - Minha vida em versos. Belo Horizonte: Grupo Cultural Meninas de Sinhá, 2017.

## CAPÍTULO 2 - O ENVELHECIMENTO HUMANO

### **2.1 – Diferentes velhices: concepções sobre o processo de envelhecimento humano.**

O envelhecimento populacional é uma realidade em nosso país. Dados do IBGE, relativos ao ano de 2019, demonstram que o país tem um índice de 13% de sua população composta por idosos, o que corresponde a 28 milhões de pessoas nessa faixa etária. O IBGE (2019) ainda aponta que, em 2050, o país terá praticamente um terço da sua população composta por pessoas acima de 60 anos, o que representará 29,3% do total da população.

Para Azevedo, Azevedo e Istoé (2018), aspectos como a redução da taxa de natalidade e a melhoria de fatores socioeconômicos, assim como os avanços na medicina e a melhoria das condições sanitárias, explicam o rápido crescimento do envelhecimento da população mundial.

A pesquisa aqui apresentada considera, como integrantes da categoria de idosos, as pessoas com 60 anos ou mais de idade. Esse recorte etário segue os parâmetros utilizados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Estatuto do Idoso, criado no Brasil em 2003.

A definição de quem faz parte da categoria de pessoas idosas se distingue, de acordo com o nível de desenvolvimento de um país. Nos países em desenvolvimento, são consideradas idosas aquelas pessoas com 60 anos ou mais, enquanto, nos países considerados desenvolvidos, idosas são as pessoas com 65 anos ou mais. A Organização das Nações Unidas (ONU) foi quem definiu essa diretriz, por meio da Resolução 39/125, durante a Primeira Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento da População, estabelecendo relações com a expectativa de vida ao nascer e com a qualidade de vida que os países propiciam aos seus cidadãos.

A velhice cronológica talvez seja o conceito mais objetivo por se tratar de números. Tem como intuito representar apenas o tempo de vida, a partir do nascimento, mas não leva em consideração as experiências, os acontecimentos vividos, as condições de existência que levaram o sujeito até ali e de que forma elas o fizeram ser quem ele é.

Para Schneider e Irigaray (2008, p. 590), “a idade cronológica refere-se somente ao número de anos que tem decorrido desde o nascimento da pessoa, portanto não é um índice de desenvolvimento biológico, psicológico e social, pois ela por si só não causa o desenvolvimento”.

No entanto, até mesmo ao se tratar da velhice por critérios cronológicos, tem sido estabelecidas distinções entre os grupos etários. Segundo Marcos Ramayana, promotor de

justiça e autor de o *Estatuto do Idoso Comentado*, de 2004, a Organização das Nações Unidas (ONU) divide os idosos em três categorias: os pré-idosos, de 55 a 64 anos de idade; os idosos jovens, de 65 a 79 anos; e os idosos de idade avançada, a partir dos 80 anos. Isto nos leva a perceber que, mesmo se tratando de anos vividos, há diferenciações entre o que se denomina como idosos. A categorização entre idosos jovens e idosos de idade avançada levou o Brasil a alterar o Estatuto do Idoso, por meio da lei nº 13.466, de 12 de julho de 2017, que estabelece prioridade especial aos maiores de 80 anos:

**Art. 2º** O art. 3º da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, passa a vigorar acrescido do seguinte:

§ 2º, renumerando-se o atual parágrafo único para § 1º:

"Art. 3º .....

§ 1º .....

§ 2º Dentre os idosos, é assegurada prioridade especial aos maiores de oitenta anos, atendendo-se suas necessidades sempre preferencialmente em relação aos demais idosos." (NR) (BRASIL, 2017).

De acordo com Schneider e Irigaray (2008, p. 585), as sociedades se utilizam de um recorte etário para designar quem faz parte da categoria de idosos, como no caso brasileiro, que considera como idosas as pessoas com 60 anos ou mais, mas desconsideram nessa classificação os aspectos psicológicos, biológicos e sociais. Para esses autores, “o conceito de idade é multidimensional e não é uma boa medida do desenvolvimento humano. A idade e o processo de envelhecimento possuem outras dimensões e significados que extrapolam as dimensões da idade cronológica”. Ainda, sobre esse ponto, Veras (2003) questiona:

Quando uma pessoa se torna velha? Aos 55, 60, 70 ou 75 anos? Nada flutua mais do que os limites da velhice em termos de complexidade fisiológica, psicológica e social. Uma pessoa é tão velha quanto as suas artérias, quanto ao seu cérebro, quanto ao seu coração, quanto seu moral ou quanto sua situação civil? Ou é a maneira pela qual outras pessoas passam a encarar as características que classificam as pessoas como velhas? (VERAS, 2003, p. 10).

Neri (2015, p. 181) afirma que, em nossa sociedade, a idade é um conceito social. Para essa autora, “infância, adolescência, vida adulta e velhice são fases construídas socialmente, por meio de normas reguladoras que determinam as exigências e as oportunidades de cada segmento etário na ordem social”. A autora ressalta ainda que essas normas etárias vão se modificando ao longo do tempo. Neri aponta que:

Em nenhuma disciplina científica se acredita que a idade cronológica cause o desenvolvimento ou envelhecimento. Em todas elas, os pesquisadores concordam que essa variável é um importante indicador dos processos de desenvolvimento e

envelhecimento e usam essas escalas de tempo correntes como referencial para registrar e descrever as mudanças do desenvolvimento e do envelhecimento. Assim, o critério cronológico funciona como ponto de referência e como elemento organizador, uma vez que vivemos em um mundo temporalizado. (NERI, 2015, p. 339).

Sendo assim, apesar de os idosos serem identificados como categoria, a partir de seu tempo de vida, não é possível simplificar essa caracterização apenas pela idade cronológica. Há nesse grupo uma grande diversidade. Além da idade cronológica, existem outros condicionantes como, por exemplo, a renda, o pertencimento étnico-racial, o gênero e a região onde se vive que os levam a se diferenciar no interior dessa categoria.

A dificuldade de delimitação para as idades da vida não diz respeito apenas ao envelhecimento humano. Leite (2008) aponta para os desafios para se determinar uma definição acerca da infância e juventude. Para essa autora:

Elaborar uma definição de infância e de juventude não é uma tarefa fácil. Isso porque, por um lado, há uma dificuldade em construir uma definição que consiga abranger a heterogeneidade do real e, por outro, é possível observar que algumas representações sobre esses segmentos estão presentes no imaginário social, interferindo na sua compreensão. Nesse sentido, as interpretações sobre o que é ser criança e ser jovem são categorias socialmente produzidas, que adquirem significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos.

Por isso, entendemos que é fundamental considerar, ao se pensar as idades da vida, as relações entre as dimensões históricas, culturais, sociais e biológicas, pois, se há características universais (dadas pelas transformações biológicas) que acontecem numa determinada fase, é muito diversificada a forma como cada sociedade – e no seu interior, cada grupo social –, em um momento histórico determinado, representa e convive com essas transformações. (LEITE, 2008, p. 10).

Em relação a esse ponto de vista, Scoralick-Lempke e Barbosa (2012) afirmam que a velhice é, então, compreendida como um processo multideterminado e heterogêneo, assim sendo, nenhuma circunstância etária pode ser assumida como princípio geral ou obstáculo natural, uma vez que “em todas as fases, o ser humano pode desenvolver habilidades que o auxiliam em sua capacidade adaptativa”. (SCORALICK-LEMPKE E BARBOSA, 2012, p.649).

Para Simone de Beauvoir (1990, p.67), em seu livro *A velhice*, o envelhecimento humano “tem, sobretudo, dimensão existencial, como todas as situações humanas, modifica a relação do homem com o tempo, com o mundo e com sua própria história, revestindo-se não só de características biopsíquicas, como também sociais e culturais”.

Também, nesse sentido, para Azevedo, Azevedo e Istoé (2018), o estudo sobre o envelhecimento deve levar em consideração as interfaces biológicas, psicológicas e sociais, entendendo que cada indivíduo, em sua experiência no processo de envelhecimento, se



relaciona com “sistemas mayores, aquellos contextos que condicionam su processo individual y coletivo” (AZEVEDO; AZEVEDO e ISTOÉ, 2018, p. 73). Assim, para esses autores:

Desde este ángulo, estudiar el envejecimiento y la longevidad impone desafíos en relación a los contextos dinámicos en que se desarrollan los seres humanos, derivados de los patrones, condiciones de vida y salud secundarias a la urbanización, la industrialización, los problemas ambientales y todas aquellas situaciones globales que afectan a los individuos de acuerdo a su entorno local. (AZEVEDO; AZEVEDO; ISTOÉ, 2018, p. 73).

Zimmerman (2007, p. 19), ao iniciar a discussão sobre quem é o velho, declara: “velho é aquele que tem diversas idades: a idade do corpo, da sua história genética, da sua parte psicológica e da sua ligação com a sociedade.” Assim, reforça a ideia da diversidade presente nesta categoria etária e da individualidade presente no processo do envelhecer.

O envelhecimento humano deve ser compreendido, portanto, como tendo um caráter plural, que não pode ser analisado apenas tomando como base o aspecto cronológico ou biológico enfatizando as perdas em seus processos motores, fisiológicos e cognitivos. Sobre a representação da velhice, Debert e Oliveira (2013) apontam:

Os primeiros estudos sobre esse segmento populacional caracterizavam a velhice como uma situação marcada pela decadência física e perdas de papéis sociais, posto que as sociedades modernas não previam um papel específico ou uma atividade para os velhos, abandonando-os a uma existência sem significado. Nessa mesma linha, os velhos eram tidos como uma minoria desprivilegiada nas sociedades industrializadas - baixa renda e baixo status seriam o destino inevitável daqueles que atingem os 60 anos, e, nesse sentido, seriam uma minoria estigmatizada como qualquer outra e formariam um grupo com um estilo próprio de vida que se sobrepõe às diferenças de ocupação, sexo, religião e identidade étnica. (DEBERT e OLIVEIRA, 2013, p.124).

Essas mesmas autoras destacam que estudos realizados, a partir da década de 1970, começaram a discutir sobre a heterogeneidade no processo de envelhecimento, levando em consideração as diferenciações socioeconômicas, étnicas, religiosas e de gênero. Uma nova face da velhice emergiu a partir desses estudos. Segundo Debert e Oliveira (2013), os gerontólogos passaram a destacar mais os ganhos advindos com o envelhecimento em contraposição a essa visão da velhice como um momento caracterizado pelas perdas e pelos estereótipos negativos. Debert e Oliveira (2013) destacam:

Dessa perspectiva, os estágios mais avançados da vida passam a ser tratados como momentos privilegiados para novas conquistas guiadas pela busca do prazer, da satisfação e da realização pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados propiciariam aos mais velhos oportunidades de explorar novas identidades, realizar projetos abandonados em outras etapas da vida, estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos. Essas novas imagens acompanham

a construção da “terceira idade” como uma etapa gratificante e abrem espaço para que experiências de envelhecimento bem-sucedidas possam ser vividas coletivamente. (DEBERT e OLIVEIRA, 2013, p.125).

No entanto, a própria Debert (1999), ao discutir sobre essa nova forma de se tratar a velhice, destaca o caráter de reprivatização do envelhecimento. A representação dos idosos por meio do que se caracteriza a “Terceira Idade” não dá conta de enfrentar as perdas, sejam elas relacionadas à cognição, à parte motora ou a problemas emocionais que se relacionam com o idoso. Não conseguir alcançar o modelo ideal da Terceira Idade pode refletir uma falha do sujeito, ao não ter se envolvido em atividades que lhe gerassem maneiras de retardar a velhice. Debert e Oliveira (2013) destacam:

Para alguns autores, a visão da velhice como uma situação de perdas e dependência foi substituída por uma visão mais positiva do envelhecimento. É, no entanto, preciso atentar para a coexistência dessas faces distintas da velhice e para o modo através do qual as políticas públicas consagram uma ou outra dessas faces. (DEBERT e OLIVEIRA, 2013, p. 123).

A imagem social do que é ser idoso impacta nas políticas públicas que serão destinadas a esses sujeitos. Um exemplo atual está relacionado às discussões a respeito da produtividade econômica e, conseqüentemente, aquela realizada a respeito da previdência. As alterações na lei que rege a aposentadoria no país estão também pautadas no envelhecimento populacional e na maneira como se enxerga esse grupo populacional. As representações de um idoso ativo, com capacidades físicas, motoras e cognitivas preservadas levam à compreensão de que se pode trabalhar por mais tempo. Segundo Debert e Oliveira (2013), as representações sociais da velhice direcionam as políticas públicas:

A representação do avanço da idade como um processo contínuo de perdas – em que os indivíduos ficariam relegados a uma situação de abandono, de desprezo e de ausência de papéis sociais – acompanha o processo de constituição da velhice numa preocupação social e política. Essa visão de uma experiência homogênea de perdas funda a Gerontologia e é um elemento de legitimação de direitos sociais que levaram à universalização da aposentadoria, ao conjunto de leis protetivas dos idosos e às conferências e aos planos de ação internacionais para o envelhecimento. (DEBERT e OLIVEIRA, 2013, p. 112).

Ao mesmo tempo, a representação da velhice, com mais autonomia e com melhores condições de saúde, gera discussões e mudanças como a alteração que ocorreu na lei previdenciária no Brasil. Um dos pontos mais críticos a este respeito é não terem sido consideradas as diferenças regionais e os tipos de ocupação dos sujeitos durante a vida, que podem promover maiores desgastes na saúde física e mental das pessoas mais vulneráveis ao

longo do tempo. Sobre a reforma da previdência, Pocahy (2019, p.190) ressalta que “a cada dia e a cada nova tentativa de “reforma” sobre as políticas de previdência e assistência a idosas e a idosos, ampliam-se ataques à cidadania de pessoas que fizeram de nós um país complexo e rico em suas diversas culturas, sua história, seu patrimônio público”.

É interessante ressaltar que as distinções entre as velhices apareceram no documento intitulado “Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa”. Trata-se de um documento técnico, elaborado pelo Ministério do Desenvolvimento Social, no ano de 2018, mas que parece não ter sido levado em conta para a elaboração das novas regras da previdência para a aposentadoria. Seu texto aponta que:

No Brasil, há muitos desafios para as pessoas envelhecerem com qualidade e plena capacidade funcional, autonomia e independência. É importante ressaltar que a superação desses desafios é ainda mais complexa para a pessoa idosa de baixa renda ou de renda insuficiente, já que a limitação financeira pode intensificar a diminuição da capacidade funcional, da autonomia e da independência à medida que a pessoa envelhece. Para uma grande parcela da população idosa, a capacidade funcional pode diminuir significativamente à medida que o tempo passa, influenciada ao longo da vida. (BRASIL, 2018, p. 7).

Camarano (2013), ao discutir sobre a definição da população idosa, cita o trabalho de Camarano e Medeiros (1999) e alerta que a formulação das políticas públicas, tendo como base a demarcação de grupos populacionais, é de extrema importância, mas que todas as classificações nesse sentido acabam por minimizar a heterogeneidade que compõe um determinado grupo e, assim, acabam por incluir sujeitos que não necessitam de tal política ou por excluir outros que precisam dela. A autora ainda destaca que a grande vantagem de se utilizar o corte etário para formulação de políticas públicas está na facilidade de sua verificação.

Assim, percebem-se as dificuldades em se tratar todas as pessoas que se encontram acima dos 60 anos de idade da mesma forma. Há que se compreender que o processo de envelhecimento ocorre ao longo da vida e é determinado – especialmente num país com tantas diferenças, como o Brasil – por fatores, tais como renda, raça, local onde se vive, tipo de trabalho, condições de acesso à educação e à saúde, em geral. Portanto, não há como se tratar desse tema, sem que se discuta sobre as diferentes velhices. Sobre as diferenças no processo de envelhecimento humano, Manhães, Guimarães e Maciel (2018) ressaltam:

É fato que a complexidade sobre envelhecimento humano, aqui abordada como em seu contexto amplo, representa uma experiência única de cada pessoa no decorrer da vida. Isso porque cada ser humano vive de forma singular com peculiaridades distintas e individuais, nos aspectos sociais, cronológicos, biológicos e psicológicos. O envelhecimento, como citado em outros momentos e por diversos pesquisadores, é

um fenômeno complexo e heterogêneo, que envolve questões de responsabilidade individual e social. (MANHÃES; GUIMARÃES e MACIEL, 2018, p. 40).

Diante da heterogeneidade do envelhecimento humano, alguns autores se debruçaram sobre o tema e procuraram caracterizar as interfaces biológica, psicológica e social, que compõem o processo de tornar-se velho. Para Azevedo, Azevedo e Istoé (2018), levando-se em conta as interfaces acima descritas, cada sujeito terá uma experiência de envelhecer, inter-relacionando seus contextos individuais e coletivos. Segundo esses autores, para se discutir envelhecimento e longevidade, há que se compreender os contextos dinâmicos em que o sujeito esteve inserido, analisando a relação com suas condições de vida e de saúde, com a urbanização, com a industrialização, com os problemas ambientais e todas as situações globais que podem afetar os seres humanos, de acordo com o entorno em que vivem.

Alguns autores procuram diferenciar os tipos de envelhecimento: cronológico, biológico, psicológico e social. De acordo com Motta (2004), o envelhecimento cronológico tem seu início na infância, e é possível mensurá-lo de forma fácil. Já o envelhecimento biológico, advindo com as mudanças fisiológicas associadas à idade, é mais difícil de ser estimado. Quanto ao envelhecimento biológico, Moraes, Moraes e Lima (2010) afirmam:

O envelhecimento biológico é implacável, ativo e irreversível, causando mais vulnerabilidade do organismo às agressões externas e internas. Existem evidências de que o processo de envelhecimento é de natureza multifatorial e dependente da programação genética e das alterações que ocorrem em nível celular-molecular. Pode haver, conseqüentemente, diminuição da capacidade funcional das áreas afetadas e sobrecarga dos mecanismos de controle homeostático, que passam a servir como substrato fisiológico para influência da idade na apresentação da doença, da resposta ao tratamento proposto e das complicações que se seguem. (MORAES; MORAES; LIMA, 2010, p. 68).

Esses mesmos autores acima citados apontam que as deficiências dos órgãos e funções vitais vão surgindo de forma discreta durante a vida, o que é conhecido como senescência. Afirmam também que não há uma uniformidade no processo de envelhecimento dos órgãos e sistemas humanos. Os autores ressaltam ainda que esses acontecimentos não são considerados doença, mas fazem parte do processo natural da vida.

Zimmerman (2007) descreve algumas alterações que acontecem no processo de envelhecimento biológico. Em relação à parte externa do corpo, percebem-se rugas, o surgimento de manchas senis, há maior flacidez da pele, aumento de pelos no nariz e orelhas, há o aumento na curvatura da postura e a redução da estatura. Já no plano interno, há a redução do metabolismo, a degeneração de células ligadas à captura de sons, a piora da visão, resultante da menor flexibilidade do cristalino, a atrofia de órgãos internos, dentre outros. Para Zimmerman

(2007, p. 22), “com o passar dos anos, o desgaste é inevitável, sabemos que a velhice não é uma doença, mas, sim, uma fase na qual o ser humano fica mais suscetível a doenças”.

No que tange ao envelhecimento neuropsicológico, Moraes, Moraes e Lima (2010, p. 68) afirmam que estudos realizados por psiquiatras e psicólogos revelam que durante a velhice não é comum “alterações na funcionalidade mental do idoso, ou seja, os idosos saudáveis, sem limitações físicas, podem ser bastante produtivos”. Ressaltam que os estudos, ao apontarem como e quais funções psíquicas vão se modificando ao longo da vida, trouxeram a compreensão para que:

O idoso não seja tratado como um ser limitado cognitivamente, mas que requer a adaptação de estímulos ambientais para possuir funcionalidade comparável à de adultos jovens. O conhecimento sobre o envelhecimento neuropsicológico ajuda a fundamentar as mudanças exigidas pela sociedade para que os idosos sejam adequadamente valorizados em nosso meio. (MORAES; MORAES; LIMA, 2010, p. 68)

Para explicar melhor o que os autores acima apresentam, eles definem cognição como sendo a faixa de funcionamento intelectual do ser humano, o que corresponde à sua atenção, percepção, seu raciocínio, sua memória, a tomada de decisões, a solução de problemas, assim como a formação de estruturas complexas do conhecimento. Moraes, Moraes e Lima (2010) ainda ressaltam a dificuldade que existe entre determinar os limites das alterações cognitivas consideradas normais e as consideradas patológicas. Sobre esse tema, eles afirmam que:

O conhecimento da evolução neuropsicológica permite aferir se alguma função cognitiva prejudicada significa doença. As habilidades que sofrem declínio com a idade são: memória de trabalho, velocidade de pensamento e habilidades visuoespaciais, enquanto as que se mantêm inalteradas são: inteligência verbal, atenção básica, habilidade de cálculo e a maioria das habilidades de linguagem. (MORAES; MORAES e LIMA, 2010, p. 69).

Ainda em relação ao envelhecimento psicológico, Fechine e Trompieri (2012), ao citarem Neto (2002), apontam:

A idade psicológica para esse autor é a relações entre a idade cronológica e as capacidades de memória, aprendizagem e percepção. Este tipo de idade relaciona o senso de subjetividade da idade de um sujeito em comparações com outros indivíduos, tendo como parâmetro a presença de marcadores biológicos, sociais e psicológicos do envelhecimento. Portanto, a idade social é a capacidade que um indivíduo tem de se adequar a certos papéis e comportamentos referentes a um dado contexto histórico da sociedade. (NETO, 2002 *apud* FECHINE e TROMPIERI, 2012, p. 5).

A idade social, conforme Neto (2002) *apud* Fachine e Trompieri, (2012) está, portanto, relacionada aos papéis sociais<sup>8</sup> destinados aos indivíduos de uma determinada sociedade. Assim, o envelhecimento social também é distinto de uma cultura para outra. No caso da cultura ocidental capitalista, como a brasileira, o envelhecimento social está relacionado à perda de “utilidade” na ordem produtiva e essa condição leva o idoso a perder laços sociais importantes, o que, segundo Zimerman (2007), modifica o *status* social<sup>9</sup> da pessoa idosa e suas formas de relacionamentos pessoais. A autora aponta como causas:

**Crise de identidade:** perda da autoestima, ocasionada pela ausência de papel social;  
**Mudanças de papéis:** adequações a novos papéis decorrentes do aumento do seu tempo de vida. Essas mudanças ocorrem no trabalho, na família e na sociedade;  
**Aposentadoria (reforma):** os idosos devem estar preparados para não ficarem isolados, deprimidos e sem rumo;  
**Perdas diversas:** aqui se incluem perdas no campo aquisitivo, na autonomia, na independência, no poder de decisão, e na perda de parentes e amigos; e  
**Diminuição dos contactos sociais:** esta redução decorre de suas possibilidades. (ZIMERMAN, 2007, p. 24)

Em relação ao envelhecimento psicológico, Zimerman (2007) aponta para algumas mudanças que o corpo humano pode sofrer. A autora relata a falta de motivação, a menor adaptabilidade às mudanças, a menor disponibilidade de se planejar o futuro, os problemas relacionados à autoimagem e à autoestima, a maior propensão às doenças, como depressão, somatização, hipocondria, por exemplo. Zimerman (2007) acrescenta:

A experiência mostra que, assim como as características físicas do envelhecimento, as de caráter psicológico também estão relacionadas com a hereditariedade, com a história e com a atitude de cada indivíduo. As pessoas mais saudáveis e otimistas têm mais condições de se adaptarem às transformações trazidas pelo envelhecimento. Elas estão mais propensas a verem a velhice como um tempo de experiência acumulada, de maturidade, de liberdade para assumir novas ocupações e até mesmo tempo de liberação de certas responsabilidades. (ZIMERMAN, 2007, p. 25)

Neri (2013), ao discutir sobre as variáveis que interferem no processo de senescência, defende que o envelhecimento depende “do nível de desenvolvimento biológico e psicológico atingido pelos indivíduos e pelas coortes em virtude da ação conjunta da genética, dos recursos

<sup>8</sup> Em relação ao conceito de Papel Social, de acordo com Johnson (1997, p. 295), “Um papel é um conjunto de ideias associadas a um *status* social, que definem sua relação com outra posição. O papel de professor, por exemplo, é construído em torno de um conjunto de ideias sobre professores em relação a estudantes: crenças sobre quem são eles, valores relacionados com os objetivos que se supõe que busquem atingir, normas relativas a como se espera que pareçam e se comportem, atitudes sobre suas predisposições emocionais em relação ao trabalho e aos estudantes”.

<sup>9</sup> Quanto ao conceito de Status Social, Johnson (1997, p. 382) aponta que “(...) A maioria dos sociólogos, no entanto, define-o simplesmente como a posição ocupada pelo indivíduo em um sistema social. ‘Esposa’ e ‘marido’, por exemplo, são *status* em sistemas matrimoniais, da mesma maneira que ‘advogado’, ‘jurado’ e ‘juiz’ são *status* em sistemas judiciários. (...)”.

sociais, econômicos, médicos, tecnológicos e psicológicos.” (NERI, 2013, p. 20). É também nesse sentido o posicionamento da OMS (2015):

Embora parte da diversidade observada em idade mais avançada reflita a nossa herança genética, a maior parte dela surge dos ambientes físicos e sociais que habitamos. Esses ambientes incluem o nosso lar, a nossa vizinhança e a nossa comunidade, que podem afetar diretamente a nossa saúde ou impor barreiras ou incentivos que influenciam as nossas oportunidades, decisões e comportamentos. (OMS, 2015, p. 7)

Para Moraes, Moraes e Lima (2010, p. 72), a singularidade do processo de envelhecimento humano se constitui a partir da conjugação de seus aspectos biológicos, psíquicos, familiares e sociais durante sua existência. Os autores afirmam: “O processo de envelhecimento é, portanto, absolutamente individual, variável, cuja conquista se dá dia após dia, desde a infância. A velhice bem-sucedida é consequência de uma vida bem-sucedida.”

Precisamos destacar aqui o que se entende por velhice bem-sucedida. Para Neri *et al.* (2009), uma velhice bem-sucedida é aquela na qual os idosos mantêm sua autonomia, sua independência e um envolvimento ativo com a vida pessoal, com a família, com os amigos, com o lazer, com a vida social. Segundo Neri *et al.* (2009), a educação representa um papel fundamental na mudança de crenças e atitudes frente ao envelhecimento.

Neri e Yassuda (2008) elencam os seguintes critérios para se pensar uma velhice bem-sucedida: ausência de doenças; a possibilidade de manter a autonomia e independência; e a ideia de que seja possível uma velhice saudável, quando se pode controlar o quadro clínico. Afirmam ainda que seja possível defender uma definição psicológica para o envelhecimento saudável, ou seja, a posição subjetiva em relação à velhice, que permitirá ao idoso viver bem o processo de envelhecimento, por meio da efetivação de recursos psíquicos que possibilitem o enfrentamento dos desafios.

Assim, a partir do que foi discutido até então, pode-se perceber os múltiplos fatores que compõem o envelhecimento humano. Não se trata apenas de uma questão de contabilizar anos vividos, mas de elementos que englobam aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Assim, não se pode falar de velhice, mas de velhices, uma vez que há uma pluralidade de elementos que interferem no que se constituirá na experiência individual de cada ser humano nessa fase da vida.

Além de se tratar dos diferentes aspectos que envolvem o processo de envelhecer, acredita-se que seja importante também discutir acerca das diferentes nomenclaturas utilizadas para indicar as pessoas que pertencem a essa categoria etária. Assim como a representação da

velhice vem se modificando ao longo dos anos, há também uma variedade de termos usados para tratar aqueles que ultrapassam os 60 anos. O item a seguir aborda a discussão acerca das designações utilizadas para se referir a essas pessoas e seus possíveis significados.

## **2.2 - As velhices e seus diferentes termos**

Os sujeitos desta pesquisa são classificados na sociedade como velhos, idosos, velhotes, “pessoas de mais idade” ou que pertencem à chamada Terceira Idade. Entretanto, diante de tantas terminologias para designá-los, é necessário verificar quais os possíveis significados podem estar implícitos em termos que, a princípio, se apresentam como sinônimos, deste modo, quais tipos de preconceitos podem carregar e em qual contexto são criados e utilizados.

Para Neri e Freire (2003), a existência de vários termos para designar a velhice se deve ao preconceito existente. Afirmam que, se o preconceito não existisse, não haveria necessidade de usar palavras para disfarçá-lo e que, na verdade, a conotação positiva ou negativa de cada terminologia utilizada não está neles e sim “nas razões pelas quais elas tiveram seu significado modificado”. As autoras completam:

Embora existam muitas variações sociais e individuais no que se refere ao ritmo do envelhecimento, ao significado de “velhice” e aos termos pelos quais são designadas pessoas idosas, em cada época são estabelecidos critérios para agrupar categorias etárias e para demarcar o início da velhice. A sociedade não o faz com base em pura invenção, mas como resposta às mudanças evolutivas compartilhadas pela maioria das pessoas dos vários grupos etários, seja em virtude de determinação biológica, seja em virtude de determinação histórica e social. (NERI e FREIRE, 2003, p. 14)

É também nesse mesmo sentido que Schneider e Irigaray (2008, p. 588) argumentam. Segundo esses autores, “A existência de múltiplas palavras para nomear a velhice revela o quanto o processo de envelhecimento é complexo, negado, evitado ou mesmo temido. Evidencia claramente a existência de preconceitos, tanto por parte da pessoa idosa quanto da sociedade”.

Em *A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade*, Debert (2003) afirma que a velhice não é uma categoria natural, mas, como toda categoria de idade, é socialmente produzida. Segundo a autora, as representações sobre a velhice, assim como aquelas da infância, juventude e da adolescência, ganham significados distintos em contextos históricos e socioculturais diferentes. Afirmam ainda que a periodização das etapas da vida se faz por meio de rituais simbólicos que variam de uma sociedade para outra.



As considerações de Motta (2003), em seu texto *Chegando pra Idade* vão ao encontro daquelas de Debert (2003), uma vez que acredita-se que as sociedades dão significados específicos a cada etapa da vida dos indivíduos, em diferentes momentos históricos. Aponta ainda que as sociedades estabelecem funções e atribuições, na maioria das vezes, de forma arbitrária, aos grupos de idade, na divisão social do trabalho. São arbitrárias porque muitas vezes não refletem de forma real as aptidões e possibilidades das pessoas incluídas nos grupos de referência etária determinados. Sobre esse aspecto, Santa Rosa (2004) afirma:

As formas de cada sociedade encarar o processo do envelhecimento, por sua vez, também sofrem influência de seus padrões de ver e sentir o mundo, os quais estão sofrendo profundas mudanças no momento atual. Nem a juventude nem a velhice são concepções absolutas, mas interpretações sobre o curso da existência, podendo, desse modo, ser consideradas como conceitos construídos historicamente, inserido-se ativamente na dinâmica dos valores e das culturas das quais se originam. (SANTA ROSA, 2004, p. 28).

Para Debert (2003), a questão da construção histórica das categorias de idade ajuda a manter ou transformar as posições sociais, pois é por meio dessas categorizações que se estabelecem direitos e deveres e, mais do que isso, distribuem-se alguns privilégios e poderes. Essa autora aponta que foi a partir da modernidade que a idade cronológica passou a ser um fator fundamental na organização social e que coube ao Estado moderno a função de organizar o curso de vida: “a regulamentação estatal do curso de vida está presente, do nascimento até a morte, passando pelo sistema complexo que engloba as fases de escolarização, entrada no mercado de trabalho e aposentadoria.” (DEBERT, 2003, p. 59).

Santa Rosa (2004) concorda com Debert (2003) quanto à cronologização das categorias de idade a partir da modernidade. Acrescenta ainda que a divisão das fases da vida em categorias distintas está interligada à expectativa de vida de uma determinada sociedade. Assim, a expectativa de vida da sociedade pré-histórica, na qual as pessoas, em sua maioria, não passavam dos dezoito anos, e da sociedade moderna, em que as pessoas atingem uma média de 85 anos, determina diferentes demarcações nos estágios da vida.

A representação do velho como alguém debilitado ou incapaz está ligada a esta forma de organização social que delimita para cada grupo etário sua função social. Ao velho, cabe a aposentadoria, o nada fazer, a margem do mundo produtivo. Essa é uma visão sobre a velhice que certamente não contempla a todos que têm sua idade cronológica na faixa dos 60 anos ou mais de idade. Para Petrus, Roman e Trilha (2003), as pesquisas realizadas em torno de uma bibliografia especializada sobre as categorias de idade, sejam referentes à infância, à juventude ou ao idoso, por vezes contêm “estereótipos equivocados ou negativos”. Afirmam, por exemplo,

que as definições que se referem aos idosos como pessoas com pouca capacidade para trabalhar ou para se locomoverem acabam por influenciar as ações sociais e educativas destinadas a esse público.

Para Santa Rosa (2004), a fase atual, seja ela a pós-modernidade ou a transição para esta, vem revertendo a padronização e o ordenamento do curso de vida, uma vez que tem ocorrido o esfacelamento das grades etárias e dos papéis sociais destinados a cada uma delas. No caso da velhice, por exemplo, a autora afirma que esta foi desconstruída, uma vez que características físicas e cognitivas, antes tidas como próprias desta fase da vida, têm sido analisadas como anormalidades, como entidades clínicas individualizadas e distintas do processo de envelhecimento em si, que deve transcorrer com o mínimo de declínio (SANTA ROSA, 2004, p. 30). Há mudanças, sobretudo no estereótipo do idoso, que se transforma do idoso doente, senil e incapaz para o idoso ativo, que trabalha, viaja, se diverte e produz, mesmo após a aposentadoria.

Tais mudanças sociais apontam para as transformações na forma de pensar e de designar as pessoas acima de 60 anos de idade. Santa Rosa (2004) conclui que o termo Terceira Idade veio como sinônimo de envelhecimento ativo, próprio da fase atual. Portanto, velhice não deve ser confundida com Terceira Idade, sendo necessária a distinção entre “idosos jovens e idosos velhos”. O que era considerado velhice passa a ser considerado como “quarta idade”, com as características de decadência física e cognitiva.

Peixoto (2003) tem a intenção de traçar a trajetória da formulação pública dos termos, conceitos ou noções, vinculados ao envelhecimento, buscando entender as nuances das representações sociais francesas e brasileiras a respeito dessas categorias. Para tanto, elabora uma espécie de histórico dos casos francês e brasileiro acerca das terminologias usadas para designar pessoas de mais idade.

Segundo a mesma autora, a representação social do idoso variou ao longo do tempo, de acordo com as mudanças sociais e suas respectivas exigências por políticas para a velhice. A França do século XIX tratava, de forma diferente, pessoas acima de 60 anos, de acordo com sua posição social. Os velhos eram aqueles pertencentes à classe social mais baixa, os despossuídos, os mais pobres, ou seja, os que não possuíam *status* social. Já os maiores de 60 anos pertencentes às classes mais altas, detentores de bens, eram chamados de idosos. Segundo ela, a noção de velho era relacionada à decadência e à incapacidade para o trabalho.

Neste texto, Peixoto (2003) esclarece ainda que o termo idoso serviu para tornar os velhos pessoas mais respeitadas. Eles foram ainda mais valorizados, com a criação da aposentadoria, pois, assim, conseguiram um *status* social reconhecido. A aposentadoria traz

novos hábitos e daí emerge uma luta contra os termos velho e velhote, surgindo o termo Terceira Idade. Essa terminologia está relacionada ao envelhecimento ativo, independente e com atividades dinâmicas.

No entanto, a referida autora deixa claro que Terceira Idade não é apenas um substituto para o termo velhice, uma vez que essa expressão surgiu como produto da universalização da aposentadoria e do surgimento de diversos setores, para tratar as pessoas que se encontram nesta etapa da vida, sejam eles relacionados à alimentação, aos exercícios físicos especializados ou a necessidades culturais, sociais e psicológicas específicas. A autora alerta que a expressão Terceira Idade, que se destina aos idosos com uma vida ativa e autônoma, acabou por gerar, também, na França, a necessidade de se falar na Quarta Idade, relacionada às pessoas geralmente acima de 75 anos e ligada à imagem dos velhos com incapacidades e decadentes. Em relação às categorias de idade, Neri (2015) aponta:

A emergência de um novo grupo etário é comumente acompanhada de uma ideologia, dá origem a necessidades e oportunidades sociais inéditas, condiciona o estabelecimento de novas políticas e práticas sociais e abre espaço para a criação de novas instituições e organizações sociais. (NERI, 2015, p. 232)

Em relação ao caso brasileiro, Peixoto (2003) atenta para o fato de que este se assemelha muito ao francês e que as mudanças na terminologia da velhice chegaram aqui na década de 1960. Apesar de haver mudança na expressão para tratar as pessoas de idade avançada, o Brasil não apresentou, de imediato, uma preocupação com a melhoria da qualidade de vida desta população ou um projeto de proteção à velhice. A Constituição brasileira de 1988 (BRASIL, 1988) foi a legislação que, pela primeira vez, se preocupou com a questão da velhice no país, conforme será abordado em subitem posterior, neste capítulo, destinado à discussão sobre as políticas públicas para as pessoas idosas.

Motta (1999), em sua tese de doutorado, aponta que a expressão Terceira Idade é uma “invenção capitalista para discutir e justificar uma nova gestão de vida dos velhos trabalhadores, os sem herança ou patrimônio” (MOTTA, 1999, p. 14). Acrescenta ainda que não houve demora para que tal termo se estendesse para a classe média, pois foi com ela que o termo adquiriu “plena expressividade”, já que esta tem alguma renda para ser aplicada em atividades culturais e de lazer, atividades as quais o termo designa como próprias desta etapa da vida.

Neri e Freire (2003) consideram o significado da expressão Terceira Idade como sendo metafórico, uma vez que foi criado na França para se referir às pessoas que estavam se aposentando. Para tais autoras, esta expressão soaria melhor que velhice para designar uma

categoria emergente de pessoas que se aposentavam por volta dos 45 anos de idade, com boa saúde e uma perspectiva de vida bem maior que aquelas das gerações anteriores. Em relação ao termo Terceira Idade, Neri (2013) aponta:

A expressão “terceira idade” foi, então, associada a uma nova velhice, marcada pela atividade e pela produtividade na ocupação de um tempo livre que se apresentava cada vez mais extenso. As atividades de lazer, educação permanente e trabalho voluntário tinham a dignificá-las o trabalho realizado durante a segunda idade (vida adulta) em favor da primeira idade (infância e adolescência). (NERI, 2013, p. 23)

A expressão Terceira Idade acabou por criar um novo mercado para os “jovens velhos”, como atividades relacionadas ao turismo, a produtos de beleza, a produtos alimentares, gerontológicos e geriátricos. Sobre esta nova imagem relacionada à velhice, Bobbio (1997), ao falar das mensagens televisivas, afirma:

Nessas mensagens não o velho, mas o ancião, termo neutro, aparece bem apessoado, sorridente, feliz de estar no mundo porque pode enfim desfrutar de um tônico particularmente fortificante, ou de férias particularmente atraentes. E assim também ele se transforma em um celebradíssimo membro da sociedade de consumo, trazendo consigo novas demandas de mercadorias. (BOBBIO, 1997, p. 25-26).

Neri (2013) também destaca que, com o passar dos anos e com as mudanças na sociedade em relação às formas de produção, às relações de trabalho e às melhorias na saúde de pessoas idosas, a “terceira idade” acabou se transformando em uma fase entre a adultez e a velhice. Assim, os integrantes da terceira idade acabaram tendo papéis sociais e condições de saúde bem diferentes daquilo que se passaria a compreender como quarta idade ou velhice. A mesma autora ressalta ainda que:

Nos últimos 50 anos, várias denominações foram criadas, com o objetivo de organizar a informação disponível sobre o envelhecimento e a velhice. A difusão dessas categorias socialmente construídas tem-se prestado à difusão de informações interessantes ao controle ideológico exercido pelo Estado, por instituições que regulam as ações de saúde em âmbito mundial e regional, entre elas a Mundial da Saúde, a Organização Pan-americana da Saúde, pelas profissões e pelas universidades. (NERI, 2013, p. 20).

No Brasil, em termos institucionais, mais especificamente, em relação às políticas públicas, tem-se identificado a preferência pela utilização do termo “Pessoa Idosa”. O senador Paulo Paim, do Partido dos Trabalhadores, propôs o Projeto de Lei 3646, de 2019, que altera o nome do Estatuto do Idoso para Estatuto da Pessoa Idosa. Segundo o senador, “a palavra idoso é usada para designar genericamente todas as pessoas idosas, sejam homens ou mulheres,

embora mulheres sejam maioria na população de mais de 60 anos”. Além disso, o senador complementa:

Considerando não somente o respeito ao seu maior peso demográfico, mas também a necessidade de maior atenção estatal para a potencial dupla vulnerabilidade associada ao envelhecimento feminino, o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa (CNDI) tem recomendado essa substituição em todos os textos oficiais. (AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS, 2019, *on-line*).

No artigo “O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais”, Schneider e Irigaray (2008, p. 586), ao tratarem desse assunto, citam a pesquisa de Papalia, Olds e Feldman (2006) que categoriza em três grupos distintos: idosos jovens, que representam aqueles com idades entre 65 e 74 anos; idosos velhos, com idades entre 75 e 84 anos; e os considerados como idosos velhos, com 85 anos ou mais.

Assim, verifica-se que, ao longo do tempo, foram sendo criadas denominações diversas, com suas respectivas representações para designar aquelas pessoas que ultrapassam os 60 anos de vida. Cada designação vem com um significado e uma representação social. Como a pesquisa em questão tem como centralidade a discussão da educação para pessoas acima de 60 anos de idade, optou-se por designar, ao longo da tese, as pessoas com essa faixa etária como pessoas idosas ou como idosos.

### **2.3 – O envelhecimento humano ao longo do tempo e das culturas**

Segundo Bosi (1994), “além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social. Tem um estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem” (p.77). Assim sendo, cada cultura e cada povo, em diferentes momentos históricos, elaboraram tanto um lugar social para o velho como uma representação social da velhice.

Schneider e Irigaray (2008, p. 587) também relatam sobre a característica cultural na representação da velhice nas sociedades. Para esses autores, “As concepções de velhice nada mais são do que resultado de uma construção social e temporal feita no seio de uma sociedade com valores e princípios próprios, que são atravessados por questões multifacetadas, multidirecionadas e contraditórias”.

De acordo com Beauvoir (1990), o primeiro texto que se conhece tratando sobre envelhecimento é de 2500 a.C, tendo sido escrito por um filósofo egípcio que destaca de forma negativa a decadência física decorrente do passar dos anos de vida. A autora ressalta que o tema

do declínio das funções orgânicas tem sido destaque nas diferentes sociedades, ao se tratar do tema do envelhecimento humano.

No que diz respeito às produções datadas da Idade Antiga, Beauvoir (1990) afirma que a velhice, narrada pelos poetas da época, aparece como um tempo em que não se pode mais apreciar os prazeres da vida e as perdas no funcionamento do organismo por vezes fazem com que o viver seja considerado pior que a própria morte. Já em Platão, a imagem do velho representa a sabedoria e era considerado o idoso o mais capacitado para comandar a *polis* ideal.

No entanto, segundo Beauvoir (1990), Aristóteles tinha uma visão diferente de Platão em relação ao velho. Para esse filósofo, a alma e o corpo são indissociáveis, e a decadência do corpo físico afetava negativamente o espírito. Na visão de Aristóteles, os anciãos não seriam capazes de ocupar a *polis*: “Porque viveram inúmeros anos, porque muitas vezes foram enganados, porque cometeram erros, porque as coisas humanas são, quase sempre, más, os velhos não têm segurança em nada, e seu desempenho em tudo está manifestamente aquém do que seria necessário” (BEAUVOIR, 1990, p. 136-137). Nas sociedades da Roma Antiga, os idosos mais abastados eram os mais respeitados. No entanto, Beauvoir (1990) ressalta que, na maioria das peças teatrais, a imagem dos velhos ainda era de decadência.

Com a expansão do Cristianismo, de acordo com Beauvoir (1990), pouco foi feito em relação à situação dos idosos. A cúpula da Igreja era, em sua maioria, formada por jovens que se submetiam aos desejos da aristocracia. Na sociedade feudal, as relações de vassalagem, muito ligadas aos trabalhos por meio de esforços físicos, desprestigiavam a figura do idoso e era valorizada a imagem do jovem cavaleiro, com sua bravura.

Ainda em relação ao Cristianismo, Beauvoir (1990) ressalta que, nos relatos bíblicos, a velhice é, não raras vezes, relacionada a uma benção e os homens idosos reconhecidos como merecedores de respeito. A autora aponta que, com o fim da sociedade feudal e o início do mercantilismo, a situação da figura do velho na sociedade mudou: “Podem-se estocar as mercadorias e o dinheiro. Essa transformação modifica, nas classes abastadas, a condição dos velhos: através da acumulação de riquezas, eles podem tornar-se poderosos. Há mais preocupação com eles (Beauvoir, 1990, p. 175). No entanto, a autora destaca que o tratamento dado à figura dos idosos ao longo dos anos não passou por grandes transformações:

Do antigo Egito ao Renascimento, vê-se que o tema da velhice foi quase sempre tratado de maneira estereotipada; mesmas comparações, mesmos adjetivos. A velhice é o inverno da vida. A brancura dos cabelos e da barba evoca a neve, o gelo: há uma frieza do branco à qual se põem o vermelho – o fogo, o ardor – e o verde, cor das plantas, da primavera, da juventude. Os clichês se perpetuam, em parte porque o velho sofre um imutável destino biológico. Mas também, não sendo agente da História, o velho não

interessa, não nos damos o trabalho de estudá-lo em sua verdade (BEAUVOIR, 1990, p. 200).

Beauvoir (1990) salienta que, no século XVII na Europa, a expectativa de vida era de 40 anos, devido à miséria e à falta de higiene. Já no século XVIII, houve um aumento na expectativa de vida, mas os mais pobres ainda sofriam com a pobreza e, a partir de então, foram criadas medidas de cunho assistencialista para garantir a subsistência humana.

Com a Revolução Industrial, houve um grande êxodo rural. A maioria dos pequenos produtores rurais e agricultores familiares não conseguia se manter diante da mecanização da produção. Nas fábricas, as condições de trabalho eram muito pesadas e as condições de higiene bastante precárias, o que prejudicava muito a condição de vida dos idosos trabalhadores. Além do mais, não havia direitos como aposentadoria ou auxílio doença. Havia uma gritante diferença entre os idosos pobres e os idosos ricos:

Antigos operários reduzidos à indigência e à vagabundagem, velhos camponeses tratados como bichos, os velhos pobres situam-se no mais baixo nível da escala social. São os velhos das classes superiores que ocupam o cume. A oposição é tão flagrante que se poderia quase pensar que se tratava de duas espécies diferentes. As mudanças econômicas e sociais, tão nefastas para uns, favoreceram, ao contrário, outros. (BEAUVOIR, 1990, p. 242)

Para Beauvoir (1990), o século XX apresentou avanços na área da saúde, com novos medicamentos e formas de tratamentos médicos, amenizando muitos incômodos relacionados à velhice. No entanto, aponta que a noção do idoso como obsoleto foi reforçada. A autora ainda destaca que foi nesse período que a geriatria se firmou como uma área da medicina e que, a partir de 1930, as pesquisas sobre o envelhecimento passaram a ter um caráter mais ampliado.

Debert (1999b), em seu texto “Velhice e o curso da vida pós-moderno”, apresenta os apontamentos de Lenoir (1979), ao discutir as mudanças ocorridas na França, a partir dos anos 1970, em relação aos velhos. Segundo a autora, ocorreram mudanças relacionadas aos fundos de pensão que se transformaram em poderosas agências de financiamento, tendo poder para interferir diretamente no mercado financeiro. Passaram a oferecer, além dos rendimentos mensais, outros produtos, como propostas de turismo; empregaram diferentes profissionais para realizarem pesquisas referentes às condições de vida e às necessidades dos mais velhos, o que a autora aponta como uma contribuição ativa dessas instituições para a criação da chamada Terceira Idade.

Ainda de acordo com Debert (1999b), essas mudanças acima referidas contribuíram para outras mudanças, quanto aos termos relacionados aos velhos:

Acompanha o crescimento desse mercado a criação de uma nova linguagem em oposição às antigas formas de tratamento dos velhos e aposentados: a terceira idade substitui a velhice; a aposentadoria ativa se opõe à aposentadoria; o asilo passa a ser chamado de centro residencial, o assistente social de animador social e a ajuda social ganha o nome de gerontologia. Os signos do envelhecimento são invertidos e assumem novas designações: “nova juventude”, “idade do lazer”. Da mesma forma, invertem-se os signos da aposentadoria, que deixa de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de atividade e lazer. Não se trata mais apenas de resolver os problemas econômicos dos idosos, mas também proporcionar cuidados culturais e psicológicos, de forma a integrar socialmente uma população tida como marginalizada. É nesse momento que surgem os grupos de convivência e as universidades para a terceira idade como formas de criação de uma sociabilidade mais gratificante entre os mais velhos. (DEBERT, 1999b, p. 78)

O surgimento da Terceira Idade promoveu um destaque quanto à presença dos idosos em relação às diversas atividades sociais, dentre elas, aquela do mercado de consumo. Vemos cada vez mais produtos destinados a esse perfil de consumidor: pacotes de turismo, produtos de beleza, planos de saúde, atividades educativas, entre outras. Sobre a ação dos idosos na sociedade ocidental, de acordo com aspectos econômicos e sociais, Minayo e Coimbra Jr (2011) afirmam:

É preciso reconhecer que, do ponto de vista econômico, os idosos e, de forma destacada, ‘a terceira idade’ se configuram hoje como um mercado crescente e cada vez mais promissor no mundo dos bens de consumo, da cultura, do lazer, da estética, dos serviços de prevenção, atenção e reabilitação da saúde. Do ponto de vista sociológico, constituem um emergente ator social, com poder de influir nos seus destinos, pela sua significância numérica e qualitativa, por meio da construção de leis de proteção, de conquista de benefícios e pela presença no cenário político, no qual valem seu voto e sua representação. Como um novo construtor de cultura, o idoso tem papel insubstituível porque, radicalizando as novas situações, nada poderá ser como antes, sob pena de sua exclusão moral e social do projeto para o futuro do país. (MINAYO e COIMBRA JR, 2011, p. 22).

Já Schneider e Irigaray (2008), chamam a atenção para uma dualidade existente nas sociedades ocidentais. De acordo com os autores, no século XXI, ao mesmo tempo em que se potencializava a longevidade humana, esta mesma sociedade negligenciava os anciãos, sua valorização e sua importância social. Eles apontam que se tratava de uma sociedade de consumo, na qual apenas o novo era valorizado, na busca constante pela produção e pela acumulação de capital. Essa hipervalorização do novo teve reflexos nas relações humanas e no valor que se atribuiu ao conhecimento e à atuação dos mais velhos.

Debert (1999b, p.79) também aponta para algumas questões relacionadas à visão que se tem do envelhecimento. De acordo com a autora, “quando o rejuvenescimento se transforma em um novo mercado de consumo, não há lugar para a velhice”. Nesse contexto, ser velho significaria um descuido com sua própria vida. A velhice seria consequência de alguém que



deixou de aderir às atividades que levam à motivação ou a praticar uma forma de vida e de consumo inapropriados. Assim, para Debert (1999):

É preciso reconhecer, no entanto, que se a responsabilidade individual pela escolha é igualmente distribuída, os meios para agir de acordo com essa responsabilidade não o são. A reprivatização da velhice transforma o direito de escolha num dever de todos, em uma realidade inescapável a que estamos todos condenados. (DEBERT, 1999b, p. 82).

A consequência diante dessa realidade é que o preconceito com a imagem do velho continua. Em países como o Brasil, muitas pessoas não têm acesso às práticas consideradas importantes para uma velhice saudável, autônoma e feliz. Isso porque, considerando o envelhecimento um processo que ocorre durante a vida, aqueles que tiveram trabalhos mais pesados, menos acesso aos cuidados com sua saúde e com a alimentação, por exemplo, já chegam nessa fase da vida com uma desvantagem.

Além disso, os produtos disponíveis no mercado para manter a aparência mais jovem, têm, normalmente, custos elevados e as atividades que contribuem para um envelhecimento ativo não estão à disposição de todos os idosos do país. E mesmo para aqueles que conseguem ter acesso aos bens de consumo, considerados como promotores de um envelhecimento ativo e saudável, as características próprias das perdas relacionadas às funções biológicas vão chegando com o tempo e, assim, não é possível ser um idoso jovem por toda a vida.

Outro ponto que se deve destacar é sobre como o envelhecimento é compreendido pelos povos indígenas no Brasil. De acordo com Silva e Silva Júnior (2006), no ano de 1991, a população de indígenas acima de 65 anos representava 4,7% do total daqueles autodeclarados como indígenas. Já no ano 2000, esse índice chegou a 5,8%, sendo que esse aumento ocorreu em todas as regiões do país. Cientes das diferenças culturais que se fazem presentes quando se trata dos povos indígenas brasileiros, buscamos destacar aqui alguns exemplos de como algumas dessas comunidades compreendem e tratam o envelhecimento.

Em alguns povos indígenas, a passagem da vida adulta para a velhice não se relaciona com a quantidade de anos vividos, mas com algumas situações sociais de seu grupo. Esse é o caso dos Suyá, povo de língua Jê, habitantes do Parque Indígena do Xingu, no estado do Mato Grosso. De acordo com Silva e Silva Júnior (2006), são consideradas velhas aquelas pessoas que já possuem muitos filhos e muitos netos. Além disso, Silva e Silva Júnior (2006) acrescentam:

Embora haja tais classes de idade, elas não são correspondentes a anos. Há, no entanto, um claro marco (inclusive dotado de um ritual próprio) entre o hen tumu e o wikényi, acarretando mudanças relevantes de conduta: os homens mudam seus ornamentos, o estilo de cantar, deixam de caçar em determinadas festas e passam a receber comida dos mais jovens; as mulheres velhas preservam mais suas atividades (eminentemente domésticas, que ainda podem desempenhar, apenas com alguma redução de ritmo) e ganham autoridade à medida que sua mãe envelhece e que elas têm mais filhos (esta lógica de superação geracional também lhe será aplicada, oportunamente). (SILVA e SILVA JÚNIOR 2006, p. 3437).

Estes mesmos autores apontam que os Kyikatêjê, grupo da língua Timbira Oriental, também pertencente à família Jê, que vive na Reserva Indígena denominada Mãe Maria, no município de Bom Jesus do Tocantins, no estado do Pará, e entendem que estão velhos quando ocorre uma superação geracional. Para eles, é considerado velho aqueles cujos filhos cresceram, tornaram-se guerreiros, tomaram o espaço do pai e, quando o pai não consegue mais fazer, o que filho faz.

Ainda segundo Silva e Silva Júnior (2006), para esse povo, o papel do idoso nessa comunidade é do depositário da memória, dos costumes e das tradições e que esses têm como tarefa o ensinamento de sua cultura aos mais jovens. “Entre os Kyikatêjê, os idosos têm inclusive atuado junto aos professores nas escolas, sendo chamados a colaborar na elaboração de material didático de cunho cultural, em que se registram os conhecimentos, a língua e o passado do grupo.” (SILVA e SILVA JÚNIOR, 2006, p. 3438). Além disso, para os Kyikatêjê, as melhores comidas e a preferência no momento de se servir são dos mais velhos.

Marques *et al.* (2015), ao estudar sobre a vivência dos mais velhos em uma comunidade Guarani-Mbyá, também ressaltaram a função de depositário da memória pelos anciãos desse povo. Os Guarani-Mbyá, de acordo com Marques *et al.* (2015), falam o idioma Guarani e residem em diferentes territórios do estado de São Paulo. Segundo Luciano (2006 *apud* Marques *et al.* 2015, p. 416), “há uma associação entre maturidade e ser velho, pois a pessoa mais velha assume um estatuto mais importante (pessoa mais sábia e respeitada da comunidade) e com um lugar resguardado para manter e guardar as tradições; transmitem o idioma, costumes, valores e tradições religiosa”.

Em relação às diferentes culturas, no contexto internacional mais atual, Uchoa (2003) relata sobre como os Bambara, um povo do Mali, grupo com o qual trabalhou, compreendem o envelhecimento com uma visão mais positiva. De acordo com esse autor, os Bambara percebem a velhice como uma conquista:

Para eles, o envelhecimento é concebido como um processo de crescimento que ensina, enriquece e enobrece o ser humano. Ser velho significa ter vivido, ter criado filhos e netos, ter acumulado conhecimento e ter conquistado, através destas

experiências, um lugar socialmente valorizado. Os Bambara constituem um exemplo atual da situação privilegiada dos idosos em algumas sociedades africanas. (UCHOA, 2003, p. 850).

Para Karasawa *et al.* (2011), os japoneses compreendem o envelhecimento como maturidade e essa perspectiva encontra-se ancorada nas tradições filosóficas budistas, confucionistas e taoístas, tendo, assim, uma visão mais positiva sobre esse processo. O idoso é visto como um sábio para a cultura japonesa. Acreditam que ao chegar nessa fase da vida, as pessoas estejam vivenciando um período de “renascimento”, após anos de luta no trabalho e na criação dos filhos. Espera-se que tenham um conhecimento que os permita uma postura de aceitação diante da morte e sabedoria para intervir de forma imparcial nas relações sociais.

Ainda de acordo com Karasawa *et al.* (2011), há celebrações especiais para pessoas que completam 60 (sessenta) anos, 77 (setenta e sete) anos, 88 (oitenta e oito) anos e 99 (noventa e nove) anos. Há ainda a celebração do “Dia do Respeito ao Ancião”, no qual alguns prefeitos doam dinheiro àqueles que têm mais de 80 (oitenta) anos de idade. De acordo com o texto dessa autora, essas práticas sociais favorecem a valorização da pessoa idosa no país.

Quanto à relação com a família, Karasawa *et al.* (2011) apontam que as normas advindas do confucionismo pregam a importância de se promover o cuidado e o respeito com os pais idosos. Sobre esse tema, Hayashi (2011) afirma que, a partir dessa ótica confucionista de piedade filial, era comum que as famílias japonesas fossem as principais responsáveis pelos cuidados com os idosos. A autora afirma ainda que essa posição foi reforçada pelo Código Civil Meiji, de 1898, no qual o filho mais velho seria o responsável pelos cuidados com os pais idosos. A institucionalização dos mais velhos era considerada como negligência familiar, abandono e fracasso em relação à piedade filial.

No entanto, Hayashi (2011) ressalta que, com o decorrer dos anos, houve ações governamentais no sentido de mudar essa obrigação familiar em relação ao cuidado com os idosos. A autora aponta que a Lei de Assistência Nacional, de 1950, foi a primeira a exigir que autoridades locais disponibilizassem aos idosos, que não pudessem viver de forma independente, instituições públicas para que fossem cuidados. Foi uma assistência complementar aos cuidados familiares que ainda prevaleceram. Tais instituições foram destinadas às pessoas idosas que estivessem à margem da sociedade, os mais pobres e solitários, o que contribuiu para a estigmatização dessas instituições.

Hayashi (2011) afirma que, no ano de 1963 o Japão criou a Lei do Bem- Estar do Idoso, o que levou à criação de lares públicos para idosos enfermos. Mas, como para ser admitido nessas instituições era necessário comprovar os recursos da família, priorizando os menos

favorecidos, o estigma de ser “abandonado” pela família continuou. A autora destaca que o lento crescimento desse tipo de assistência, somado à crise do petróleo de 1973 e ao aumento do número de idosos no Japão, provocou um aumento de casos de abandono familiar de idosos vulneráveis.

A autora acima citada afirma ainda que a Lei de Assistência à Saúde do Idoso, 1982, teve como foco a hospitalização social, mas aboliu o atendimento médico gratuito para a maioria das pessoas com 70 (setenta) anos ou mais, criando pequenas taxas para utilização do serviço. Para Hayashi (2011), essa realidade só mudou com a criação do *Long-Term Care Insurance* (LTCI), ou seja, um Seguro de Cuidados de Longa Duração, pagos por todas as pessoas com 40 (quarenta) anos ou mais, que o qual promoveu maior igualdade de direitos para todos os idosos do país e mais opções de escolha aos cidadãos para os cuidados com os mais velhos. De acordo com a reportagem escrita por Mie Francine Chiba e publicada pelo jornal Folha de Londrina em 2019<sup>10</sup>, “Qualidade de vida dos idosos vai além da medicina”, entre os cuidados oferecidos pelo LTCI, estão aqueles domiciliares, tais como: banho, reabilitação, cuidados de enfermagem, dentre outros.

Ainda tratando da cultura oriental, Osborne e Borkowska (2017) apontam que a República da Coreia, Taiwan e Japão estão também passando pelo processo de envelhecimento populacional e que esses países entendem que as aprendizagens no envelhecimento podem contribuir para soluções em relação aos custos governamentais com bem-estar, saúde e cuidados das pessoas idosas. Os autores destacam, a partir da citação de Kee (2010), que o índice de suicídio da República da Coreia foi o segundo maior em relação aos países que compõem a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Entre os idosos, a taxa de suicídio para pessoas entre 60 e 70 anos foi de 54,6 por 100.000 pessoas, enquanto para pessoas com mais de 70 anos chegou a 80,2, tendo a mesma referência de 100.000 pessoas. As causas apontadas para o aumento do suicídio estão relacionadas à pobreza, doenças e conflitos familiares.

Segundo a página da OMS<sup>11</sup> (2019), no ano de 2017, a população de pessoas com 65 (sessenta e cinco) anos ou mais no Japão era de mais de 35 (trinta e cinco) milhões de pessoas, o que correspondia a 27% (vinte e sete por cento) do total de habitantes do país, sendo assim, o país com a maior população de pessoas idosas do mundo. O governo japonês veio, ao longo dos anos, reformulando políticas públicas visando atender às necessidades impostas pelo

---

<sup>10</sup>As informações podem ser acessadas pelo endereço eletrônico: <>.

<sup>11</sup>As informações podem ser acessadas pelo endereço eletrônico <<https://www.who.int/bulletin/volumes/97/8/18-223057/en/>>.

envelhecimento populacional. Um dos principais pontos relatados, pela OMS (2019), diz respeito às ações vinculadas à participação do idoso em atividades sociais:

Especificamente, os planos públicos de prevenção de cuidados de longo prazo agora se concentram na promoção da participação social e na prevenção do isolamento de pessoas idosas, uma vez que o isolamento foi identificado como um forte fator de risco para os cuidados de longo prazo e mortalidade prematura. (OMS, 2019).

A inspiração para ações nesse sentido veio a partir de um projeto que teve início no ano de 2007, no município de Taketoyo, no qual o governo, juntamente com pesquisadores e voluntários, oportunizou encontros sociais para idosos. Nestes encontros, os idosos conheciam e interagiam com diferentes pessoas, por meio de atividades, tais como artesanato, música, exercícios físicos e mentais e palestras sobre educação para a saúde, por exemplo. As ações eram realizadas, uma ou duas vezes por mês, em sessões com duração de aproximadamente duas horas. As ações receberam o nome de salões. Em 2013, já havia dez salões em Taketoyo e, no ano de 2017, 86% (oitenta e seis por cento) dos municípios do Japão já contavam com salões desse tipo para a população idosa.

Em relação à Europa, Calha (2014), ao realizar uma pesquisa que caracteriza o envelhecimento, a partir de uma perspectiva comparativa entre Portugal, Espanha e outros dezenove países europeus, aponta que:

Em Portugal quando comparado com Espanha, foram identificadas, na população idosa, maiores dificuldades financeiras, uma pior percepção do estado de saúde e do nível de bem-estar mas, simultaneamente, uma menor limitação na realização das atividades de vida diária. Ao nível da convivialidade na população idosa, Portugal e Espanha demarcam-se da restante realidade europeia analisada, apresentando uma elevada frequência de relações conviviais. Não será alheia a esta tendência a centralidade do papel que a família mantém nas sociedades da Europa do Sul. Ainda assim, em Portugal e Espanha, registram-se valores mais elevados de solidão entre os idosos. (CALHA, 2014, p. 39).

Calha (2015), ao realizar uma análise comparativa entre países da Escandinávia (Dinamarca, Finlândia, Noruega e Suécia) e os países do sul da Europa, tendo analisado Grécia, Portugal e Espanha, destaca que, no geral, a Europa veio garantindo condições mínimas de bem-estar aos idosos, a partir da implementação de modelos de proteção social, por meio de institucionalização, sob a coordenação do Estado, mas que há diferenças entre os países em relação a essas políticas.

De acordo com Calha (2015), nos países escandinavos, há uma maior intervenção do Estado, fazendo com que a família deixe de ser responsabilizada na garantia do bem-estar do idoso. Já em relação aos países do sul da Europa, a intervenção estatal é relativamente fraca, o que pode ser explicado pela proteção social difundida anteriormente pela Igreja Católica e por

regimes políticos autoritários. Nesses países, cabe à família e suas redes de apoio a garantia do bem-estar das pessoas mais velhas. Para o autor acima citado, as diferentes formas de proteção social implicam em diferenças nas maneiras de viver a velhice. Além disso, o autor estabelece uma comparação com as condições materiais e o modo de vida na velhice nos países analisados:

A análise realizada indicia que os fatores de suporte social, de natureza formal, que enquadram a vivência da velhice nos países da Escandinávia torna-os mais dependentes dos fatores relacionados com o estado de saúde relegando para segundo plano as condições materiais. No Sul da Europa, onde os mecanismos de proteção social formal são menos desenvolvidos, a condição econômica, aferida pelo grau de dificuldade em gerir o orçamento mensal, tem maiores repercussões na condição sénior. As condições materiais de vivência da velhice constituem, assim, um fator de risco com particular incidência junto dos idosos do Sul da Europa. (CALHA, 2015, p. 539).

A partir do que foi discutido até então, nesse item referente às diferenciações sociais, culturais e políticas em torno do envelhecimento em diferentes épocas e lugares, concordamos com a compreensão de Debert (1998), quando afirma:

Da perspectiva antropológica, mas também do ponto de vista da pesquisa histórica, trata-se de ressaltar, em primeiro lugar, que as representações sobre a velhice, a idade a partir da qual os indivíduos são considerados velhos, a posição social dos velhos e o tratamento que lhes é dado pelos mais jovens ganham significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos. (DEBERT, 1998, p. 8).

Assim, percebe-se que há formas específicas de lidar com o envelhecimento em cada cultura. Em alguns casos, os mais velhos são vistos como os sábios e, portanto, merecem mais atenção e respeito. Já em outros casos, a velhice pode ser vista como um problema, no qual se destaca o declínio das funções orgânicas e a perda da função produtiva, prevalecendo o preconceito com o velho. Daí surge a necessidade de se manter jovem e, a partir de então, surge um novo mercado para os novos velhos. Além disso, percebe-se que o envelhecimento populacional foi criando necessidades de políticas públicas de atendimento a esse segmento social.

No próximo item, serão abordadas as principais agendas políticas e as políticas públicas relacionadas ao envelhecimento ao longo dos anos.

## **2.4 - O envelhecimento humano e as políticas públicas**

O envelhecimento populacional levou os países e as organizações mundiais a se preocuparem com as condições em que esse processo vem ocorrendo. Pocahey (2019) afirma que a longevidade da população impacta diretamente nas políticas públicas. Para esse autor,

“certamente uma população longeva requererá novas apostas em termos de políticas públicas em educação, trabalho, assistência” (POCAHY, 2019, p. 190).

A partir do aumento do número de pessoas idosas no mundo, começaram a surgir discussões e normatizações sobre o envelhecimento, buscando estabelecer diretrizes para que os países se organizassem, visando garantir à sua população uma velhice com mais dignidade e qualidade de vida. Conforme menciona Camarano (2016), na introdução do livro sobre os 20 anos da Política Nacional do Idoso:

Nos países desenvolvidos, as políticas públicas voltadas às populações idosas começaram a ganhar expressão na década de 1970, pois seus processos de envelhecimento já se encontravam em estágio avançado. Tinham por objetivo a manutenção do papel social dos idosos e/ou a sua reinserção social, bem como a prevenção da perda de sua autonomia. A manutenção de sua renda já havia sido equacionada pelos sistemas de seguridade social (Camarano e Pasinato, 2004). (CAMARANO, 2016, p. 15).

Com o intuito de chamar a atenção mundial para as condições do envelhecimento da população, ocorreu, em 1982, em Viena, na Áustria, a primeira reunião mundial a esse respeito, realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU). Esta ficou conhecida como a Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento e foi convocada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, decidida em sua Resolução 33/52, de 14 de dezembro de 1978. De acordo com Camarano (2016), a Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento é considerada o marco inicial da agenda internacional sobre o envelhecimento populacional. Dessa forma:

O propósito era que a Assembleia Mundial servisse de foro “para iniciar um programa internacional de ação que visa a garantir a segurança econômica e social das pessoas de idade, assim como oportunidades para que essas pessoas contribuam para o desenvolvimento de seus países”. Em sua resolução 35/129, de 11 de dezembro de 1980, a Assembleia Geral manifestou também seu desejo de que, como resultado da Assembleia Mundial, “as sociedades reajam mais plenamente ante as consequências socioeconômicas do envelhecimento das populações e ante as necessidades especiais das pessoas de idade”. (ONU. Plano de Ação Internacional de Viena sobre o Envelhecimento, 1982, *on-line*).

Segundo Camarano (2016), a partir da convocação da Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, surgiu o Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento. Tal plano consistiu em apresentar um panorama inicial sobre o tema e trouxe algumas recomendações para a criação e a implantação de políticas. Ao apontar “áreas de preocupação das pessoas de idade”, ressaltou a interdependência entre elas e destacou as seguintes áreas setoriais: saúde e nutrição; proteção de consumidores idosos; habitação e meio ambiente; família; bem-estar social; segurança de renda e emprego; e educação. O documento tem como intenção:

(...) fortalecer a capacidade dos países para abordar de maneira efetiva o envelhecimento de sua população e atender às preocupações e necessidades especiais das pessoas de mais idade, e fomentar uma resposta internacional adequada aos problemas do envelhecimento com medidas para o estabelecimento da nova ordem econômica internacional e o aumento das atividades internacionais de cooperação técnica, em particular entre os próprios países em desenvolvimento. (ONU. Plano de Ação Internacional de Viena sobre o Envelhecimento, 1982, *on-line*).

No entanto, Camarano (2016), ao analisar o Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento, ressalta que “a maioria dos temas considerados era tratada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em comissões de natureza econômica ou política. Não se expressava preocupação com as implicações sociais do processo de envelhecimento” (CAMARANO, 2016, p. 17).

A autora ainda aponta que o plano tinha como pano de fundo os idosos de países desenvolvidos e que esses deveriam ser vistos como um novo ator social, com poder de compra, sendo assim, um novo segmento no mercado consumidor. Além disso, incentivava uma visão mais positiva do envelhecimento e uma busca por formas de garantir um envelhecimento saudável, mas com um forte apelo à medicalização do idoso.

Para Camarano (2016), a maior contribuição da Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento de Viena, em 1982, foi colocar, pela primeira vez, o tema do envelhecimento na agenda mundial. Com isso, fez com que os países em desenvolvimento, como o Brasil, passassem também a se preocupar e a criar políticas voltadas para os idosos. A Constituição de 1988, no Brasil, traz alguns pontos que representam essa preocupação com tal questão.

De acordo com Miranda e Riva (2014), em diferentes artigos da Constituição Federal de 1988, é possível encontrar menções sobre os idosos como sujeitos de direitos específicos. São exemplos: o inciso I, do artigo 201, que trata do direito previdenciário; e o inciso I do artigo 203, que trata do direito assistencial. No artigo 203, ao tratar da assistência social, o texto da Carta Magna determina que esta assistência deverá ser “prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social”, e garante, no inciso V, um benefício mensal, no valor de um salário mínimo, ao idoso que comprovar “não possuir meios de prover à própria manutenção ou de tê-la provida por sua família, conforme dispuser a lei” (BRASIL, 1988).

Segundo Camarano (2016) vinte anos depois da I Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento de Viena, em 2002, aconteceu, em Madri, a Segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento. Segundo o portal da ONU, os países participantes adotaram dois documentos fundamentais: a Declaração Política e o Plano Internacional de Ação de Madri



sobre o Envelhecimento. Os dois documentos traziam compromissos dos governos quanto à elaboração e à implementação dasde elaborar e implementar ações visando enfrentar o enfrentamento dos desafios oriundos do envelhecimento.

Os documentos elaborados na Assembleia de Madri trouxeram recomendações de ações que tinham como base os seguintes temas prioritários: “idosos e desenvolvimento, promover a saúde e o bem-estar na velhice”; e “assegurar ambientes capacitadores e de apoio”. Essa Assembleia teve, de acordo com o portal da ONU<sup>12</sup>, o papel de atribuir à Comissão Regional das Nações Unidas “a responsabilidade de traduzir o Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento em planos de ação regionais que refletissem, entre outros, os dados demográficos”.

No que se referem às políticas públicas brasileiras, os avanços em relação às discussões sobre o tema têm início com a redemocratização na década de 1980, e houve, no ano de 1994, a criação da Política Nacional do Idoso. É o que afirma Camarano (2016):

Como signatário do Plano de Ação Internacional de Viena sobre o Envelhecimento de 1982, o Brasil passou a incorporar, de forma mais assertiva, esse tema na sua agenda política. A década de 1980 coincidiu com o período de redemocratização do país, o que possibilitou um amplo debate por ocasião do processo constituinte, resultando na incorporação do tema no capítulo referente às questões sociais do texto constitucional de 1988. Foi nesse contexto, com uma forte influência do avanço dos debates internacionais sobre a questão do envelhecimento e de pressões da sociedade civil que foi aprovada, em 1994, a PNI, (Lei no 8.842/1994) e regulamentada pelo Decreto no 1.948/1996. (CAMARANO, 2016, p. 16).

Assim também, o documento técnico do governo federal “Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa” afirma que foi na década de 1990 que se originaram os principais marcos legais voltados para as pessoas idosas no Brasil. O documento destaca a Lei Eloy Chaves, de 1923, como sido um marco para “o início da política previdenciária, sobretudo pela instituição das Caixas de Aposentadoria e Pensões (CAPS) para os empregados de empresas ferroviárias, o que depois se estendeu para outras categorias” (BRASIL, 2018, p. 9).

O documento acima referido ainda traz como marcos legais importantes para a população idosa no Brasil, a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) - Lei nº 8.742, de 07 de dezembro de 1993, e a Portaria nº 1.395, do Ministério da Saúde, de 10 de dezembro de 1999, que instituiu a Política Nacional de Saúde do Idoso (PNSI). Tal portaria “dispôs sobre a manutenção da capacidade funcional da pessoa idosa, em especial, tratando a prevenção de

---

<sup>12</sup> Disponível em:< <https://www.un.org/en/development/devagenda/ageing.shtml>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

agravos à saúde, a PNSI assinalou que a vacina antigripal deve ser aplicada em todos os idosos” (BRASIL, 2018, p. 10).

Debert e Oliveira (2013) apontam que o Brasil, ainda na década de 1990, já havia criado agências de combate à violência contra os idosos, tendo antecedido, assim, a Conferência de Madri, datada de 2002. Segundo as autoras, “a Delegacias de polícia de proteção aos idosos, SOSs, o Grupo de Atuação Especial para a Proteção ao Idoso no Ministério Público (GAEPI, em São Paulo) foram criados ainda na década de 1990” (DEBERT e OLIVEIRA, 2013, p. 198).

Segundo Camarano (2016), no período de criação da Política Nacional do Idoso (PNI), a população pertencente a essa faixa etária era de aproximadamente 8%. A autora aponta que a PNI é um conjunto de ações de governo com a intenção de garantir os direitos sociais dos idosos, partindo do princípio fundamental de que “o idoso é um sujeito de direitos e deve ser atendido de maneira diferenciada em cada uma das suas necessidades físicas, sociais, econômicas e políticas” (CAMARANO e PASINATO, 2004, p. 269).

No ano de 2002, foi criado no Brasil o Conselho Nacional do Direito do Idoso (CNDI). O surgimento desse conselho possibilitou a criação, nos estados, do Conselho Estadual do Idoso (CEI) e, nos municípios, do Conselho Municipal do Idoso (CMI). Silva Neto (2013) destacam que essas ações possibilitaram a criação dos Centros de Referências da Pessoa Idosa, que permitem a esses sujeitos a busca por apoio e a possibilidade de relato/escuta sobre seus anseios e dificuldades. Quanto à instituição do Conselho Nacional do Idoso, Debert e Oliveira (2013) afirmam:

A implementação dos conselhos foi acompanhada do processo de descentralização que demandou por parte do Estado o estabelecimento de um conjunto de incentivos para a sua institucionalização. A legislação estabeleceu para vários setores que o repasse de recursos da união aos estados e municípios estaria vinculado ao estabelecimento do respectivo conselho. Essa vinculação promoveu uma corrida por parte dos gestores governamentais pela regulamentação dessas instituições. (DEBERT e OLIVEIRA, 2013, p. 138).

A criação do Estatuto do Idoso, em 2003, representa a preocupação do Estado com o crescimento dessa população e a necessidade de se criar um mecanismo que garanta uma velhice com mais qualidade de vida. Para Debert e Oliveira (2013), o Brasil possui um papel de destaque na criação de medidas, propostas, leis e decretos voltados para as pessoas idosas. Segundo as autoras:

Nossa Carta Constitucional e o nosso Estatuto de Idoso são, certamente, dos mais avançados no mundo. Essas leis abrangem temas, propõem medidas e estabelecem direitos segundo concepção inegavelmente integradora de setores sociais tidos como

vulneráveis, e envolveram na sua elaboração instituições governamentais, organismos da sociedade civil e movimentos sociais atuantes na área. (DEBERT e OLIVEIRA, 2013, p. 118).

No entanto, as autoras ressaltam que nenhum país conseguiu atingir totalmente a igualdade perante a lei para seus cidadãos, mas que, em alguns casos, como o Brasil, por exemplo, as desigualdades estão presentes em nossa sociedade e reforçam as diferenças em relação à raça, gênero e idade. Debert e Oliveira (2013, p.110) afirmam que “países como o Brasil apresentam essa desigualdade de modo acirrado e crônico, posto que suas burocracias estatais são, muitas vezes, incapazes de cumprir suas obrigações com eficiência razoável”.

Camarano (2013), ao fazer um balanço das ações de uma década da existência do Estatuto do Idoso, inicia seu texto tratando do surgimento do referido estatuto. A autora afirma que ele apresenta, de forma única, a junção de “muitas das leis e políticas previamente aprovadas. Incorpora novos elementos e enfoques, dando um tratamento integral ao estabelecimento de medidas que visam proporcionar o bem-estar dos idosos e com uma visão de longo prazo” (CAMARANO, 2013, p. 8).

De acordo com Camarano (2013), a essência do Estatuto do Idoso encontra-se nas disposições de leis gerais que visam à “proteção integral” das pessoas idosas. Ela afirma que o maior avanço está no fato de ele estabelecer os crimes e as sanções legais cabíveis aos que não cumprirem o que determina a legislação. A autora ressaltava ainda que este conjunto de regras foi fruto da mobilização de vários setores da sociedade civil brasileira. Como atuantes nesse processo, Camarano (2013) destaca a participação:

Dos aposentados, pensionistas e idosos vinculados à Confederação Brasileira dos Aposentados e Pensionistas (COBAP) e ao Movimento de Servidores Aposentados e Pensionistas (MOSAP), de representantes da Associação Nacional de Gerontologia (ANG) e de diversas seções estaduais, de representantes da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), de representantes religiosos, em especial, da Pastoral Nacional e pastorais de diversos estados e de federações e associações de aposentados. (CAMARANO, 2013, p. 8).

Ainda em relação às políticas públicas brasileiras direcionadas à população idosa, foi criado, em 2010, o Fundo Nacional do Idoso, pela Lei nº 12.213, de 20 de janeiro de 2010. De acordo com Brasil (2013), o fundo tem como objetivo financiar as ações e programas voltados para os idosos, visando garantir seus direitos sociais e promover formas de propiciar a autonomia, a integração e a participação de maneira efetiva no meio social.

Em 2008, a OMS publicou o *Guia Global Cidade Amiga do Idoso*. O programa foi proposto pelo Departamento de Envelhecimento e Curso de Vida, da Organização Mundial da

Saúde. Segundo este documento: “Uma cidade amiga do idoso estimula o envelhecimento ativo ao otimizar oportunidades para saúde, participação e segurança, para aumentar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem.” (OMS, 2008, p. 63).

Segundo o guia acima referido, o relatório surgiu a partir de uma pesquisa realizada com idosos de trinta e três cidades ao redor do mundo, incluindo cidades de todos os continentes. Foi utilizada a técnica de grupo focal, com pessoas de 60 anos ou mais, que pertenciam a classes sociais baixas e médias. Foi solicitado que os idosos apontassem as vantagens e as barreiras consideradas por eles, levando em conta oito aspectos da vida urbana: prédios públicos e espaços abertos; transporte; moradia; respeito e inclusão social; participação social; participação cívica e emprego; comunicação e informação; e apoio comunitário e serviços de saúde. A partir do que os participantes foram dizendo, organizaram-se as respostas por temas e, então, foi elaborada uma lista com as principais características da uma “Cidade Amiga do Idoso”.

De acordo com o *site* da Organização Pan-americana da Saúde (OPAS), até julho de 2018, o Brasil contava com quatro cidades que já haviam recebido a certificação internacional de “Cidade e Comunidades Amigáveis à Pessoa Idosa”. São elas: Porto Alegre, Veranópolis e Esteiotodas três no Rio Grande do Sul); e Pato Branco, no Paraná.

Ainda em relação às políticas públicas voltadas para as pessoas idosas no Brasil, no ano de 2013, por meio do Decreto n° 8.114, de 30 de setembro de 2013, no governo da ex-presidenta Dilma Rousseff, foi instituído o Compromisso Nacional pelo Envelhecimento Ativo e houve a criação de uma comissão interministerial para avaliar e monitorar ações nesse sentido, além de fazer a articulação entre órgãos e as entidades públicas que estivessem envolvidas na implementação da ação.

No ano de 2018, o Brasil lançou a “Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa” (EBAPI), como já mencionado, uma proposta alinhada ao “Cidade Amiga do Idoso”, formulado pela OMS, e direcionada aos gestores municipais. Foi uma ação interministerial entre o Ministério do Desenvolvimento Social, Ministério da Saúde e o Ministério dos Direitos Humanos, em parceria com a Organização Pan-americana da Saúde (OPAS) o Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento (PNUD) e com a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social de São Paulo.

Segundo BRASIL (2018, p. 13), “a Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa é uma iniciativa constituída por um Certificado com metas, voltada à oferta de melhores condições de vida para a população idosa vulnerável, em particular, e, complementarmente, para a população idosa em geral.” Como objetivos, propõe: contribuir com a efetivação das legislações previstas

no Estatuto do Idoso; fortalecer os Conselhos de Direitos dos Idosos; criar oportunidades para que os idosos revelem o que os municípios podem alterar para promover mais qualidade para o envelhecimento populacional; mobilizar a sociedade civil e os governos para atuação em prol de políticas voltadas para as pessoas idosas; e entregar selos para municípios que desenvolvam ações no sentido de se tornarem cidades mais amigas da pessoa idosa (BRASIL, 2018).

No estado de Minas Gerais, no ano de 1999, foi instituído o Conselho Estadual do Idoso (CEI) pela Lei nº 13.176, de 20 de janeiro de 1999. Trata-se de um órgão paritário, permanente, deliberativo e controlador das políticas e das ações de âmbito estadual voltadas ao idoso. É composto por 22 (vinte e dois) conselheiros, sendo onze representantes de órgãos e entidades públicos e onze representantes da sociedade civil organizada.

No município de Belo Horizonte, também no ano de 1999, foi instituída a Política Municipal do Idoso, por meio da Lei nº 7.930, de 30 de dezembro de 1999. Segundo esta legislação, a Política Municipal do Idoso tem como objetivos “gerar condições para a proteção e a promoção da autonomia, da integração e da participação efetiva do idoso na sociedade.” (PBH, 1999) A lei determina, entre outras coisas, a realização de Fóruns Regionais na intenção de firmar parcerias, maior aproximação e troca de experiência entre as pessoas idosas. Além disso, a legislação prevê a realização anual da Conferência Municipal do Idoso visando discutir e propor alternativas para problemas que afetam essa parcela da população.

Ainda no âmbito das políticas públicas para as pessoas idosas em Belo Horizonte, o artigo 39, da Lei nº 8288, de 28 de dezembro de 2001, criou o Fundo Municipal do Idoso (FUMID). Os recursos desse fundo são destinados aos projetos que tenham como intenção concretizar as ações da Política Nacional do Idoso no município. O FUMID foi regulamentado pelo Decreto de nº 10.953, de 15 de fevereiro de 2002.

No ano de 2011, foi criado o Conselho Municipal do Idoso (CMI) por meio da Lei nº 10.364, de 29 de dezembro de 2011. Trata-se de um órgão colegiado, paritário, permanente e deliberativo que visa criar as diretrizes para as elaborações e implantações da Política Municipal do Idoso, observando a lei federal e suas diretrizes, assim como as leis estaduais e municipais relacionadas ao tema. Além disso, o CMI ainda tem como objetivos acompanhar, fiscalizar e avaliar a execução das políticas implementadas para a população idosa no âmbito do município de Belo Horizonte. O conselho é composto por dezessete pessoas indicadas pelo poder público e dezessete conselheiros representantes da sociedade civil organizada.

O Centro de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferrara é um equipamento público que faz parte da política do município de Belo Horizonte, no que se refere às ações voltadas para a pessoa idosa na cidade. A história de criação do equipamento passou pela luta

dos idosos da cidade para que pudessem ter aquele espaço como um lugar para que desfrutassem de atividades em seu cotidiano. A partir do engajamento social desses idosos, o então prefeito, Fernando Pimentel, como mencionado anteriormente, declarou por meio da Lei nº 9.575, de 18 de junho de 2008, como utilidade pública o espaço que, inicialmente, foi denominado como “Centro de Referência dos Idosos de Belo Horizonte Luz e Sabedoria”. No entanto, a criação do Centro de Referência da Pessoa Idosa de Belo Horizonte se deu por meio do Decreto nº 13.595, de 10 de junho de 2009, com o então prefeito Márcio Lacerda, como já abordado nesta tese.

Em relação às agendas políticas voltadas para a educação de pessoas idosas, numa perspectiva da educação ao longo da vida, pode-se considerar um marco a Declaração Universal dos Direitos Humanos, datada de 10 de dezembro de 1948, que afirma, em seu artigo 26, que todo ser humano tem direito à instrução e ressalta, no segundo parágrafo deste que:

§2.A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz. (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIEREITOS HUMANOS, 1948).

A realização das Conferências Internacionais de Educação de Adultos (CONFINTEA) foi, ao longo dos anos, ampliando o olhar para os sujeitos dessa modalidade e, com isso, contemplando também a educação de idosos. Inicialmente eram propostas mais voltadas para a alfabetização e para a formação profissional. No entanto, no relatório da II CONFINTEA, do ano de 1960, já havia uma recomendação para os educadores em relação aos idosos:

que, por último, a atenção dos educadores não abandone o homem, quando este deixe de exercer seu exercício profissional, mas que se realize um estudo sobre os meios que podem permitir aos anciãos realizarem atividades adaptadas a seus desejos e suas necessidades, para evitar que se sintam excluídos da vida em comunidade. (RELATÓRIO DA II CONFINTEA, 1960, p. 18, tradução nossa).

Ainda em relação a essas conferências, merece destaque a V CONFINTEA, realizada no ano de 1997, em Hamburgo, na Alemanha. Essa reunião produziu um documento conhecido como a “Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos”. Nesse documento, os representantes de governos e de organizações que participavam da V CONFINTEA defenderam que a Educação de Adultos deveria ser “concebida dentro do contexto da educação continuada por toda a vida” (DECLARAÇÃO DE HAMBURGO, 1997, p. 21). Defendiam que o direito à

educação continuada, ao longo da vida<sup>13</sup>, fosse acompanhado de medidas que o garantissem e afirmaram que essa nova concepção, acerca da educação de adultos, que garantia o direito à educação para todos, independentemente da idade, apresentava novos desafios que exigiriam maior relacionamento entre os sistemas formais e não formais, mais criatividade, inovação e flexibilidade. De acordo com o documento, “tais desafios devem ser encarados mediante novos enfoques, dentro do contexto da educação continuada durante a vida”. O documento ainda destaca a importância da garantia da aprendizagem para pessoas idosas:

Existem hoje mais pessoas idosas no mundo do que havia antigamente, e esta proporção continua aumentando. Esses adultos mais velhos têm muito a oferecer ao desenvolvimento da sociedade. Portanto, é importante que eles tenham a mesma oportunidade de aprender que os mais jovens. Suas habilidades devem ser reconhecidas, respeitadas e utilizadas. (DECLARAÇÃO DE HAMBURGO, 1997, p. 26).

Em relação à VI CONFINTEA, realizada no Brasil, no ano de 2009, Moacir Gadotti ressalta:

O Brasil, em seu Documento Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI CONFINTEA), apontou a “Educação Popular de matriz freiriana” (BRASIL, 2009:92) como perspectiva da Educação ao Longo da Vida, abrindo espaço para reconceituá-la. Esse espírito não foi mantido no documento final da CONFINTEA VI. O Marco de Ação de Belém ignorou a visão da EJA na perspectiva da Educação Popular proposta no documento preparatório do Brasil; abandonou a expressão “Educação ao Longo da Vida” em favor da expressão “Aprendizagem ao Longo da Vida”, definindo-a como “uma filosofia, um marco conceitual e um princípio organizador de todas as formas de educação, baseada em valores inclusivos, emancipatórios, humanistas e democráticos, sendo a abrangente e parte integrante da visão de uma sociedade do conhecimento” (UNESCO, 2010: 6). Reconhecemos que essa definição de Aprendizagem ao Longo da Vida é um avanço, certamente, uma contribuição da América Latina, mas, isso não vem se traduzindo na prática. (GADOTTI, 2016, p. 61).

Mais especificamente em relação às leis brasileiras, a Constituição Federal de 1988 trouxe, em seu artigo 205, que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família e deve ter como objetivo o pleno desenvolvimento da pessoa humana, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho que é, também, uma das várias dimensões da cidadania. Nesse sentido, a declaração da educação como direito de todos, já garante aos idosos a prerrogativa de acesso à educação, seja ela formal, não formal, escolar ou não escolar.

---

<sup>13</sup> No capítulo 3 serão abordadas, de forma mais aprofundada, as discussões acerca da “Educação ao longo da vida”.

No Estatuto do Idoso, no seu capítulo V, que trata da educação, cultura, esporte e lazer, os artigos 20 a 25 evidenciam o direito do idoso à educação e à cultura. O capítulo 20 deste documento destaca que o idoso tem direito à “educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade”. Em relação à necessidade de políticas públicas nesse sentido, o artigo 21 considera que “o poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.”(BRASIL,2003)

Já o artigo 22, desse mesmo mecanismo legal, destaca a necessidade de serem inseridos nos currículos formais de educação “conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos”. O artigo 25 determina que o poder público “apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas e incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso, que facilitem a leitura, considerada a natural redução da capacidade visual” (BRASIL,2003)

Percebe-se, portanto, que as políticas públicas sobre a velhice vêm sendo constituídas pelo mundo no decorrer dos anos. No entanto, Debert e Oliveira (2013) ressaltam que não se deve entender a criação de políticas públicas como um resultado atrelado automaticamente ao envelhecimento populacional. Debert e Oliveira (2013, p.126), ao citar Remi Lenoir (1979), afirmam que “a constituição de um problema social supõe um trabalho em que, segundo esse autor, estão envolvidas quatro dimensões: reconhecimento, legitimação, pressão e expressão” (LENOIR, 1979 apud DEBERT e OLIVEIRA, 2013).

Debert e Oliveira (2013) destacam que a constituição das políticas públicas se faz a partir da atração da atenção pública sobre o tema e isso se faz com a atuação de grupos que tenham interesse em “produzir uma nova categoria de percepção do mundo social, a fim de agir sobre ele” (DEBERT e OLIVEIRA, 2013, p. 126). As discussões sobre as diferentes concepções sobre as velhices impactam na elaboração das políticas públicas. Uma noção da velhice ativa, por exemplo, leva a se repensar questões sobre produtividade e aposentadoria.

Sendo assim, é interessante perceber que as agendas políticas e as elaborações das políticas públicas para a população idosa vêm tendo destaque no mundo atual, mas é importante que os que lutam por essas garantias não deixem de lado as problematizações acerca do que seja ser idoso. As lutas pela realização de ações que visem a uma velhice com mais qualidade de vida devem estar atentas aos desejos e às limitações da população que está nessa fase da vida, levando em conta as multiplicidades de fatores que compõem o envelhecimento humano.



O item a seguir busca discutir o conceito de qualidade de vida, tendo enfoque maior na concepção de qualidade de vida para pessoas idosas.

## 2.5 - Qualidade de vida e envelhecimento

A pesquisa em questão tem como centralidade verificar as contribuições de práticas educativas para a melhoria da qualidade de vida da população idosa. No entanto, a discussão passa pela conceituação do que se compreende como qualidade de vida. A busca por essa conceituação nos levou a desvendar a diversidade de sentidos que se atribui a esse conceito, o qual abarca diferentes concepções ao longo dos anos e das diferentes áreas de estudo.

De acordo com Kluthcovsky e Takayanagui (2007), o conceito de qualidade de vida surgiu em 1920, mencionado, inicialmente, por Pigou<sup>14</sup>, o qual discutia o suporte do governo para as classes sociais menos favorecidas e quais os impactos dessas ações no orçamento estatal e na vida das pessoas. As autoras afirmam que, no período pós-guerra, em especial nos países desenvolvidos, esse conceito foi impulsionado a partir do desenvolvimento econômico, se relacionando ao bem-estar material. A qualidade de vida se relacionava à aquisição de bens materiais e à melhoria do padrão econômico.

Guiomar (2010) aponta que, a partir da década de 1980, a noção de qualidade de vida se popularizou, passando a se tornar um conceito geral e de senso comum. Assim, foram formulados diversos conceitos relacionados à qualidade de vida, passando por avaliações relacionadas a níveis de necessidades físicas, materiais, sociais, psicológicas e estruturais dos indivíduos.

Os pesquisadores desse tema têm identificado que qualidade de vida tem um caráter multidimensional e há conceitos que se diferenciam, de acordo com a área estudada, com a cultura, com o tempo e com as condições sociais estabelecidas. Sobre esse aspecto, Kluthcovsky e Takayanagui (2007) afirmam:

Quanto à relatividade da noção de qualidade de vida, pode-se descrevê-la sob três referências. A histórica, na qual em um determinado tempo de uma sociedade, existe um parâmetro de qualidade de vida, que pode ser diferente de uma outra época, da mesma sociedade. A cultural, na qual os valores e necessidades são diferentes nos diferentes povos. E padrões de bem-estar estratificados entre as classes sociais, com desigualdades muito fortes, onde a ideia de qualidade de vida relaciona-se ao bem-estar das camadas superiores. (KLUTHCOVSKY e TAKAYANAGUI, 2007, p. 98).

---

<sup>14</sup> Pigou citou o termo qualidade de vida no livro *The Economics of Welfare*, ou seja, o termo estava relacionado à questão econômica.

Neri (2011), ao tratar da taxonomia de Lawton (1983, p. 1991), aponta que a qualidade de vida seria composta por quatro domínios, sendo esses “o bem-estar subjetivo, as competências comportamentais, as condições objetivas do ambiente físico e a qualidade de vida percebida em comparação com os recursos sociais disponíveis e com as expectativas sociais e individuais” (NERI, 2011, p. 23). A mesma autora destaca que quando se trata de qualidade de vida e bem-estar subjetivo, o mais importante é o que a pessoa avalia de sua vida, tendo como base seus critérios, suas referências e expectativas sociais. Ao analisar o conceito de bem-estar subjetivo, a autora destaca quatro aspectos centrais:

1. Pertence ao âmbito da experiência privada e é relativamente independente da saúde, conforto e riqueza.
2. As medidas do bem-estar subjetivo incluem tanto avaliação global quanto avaliações de domínios específicos, tais como saúde física e mental, as relações sociais e espiritualidade;
3. O bem-estar subjetivo inclui afetos positivos e negativos, que são menos estáveis do que a satisfação, uma vez que podem ser afetados por eventos situacionais.
4. As avaliações subjetivas de qualidade de vida são mediadas pela personalidade entendida como um sistema de predisposições de base biológica que determina o nível de alerta, a excitabilidade, a intensidade e a qualidade das respostas emocionais; como as formas habituais de uma pessoa se comportar e como uma estrutura de conhecimento sobre si mesmo. Esta é a estrutura do *self*. O *self* é construído socialmente e é capaz de modificar o ambiente, de avaliar a qualidade do ajustamento às demandas ambientais e internas e de regular as crenças e as ações dos indivíduos. (NERI, 2011, p. 23).

Na área da saúde, o conceito de qualidade de vida vem sendo amplamente utilizado. Nesse aspecto, em alguns casos, ter saúde é propriamente o sinônimo de qualidade de vida; em outros, a saúde é um dos elementos importantes para se alcançar esse objetivo. Sobre a dimensão da qualidade de vida para a área da saúde, Minayo, Hartz e Buss (2000) apontam:

A expressão *qualidade de vida ligada à saúde* (QVLS) é definida por Auquier et al. (1997) como o valor atribuído à vida, ponderado pelas deteriorações funcionais; as percepções e condições sociais que são induzidas pela doença, agravos, tratamentos; e a organização política e econômica do sistema assistencial. (MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000, p. 12).

Para Kluthcovsky e Takayanagui (2007), apesar de não haver um consenso em relação ao conceito de qualidade de vida, um esforço colaborativo entre especialistas da OMS, oriundos de diferentes culturas, definiu três aspectos que seriam fundamentais para a construção teórica do termo qualidade de vida: “a subjetividade, a multidimensionalidade (inclui, pelo menos, as dimensões física, psicológica e social) e a bipolaridade (presença de dimensões positivas e negativas)” (KLUTHCOVSKY e TAKAYANAGUI, 2007, p. 14).

Segundo Minayo, Hartz e Buss (2000), a OMS criou, em 1995, o Grupo de Qualidade de vida, *The WHOQOL Group*, o qual desenvolveu o conceito de qualidade de vida para a Organização Mundial da Saúde. Para a OMS (1998), qualidade de vida é

a percepção do indivíduo de sua inserção na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, parâmetros e relações sociais. É um conceito amplo, afetado de uma maneira complexa pela saúde física da pessoa, estado psicológico, nível de independência, relacionamentos sociais e a relação com características relevantes do seu ambiente. (OMS, 1998).

Minayo, Hartz e Buss (2000) acrescentam que *The WHOQOL Group* criou também dois instrumentos de avaliação da qualidade de vida, por meio de questionário de base populacional, baseado em pressupostos subjetivos, sendo multidimensional. Sobre esse tema, os autores acrescentam:

O grupo desenvolveu, até o momento, dois instrumentos gerais de medida de qualidade de vida: o WHOQOL-100 e o WHOQOL-Bref. O primeiro consta de 100 questões que avaliam seis domínios: a) físico, b) psicológico, c) de independência, d) relações sociais, e) meio ambiente f) espiritualidade/crenças pessoais. O segundo instrumento é uma versão abreviada, com 26 questões, extraídas do anterior, entre as que obtiveram os melhores desempenhos psicométricos, cobrindo quatro domínios: a) físico, b) psicológico, c) relações sociais e d) meio ambiente. A versão em português – inclusive dos questionários – está disponível no Brasil, no Grupo de Estudos sobre Qualidade de Vida, do Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e no Hospital das Clínicas do Paraná. (MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000, p. 13).

Ainda sobre a área da saúde, Minayo, Hartz e Buss (2000) afirmam que há uma variedade de modalidades de instrumentos para se mensurar a qualidade de vida e, ao citarem Hubert (1997), apontam que o que se tem de produção acerca de qualidade de vida na literatura é essencialmente medicalizada, com uma visão onde se predominam aspectos bioestatísticos e economicistas em relação à saúde. Os autores apontam ainda que:

Dentro da perspectiva médica, autores como Bausell (1998) julgam que, dada a grande abundância das atuais medidas de qualidade de vida, essas deveriam ser consideradas o ponto de partida para as políticas de atenção. Dechamp-Le Roux (1997) considera que a avaliação de qualidade de vida dá alma à tecnologização excessiva do setor. Porém, na medida que não leva em conta fatores sociais e econômicos, seu alcance passa a ser muito restrito, reproduzindo a lógica apenas biomédica. (MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000, p. 13).

Quanto à discussão acerca da qualidade de vida para pessoas idosas, algumas pesquisas têm sido realizadas. Uma delas, produzida por Paskulin *et al.* (2009) com 260 idosos moradores da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, buscou compreender a percepção de pessoas

idosas sobre qualidade de vida. Como resultados, concluíram que, para esses sujeitos, ter qualidade de vida se relaciona a ter saúde, estabelecer uma boa convivência com familiares e amigos, ter uma boa alimentação, ter lazer e recursos para manter suas necessidades. Os resultados reforçam, assim, o caráter multidimensional sobre a definição do que seja qualidade de vida para as pessoas idosas.

Outra pesquisa foi realizada por Almeida *et al.* (2010), que buscou verificar a qualidade de vida e a existência de transtorno depressivo entre pessoas idosas, participantes de grupos de convivência, em comparação com idosos não participantes de tais grupos. Foram estudados 30 idosos que participavam de grupos de convivência e 30 que não participavam. Os resultados evidenciaram que aqueles que participavam de grupos de convivência apresentavam melhor qualidade de vida quanto aos domínios de comportamento mental e quanto aos aspectos físicos. Apontaram ainda para uma menor ocorrência de depressão para aqueles que participavam de grupos de convivência.

Oliveira *et al.* (2015) apresentaram uma pesquisa que teve como intuito avaliar o nível de satisfação da qualidade de vida de idosos que frequentam um centro de convivência na cidade de Luzilândia, no Piauí. O estudo foi realizado com 68 idosos, por meio do questionário resumido *WHOQOL-Bref*, instrumento criado pela OMS para avaliar a qualidade de vida. Os resultados apontaram que os idosos que frequentavam esse centro de convivência apresentavam uma qualidade de vida satisfatória.

As três pesquisas, acima apresentadas, utilizaram instrumentos relacionados à área da saúde para avaliar a qualidade de vida para pessoas idosas. No entanto, esta investigação busca verificar os benefícios gerados a partir da participação dos idosos em práticas educativas que, possivelmente, propiciem melhorias na qualidade de vida. Nesta pesquisa, o foco da qualidade de vida está na percepção dos sujeitos acerca dos benefícios em suas vidas, de forma subjetiva, a partir de suas respostas em entrevistas semiestruturadas, com liberdade para discorrerem sobre as atividades realizadas e o que elas trazem para suas vidas.

Para Fleck, Chachamovic e Trentini e (2011, p. 77), “qualidade de vida constitui-se, em última instância, o objetivo final das pesquisas em envelhecimento e em abordagem de saúde.” Afirmam ainda que investigações sobre qualidade de vida e envelhecimento contribuem para a ampliação do conhecimento em relação a esse tema e que, conseqüentemente, “para que se possam propor intervenções cientificamente embasadas, capazes de promover melhorias a esta população” (FLECK, CHACHAMOVIC e TRENTINI, 2011, p. 78).

Assim, o conceito de qualidade de vida que embasa este estudo se vincula a um aspecto mais amplo, como o defendido pela OMS (1998), no qual predomina a percepção do indivíduo

quanto à sua inserção na vida, na cultura, nos sistemas de valores, assim como quanto aos seus objetivos, padrões, preocupações e expectativas. Esta investigação se centra no que o indivíduo entende como benefícios gerados em sua vida, sejam no âmbito emocional, físico ou social, a partir da participação nas atividades de Teatro e de Voz e Violão. Assim, esta investigação pretendeu analisar as contribuições de práticas educativas para um envelhecimento com mais qualidade. No entanto, durante a realização desta pesquisa, o mundo se deparou com um novo vírus, que colocou a vida humana em risco, em especial, a vida de pessoas idosas, que foram consideradas como grupo de risco a pandemia da COVID-19. Certamente, esta pandemia afetou a qualidade de vida desses sujeitos e o próximo item é dedicado a tratar sobre tal tragédia humanitária.

## **2.6 – A COVID-19 e seus reflexos na vida de pessoas idosas**

No final do ano de 2019, o mundo começou a assistir, pelos noticiários, que a China enfrentava um surto de uma doença que, um pouco mais tarde, faria inúmeras vítimas pelo mundo. O epicentro inicial ocorreu na cidade de Wuhan, na China. De acordo com a publicação presente no site BMG Best Practice (2021), intitulada “Doença do coronavírus 2019 (COVID-19), trata-se de uma doença respiratória infecciosa, potencialmente grave, causada pelo coronavírus, o qual ocasiona a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS-CoV-2). Quanto aos sintomas, ainda de acordo com esta publicação, pode haver a ocorrência de pessoas assintomáticas, mas que transmitem o vírus, como também casos que incluem febre, tosse e a casos aqueles com complicações, envolvendo quadros de pneumonia viral grave, coágulos sanguíneos, choque séptico e insuficiência de múltiplos órgãos. Em relação ao processo de descoberta da doença e da decretação da pandemia, divulgou-se:

No dia 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi informada de casos de pneumonia de etiologia microbiana desconhecida associados à cidade de Wuhan, província de Hubei, China. Posteriormente a OMS anunciou que um novo coronavírus foi detectado em amostras obtidas desses pacientes. Desde então, a pandemia escalou e se disseminou pelo mundo com rapidez, e a OMS declarou emergência de saúde pública de importância internacional pela primeira vez no dia 30 de janeiro de 2020, e declarou formalmente a existência uma pandemia no dia 11 de março de 2020. A doença recebeu o nome oficial de doença do coronavírus 2019 (COVID-19). (BMG Best Practice, 2021, p. 3).

Segundo Pito Alexandre e Nunes (2020), a primeira confirmação de caso de COVID-19, no Brasil, ocorreu em 26 de fevereiro de 2020, com um senhor de 60 anos, na cidade de São Paulo, que tinha chegado recentemente da Itália, um país que já tinha apresentado um elevado número de casos e de mortes, devido à doença. Ainda segundo essas autoras, a primeira morte

no Brasil foi confirmada em 17 de março de 2020. A vítima foi um senhor de 62 anos, que tinha histórico de diabetes e hipertensão, mas que não tinha histórico de viagem para o exterior, o que indicava que a contaminação pelo vírus já ocorria no país de forma comunitária.

A doença se alastrava pelo mundo e o número de vítimas crescia exponencialmente. De acordo com Antunes *et al.* (2020, p. 213), “no Brasil, o primeiro caso foi confirmado em 25 de fevereiro, e o número de pessoas contaminadas cresceu rapidamente, com 1.891 casos confirmados em 23 de março de 2020”. Já o panorama mundial, segundo Fohn *et al.* (2020, p. 2), “em 25 de maio de 2020, a OMS e o *Johns Hopkins Center for Health Security* confirmavam 5.453.784 casos da doença e 345.886 óbitos em 185 países dos 195 existentes no mundo.”

Fohn *et al.* (2020) apontam que a Itália foi o primeiro país europeu a ser o foco da pandemia de COVID-19. A letalidade nesse país chegou ao índice de 7%, o que corresponde a quase o dobro da média mundial, que era de 3,4% no período, sendo que a maioria dos casos confirmados teve incidência em pessoas com mais de 65 anos, totalizando 60% dos casos. Já em relação à Espanha, os autores afirmam que:

foi o terceiro país mais afetado na Europa, com mais de 200 mil casos, dos quais 57.106 precisaram de hospitalização. Destes, 24,1% tinham entre 70 e 79 anos, 19% entre 80 e 89 e 5,1% acima de 90 anos. Em instituições de longa permanência, muitos idosos foram encontrados mortos porque o sistema funerário, sobrecarregado pela crise na saúde, não suportou a demanda de serviço. (FOHN *et al.*, 2020, p. 6).

O mundo assistiu a uma triste realidade, em razão do elevado número de mortes. O colapso nos sistemas de saúde começou a ocorrer em alguns países, como foi o caso da Itália o que, um pouco mais tarde, viria a acontecer em outros locais, inclusive no Brasil. O dilema ético de quem deveria ocupar os leitos escassos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) se fez presente. Sobre isto, Fohn *et al.* (2020) fizeram uma pesquisa em diversos jornais de grande circulação em diferentes países e encontraram os seguintes resultados:

Os jornais reportaram a preocupação dos profissionais como as medidas propostas em cada país diante da pandemia, por entenderem que podem prejudicar o atendimento aos idosos, que são os mais vulneráveis e que necessitam de cuidados mais prolongados. Noticiaram, inclusive, que a decisão de não priorizar o cuidado a essas pessoas diante da elevada demanda impôs a esses profissionais um conflito ético: “Dilema ético, os idosos e a metáfora da guerra. Parte da sociedade é tratada como inútil e improdutiva. A metáfora de guerra tem sido utilizada para espelhar a luta que está sendo travada contra a COVID-19.” (Brasil, 6); “Se les dejará morir. El departamento ha elaborado un documento que determinará qué pacientes reciben tratamiento en UCI y cuáles no... un especialista en reanimación y un médico en medicina interna son los encargados de decidir qué paciente ingresará a la UCI. La edad y las enfermedades previas son factores importantes en este sistema de triaje. Pero también lo es tener una familia”. (Espanha, 2); “Medical ethicists also have suggested that we should ration ventilators by denying them to patients over a certain

age. They argue that treating only the young will be efficient, saving the greatest total life-years.” (Estados Unidos, 10). (FOHN *et al.*, 2020, p. 5).

Diante desse cenário tão catastrófico e desafiador, medidas foram sendo tomadas para tentar conter o avanço da doença. De acordo com Antunes *et al.* (2020), foram necessárias medidas que visavam à redução da transmissão do vírus, como aquelas relacionadas ao isolamento social. Assim, escolas, parques, espaços de lazer e cultura, como também o comércio não essencial foram fechados. A realização de *shows*, eventos e festas foi suspensa e as fronteiras entre os países foram fechadas. Em diversos países, em diferentes momentos, ora alcançando todo o território, ora algumas cidades, foi decretado *lockdown* na Itália, a China, a Espanha, o Reino Unido e o Brasil.

As medidas restritivas tomaram proporções cada vez maiores, em escala global e, de acordo com o *site* da *BBC News Brasil*<sup>15</sup>, pela primeira vez em 124 anos, as olimpíadas foram adiadas. O *site* afirma que, em decisão conjunta entre o primeiro-ministro japonês e o presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), as olimpíadas que aconteceriam em Tóquio, em meados de 2020, seriam adiadas para 2021, devido à expansão da doença pelo mundo. Devido à pandemia de COVID-19, em 2021, não houve a presença de público nos jogos olímpicos.

As medidas de isolamento social afetaram, como já mencionado nesta tese, as atividades no Centro de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferrara. Por meio do Decreto nº 17.304, de 18 de março de 2020, a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte determinou a suspensão, por tempo indeterminado, das atividades consideradas não essenciais, que poderiam provocar aglomerações na cidade, como escolas, academias, clínicas de estéticas, salões de beleza, parques de diversão, bares, restaurante, clubes de lazer, *shoppings centers*, danceterias, dentre outras. As atividades do CRPI ficaram paralisadas por três meses, na expectativa da volta presencial, com uma possível redução dos casos de COVID-19. No entanto, diante do prolongamento da situação, as atividades foram retomadas, de forma virtual, a partir do mês de junho.

Os desafios em razão da pandemia de COVID-19 vieram de diversas ordens, sejam elas relacionadas à preservação da saúde física, da saúde mental ou questões econômicas, uma vez que a economia foi fortemente atingida devido às necessárias medidas de isolamento social. É o que afirmam Hammerschmidt e Santana (2020):

Durante essa pandemia, o mundo e o Brasil adotaram medidas de isolamento e distanciamento social, interrupção de aulas e trabalhos presenciais; gerando, além do

---

<sup>15</sup> A notícia completa pode ser acessada endereço eletrônico <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52021589>> Acesso em:

sofrimento com o noticiário de mortes e hospitalizações, danos emocionais e financeiros(2), que afetaram diferentemente cada grupo geracional. Portanto, para além das questões fisiopatológicas e epidemiológicas, há de se discutir o impacto da pandemia COVID-19 na saúde integral do idoso, família, profissionais de saúde e sociedade. (HAMMERSCHMIDT e SANTANA, 2020, p. 3).

Hammerschmidt e Santana (2020) apontam para a acentuada condição de sofrimento das pessoas acima dos 60 anos, em razão da pandemia e COVID-19. Um dos elementos destacados pelas autoras diz respeito aos idosos que vivem em ILPIs, os quais foram considerados grupos de alto risco, uma vez que estudos preliminares apontaram que, em contextos de institucionalização, a infecção pelo novo coronavírus é elevada e a taxa de mortalidade para pessoas acima de 80 anos é superior a 15%. Além disso, as autoras destacam que, nesses espaços, muitos idosos apresentam comorbidades crônicas e muitos estão em contato permanente com cuidadores e profissionais que saem das ILPIs e voltam para elas diariamente, aumentando os riscos de contágio. As autoras ainda apresentam outros problemas advindos com a pandemia de COVID-19 para as pessoas com 60 anos ou mais:

As ações de proteção à pessoa idosa na pandemia incluíram a estratificação etária, que apesar de positiva como organização do serviço, reforçou os preconceitos da sociedade, mediante a criação de diversos vídeos, imagens, frases, músicas, com exposição dos idosos e supervalorização de características eminentemente negativas. Como exemplo, pode-se destacar o emblemático caso brasileiro do “carro do ‘cata véio’”, que além do ageísmo, evidencia a dificuldade dos idosos cumprirem o distanciamento social. Estas situações também afetaram as relações familiares, com conflitos intergeracionais, principalmente devido às medidas adotadas pelos familiares para impor o distanciamento social. (HAMMERSCHMIDT e SANTANA, 2020, p. 4).

Noal, Passos e Freitas (2020), na publicação da Fiocruz intitulada “Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19”, apontam que ainda que os idosos não sejam infectados pelo novo coronavírus, a doença acaba por impactar a saúde e o bem-estar dessas pessoas, seja por repercussões psicológicas relacionadas ao medo do adoecimento próprio ou de algum ente querido, ou ainda pela solidão ou frustração, decorrentes das mudanças em suas rotinas, as quais foram impostas pelas medidas de contenção da propagação do vírus.

A situação das pessoas idosas, na vivência deste contexto, evidenciou uma série de questões ligadas à saúde e aos cuidados com essa população. Dentre elas, surgiu a prioridade de vacinação desse grupo etário. À medida que as vacinas foram sendo aprovadas para uso emergencial, muitos países iniciaram a vacinação pela população idosa. No mundo ocidental,



de acordo com a reportagem do *site* da CNN Brasil<sup>16</sup>, do dia 24 de dezembro de 2020, o Reino Unido foi o primeiro país a iniciar a vacinação. No dia 08 de dezembro de 2020, uma idosa de 90 anos, chamada Margaret Keenan, foi a primeira pessoa a ser vacinada. O plano de imunização do governo priorizou idosos acima de 80 anos, profissionais da saúde e trabalhadores de ILPIs.

Ainda segundo o *site*, na Alemanha, a primeira pessoa a tomar a vacina foi uma senhora de 101 anos. Por lá, a imunização teve início no dia 26 de dezembro de 2020. Na Espanha, também foi uma senhora de 96 anos a primeira a ser vacinada (CNN BRASIL, 2020). No entanto, essa não foi a estratégia adotada por todos os países, como a Indonésia, por exemplo, que priorizou a população entre 19 e 59 anos. Segundo o *site* da BBC News Brasil, no dia 15 de janeiro de 2021, o país asiático iria imunizar inicialmente a população com idades entre 19 e 59 anos, composta por aqueles que saem para trabalhar e que, de acordo com o professor Amin Soebandrio, que assessorou o governo nesta tomada de decisão, seriam os que espalhariam o vírus.

No Brasil, segundo dados do *site* G1<sup>17</sup>, do dia 17 de janeiro de 2021, a vacinação contra a COVID-19 teve início nesta mesma data, na cidade de São Paulo e a primeira pessoa a ser vacinada foi a enfermeira Mônica Calazans, de 54 anos (RODRIGUES, 2021, *on-line*). No entanto, de acordo com Brasil (2021), que apresenta o Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a COVID-19, a imunização priorizou as pessoas na seguinte ordem: pessoas com 60 anos ou mais institucionalizadas, pessoas com deficiência institucionalizadas, povos indígenas que vivem em terras indígenas, trabalhadores de saúde, pessoas com 80 anos ou mais, pessoas com 75 a 79 anos, povos e comunidades tradicionais ribeirinhas, povos e comunidades tradicionais quilombolas, pessoas de 70 a 74 anos, pessoas de 65 a 69 anos, e pessoas de 60 a 64 anos. Outros grupos viriam a ser vacinados paulatinamente após estes.

A descrição da ordem de prioridade, prevista no Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a COVID-19, deixa claro que a população acima dos 60 anos também foi considerada como grupo prioritário no Brasil. É importante ressaltar que países que priorizaram a vacinação de pessoas idosas demonstraram, nesse contexto, a valorização da vida dessas pessoas. Diferentemente da posição de países, como a Indonésia, os quais preferiram imunizar pessoas ativas no mundo do trabalho, o que, para alguns, poderia significar uma rápida retomada da economia, em países que iniciaram a vacinação pelos idosos, foi o respeito pela vida dessas pessoas que ficou em primeiro lugar.

---

<sup>16</sup> Maiores informações sobre esse assunto podem ser encontradas no endereço eletrônico: <>. Acesso em:

<sup>17</sup> As informações completas sobre esse assunto encontram-se no endereço eletrônico: <>.

Em relação aos registros de casos e de mortes ocasionadas pela COVID-19, o Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a COVID-19 aponta que:

[...] no ano 2020, registrou-se, no mundo, 84.586.904 milhões de casos da doença, destes 1.835.788 milhões foram a óbitos, no tocante às regiões das Américas, foram confirmados 39,8 milhões de casos e 925 mil óbitos. No Brasil, no mesmo período, notificou-se 7.716.405 milhões de casos da covid-19 e 195.725 mil óbitos. Dos casos que foram hospitalizados por Covid-19 em 2020, 50,2% eram pessoas maiores de 60 anos de idade. Em 2021, até o dia 15 de agosto, já foram confirmados (acumulado) mais de 20.364.099 milhões de casos da Covid-19, registrando-se mais de 569.058 mil óbitos. (BRASIL, 2021, p. 16).

A pandemia da COVID-19 afetou a vida de todos os seres humanos, independentemente do país de residência. É certo que as diferenças quanto às atitudes tomadas pelos governos frente à doença provocaram também diferenças nas intensidades dessas alterações. Mas pode-se perceber que a população idosa mundial, de maneira geral, ficou no centro das atenções, por se tratar de um grupo de risco. Nas esferas pessoal e social, a ocorrência da uma pandemia levou a mudanças significativas nos seus modos de vida. No caso dos idosos que frequentam o CRPI, além do isolamento social imposto também às outras pessoas, as mudanças ocasionaram o afastamento das atividades presenciais, alterações no modo de convivência com colegas e com os profissionais do espaço, assim como, para aqueles que tiveram acesso às atividades remotas, a necessidade de se colocar em prática novas aprendizagens e outras formas de interação, adaptadas para os ambientes virtuais (aplicativos), meios pelos quais foi possível a continuidade do trabalho.

Até aqui foram discutidos alguns aspectos mais específicos relacionados ao envelhecimento. Neste capítulo, buscou-se compreender o caráter multidimensional do envelhecimento humano, as diferentes nomenclaturas usadas para designar as pessoas com 60 anos ou mais, suas representações sociais, as políticas públicas referentes ao envelhecimento populacional, as questões voltadas para a discussão sobre a qualidade de vida das pessoas idosas e os reflexos da COVID-19 no cotidiano destas pessoas. O capítulo seguinte trará discussões buscando conceituar a educação que esta pesquisa analisa e as discussões acerca da educação de pessoas idosas.

*Desorientação e confusão*<sup>18</sup>

*Resolvi me procurar  
Parti, querendo ficar  
Segui, querendo voltar  
Aqui é que  
Decidi parar e pensar  
Me senti flutuar  
No dormir e no acordar  
Fui por aí viajar*

*Vivi a imaginar  
E saí a me buscar  
Fui me encontrar  
Consegui me integrar  
A sorrir, a cantar  
A reunir, a brincar  
A ouvir e a falar*

*E aprendi a me ensinar  
A dividir e a somar  
A pedir e doar  
A divertir e inventar  
Descobri aonde chegar  
A sair e perguntar  
E só ir devagar  
Sem tropeçar  
Seguir, sem me cansar*

---

<sup>18</sup> CARLOS, Maria I. Desorientação e confusão. In: SENA, Bernardina de e LACERDA, Patrícia. (Orgs.) **Eu Bonsai** - Minha vida em versos. Belo Horizonte: Grupo Cultural Meninas de Sinhá, 2017.

## CAPÍTULO 3 – EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO

### 3.1 – De que educação estamos falando?

Investigar sobre a educação de pessoas idosas, em um Centro de Referência, a partir de aulas de Teatro e de Voz e Violão, trouxe a necessidade de tratar também sobre as diferentes formas que a educação pode ter. Em muitos casos, quando se fala sobre educação, está se referindo a um processo escolarizado e formal, o qual possui um espaço, uma forma e conteúdos pré-estabelecidos, que permeiam o imaginário social. Esse é o sentido mais difundido da representação do que seja um processo educativo, em especial, numa sociedade marcada pela necessidade de se ter um determinado grau de instrução para, teoricamente, ter acesso ao mundo do trabalho. A educação de idosos, por si, já é um tema de pouco destaque em nossa sociedade, mesmo se tratando da escolarização formal. Tratar desse tema, a partir de uma perspectiva mais ampliada de educação, requer que seja esclarecida a visão sobre qual educação está se falando.

A educação existe na sociedade de diversas formas. É estabelecida desde a infância visando à compreensão das regras sociais. Ao longo da vida, vai se aprendendo com os pais, familiares, amigos, inimigos, escola, mídias, festas, igrejas, centros de convivência, no trabalho, em hospitais e, enfim, nas mais diversas situações que se vivencia. A educação faz parte da existência humana desde o dia em que se nasce até o dia em que se morre. O ato de educar-se é intrínseco ao de viver. É isso que aponta Brandão (2007):

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (BRANDÃO, 2007, p. 7).

Além disso, deve-se destacar que existem diferentes formas de educação. De acordo com a sociedade em que se vive, sejam em sociedades pequenas, como aquelas de agricultores, camponeses, ou de indígenas, ou em sociedades maiores, industrializadas, países orientais, países ocidentais, cada uma delas vai estabelecendo formas de educação distintas, de acordo com sua cultura. Para Saviani (2008, p. 97), “(...) educa-se através de múltiplas formas, através de outras instituições, como os partidos, os sindicatos, associações de bairro, associações religiosas, através de relações informais, (...). Portanto, há múltiplas formas de educação, entre as quais se situa a escolar...”. Assim, percebe-se que a educação escolar, formal, é apenas uma das formas de educação existentes. Sobre esse tema, Brandão (2007) acrescenta:

A educação é, como outras, uma fração do *modo de vida* dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar - às vezes a ocultar, às vezes a inculcar - de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem. (BRANDÃO, 2007, p. 10 -11).

Em relação a este trabalho, o primeiro elemento a se destacar é que a educação que discutimos se insere no campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA). De acordo com Soares (2001):

A educação de jovens e adultos compreende um leque amplo e heterogêneo de experiências educativas de formatos e modalidades diversos, que não correspondem necessariamente às ações de escolarização. Seus propósitos são múltiplos e ocorrem por meio de iniciativas governamentais e não governamentais, de universidades, associações, igrejas, entidades empresariais e trabalhadores. (SOARES, 2001, p. 201).

É também nesse sentido que a EJA é compreendida pela Declaração de Hamburgo, documento final elaborado durante a V Conferência Internacional de Educação de Adultos, promovida pela Organização das Nações Unidas pela Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em 1997:

A educação de adultos engloba todo o processo de aprendizagem, formal ou informal, onde pessoas consideradas "adultas" pela sociedade desenvolvem suas habilidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, direcionando-as para a satisfação de suas necessidades e as de sua sociedade. A educação de adultos inclui a educação formal, a educação não-formal e o espectro da aprendizagem informal e incidental disponível numa sociedade multicultural, onde os estudos baseados na teoria e na prática devem ser reconhecidos. (UNESCO, 1997, p. 42).

A necessidade da discussão acerca das diferentes formas de educação surgiu a partir das conversas sobre quais terminologias usar para tratar das práticas educativas investigadas. A maioria dos idosos que frequenta o CRPI não chegou ali esperando encontrar uma escola, em seu molde tradicional. No entanto, o que se percebe é que as atividades analisadas podem ser consideradas como aulas, ao se observar alguns elementos que as estruturam.

Tanto nas turmas de Teatro quanto naquelas de Voz e Violão, há a presença de educadores, de conteúdos pré-estabelecidos, há intencionalidade sobre aquilo que é trabalhado com os idosos, há um planejamento prévio por parte dos educadores, são estabelecidas relações de ensino e há o controle de frequência, o qual é realizado por meio de listas de chamada. Tais

elementos nos remetem a uma estrutura de educação próxima a que acontece em salas de aulas escolares. No entanto, o que presenciamos no CRPI não era um modelo de escola propriamente dito.

Ireland (2019) ressalta que, no Brasil e na América Latina, ao se falar de educação, é comum que ocorra uma redução do tema à educação escolar. Para o autor,

ao formular políticas de educação considerar que essa tarefa cabe única e somente aos departamentos, secretarias e ministérios de educação. Há uma tendência também de considerar que é possível isolar e enclausurar a educação em instituições que concretizam o divórcio entre educação e vida. A Educação se torna uma ação que acontece essencialmente no espaço institucional. (IRELAND, 2019, p. 50).

Para Canário (2006, p. 35), “quando se fala em educação pensa-se na escola, quando se fala em educação escolar, pensa-se na sala de aula.” Sérgio Haddad (2009), ao comparar a educação escolar com a não escolar, aponta que:

A imagem do iceberg tem sido utilizada com frequência para fazer a distinção entre educação escolar e não escolar. A parte visível do iceberg seria a educação escolar, aquela que se confunde com o próprio termo educação e que é valorizada socialmente como um direito humano e fator de conquista de cidadania. A parte submersa, com um volume maior e de sustentação da parte visível, normalmente não reconhecida pelo senso comum, aqui denominamos de educação não escolar. (HADDAD, 2009, p. 3).

No imaginário social de uma sociedade letrada como a nossa, ao se falar de escola, a primeira ideia que se tem é aquela de um espaço determinado, que ensina conteúdos, tais como língua portuguesa, matemática, ciências, história, geografia, dentre outras disciplinas associadas ao currículo. No entanto, nas cidades também é possível encontrar escolas com outros formatos, tais como as escolas de dança, de canto, de desenho, de idiomas, de pintura ou escolas de natação, por exemplo, que não se encaixam nesse primeiro modelo escolar descrito, mas que, ainda assim, são consideradas escolas.

No caso do CRPI, não se pode dizer que este espaço seja uma escola, no sentido estrito do ensino de conteúdos determinados, por exemplo, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação do país do ano de 1996<sup>19</sup> ainda que lá haja uma sala de aula de Educação de Jovens e Adultos, destinada à educação de idosos. Esta sala de aula é compreendida, pela Secretaria Municipal de Educação (SMED) de Belo Horizonte, como uma turma de EJA externa, ou seja, que ocupa um espaço físico diferente daquele da escola a qual está vinculada.

<sup>19</sup> Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)> Acessado em 02/12/2021.

No caso da EJA no CRPI, trata-se de uma turma que está referenciada em uma escola municipal próxima ao Centro de Referência, instituição na qual as professoras que trabalham nesta turma têm seus vínculos trabalhistas. Tanto é assim que, para se realizar as observações nessa turma, a autorização que se tinha do CRPI não foi suficiente. Foi necessário pedir autorização para a direção da escola de origem. Assim, pensando nessa turma da EJA, por exemplo, a sua existência no equipamento não faz do CRPI uma escola. Da mesma forma que outras turmas externas de EJA, existentes na capital mineira em distintas Instituições de Longa Permanência para Idosos ou em instituições religiosas dos mais diversos credos, por exemplo, não tornam esses espaços uma escola.

O Centro de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferrara, conforme descrito pela própria prefeitura da cidade em seu site é um local que oferece ações de cunho socioeducativo, cultural, esportivo e de lazer para pessoas nessa fase da vida. Ainda segundo o site, o espaço possui, dentre seus objetivos, aquele de oportunizar ao idoso vivenciar o novo e proporcionar a realização de projetos que tiveram que ser negligenciados ao longo dos anos, seja por não terem sido a eles ofertados ou pela ausência de condições para realizá-los até então, devido a questões de ordem familiar, financeira ou de trabalho, por exemplo.

As propostas oferecidas pelo CRPI, para quem procura esse equipamento na cidade, vão além de práticas educativas em formatos escolares. Um dos exemplos mais claros a esse respeito são as tardes dançantes, que ocorriam às quintas-feiras, em períodos anteriores à pandemia, com apresentações musicais ao vivo e com um espaço destinado à prática de dança livre entre os frequentadores, no turno vespertino. Não que não haja processos educativos nesses momentos, mas o formato da educação que se estabelece não remete aquele próprio de um modelo escolarizado.

As formas de participação no CRPI, sejam nas aulas de Teatro ou de Voz e Violão, ou na maioria das suas atividades, dizem respeito a uma perspectiva de educação ampliada, para além daquilo que se entende como uma educação escolar tradicionalmente reconhecida. Ainda ao comparar a educação escolar com a não escolar, Sérgio Haddad (2009) complementa:

Uma trata de todo processo educativo institucionalizado, graduado em séries, hierarquizado. Outra, que ocorre fora deste marco oficial, pode ter como características, desde práticas formalmente organizadas e sistemáticas até processos informais de ensino e aprendizagem. A somatória do escolar com o não escolar constituiria o universo da educação. (HADDAD, 2009, p. 3).

Ao se tratar da educação de maneira ampliada, há que se explicar sobre algumas formas nas quais a educação encontra-se categorizada. Como categorias, é possível considerar a

educação escolar e a educação extraescolar ou não escolar; a educação formal e a não formal. Saviani (2008) acredita que, de uma forma geral, quando se fala em educação, entende-se tratar da educação escolar e que as demais modalidades são formas negativas, derivadas da comparação com a educação escolar:

A educação escolar é simplesmente a educação; já as outras modalidades são sempre definidas pela via negativa. Referimo-nos a elas através de denominações como educação não-escolar, não-formal, informal, extra-escolar. Portanto, a referência de análise, isto é, o parâmetro para se considerarem as outras modalidades de educação, é a própria educação escolar. (SAVIANI, 2008, p. 98).

Durante as observações das aulas de Teatro e de Voz e Violão, foi possível perceber as práticas educativas que continham características formais em suas organizações. Como já mencionado, eram turmas que contavam com estudantes regularmente inscritos, que possuíam controle de frequência, nas quais havia profissionais contratados pela prefeitura para atuarem nessas atividades. Somando a isso, as aulas seguiam o calendário e as normas que regiam o CRPI, como horários e locais determinados. Os professores preparavam suas aulas, levando em conta as características dos inscritos em cada turma. Pode-se dizer até aqui, que se tratava de uma educação não escolar, com intencionalidades, com características formais, sendo institucionalizada.

Entretanto, as atividades desenvolvidas tanto em função das aulas de Teatro quanto em função das aulas de Voz e Violão iam além dos horários destas aulas no CRPI. Durante o período anterior à pandemia da COVID-19, eram comuns as apresentações realizadas tanto no CRPI quanto fora dele. Além das apresentações públicas, com convidados, para determinados espaços, as turmas de Voz e Violão realizavam visitas sistemáticas em Instituições de Longa Permanência, a partir da sugestão de uma das idosas, como já apontado aqui. Essa ação se configurava como uma das atividades regulares do grupo em tempos sem pandemia. Elas também eram educativas e se apresentavam ainda mais distantes de uma educação escolarizada, nos moldes tradicionais.

O processo educativo que encontramos nas turmas de Voz e Violão e de Teatro no CRPI se assemelha ao que Sérgio Haddad (2009) aponta como características da educação não escolar: “É uma educação que não é delimitada por anos de estudo, por ser seriada, ou com cargas horárias, níveis de ensino e certificações promocionais, como é a educação escolar. Sua característica é a diversidade no tempo, nas suas temáticas, nos espaços e nas suas institucionalidades e intencionalidades” (HADDAD, 2009, p. 18).



Quanto à questão da educação não-formal, Gohn (2014, p. 39) afirma: “um dos grandes desafios da educação não-formal tem sido defini-la, caracterizando-a pelo que ela é. Usualmente ela é definida pela negatividade - pelo que ela não é”. No entanto, para Gohn (2014), há ainda uma distinção entre educação não formal e informal.

(...)a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – ocorrendo em espaços da família, bairro, rua, cidade, clube, espaços de lazer e entretenimento; nas igrejas; e até na escola entre os grupos de amigo; ou em espaços delimitados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia , sempre carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados. Poderá ter ou não intencionalidades (por exemplo, educar segundo os preceitos de uma dada religião é uma intencionalidade). A grande diferença da educação não formal para a informal é que na primeira há uma intencionalidade na ação. (GOHN, 2014, p. 40)

Gohn (2014) afirma que a mídia e a sociedade, no geral, não compreendem a educação não formal como educação. Para esta autora, o senso comum considera como educação apenas o que ocorre no interior da escola ou que se refira a “processos escolarizáveis”. A autora aponta que, de forma geral, as práticas educativas não formais ocorrem fora dos muros das escolas, tendo como exemplos as atividades das Organizações Não Governamentais (ONGs), especialmente aquelas ligadas à educação, às artes e à cultura e nos programas de formação sobre questões, tais como cidadania, direitos humanos e práticas identitárias.

Ainda segundo Gohn (2014), entidades do “Sistema S”, como o Serviço Social do Comércio (SESC), o Serviço Nacional da Indústria (SENAI) e o Serviço Nacional do Comércio (SENAC), adotam a terminologia de educação não formal em boa parte de suas práticas e programas realizados na área social. Gohn (2014) ressalta que o mesmo ocorre com empresas relacionadas ao terceiro setor, as quais desenvolvem programas na área social, em especial, para pessoas em vulnerabilidade social. No entanto, a autora ressalta que “o uso da terminologia por muitas destas empresas produz um reducionismo de seu sentido e significado à medida que educação não formal passa a ser associada a programa e projeto social para comunidades carentes” (GOHN, 2014, p. 41).

Em relação às ações do “Sistema S”, em especial, do SESC de Minas Gerais na Capital Mineira), deve-se destacar que alguns dos idosos entrevistados participaram de atividades semelhantes àquelas que desenvolviam no CRPI, em unidades do SESC. Especialmente na turma do Teatro, alguns idosos relataram que procuraram o CRPI após a atividade que frequentavam numa unidade do SESC- MG, no centro de Belo Horizonte, ter sido encerrada,

como já dito. Para compreender melhor como o SESC se posicionava diante das atividades relacionadas à pessoa idosa, buscou-se mais informações no *site* do SESC de Minas Gerais.

Ao analisar o que o SESC de Minas Gerais compreende por educação, identificou-se uma aba específica sobre o tema, denominada “Sobre a Educação”. Neste item, o SESC-MG diferencia o que chama de ensino formal do ensino complementar. O primeiro caso engloba os “Colégios SESC” e o “SESC Alfabetização”, os quais, segundo o *site*, “promovem o aprendizado e o aprimoramento da leitura e da escrita aos jovens e adultos participantes, além de desenvolver seu raciocínio lógico, fazendo com que eles tenham condições de interpretar os fatos do cotidiano” (SESC-MG, *on-line*, s/d)<sup>20</sup>. Já em relação ao ensino complementar, a entidade conta com atividades voltadas para crianças, como o “Cria SESC”, que promovem experiências lúdicas, as quais buscam potencializar o desenvolvimento físico, cultural, social e pedagógico, e com o “Projeto Habilidades de Estudo” (PHE), que oferta acompanhamento pedagógico, assim como atividades esportivas e culturais (SESC-MG, *on-line*, s/d).

Assim, identificou-se que as atividades que os idosos entrevistados realizavam no SESC de Belo Horizonte não eram consideradas atividades educacionais por aquela instituição. As atividades voltadas para pessoas com 60 anos ou mais se encontravam na parte do *site* denominada “Assistência”. Nesta área, havia, na aba de grupos, o “SESC +60” que reafirmava a tradição do SESC em trabalhos com grupos de pessoas idosas, os quais se definem como:

ações de formação e intercâmbio de grupos, com o objetivo de promover a participação social, o exercício da cidadania em defesa dos direitos sociais e o protagonismo do indivíduo. As atividades são voltadas para pessoas com mais de 60 anos com propósito de contribuir para o desenvolvimento físico e cognitivo, superação do isolamento social, resgate e fortalecimento da autoestima, autonomia e reconhecimento social. (SESC- MG, *on-line*, s/d)

É interessante destacar como as atividades voltadas para as pessoas idosas, ainda hoje, no SESC de Minas Gerais, estão direcionadas às questões da assistência e não da educação. A vocação assistencial do SESC está vinculada ao Decreto Lei n 9.853, de 13 de setembro de 1946, o qual atribuiu à Confederação Nacional do Comércio a responsabilidade de criar o SESC cujas finalidades estavam assim descritas no artigo primeiro::

§ 1º Na execução dessas finalidades, o Serviço Social do Comércio terá em vista, especialmente: a **assistência** em relação aos problemas domésticos, (nutrição, habitação, vestuário, saúde, educação e transporte); providências no sentido da defesa do salário real dos comerciários; incentivo à atividade produtora; realizações

<sup>20</sup> Disponível em:

<[https://www.sescmg.com.br/wps/portal/sescmg/centrais/central\\_de\\_servicos/servico\\_aberto/assistencia+-+servicos/sesc+mais+60](https://www.sescmg.com.br/wps/portal/sescmg/centrais/central_de_servicos/servico_aberto/assistencia+-+servicos/sesc+mais+60)>. Acesso realizado em: 23/10/2021.

educativas e culturais, visando a valorização do homem; pesquisas sociais e econômicas. (BRASIL, 1946, grifo nosso).

A parte das ações vinculadas aos idosos está localizada numa aba denominada “Assistência”, tendo no *site* outros espaços com títulos, tais como “Cultura”, “Educação” e “Lazer”. Tal fato causa estranhamento, pois o termo “assistência” remete à ideia de caridade, de ajuda, de favor. Interessante lembrar que eram também esses conceitos que estavam presentes nas discussões, durante muito tempo, quando se tratava da Educação de Jovens e Adultos, conceitos estes que se contrapunham ao direito à educação. Essa noção assistencialista difere dos pressupostos do Estatuto do Idoso (2017) que destaca a educação e a cultura como direito das pessoas acima dos 60 anos.

Adentrando um pouco mais na discussão da educação formal e não formal, Jacobucci (2008) aponta que muitos pesquisadores da área da educação têm usado a terminologia “não formal” para designar locais que sejam destinados a alguma atividade educativa, mas que, no entanto, não sejam escolas. Assim como Gohn (2014), a autora destaca a dificuldade de se definir, então, o que seja o não formal:

Posto que espaço formal de Educação é um espaço escolar, é possível inferir que espaço não formal é qualquer espaço diferente da escola onde pode ocorrer uma ação educativa. Embora pareça simples, essa definição é difícil porque há infinitos lugares não-escolares. Qualquer lugar é espaço não-formal de Educação? Há espaços não-formais e informais de Educação? O que define cada um? Da mesma forma que a discussão sobre as conceituações de Educação formal, Educação não-formal e Educação informal está em aberto, a definição para espaço não-formal também está. Muito provavelmente, na medida em que os pesquisadores forem chegando a um consenso sobre essas questões, os conceitos poderão ser definidos, divulgados e utilizados de forma correta. (JACOBUCCI, 2008, p. 56).

Entretanto, ao ler Jacobucci (2008), nota-se que as dificuldades em se categorizar um processo educativo como formal ou não formal vão além dos espaços destinados às atividades. Para ela, a própria prática pedagógica desenvolvida em um determinado espaço pode também se relacionar com os conceitos de educação formal ou não formal.

É importante ressaltar que, embora seja de senso comum que a Educação não-formal é diferente da Educação formal, por utilizar ferramentas didáticas diversificadas e atrativas, isto nem sempre é verdade. Há muitos exemplos de professores que adotam estratégias pedagógicas variadas para abordar um determinado conteúdo, fugindo do tradicional método da aula expositiva não dialogada. E também há exemplos de aulas estritamente tradicionais e autoritárias sendo realizadas em espaços não-escolares. (JACOBUCCI, 2008, p. 56).

Sendo assim, compreende-se que as categorias relacionadas à educação não estão ligadas somente ao espaço em que se organizam. Um exemplo disso seriam as turmas de EJA externas, da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Elas podem estar localizadas em igrejas, associações de bairros e em outros espaços externos à escola, como o próprio Centro de Referência da Pessoa Idosa, por exemplo. Neste último caso, foi possível presenciar que, durante o período das observações, mesmo as aulas da EJA ocorrendo em um espaço não escolar, tratava-se de uma educação escolar, em especial, pelo fato de se trabalhar com conteúdos para processos de alfabetização da mesma maneira que eles eram e são trabalhados na maioria das salas de aula das escolas do país. Eram aulas bem tradicionais, que seriam categorizadas por Paulo Freire como educação bancária, sem levar em conta, por exemplo, as potencialidades que o espaço poderia oferecer para aulas mais direcionadas às pessoas com mais de 60 anos, assim como sem considerar as próprias especificidades daqueles sujeitos e seus estilos de aprendizagem.

Assim, percebe-se que uma educação escolarizada tem mais relação com o modelo de ensino que se estabelece que com o local no qual se desenvolve. No entanto, essa afirmação ainda não esclarece as distinções entre educação formal, não formal e extraescolar. Para Jacobucci (2008, p. 57), “De forma sintética, pode-se dizer que os espaços formais de Educação referem-se a Instituições Educacionais, enquanto que os espaços não-formais relacionam-se com Instituições cuja função básica não é a Educação formal e com lugares não-institucionalizados”.

Palhares (2009), em seu texto “Reflexões sobre o não-escolar na escola e para além dela”, ao tratar da educação não formal aponta:

Conquanto a actualidade não seja pródiga em trabalhos de fôlego neste *subcampo* educativo (excepção feita aos trabalhos de Poizat, 2003 e Rogers, 2004), contudo nos anos 2000 tem-se assistido à (re)descoberta da educação não-formal (e da educação informal), em grande medida pela sua colagem à retórica inerente ao paradigma da *aprendizagem ao longo da vida* (cf. Rogers, 2004). (PALHARES, 2009, p. 59).

O mesmo autor acima citado destaca, ainda quanto à educação não formal, que esta sofreu influência da UNESCO por esta instituição defender, em meados dos anos sessenta, e, logo após, por meio da publicação do relatório da Comissão Internacional para o Desenvolvimento da Educação, a ideia de educação permanente. De acordo com Palhares (2009), no que diz respeito à educação permanente:

a perspectiva da educação que então emerge sustenta uma visão do ser humano como ser inacabado, cuja realização se concretizaria pela aprendizagem constante, ao longo

da vida, independentemente da idade, e no decurso das múltiplas e diversas experiências de vida das pessoas. (PALHARES, 2009, p. 60).

A relação estabelecida por Palhares (2009) envolvendo os conceitos de educação permanente, de aprendizagens ao longo da vida e de educação não formal merece destaque, especialmente por se entender que a educação de idosos está inserida na perspectiva da educação ao longo da vida. No entanto, buscou-se abordar com maior profundidade esses conceitos no subitem 3.2.

Quanto às referências que delimitaram as práticas educativas investigadas, pode-se afirmar que eram estas práticas educativas não escolarizadas, que possuíam intencionalidades e que, por conterem intenções predefinidas, não se aproximavam do conceito de educação informal. Pode-se categorizá-las como práticas educativas não escolares, que possuíam características formais, como o controle de frequência, por exemplo. Percebe-se, a partir dos conceitos apresentados, que seria possível estar diante de práticas próprias da educação não formal, mas tendo em vista a dificuldade apresentada pelos próprios estudiosos do tema em definir essa categoria, foi resolvido não reduzi-las a um conceito que ainda está por ser mais bem-definido.

No entanto, há outros aspectos que precisam ser discutidos. Os nomes dados para os eventos que ocorriam semanalmente no CRPI, por exemplo, precisam ser problematizados. Denominou-se, até aqui, de aula, mas os tensionamentos a respeito dessa nomenclatura se fizeram presentes durante o processo de escrita do trabalho. As discussões a respeito de qual nome usar para essas práticas levaram à necessidade de compreender melhor sobre as formas de designá-las. O subitem a seguir trata da discussão sobre esses termos usados nas atividades semanais tanto de Teatro quanto de Voz e Violão.

### 3.1.1. As práticas educativas analisadas: aula, oficinas ou encontros?

A necessidade da discussão acerca dos termos usados para designar as atividades analisadas surgiu ao se perceber que havia, mesmo entre os participantes e nas formas de apresentação das atividades, diferentes nomenclaturas para designar as ações desenvolvidas. Entre os nomes dados às atividades, destacavam-se aulas, oficinas e encontros. Buscou-se neste item discutir cada um desses conceitos, mas inicialmente será apresentado o que se entende por práticas educativas, termo também utilizado no decorrer do trabalho.

Para Zaballa (1998), as análises sobre “Práticas educativas” podem abranger diversos aspectos, tais como ensino, aprendizagem, avaliação, relação professor-aluno, recursos

didáticos, os espaços, entre outros. Mas o autor destaca que o foco da unidade de análise encontra-se no fazer do educador propriamente dito e nas relações estabelecidas entre as variáveis presentes na sala de aula. De acordo com Zaballa (1998), a prática educativa abarca os domínios dos conceitos, procedimentos e atitudes na relação entre educador e educando. Para tanto, segundo o autor, é necessário planejar a organização dos conteúdos, dos recursos didáticos que serão utilizados, assim como dos métodos avaliativos. Zaballa (1998, p.17) destaca que: “desde uma perspectiva dinâmica, e desde o ponto de vista dos professores, esta prática, se deve ser entendida como reflexiva, não pode se reduzir ao momento em que produzem os processos educacionais na aula.” Libâneo (2005), por sua vez, considera a prática educativa como sinônimo de educação e destaca que:

a educação – ou seja, a prática educativa – é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. Cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepará-los para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social. Não há sociedade sem prática educativa e nem prática educativa sem sociedade. A prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade. (LIBÂNEO, 2005, p.16-17).

Ribeiro e Soares (2007) distinguem as práticas educativas em dois modelos: “Modelo Conservador de Prática Educativa” e “Modelo de Prática Educativa Emergente”. O primeiro se caracteriza por dar ênfase a aulas expositivas, com conteúdos desvinculados de outras disciplinas e da realidade, com centralidade na reprodução de conhecimento e as avaliações apresentam caráter classificatório e seletivo, sendo que muitas vezes são utilizadas como forma de poder e controle por parte do professor. A aprendizagem nesse tipo de modelo é mecânica e ocorre por meio da retenção das informações repassadas. O professor ocupa o papel central no processo de aprendizagem e é tido como um modelo a ser seguido pelos educandos.

Já o “Modelo de Prática Educativa Emergente”, de acordo com as autoras acima citadas, “Baseia-se em uma prática pedagógica crítica, reflexiva e transformadora, capaz de estabelecer o equilíbrio e a interconexão entre os pressupostos teóricos e práticos.” (RIBEIRO e SOARES, 2007, p. 177). Para que a aprendizagem ocorra, esse modelo considera que o estudante deve ser um sujeito ativo do processo e participar da elaboração do conhecimento.

Para Ribeiro e Soares (2007), no “Modelo de Prática Educativa Emergente”, a avaliação é um processo contínuo, que leva em consideração como a pessoa chegou ali e seu empenho no desenvolvimento das atividades. Os processos avaliativos se dão de diversas formas e podem

ser realizados individualmente ou em conjunto com seus colegas. Ao professor cabe o papel de instigar os estudantes a aprender de forma crítica e reflexiva. Nesse modelo, de acordo com as autoras, “O professor acredita na capacidade dos estudantes e legitima seus sentimentos e emoções. Ele exerce sua autoridade mediante a interação, o respeito, o diálogo, a negociação e o estabelecimento de uma relação horizontal com os estudantes.” (RIBEIRO e SOARES, 2007, p. 178).

Diante dessa análise da delimitação teórica acerca de Práticas educativas, defende-se que as atividades que analisamos neste trabalho se inserem no modelo de “Práticas Educativas Emergentes”, conforme descrito por Ribeiro e Soares (2007). Trata-se de atividades que têm a centralidade nos idosos, ações pedagógicas pautadas no respeito e no diálogo, visando ao aprimoramento de técnicas teatrais e musicais dos envolvidos. Mas, além disso, do aprimoramento de cada um dos envolvidos, sejam educadores ou educandos, como seres humanos melhores e mais felizes.

O modelo de prática educativa, definida por Ribeiro e Soares (2007) como “Práticas Educativas Emergentes”, vai ao encontro do que Freire (2018) aponta como “Prática educativo-progressista”, conforme trabalhado no livro *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Ao apresentar o livro, Freire (2018) destaca a ética como um elemento central na prática educativa.

Este pequeno livro se encontra cortado ou permeado em sua totalidade pelo sentido da necessária eticidade que conota expressivamente a natureza da prática educativa, enquanto prática formadora. Educadores e educandos não podemos, na verdade, escapar à rigorosidade ética. Mas, é preciso deixar claro que a ética de que falo não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro.(...) Falo, pelo contrário, da ética universal do ser humano.(...) A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles. (FREIRE, 2018, p. 10).

O livro discute saberes que, para Freire (2018), seriam indispensáveis à prática educativa. Dentre os elementos elencados pelo autor, destacam-se a rigorosidade metódica, a necessidade da pesquisa, o respeito aos saberes e à autonomia dos educandos, a criticidade, a ética e a estética, o exemplo do educador por meio de suas ações, a consciência do inacabamento do ser humano, o reconhecimento da identidade cultural, a alegria e a esperança, a convicção de que mudar é possível, o comprometimento com a educação, saber ouvir, a disponibilidade para o diálogo e o querer bem aos estudantes.

Os elementos acima destacados e descritos por Freire (2018), como saberes necessários a uma prática educativa que visa proporcionar a autonomia dos seus sujeitos, estavam presentes nas práticas educativas analisadas, de forma muito efetiva. Em diversos momentos de aprendizagem dos sujeitos participantes, percebeu-se uma conjunção dos constituintes dessa obra de Paulo Freire (2018), promovendo uma aprendizagem que permitia aos envolvidos seguir no processo de Ser Mais<sup>21</sup>. O Ser Mais em Freire se conjuga à ideia da inconclusão do ser humano. Um dos exemplos desse Ser Mais estava contido na fala de José, quando ele tratava das apresentações do grupo de “Voz e Violão em ILPIs:

Uai, essas visitas, inclusive, a gente mostra um pouco da qualidade do que a gente aprendeu com o Daniel, que a gente aprendeu no CRPI, levando para outros ambientes aquilo que a gente está fazendo, entretenimento. E o que a gente buscou como entretenimento pessoal, passou a entreter outras pessoas. Eu acho que leva alegria para outras pessoas, entendeu? Eu acho bacana. (JOSÉ, 72 anos).

As mudanças promovidas com as práticas educativas de Teatro e de Voz e Violão se faziam por meio de ações carregadas de amorosidade, afeto e alegria, sem deixar de lado conhecimentos próprios de cada arte, além da luta constante por melhores condições de trabalho e atendimento aos direitos dos idosos. Essa amorosidade ao ensinar pode ser vista, por exemplo, quando Daniel foi até a casa de alguns dos estudantes das aulas de Voz e Violão para baixar e ensinar a manusear os aplicativos que seriam utilizados nestas aulas durante o período de distanciamento social em razão da pandemia da COVID-19. Segundo Freire (2018):

Mas é preciso, sublinho, que, permanecendo e amorosamente cumprindo o seu dever, não deixe de lutar politicamente, por seus direitos e pelo respeito à dignidade de sua tarefa, assim como pelo zelo devido ao espaço pedagógico em que atua com seus alunos. É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. (FREIRE, 2018, p. 73).

---

<sup>21</sup> Em relação ao conceito de Ser Mais de Paulo Freire, Zitkoski (2018) alerta que “para Freire a tomada de consciência de nossos condicionamentos, situações limites que nos oprimem como seres humanos, deve proporcionar um novo impulso essencialmente vital à existência humana, a saber, o sonho e a esperança que constituem a construção da utopia humana na história. Esses impulsos, enquanto motores da história (não únicos), que a natureza humana foi elaborando em sua experiência existencial, são o que nos movem na direção de uma intervenção transformadora no mundo concreto visando à superação de todas as situações limites que nos oprimindo enquanto seres em busca do próprio ser mais” (ZITKOSKI, 2018, p.427). O ser mais está ligado à concepção de Freire sobre a vocação dos sujeitos para a humanização diante das lutas contra as realidades históricas opressoras que promovem a desumanização. Para ZITKOSKI (2018, p. 427), “O que deve mover nossa luta pela humanização do mundo é a esperança no potencial dos seres humanos em modificar o mundo e a si mesmos”.



Tendo apresentado a concepção acerca das práticas educativas analisadas nesta pesquisa, cabe agora discutir acerca das nomenclaturas utilizadas nessas atividades. A diversidade em relação à denominação das práticas educativas que ocorriam no CRPI, nos horários fixos das aulas, tanto do Teatro quanto de Voz e Violão, aparece no centro das próprias atividades. Surgiram distintos termos para designar as atividades, se considerada a forma como os idosos e os educadores se referiam a elas. As distinções ainda apareciam quanto ao que estava escrito nos projetos das atividades inscritas na prefeitura e até no que se referia aos nomes utilizados nas camisas usadas no momento das apresentações.

No caso das atividades de Voz e Violão, tanto os idosos quanto o professor as chamavam diariamente de aulas. Durante a pandemia da COVID-19, o grupo de *WhatsApp* pelo qual se mantinha contato diário e pelo qual eram enviados os *links* para as reuniões virtuais, tinha como título “Alunos Voz e Violão”. As divulgações dos encontros eram feitas com o título “Aula de Voz e Violão”. Já a camisa que o grupo possuía para apresentações tinha escrito “Oficina de Voz e Violão”, que também é o nome que aparecia no projeto registrado na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH). Nesse registro, o nome oficial e completo era “Projeto Oficina de Voz e Violão: despertando talentos na maturidade.”

Já no caso do Teatro, os idosos referiam-se às atividades como aulas. O grupo de *WhatsApp* utilizado durante a pandemia, para interação diária, assim como para os encontros semanais foi denominado Grupo Sementes. Este também era o nome que aparecia nas camisas usadas nas apresentações. No entanto, quando falavam no grupo de *WhatsApp* sobre a reunião que acontecia, durante a pandemia da COVID-19, às terças-feiras, às 14 h, referiam-se como encontro. Já no projeto registrado na PBH, a atividade fazia parte do “Projeto Teatro Vida – Grupo Sementes” e as atividades semanais foram denominadas como oficinas.

Na tentativa de denominar essas atividades, buscou-se identificar alguns conceitos a respeito desses temas. A discussão se inicia a partir da definição do termo aula. No “Dicionário Paulo Freire”, de Streck, Redin e Zitikosky (2018), José Eustáquio Romão busca compreender o conceito a partir das obras de Freire, mas, ao iniciar seu texto, apresenta a etimologia da palavra aula: “derivada de aula-ae, quer dizer em latim ‘pátio de uma casa, palácio, corte de um príncipe, adaptado do grego aulê, es, todo espaço ao ar livre, pátio de uma casa, por extensão residência, moradia’ (Dicionário Howiss)” (ROMÃO, 2018, p. 59).

Romão (2018) destaca que a palavra “aula” se relaciona, inicialmente, com a ideia do particular, do mundo privado, porque tratava de atividades que ocorriam na casa das pessoas, de forma mais individualizada. No entanto, com o passar dos anos, o termo “ganhou o significado de prelação, ou de qualquer atividade de ensino, desenvolvida em um determinado

tempo e sobre uma área específica do conhecimento.” (ROMÃO, 2018, p. 60). Quanto às obras de Freire, Romão (2018) aponta que este não é um termo muito utilizado pelo autor e que, na maioria das vezes em que aparece a palavra aula, ela vem acompanhada de adjetivos, tais como: “alienante”, “expositiva” ou “passiva”, quando se pretendia fazer referência à educação bancária; e “dialógica”, “libertadora” ou “dinâmica”, quando tratava-se de ações com viés pedagógico, libertador. Já Libâneo (2005), ao tratar da definição de “aula”, aponta que:

Se considerarmos o processo de ensino como uma ação conjunta do professor e dos alunos, na qual o professor estimula e dirige atividades em função da aprendizagem dos alunos, podemos dizer que aula é a forma didática básica de organização do processo de ensino. Cada aula é uma situação didática específica, na qual objetivos e conteúdos se combinam com métodos e formas didáticas, visando fundamentalmente propiciar a assimilação ativa de conhecimentos e habilidades pelos alunos. (LIBÂNEO, 2005, p. 174).

Ainda nesse texto o autor afirma que o termo aula não designa apenas o que se conhece como aulas expositivas e ressalta que ele se refere às diferentes formas didáticas, organizadas direta ou indiretamente pelo educador, com vistas à realização da aprendizagem. Para Libâneo (2005, p. 174), “aula é toda situação didática na qual se põem objetivos, conhecimentos, problemas, desafios, com fins instrutivos e formativos que incitam crianças e jovens a aprender”.

Diante do exposto, pode-se compreender as atividades realizadas no CRPI como aulas de Voz e Violão e como aulas de Teatro, mas cabe discutir o último conceito apresentado na perspectiva de quem eram os sujeitos da aprendizagem, aos quais eram destinadas as aulas. No trecho acima citado, o autor desconsiderou a possibilidade de que as ações didáticas também pudessem ser direcionadas aos sujeitos adultos e idosos.

No entanto, vale ressaltar que estes sujeitos têm seus direitos à aprendizagem garantidos pela Constituição Federal de 1988 em seu Artigo 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Ireland (2012)aponta:

Assim, antes de tudo, a educação é compreendida com um direito subjetivo de toda e qualquer pessoa independente de outras variáveis, especialmente idade. O direito à educação é garantido pela Declaração Universal de Direitos Humanos e pela Constituição Federal brasileira de 1988. É considerado como o primeiro direito social no sentido de que abre portas para outros direitos humanos fundamentais. (IRELAND, 2012, p. 4).

Deixar de fora os estudantes adultos e idosos é deixar de fora boa parte das pessoas para as quais a EJA se destina. Mais uma vez, aqui nos referimos à EJA em seus mais variados aspectos, seja em termos de contextos escolares ou não escolares. Ao se pensar a Educação de Jovens e Adultos como direito, em especial, quando se trata da educação de pessoas idosas, Haddad (1996) afirma:

Direito esse que satisfaz uma vocação que é ontológica ao ser humano: o de “querer ser mais”. É sabido que ao exercitar sua vocação, o ser humano faz História, muda o mundo e em convivência com os demais (re)pensa sua existência, e em consequência transforma sua realidade (HADDAD, 1996, p. 53).

Tendo reforçado a noção de educação como um direito de todos, em qualquer idade, faz-se necessário voltar à discussão referente ao conceito de aula. Robson e Inforsato (2011) defendem que a aula seja “o centro do processo pedagógico, momento organizado para a ocorrência da aprendizagem do aluno por meio das atividades de ensino”. Os autores ressaltam que, como ato pedagógico, a aula deve ter prévio planejamento por parte do educador, de forma a possibilitar aos estudantes as condições de continuarem seus processos de aprendizagem para além do ambiente escolar (ROBSON e INFORSATO, 2011).

Considerando os conceitos até aqui apresentados, pode-se dizer que eles se aproximam daquilo que acontecem acontecia nas atividades de Teatro e de Voz e Violão. Quando os idosos referiam-se às atividades que praticavam no CRPI, provavelmente reconhecessem aqueles momentos como tendo sido planejados por seus educadores, com a intencionalidade de promover processos de aprendizagens a partir de conteúdos que os levariam a serem estimulados a aprender.

Damis (2010), em seu texto “A arquitetura da aula: um espaço de relações”, ainda que esteja referindo-se à educação formal, defende que uma aula pode assumir duas funções. Uma das funções seria, a partir da sistematização dos estudos, fazer com que conteúdos sejam ensinados e aprendidos. A outra seria estabelecer relações entre os seres humanos envolvidos no processo de aprendizagem, o professor e o estudante. Segundo a autora:

a aula também desenvolve um conteúdo implícito, uma visão de mundo, uma concepção de educação e de sociedade através da forma de abordagem dos conhecimentos sistematizados, dos hábitos, das habilidades, dos valores, das percepções, dentre outros, criadas e desenvolvidas pelos e nos agentes educativos envolvidos. (DAMIS, 2010, p. 216).

Essa dimensão dos conteúdos implícitos também se fazia presente nas atividades analisadas. Para além dos conteúdos das artes que envolviam essas práticas educativas, os

momentos formativos propiciaram tanto aos professores quanto aos idosos a possibilidade para se perceberem como sujeitos aprendentes. Eles aprendiam mais sobre o envelhecimento ao participarem destas ações, seja em relação às potencialidades que as pessoas acima de 60 anos carregam consigo, seja sobre os direitos da pessoa idosa, ou sobre como manter boas relações interpessoais, como exigir mais respeito e como ampliar os horizontes dos sonhos também nessa fase da vida. Esses foram alguns dos aprendizados que foram relatados durante a pesquisa e que serão trabalhados com mais profundidade no capítulo posterior.

Apresentou-se até aqui alguns conceitos relacionados à aula, no entanto, outros termos também apareceram para designar esses momentos formativos. Um dos termos que foi utilizado para designar as atividades foi “oficina”. Como dito anteriormente, este termo está presente no uniforme de apresentações do grupo de Voz e Violão, assim como nos projetos cadastrados na PBH sobre as duas atividades analisadas. Para discutir acerca do conceito de oficinas pedagógicas, tomamos por base, inicialmente, o que apontam Anastasiou e Alves (2015):

A oficina se caracteriza como uma estratégia do fazer pedagógico onde o espaço de construção e reconstrução do conhecimento são as principais ênfases. É lugar de pensar, descobrir, reinventar, criar e recriar, favorecido pela forma horizontal na qual a relação humana se dá. Pode-se lançar mão de músicas, textos, observações diretas, vídeos, pesquisas de campo, experiências práticas, enfim vivenciar ideias, sentimentos, experiências, num movimento de reconstrução individual e coletiva. (ANASTASIOU; ALVES 2015, p. 96).

Libâneo (2005), no texto *As teorias pedagógicas modernas ressignificadas pelo debate contemporâneo na educação*, destaca que as oficinas pedagógicas são tipos de ações mais voltadas para o campo das práticas. O autor afirma que este tipo de atividade é bastante utilizado por, muitas vezes, corresponder de forma mais direta às necessidades mais imediatas do trabalho do educador.

Paviani e Fontana (2009) apresentam as oficinas como espaços pedagógicos nos quais os estudantes passam a vivenciar situações concretas e importantes de aprendizagem. O que esses autores afirmam em relação a essa metodologia didática se relaciona de forma direta com o que foi acompanhado durante as atividades de Teatro e de Voz e Violão no CRPI. Paviani e Fontana (2009) afirmam:

Uma oficina é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos. Nesse sentido, a metodologia da oficina muda o foco tradicional da aprendizagem (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão. Em outras palavras, numa oficina ocorrem apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva. (PAVIANI e FONTANA, 2009, p. 78).

As atividades analisadas promoviam, nos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem, mais que a apropriação de técnicas teatrais ou técnicas musicais. Tratava-se de práticas educativas que implicavam em reflexões dessas pessoas também nos seus processos de construção e de elaboração do conhecimento, trazendo sugestões e provocando nos educadores a busca constante pela reorganização das ações, das temáticas e das metodologias para que promovessem uma educação de qualidade. Com isso, os próprios professores iam aprendendo novas formas de trabalho, assim como os idosos iam aprimorando novos conceitos, relações, técnicas e formas de atuação social. Assim, as dimensões dos aprendizados iam se alargando.

Ao desenvolverem as atividades e estabelecerem diálogos com os idosos acerca do que vinha sendo realizado, abriam espaço para novas propostas de temas, de interpretações teatrais e musicais e, até mesmo, para o desenvolvimento de outras ações, como foi o caso das visitas e apresentações do grupo de Voz e Violão nas ILPIs. Conforme explicitado no capítulo 1, essas visitas surgiram a partir da sugestão de Betânia, uma das idosas participantes do grupo.

Outro exemplo que se destacou nesse sentido foi a construção do espetáculo “A Era de Ouro do Rádio”. A proposta veio por meio do professor de Voz e Violão para que os seus alunos realizassem apresentações que remetessem a esse período da cultura brasileira. Para tanto, ele pediu aos estudantes de Voz e Violão que trouxessem elementos da época para que pudessem representar. Solicitou a eles que buscassem informações acerca dos artistas do período (décadas de 1930 a 1950) e de quando o rádio surgiu no Brasil, dentre outras que fossem pertinentes. À medida que os idosos iam pesquisando, traziam informações e ajudavam a elaborar o espetáculo.

O envolvimento dos idosos com o tema do espetáculo foi muito interessante. Dizia respeito a um período que trazia a eles lembranças afetivas importantes, o que favoreceu o desenvolvimento da atividade. O evento remete ao que Omiste, López e Ramirez (2000) afirmam. Para esses autores, “a oficina é um âmbito de reflexão e ação no qual se pretende superar a separação que existe entre a teoria e a prática, entre conhecimento e trabalho e entre a educação e a vida (OMISTE; LÓPEZ e RAMÍREZ, 2000, p. 178).

As ações desenvolvidas no CRPI, nas atividades investigadas, se relacionam às finalidades das oficinas, de acordo com Paviani e Fontana (2009). Para as autoras, as finalidades constituem-se de: “a) articulação de conceitos, pressupostos e noções com ações concretas, vivenciadas pelo participante ou aprendiz; e b) vivência e execução de tarefas em equipe, isto é, apropriação ou construção coletiva de saberes.” (PAVIANI e FONTANA, 2009, p. 79).

As autoras destacam ainda que o centro das abordagens das oficinas encontra-se no aprendiz, com a preocupação dos educadores com aquilo que os participantes precisam saber. Para Paviani e Fontana (2009), “a construção de saberes e as ações relacionadas decorrem, principalmente, do conhecimento prévio, das habilidades, dos interesses, das necessidades, dos valores e julgamentos dos participantes”. (p. 79).

Percebe-se que a denominação “oficinas” para as atividades do Teatro, assim como para aquelas de Voz e Violão, era adequada, se levarmos em consideração os conceitos apresentados. No entanto, outro termo que utilizam para designar as ações pedagógicas, em especial, os momentos de trocas entre o grupo do Teatro, durante o período da pandemia da COVID-19 foi “encontro”. Faz-se, assim, necessário discutir tal conceito.

Buber (2001) compreende que a vida humana é em essência um encontro vinculante. De acordo com Síveres (2015), para Buber (2001) a existência humana se manifesta por meio da presença entre os seres humanos e na sua copresença no mundo, sendo que a expressão “presença” significaria encontro. Para Buber (2009), “A esfera do inter-humano é aquela do face a face, do um-ao-outro; é o seu desdobramento que chamamos de dialógico”. Assim, Buber(2009) apresenta o diálogo como o centro do encontro.

Santiago (2008, p. 64) aponta que, para Buber “o homem é um ser-humano-dialógico que se realiza no encontro com o outro (Eu e Tu)”. Santiago (2008) afirma :

A existência dialógica é o fenômeno central ao pensamento de Buber e sua contribuição para uma ontologia da vida humana (cf. ZUBEN, 2003, p.9). O encontro dialógico é um vínculo que se estabelece de ser para ser, uma postura ontológica por meio da qual nos endereçamos ao outro, a quem reconhecemos com Tu, como outro. A ação educativa é também, nessa perspectiva, uma relação ontológica; é esse caráter ontológico que define o pedagógico, porque define o humano. O diálogo como centro do pensamento buberiano é uma condição para um melhor entendimento entre os homens. (SANTIAGO, 2008, p. 40).

O encontro, ao qual se refere a professora de Teatro, se dava na perspectiva de um encontro dialógico, por meio do *WhatsApp*. A interação entre o grupo ocorria durante toda a semana, com mensagens sobre diversos temas, mas havia também encontros sistemáticos, realizados às terças-feiras, entre 14h e 15h, destinados às discussões sobre as atividades propostas pela professora e dos conteúdos enviados pelos integrantes do grupo. A base desses encontros eram os diálogos estabelecidos por mensagens de texto ou áudios. Essa foi a maneira encontrada por eles para que mantivessem o vínculo, discutissem sobre a vida e sobre técnicas teatrais, brincassem entre si e criassem vídeos com temáticas específicas, tais como o videoclipe

da música “Aprendendo a dizer não”, o qual foi promovido pelo Instituto Defesa Coletiva, contra os abusos sofridos por pessoas idosas no que concernia às questões financeiras.

Síveres (2015) aponta que, para Buber, a intencionalidade dialógica se dá por meio de uma relação entre duas pessoas que é determinada pelo envolvimento. Assim, tal intencionalidade

demandaria a autenticidade nos encontros que podem se realizar tanto na proximidade como na distância, assim como na reciprocidade e na alteridade, porque tais condutas extrapolam a compreensão de diálogo como verbalização de conceitos e ideias e postula um comportamento compatível com uma dinâmica relacional. (SÍVERES, 2015, p. 68).

O diálogo também ocupa uma posição central nas obras de Paulo Freire, no que concerne às discussões sobre educação. Para esse autor, o encontro entre os homens se faz por meio do diálogo:

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se, ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens, o diálogo é, pois, uma necessidade existencial. (FREIRE, 1980, p. 82).

A educação, para Paulo Freire, pode contribuir para a transformação social, principalmente quando se estabelece uma relação dialógica, abdicando-se de uma educação bancária, em prol da educação libertadora, na qual o educador e o educando são protagonistas. A partir da prática dialógica entre os sujeitos envolvidos no ato de educar-se, eles constroem conhecimento e realizam análises críticas sobre o mundo, sobre si mesmos e sobre suas ações no mundo. A educação é para esse autor um ato político.

Para Freire, é necessário haver uma relação dialética entre o currículo e o contexto histórico, cultural, social e político dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Assim, as trocas existentes no grupo de *WhatsApp* do teatro naquele período se inseriam nessa perspectiva, considerando que as conversas e as produções também diziam respeito ao momento delicado, o qual o mundo estava passando.

Os encontros também eram momentos para tratar da pandemia da COVID-19, da realidade do país diante da necessidade do distanciamento social, que afetou diretamente a vida de cada um deles, do aumento do número de casos da doença, do considerável número de mortos e da necessidade de se cuidarem. Os medos e as esperanças em relação a esse tempo tão difícil se fizeram presentes nas discussões do grupo. A chegada das vacinas foi um momento especial de trocas de experiências e expectativas para que a vida voltasse ao “antigo” normal, o que mais uma vez remete a Freire, quando ele afirma que “o diálogo é o encontro amoroso

entre os homens que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam, o transformam e o humanizam para a humanização de todos” (FREIRE, 1982, p. 28).

Definir o termo a ser utilizado no decorrer do trabalho não foi uma tarefa simples. A escolha passou pela percepção de como as práticas eram denominadas por aqueles que a faziam acontecer. No entanto, surgiram nomenclaturas distintas. A partir de então, foi necessário buscar conceituá-las para compreender melhor seus significados e sentidos. Observou-se, a partir das definições apresentadas, que caberia a utilização de cada uma delas para tratar das atividades desenvolvidas, no entanto, optou-se por escolher uma.

Apesar de, em algumas conceituações, o termo “aula” parecer estar focado no processo de ensino, como uma forma mais tradicional de aprendizagem escolar, na qual o professor detém o conhecimento e o repassa aos seus estudantes, optou-se por utilizar esse termo, porque foi possível perceber que era esse o nome dado às atividades pelos idosos que as frequentam. Como dito anteriormente, eles percebiam a intencionalidade dos educadores, ao apresentarem os conteúdos que seriam trabalhados, assim como percebiam o planejamento anterior das atividades propostas.

Diante da busca por compreender o uso dos termos para designar as atividades desenvolvidas, a pesquisadora aproveitou-se de uma participação em uma reunião realizada pelo grupo de Voz e Violão, reunião esta voltada para a avaliação das apresentações virtuais, em virtude da comemoração dos oito anos da existência daquele grupo, para questioná-los a respeito de como tratavam as práticas realizadas com horários predeterminados semanalmente. A dinâmica da reunião previa que cada um dos participantes fizesse uma avaliação daquilo que foi a comemoração realizada no dia anterior. Esta é uma prática recorrente, proposta pelo professor Daniel, após a realização de uma atividade de apresentação. Uma das participantes, a senhora Áurea, preferiu falar sobre sua felicidade ao participar do grupo e ressaltou:

Eu sou muito feliz de estar participando aqui com vocês e também tenho que agradecer muito o Daniel, por nos ensinar no CRPI. Ele foi um professor, ele foi não, ele é professor muito... muito... muito culto, muito experiente, que nos traz muita alegria, viu. Muito dedicado. Eu estou muito feliz em participar aqui na **aula online**. (ÁUREA<sup>22</sup>, 84 anos, grifo nosso).

Como mencionado, no decorrer das conversas, ao se falar sobre a comemoração dos oito anos de atividades do grupo de Voz e Violão, a pesquisadora aproveitou-se para questionar os

---

<sup>22</sup> Áurea não foi uma das entrevistas, mas como era uma das participantes das aulas de Voz e Violão, decidiu-se por acrescentar seu relato visando destacar o uso do termo “aula” pelos idosos.



presentes sobre qual seria o nome das atividades. Alguns afirmaram que o termo usado seria “aula” ou “aula *online*”. O professor Daniel complementou dizendo:

Eu acho que é uma aula, mas uma aula com troca de saberes. Porque aqui eu passo um pouquinho do que eu sei, junta com um pouquinho do José, junta um pouquinho da Betânia, um pouco da Greice, um pouco da Eliza, um pouco da Derci, a gente junta isso e coloca na mesa, a gente reparte e cada um come do bolo. Então, eu acho interessante, porque o grupo tem essa maturidade. (DANIEL, 53 anos).

José, ao ouvir o professor falar de troca de saberes, destacou que era, sim, uma troca de saberes, mas que eles tinham um orientador, que era o Daniel, que era ele quem direcionava as ações do grupo. Greice<sup>23</sup> acrescentou:

Eu acho que, além de ser aula de violão é uma aula de socialização, como é que eu falo? É aula de entrosamento, de convivência boa, mesmo. Aula de convivência boa. E eu acho que, principalmente para o idoso sozinho e que participa, a gente não tem o isolamento. Às vezes você está chateada por qualquer motivo, você chega lá, você brinca, você ri e as coisas vão. (GREICE, 73 anos).

Nesse sentido, pode-se perceber que as atividades realizadas podem ser consideradas o que Freire chamaria de aulas dialogadas e aulas dinâmicas. Ou, ainda, é possível relacionar essas aulas ao conceito de Libâneo (2005), o qual considera a aula como “o processo de ensino como uma ação conjunta do professor e dos alunos, na qual o professor estimula e dirige atividades em função da aprendizagem dos alunos”. Pode-se ainda identificar que o modelo de aula defendido se assemelha ao que Damis (2010) apresenta como sendo uma forma de estabelecer relações entre os envolvidos no processo de aprendizagem. No caso destacado na fala de Greice, as aulas promoviam relações para além da aprendizagem de técnicas de voz e violão. Eram relações pessoais, que proporcionavam encontros, novas amizades e momentos para sair da solidão. Percebe-se assim, que são aulas que extrapolam a ideia da transmissão de conhecimento são aulas nas quais se compartilham conhecimentos, amizades e afetos.

### **3.2 – Educação ao longo da vida**

Ao falar da educação de pessoas idosas, buscou-se discutir o que Paulo Freire tratava como a inconclusão do ser humano. Para Freire (2008b), “O homem se sabe inacabado e por

---

<sup>23</sup> Greice também não foi entrevistada. No entanto, acredita-se que o relato dela, em uma das atividades observadas, seja relevante para a discussão deste item. Trata-se de uma senhora que participa ativamente das aulas de Voz e Violão.

isso se educa. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado.” (FREIRE, 2008b, p. 27). Sobre o inacabamento humano, Rodrigues e Todaro (2021) ressaltam:

Se o inacabamento é inerente a nós, humanos, a busca incessante por preencher os espaços deixados em aberto por este inacabamento também o é. Esta busca é o que nos faz seres eminentemente curiosos. Inúmeros aprendizados são necessários porque não nascemos sabendo e, estando no mundo, estamos em constante relação com uma série de coisas que não são inscritas geneticamente em nossos corpos. Enfim, entendemos tal qual Freire (2018a) que aprendemos e apreendemos o mundo diariamente, não porque escolhemos, mas porque somos humanos, precisamos do aprendizado para nos humanizar. (RODRIGUES e TODARO, 2021, p. 193).

Assim, é possível relacionar a ideia do inacabamentohumano com a de Educação ao Longo da Vida. No entanto, a discussão acerca desse tema precisa ser um pouco mais aprofundada, tendo em vista que o conceito de Educação ao Longo da Vida passa por algumas tensões.

Segundo Ireland (2019), existem referências à ideia de educação como um processo que ocorre durante toda a vida, desde cerca de 500 a. C., tanto na China como na Grécia, tendo como principal foco o ser humano e suas potencialidades. A partir da década de 1960, o conceito de Educação ao Longo da Vida (ELV) ressurgiu, no contexto internacional, com o discurso ocorrido no final da II Conferência Internacional de Educação de Adultos (II CONFINTEA), realizada no Canadá, na cidade de Montreal (1963), reafirmando a educação como direito de todos e como um processo contínuo ao longo da vida. No ano de 1972, o Relatório Faure “Aprender a Ser” apresentou uma visão mais humanista da educação, focando-a como direito humano. Já em 1996, foi publicado, pela UNESCO, o Relatório Delors “Educação: um tesouro a descobrir” que trazia a aproximação entre os conceitos sobre Educação ao Longo da Vida e Sociedade educativa, na qual toda ocasião é momento para a aprendizagem e desenvolvimentos de talentos próprios. Ireland (2019) afirma:

Assim, embora o conceito contemporâneo da educação ao longo da vida tenha surgido principalmente na Europa, as suas raízes foram nutridas em diversos espaços históricos, geográficos e culturais. Outros descritores têm sido cunhados para expressar o mesmo fenômeno com pequenas nuances: educação recorrente, educação básica, educação continuada, educação não formal e educação permanente. Contudo, da mesma forma que insistimos que educação não pode ser reduzida a escolarização nem que o direito à educação possa ser compreendido como o direito de acesso ao sistema escolar, também argumentamos que o direito à educação implica essencialmente o direito a aprender e de aprender ao longo da vida. (IRELAND, 2019, p. 52).

De acordo com Moacir Gadotti (2016), em seu texto “Educação Popular e Educação ao Longo da Vida”, esta Educação ao Longo da Vida tem sua matriz na Educação Permanente, mas há diferenças entre elas. Gadotti (2016) alerta que o conceito de Educação Permanente

estaria mais relacionado a uma “visão humanista da educação, voltada para a construção de uma sociedade democrática, como se vê nas obras de Paul Lengrand (1970) e no próprio Relatório Edgar Faure (1972)” (GADOTTI, 2016, p. 4), enquanto a Educação ao Longo da Vida teria deixado de ser uma educação voltada para a cidadania e para a participação social, para ter seu foco nas exigências mercantilistas, direcionando o conceito para a formação e aprendizagens instrumentais. Gadotti (2016) afirma que:

Quando eu estava escrevendo minha tese de doutorado, nos anos 70, não havia distinção entre “Educação Permanente”, “Educação ao Longo da Vida” e “Aprendizagem ao Longo da Vida”, que traduziam a expressão inglesa “*Lifelong Education*” e *Lifelong Learning*. Essas expressões traduziam as mesmas intenções, os mesmos pressupostos. O que aconteceu nas décadas seguintes foi um completo distanciamento das raízes humanistas iniciais. Conforme mostram os estudos de Licínio Lima (2007; 2010; 2012) e Rui Canário (2003), essa expressão foi se reconceituando ou desvirtuando, a partir do receituário da OCDE e do Banco Mundial, acomodando-se cada vez mais à racionalidade econômica. O princípio universal de que aprendemos ao longo de toda a vida foi substituído por uma “formação profissional ao longo da vida”. Na visão desses autores, o conceito nasceu no contexto do Estado-Providência e acabou sendo reconceituado pelo Estado-Neoliberal. (GADOTTI, 2016, p. 4-5).

O autor aponta que foi realizado um balanço dos modelos teórico-práticos mais atuais sobre “Aprendizagem ao Longo da Vida”, pelo Instituto da UNESCO, no ano de 2015, no qual o autor da pesquisa destaca a existência de dois modelos, denominados como “Modelo de Capital Humano” e “Modelo Humanitário”, os quais são considerados por Gadotti (2016) como antagônicos em suas concepções.

Para Gadotti (2016), o Modelo de Capital Humano compreende a Educação ao Longo da Vida como uma estratégia que tem como foco promover uma aceleração no crescimento econômico e na competitividade. Esse modelo seria defendido pelo Banco Mundial, pela Organização Mundial do Comércio e pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

No Modelo Humanitário, de acordo com Gadotti (2016), o papel da Aprendizagem ao Longo da Vida está ligado ao reforço da democracia e da proteção social, buscando “valorizar a educação cidadã”. Tal modelo, segundo o autor, é o que a sociedade civil vem acatando, tendo a Associação Internacional de Educação de Adultos (ICAE) como sua defensora, o que levou à vinculação da Aprendizagem ao Longo da Vida “à justiça econômica, equidade, respeito aos direitos humanos, reconhecimento da diversidade cultural.” (GADOTTI, 2016, p. 5). Quanto ao Brasil, Gadotti (2016) destaca que:

O Brasil, em seu *Documento Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI CONFINTEA)*, apontou a “Educação Popular de matriz

freiriana” (BRASIL, 2009:92) como perspectiva da Educação ao Longo da Vida, abrindo espaço para reconceituá-la. Esse espírito não foi mantido no documento final da CONFINTEA VI. O *Marco de Ação de Belém* ignorou a visão da EJA na perspectiva da Educação Popular proposta no documento preparatório do Brasil; abandonou a expressão “Educação ao Longo da Vida” em favor da expressão “Aprendizagem ao Longo da Vida”, definindo-a como “uma filosofia, um marco conceitual e um princípio organizador de todas as formas de educação, baseada em valores inclusivos, emancipatórios, humanistas e democráticos, sendo a abrangente e parte integrante da visão de uma sociedade do conhecimento”. (UNESCO, 2010: 6). Reconhecemos que essa definição de Aprendizagem ao Longo da Vida é um avanço, certamente, uma contribuição da América Latina, mas, isso não vem se traduzindo na prática. (GADOTTI, 2016, p. 6).

Gadotti (2016) defende que seria importante pensar numa Educação ao Longo da Vida sob o ponto de vista da Educação Popular, considerando que a educação encontra-se vinculada ao cotidiano, ao trabalho, à cultura e que valoriza tanto processos formais quanto não formais. Segundo esse autor:

Trata-se de uma educação como um processo ligado à vida, ao bem viver das pessoas, à cidadania. Não é um processo ligado apenas às Secretarias de Educação, ao MEC, mas aos movimentos sociais, populares, sindicais, às ONGs etc, reafirmando a educação, a aprendizagem como uma necessidade vital para todos e todas, um processo que dura a vida inteira. (GADOTTI, 2016, p. 7).

Haddad (2009) diferencia o conceito de Educação ao Longo da Vida daquele de Educação Popular. Para o autor, no caso da Educação ao Longo da Vida, “o conceito, nascido muito mais com identidade no primeiro mundo, acabou por servir para nominar práticas educativas que permitam uma melhor adaptação da sociedade em processos de inovação e mudanças sociais.” (HADDAD, 2009, p. 5). Para ele, o conceito de Educação Popular está relacionado a um ideário de conflito e emancipação, distanciando-se da noção de adaptabilidade.

Para Gil (2013, p. 1264), “quando se trata de adultos mais idosos, esta aprendizagem ao longo da vida deve estar equacionada não somente para o mercado de trabalho mas mais numa dimensão que se relacione com o exercício pleno da cidadania, através do seu envolvimento ativo e responsável.”. Gil (2013) ressalta que a Comissão das Comunidades Europeias, durante a II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, que ocorreu em Madri, no ano de 2002, vêm propondo iniciativas diversas ligadas ao “envelhecimento ativo”. O mesmo autor ressalta que a própria OMS vem defendendo que seja fundamental assegurar formas de se promover o direito e a liberdade das pessoas idosas, no decorrer do seu processo de envelhecimento, de forma que elas possam ter assegurados seus direitos referentes à segurança e à saúde, e que continuem atuando ativamente no âmbito social, político, econômico e cultural.

A Comissão das Comunidades Europeias, no ano de 2000, ratificou, em Lisboa, o *Memorandum* sobre a educação e a formação ao longo da vida que definiu que: “A aprendizagem ao longo da vida deixou de ser apenas uma componente da educação e da formação, devendo tornar-se o princípio orientador da oferta e da participação num contínuo de aprendizagem, independentemente do contexto”. Ao tratar do referido *Memorandum*, Alheit e Dausien (2006) apontam que o texto desse documento defende que a Aprendizagem ao Longo da Vida deve ser pensada como a garantia de todas as pessoas ao acesso às atividades educativas e formativas, em diferentes contextos e espaços de aprendizagens pela vida, seja em contextos formais, não formais ou informais. Alheit e Dausien (2006) mencionam:

O interesse dessa nova compreensão do conceito de educação reside em estabelecer a sinergia desses diferentes modos de aprendizagem. A aprendizagem não deve ser somente, e sistematicamente, ampliada para toda a duração da vida. Ela deve também se desenvolver “lifewide”, quer dizer, generalizar-se para todos os domínios da vida, para isso estabelecem-se, portanto, ambientes de aprendizagem nos quais os diferentes modos de aprendizagem encontram-se para complementarem-se organicamente. (ALHEIT; e DAUSIEN, 2006, p. 178).

De acordo com Cunha Júnior e Araújo (2013), com a defesa da premissa da aprendizagem ao longo da vida, a Educação de Jovens e Adultos passou a ocupar o lugar de “protagonista de um campo educacional complexo e altamente ligado ao desenvolvimento das sociedades.” (CUNHA JÚNIOR; e ARAÚJO, 2013, p. 122). Os autores ressaltam que não se trata de garantir de forma pontual a educação escolar para aqueles que não tiveram acesso a ela até então, mas de passar a compreender a aprendizagem como algo a ser valorizado e ressignificado por quaisquer que sejam os percursos sociais nos quais os seres humanos sejam reconhecidos como sujeitos de direitos.

Ireland (2019) defende que a Educação ao Longo da Vida (ELV) apresenta, em especial, na América Latina, um caráter democrático e participativo, isto porque “implica o acesso de todas as pessoas a processos educativos ao longo da vida/em qualquer momento da vida possuindo implicações políticas fortes com a mudança. Fortalece a noção do direito à educação e educação como direito.” (IRELAND, 2019, p. 51). No entanto, para Cunha Júnior e Araújo (2013), os altos índices de analfabetismo nos países latino-americanos se tornam entraves para se transformar em prática essa concepção de Educação ao Longo da Vida fora dos moldes escolares.

Pinto (2008) aponta que a Educação ao Longo da Vida se associa à longevidade e, assim sendo, torna-se necessário analisar qual tipo de educação deve ser ofertada para as pessoas idosas. Segundo a autora, o ponto central da educação, nesse caso, deve se pautar de acordo

com aquilo que esses sujeitos estão procurando, ou seja, quais são seus interesses e suas necessidades. Para Pinto (2008), deve-se ter uma educação participativa, construtiva, colaborativa, que seja gratificante, qualificadora e que se organize em torno das experiências pessoais dos educandos.

Parra Neri (2007, p. 109), “(...) a educação ao longo da vida e na velhice é considerada um instrumento fundamental à determinação de uma velhice bem-sucedida”. A educação de pessoas idosas é entendida como um direito, seja ela uma educação escolar ou não escolar, que se dedique às aprendizagens com diferentes focos e que abarque as diversas dimensões da vida humana. A compreensão desse direito se dá pela garantia da Constituição Federal (1988), assim como do Estatuto do Idoso, mas exige da sociedade a necessidade de se planejar e ofertar essa educação ao longo da vida, pensando num processo de envelhecimento mais inclusivo, autônomo, ativo e saudável.

### **3.3 – A educação para/com os idosos**

Com o aumento da expectativa de vida da população, esse grupo etário tem buscado por atividades de diversos tipos e, entre eles, estão as práticas educativas. A educação vem tendo destaque para garantir uma melhoria na qualidade de vida da população idosa. Os processos educativos têm sido considerados muito importantes para que os idosos consigam manter preservadas suas funções psicológicas, motoras e físicas, ou para que essas funções sejam estimuladas para melhores resultados diante de alguma limitação. Rangel, Hernandez e Feres (2005) mencionam:

Son cada vez más numerosos los espacios educativos dirigidos a las personas mayores: cursos de preparación a la jubilación, centros de mayores, centros de día, centros residenciales, centros de salud, programas de ayuda a domicilio, escuelas de adultos, aulas de la tercera edad y universidades de mayores. Elementos todos encaminados a contribuir a un envejecer activo, creativo y feliz, en oposición a la antigua visión del envejecimiento como sinónimo de enfermedad o declive, exclusivamente. (RANGEL; HERNANDEZ; FERES, 2005, p. 96).

Ainda como exemplo de atividades destinadas às pessoas com mais de 60 anos, pode-se citar: grupos de convivência; práticas esportivas; e aulas diversas, como de informática, de dança, de artesanato, de música, de pintura, de idiomas e de teatro, entre outras. Todas as atividades elencadas estão relacionadas às práticas educativas para esse grupo de pessoas. Em relação à educação para idosos, Cachioni (2003) destaca:

No contexto atual, de aumento na proporção de idosos na população, de incremento da expectativa de vida, de constatação de que as necessidades dos idosos não estão relacionadas unicamente com a saúde e os serviços sociais, mas também com a cultura, com a participação social, com a busca de atualização e de novos conhecimentos, a educação necessita também ser valorizada como parte integrante e importante do saber gerontológico. (CACHIONI, 2003, p. 222).

Segundo Cachioni *et al.* (2015), o Serviço Social do Comércio (SESC) foi pioneiro na educação de pessoas idosas no Brasil. A autora afirma que o SESC fundou, na década de 1960, os primeiros grupos de convivência e, na década de 1970, as primeiras Escolas Abertas para a Terceira Idade, as quais disponibilizavam informações acerca do envelhecimento, sobre preparação para a aposentadoria, atividades físicas, de lazer, cultura e de expressão. Cachioni *et al.* (2015) ressaltam que as atividades oferecidas por essa instituição encontravam-se na perspectiva da educação permanente, visando desenvolver as potencialidades das pessoas acima dos 60 anos, além de estimular novos projetos de vida e uma maior participação social desses sujeitos.

Os benefícios associados às práticas educativas podem ir desde melhorias nas condições motoras e da memória até aquelas relacionadas à saúde, por meio de novas informações sobre a necessidade de cuidados nessa fase da vida. Além disso, podem contribuir também para melhorias em relação à sociabilidade e na promoção da autoestima, uma vez que essas pessoas podem sentir-se mais ativas e capazes, gerando como resultado uma velhice bem-sucedida.

No entanto, apesar da existência das atividades destinadas aos idosos, as quais poderiam contribuir para uma velhice bem-sucedida, estas não estão ao alcance de todos os que se encontram nessa faixa etária no Brasil. A falta de acesso a tais atividades pode estar relacionada às discrepâncias vinculadas às questões econômicas e raciais, à condição de saúde física e mental e à região onde se vive. Questões essas que são agravadas pela falta de políticas públicas mais efetivas.

Em relação à educação formal, percebe-se que a maior parte dos idosos estudantes está presente em turmas de EJA. Isso pode ser explicado pelo fato de essa população, em sua maioria, não ter tido acesso aos estudos na chamada “idade própria” e, portanto, não terem concluído a educação básica. Além disso, para os idosos que desejam estudar, a EJA é, não raras vezes, o único espaço gratuito e que existe próximo à sua residência.

No Brasil, as principais leis da educação, como a LDB (Lei 9.394/96), também citam, no máximo, a educação de jovens e adultos (EJA) como única alternativa educacional destinada à população “fora da idade escolar”. Contudo, essas leis não tratam da diversidade existente entre os indivíduos que compõem a categoria de adultos. Por exemplo, há muita diferença entre um adulto de 25 ou 30 anos e um “adulto” (ou idoso?) de 50 ou 60 anos. E isso em nenhum momento é levado em consideração na

LDB, lei que, aliás, nem sequer cita a velhice, ignorando-a totalmente. Poder-se-ia supor que os idosos integrariam, nesse caso, a categoria de adultos. Contudo, não diferenciar a velhice da vida adulta, como fase que demanda atenção especial, bem como metodologias próprias de ensino/aprendizagem, seria assumir uma perspectiva no mínimo reducionista, análoga à consideração da infância como uma "vida adulta em miniatura", que vigorou no período medieval(..). (PERES, 2011, p. 226).

As chamadas Universidades Abertas da Terceira Idade (UNATI) estão, em sua grande maioria, localizadas nos grandes centros urbanos, e são, em alguns casos, pagas e, mesmo no caso da existência de cursos gratuitos, as informações sobre como acessá-las ainda não são de fácil alcance para muitas pessoas idosas. Quanto à criação das UNATI, Schneider e Irigaray (2008) ressaltam:

A primeira universidade da terceira idade surgiu em 1973, na França, com o objetivo de tirar os idosos do isolamento, propiciar-lhes saúde, energia e interesse pela vida e modificar sua imagem diante da sociedade. Com a expansão do programa, devido à significativa busca por parte dos idosos, entre os anos de 1970 – 1980, as universidades da terceira idade passaram por sucessivas mudanças e incorporaram como objetivos a atualização de conhecimentos, a inserção social, a gestão de pesquisas gerontológicas e a formação de cursos universitários formais com direito a créditos e diplomas. Foi no início da década de 1980 que o programa universidade da terceira idade chegou na América Latina, pelas Universidades Abertas (UNI3 Uruguai), com sede em Montevidéu. No Brasil, o primeiro programa de atendimento ao idoso, realizado em uma universidade, surgiu em 1982, na Universidade Federal de Santa Catarina, denominado de Núcleo de Estudos de Terceira Idade (Cachioni, 2005). (SCHNEIDER e IRIGARAY, 2008, p.211).

Ao tratar da questão da educação escolar, o Boletim PAD-MG (2011), Boletim da Pesquisa por Amostra de Domicílios: mercado de trabalho e gênero, da Fundação João Piinheiro, aponta que um sistema de ensino deficitário nas décadas passadas e, ainda, pouco acessível levou a um grande percentual de analfabetismo em Minas Gerais, alcançando o patamar de 29,9% de pessoas idosas analfabetas. Em relação às disparidades regionais, denota-se que, enquanto na Região Metropolitana de Belo Horizonte 20,5% das pessoas idosas não são alfabetizadas, na Região do Jequitinhonha/Mucuri, esse percentual chega a 56,6%.

No que diz respeito às atividades não formais, elas podem ser encontradas em grupos de convivência, nos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), nas Organizações Não Governamentais (ONGs), nos espaços próprios para aulas para a terceira idade e também nas Instituições de Longa Permanência do Idoso. Nesses casos, os acessos dos idosos também variam, conforme a questão econômica, as condições de saúde e a localidade.

Há espaços e atividades destinados aos idosos com alto poder aquisitivo e espaços públicos que atendem, em grande parte, pessoas das camadas populares. Há também distinção de oferta de atividades, quando se pensa em regiões mais centrais ou mais periféricas, nas capitais, nas regiões metropolitanas e nas regiões mais interioranas. Acredita-se que as políticas públicas nesse sentido ainda são muito incipientes.



Ainda que o Estatuto do Idoso preveja o aumento de oferta de práticas educativas para pessoas com mais de 60 anos, isso ainda está muito distante da grande maioria da população que compreende essa faixa etária no país. Sobre isso, Scoralick-Lempke e Barbosa (2012) afirmam:

A escassez de atividades educacionais para idosos contrasta com o que é previsto no Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741, Brasil, 2003). Ele dispõe três artigos específicos sobre a educação: o Artigo 20 elucida que o idoso tem direito à educação, respeitando sua peculiar condição de saúde; o Artigo 21 estabelece que “o poder público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados”; por fim, o Artigo 25 determina que “o poder público apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas e incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso, que facilitem a leitura, considerada a natural redução da capacidade visual”. Embora estejam previstas oportunidades educacionais informais que consideram as necessidades e peculiaridades dessa fase da vida, são poucas as propostas educacionais oferecidas no Brasil que vão além da educação de jovens e adultos e/ou das universidades abertas para a terceira idade. (SCORALICK-LEMPKE e BARBOSA, 2012, p. 653).

A pesquisa de mestrado de Coura (2007) apresentou como objetivo principal investigar quais eram as expectativas e as motivações que levavam pessoas com mais de 60 anos a estudar novamente, já sendo essas pessoas alfabetizadas. Trata-se de uma pesquisa que investigou a busca de uma educação formal por esse grupo de pessoas nessa fase da vida, ou seja, em um momento em que, na maioria dos casos, o desejo pela escolarização não está vinculado à procura por um lugar no mercado de trabalho.

Como resultado da pesquisa, percebeu-se que, inicialmente, a busca pela escolarização, nessa fase da vida, se dava pelo desejo de frequentar uma escola ou de ter um certificado de conclusão dos estudos, o que não havia sido possível até aquele momento, devido a questões como ter que ajudar no sustento da família, desde muito jovem, ter que cuidar da casa e dos familiares, no caso de algumas mulheres, ou mesmo pela falta de escola para dar continuidade aos estudos. O que os motivava era, inicialmente, o sonho de passar por um processo formal de educação. Mas, ali estando, a escola lhes propiciava uma vida nova. Uma vida mais ativa, mais alegre, com novos amigos, fazendo-os se sentirem mais capazes e com uma autoimagem positiva.

Além desses aspectos, os entrevistados mostraram que voltar para a escola tinha melhorado sua memória e sua relação com a família. Além disso, a escola os tinha possibilitado ampliar seus horizontes e ter novos sonhos, como aquele de fazer um curso superior. A realização dessa pesquisa de mestrado tratou de analisar processos formais de educação escolar

na EJA com pessoas idosas. No doutorado, decidiu-se por ampliar essa discussão para processos educativos não escolares e suas contribuições para as melhorias na qualidade de vida dos idosos.

Estudar sobre esse tema fez com que se pensasse a respeito de qual é o lugar que a educação de idosos ocupa no campo acadêmico. Há ainda uma indefinição sobre o local destinado à discussão da educação de pessoas idosas. A Gerontologia é o campo destinado à discussão acerca do envelhecimento e, em muitos casos, a educação de idosos encontra-se nesse espaço do conhecimento. No entanto, em outros casos, é na Educação de Jovens e Adultos que se encontram trabalhos com essa temática.

A Gerontologia se constitui a partir de diferentes áreas do conhecimento, mas, em alguns casos, os profissionais da educação ainda não têm aparecido, de forma mais efetiva, na Gerontologia. Segundo Debert (1999a):

A Gerontologia, como um campo de saber específico, aborda cientificamente múltiplas dimensões que vão desde a Geriatria como especialidade médica, passando pelas iniciativas da psicologia e das ciências sociais voltadas para discussão de formas de bem-estar que acompanham o avanço das idades, até empreendimentos voltados para o cálculo dos custos financeiros que o envelhecimento da população trará para a contabilidade nacional. Como abordagem multidisciplinar, a Gerontologia contribuiu para a constituição do idoso em um problema social e se empenhou na sensibilização da sociedade brasileira para os dramas do envelhecimento. (DEBERT, 1999a, p. 2).

As tensões estão presentes também na constituição da Gerontologia. De acordo com Prado e Sayd (2006, p. 493), no cenário internacional, a Gerontologia abriga, em seu interior, a “Geriatria, voltada para a prevenção e o tratamento das doenças na velhice, e a Gerontologia social, constituída de diversas áreas como psicologia, serviço social, direito, entre outras”, sendo representada pela Associação Internacional de Gerontologia. Já no caso do Brasil, as autoras apontam que a Sociedade Brasileira de Geriatria, fundada no ano de 1961, passou, no ano de 1968, a se denominar Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), que mesmo admitindo profissionais de outras áreas ligadas ao envelhecimento como membros associados, reservam o cargo de presidente apenas para médicos. Prado e Sayd (2006) afirmam:

Vale aqui registrar que uma parcela importante da produção científica brasileira sobre envelhecimento não pode ser classificada como gerontológica, pois são estudos que se encontram conceitual e metodologicamente situados em outros campos do conhecimento; e nem tampouco seus autores seriam identificados como geriatras ou gerontólogos. (PRADO e SAYD, 2006, p. 495).

Essas indefinições sobre o campo de estudo voltado para a educação de idosos também estão presentes no interior da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). As práticas educativas voltadas para as pessoas acima dos 60 anos de idade encontram-se dispersas em

algumas de suas unidades. O Núcleo de Geriatria e Gerontologia (NUGG) foi criado, no ano de 1999, segundo Moraes e Marinho (2010), “com o objetivo de integrar todas as unidades e professores da UFMG que atuam na área de envelhecimento. As ações do NUGG distribuem-se pelo ensino de graduação e de pós-graduação”. Marcela Guimarães Assis Tirado, professora do curso de Terapia Ocupacional e integrante do NUGG/UFMG, ressalta como objetivos do Núcleo:

promover ações nos três níveis de atenção à saúde através de atividades multidisciplinares, incentivar um trabalho integrado ao nível dos projetos de extensão, desenvolver a produção científica, incrementar o acervo interdisciplinar de informações, promover a capacitação de profissionais através da criação de programas de mestrado e de doutorado, e incentivar a integração da UFMG com outras instituições que atuam na área do envelhecimento. (TIRADO, 1999, p. 2)

O texto que trata da história do NUGG/UFMG<sup>24</sup> apresenta, como parte de seus recursos humanos, pessoas oriundas das áreas da Medicina, Terapia Ocupacional, Nutrição, Farmácia, Fonoaudiologia, Musicoterapia, Enfermagem e Fisioterapia, o que demonstra uma atuação voltada para as questões ligadas à saúde dos idosos. Pereira *et al.* (2004) apresentam as ações do NUGG/UFMG divididas entre ensino e extensão, realizadas pela Faculdade de Medicina, Faculdade de Enfermagem e pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO). Em relação ao ensino, são ministradas disciplinas relacionadas ao envelhecimento, tais como: “Tópicos em Geriatria: Seminários em Geriatria + Projeto Lar dos Idosos”, na graduação do curso de Medicina; “Conteúdos de Gerontologia na Atenção do Adulto”, na Enfermagem; “Fisioterapia aplicada à Geriatria”, na fisioterapia; e “Conteúdos de Geriatria”, na Terapia Ocupacional.

Ainda em relação ao ensino, Pereira *et al.* (2004) apresentam, como ações do NUGG/UFMG, os cursos de Pós-graduação *lato-sensu*, tais como: “Especialização em Fisioterapia: ênfase em Geriatria e Gerontologia”; “Especialização em Saúde da Família: módulos em atenção ao idoso”; e “Curso de Treinamento Profissional em Geriatria e Gerontologia”. Há a Pós-Graduação *stricto-sensu* em Clínica Médica; Medicina Tropical; e “Mestrado em Ciências da Reabilitação: Desempenho Motor e Funcional”.

Quanto às atividades de extensão do NUGG/UFMG, Pereira *et al.* (2004) apresentam: o “Programa de Melhoria da Qualidade de Vida dos Idosos Institucionalizados”, que conta com atividades educativas com idosos, em ILPIs; assistência em fisioterapia para os idosos da Casa do Ancião e da Cidade Ozanan; assistência multidisciplinar aos idosos da Casa do Ancião; e o

<sup>24</sup> A História do NUGG está disponível na página:< <https://ivcf20.org/nugg>>. Acessada em 17/08/2021.

Projeto Lar dos Idosos. Apresentam ainda o “Programa Promovendo a Autonomia e Independência de Idoso da Comunidade” que conta com os projetos “Vale a Pena Viver”, “Educação Física para a Terceira Idade”, “Convivendo bem com a doença de Parkinson” e “Projeto Maioridade - Universidade Aberta para Terceira Idade”.

Além das ações NUGG/UFMG, há outras ações educativas que se destinam à educação de idosos, como o “Programa de Educação Básica de Educação de Jovens e Adultos da UFMG”, que é um projeto de extensão da universidade, visando garantir o acesso a quem não teve condições de estudar ou concluir a educação básica quando criança ou adolescente. A seleção prioriza pessoas com mais idade ou que estejam há mais tempo sem frequentar a escola, conforme divulgação no *site*<sup>25</sup> da própria UFMG sobre as vagas ofertadas para os cursos.

O “Programa de Educação Básica de Educação de Jovens e Adultos” conta com: o “Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos - 1º segmento (PROEF-1)”, o qual se destina a turmas de alfabetização e à consolidação de práticas de leitura, escrita e numeramento de jovens, adultos e idosos, sendo coordenado pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, da Faculdade de Educação da UFMG; o “Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos - 2º segmento (PROEF-2)”, voltado para a escolarização das séries finais do Ensino Fundamental; e com o “Projeto de Ensino Médio de Jovens e Adultos (PROEMJA)”. Os dois últimos projetos funcionam no Centro Pedagógico da UFMG.

Apesar de o Programa de Educação Básica de Educação de Jovens e Adultos não ser uma ação exclusivamente destinada às pessoas com 60 anos ou mais, faz parte das características dos projetos que apresentam um número significativo de pessoas idosas frequentando as aulas. Tal fato reforça que a Educação de Jovens e Adultos é também o campo de conhecimento destinado a se pensar sobre a educação desse grupo geracional, o que, com o passar do tempo e o avanço das pesquisas e das discussões sobre o tema, torna possível uma maior aproximação entre o NUGG/UFMG e a Faculdade de Educação desta Universidade para que construam propostas conjuntas para o atendimento das necessidades educativas dessa parcela da população.

Doll (2017), ao falar da aproximação entre Gerontologia e Educação, aponta que dois eventos, ocorridos na década de 1970, marcam o início desse processo, sendo que o primeiro foi a criação da primeira Universidade da Terceira Idade, datada de 23 de fevereiro de 1973, pelo Conselho da Universidade de Ciências Sociais de Toulouse, e o segundo, no ano de 1976, foi o lançamento, nos Estados Unidos, da revista científica *Educational Gerontology*

---

<sup>25</sup> Informações retiradas da página: <<https://ufmg.br/comunicacao/eventos/eja-2020-recebe-inscricoes-ate-21-02-no-centro-pedagogico>>. Acessada em: 16/08/2021.

(Gerontologia Educacional). Em relação ao Brasil, o autor ressalta que “esta aproximação ainda está a caminho; a maioria das faculdades de Educação ainda não percebeu a importância da temática do envelhecimento para sua própria área” (DOLL, 2017, p. 3558).

As formas de organização das ações referentes à educação de idosos apresentam diferenças em diversos países. É o que apontam Rangel, Hernandez e Ferez (2005), ao tratarem da educação de idosos em países como a Bélgica, a Suíça e os Estados Unidos:

En Bélgica, al igual que en Suiza se ven estas experiencias marcadas por su carácter federal. Así pues se pueden encontrar universidades de mayores en las prestigiosas Lovaina, Bruselas, Namur, Charleroi, etc., donde se ha llegado a un intercambio excelente entre el ámbito científico y las personas mayores. En ciudades como Cambridge, Lancaster o Londres aparecen pioneras en Gran Bretaña, experiencias con el trabajo de mayores a mano de los Departamentos de Educación de Adultos. En Estados Unidos de Norteamérica, no existe una institución centro que regule dichas experiencias, y parecen seguir los modelos de la educación de adultos. Las instalaciones universitarias utilizadas por los mayores en épocas de vacaciones son experiencias que cada vez se imponen más. En cuanto a otras experiencias llamativas de dicho país cabe destacar el Ethel Percy Andrus Gerontology Center en California o el National Council on Aging, de Washington que favorece iniciativas a nivel nacional. (RANGEL; HERNANDEZ; FERES, 2005, p. 97).

No Brasil, percebe-se o crescimento da oferta de cursos diversificados para pessoas acima dos 60 anos, mas a indefinição do lugar da educação de idosos leva à criação de iniciativas que não possuem uma diretriz nacional predefinida. O que se percebe é que a discussão sistemática, no âmbito nacional, sobre a educação de pessoas idosas, ainda é incipiente. O Plano Nacional de Educação (PNE), de 2014, trata dos idosos apenas na sua meta 9, a qual pretende elevar a taxa de alfabetização da população com 15 anos ou mais. Na estratégia 9.12, destaca como as políticas públicas de EJA devem considerar suas ações com os idosos. O documento aponta que se deve:

9.12). considerar, nas políticas públicas de jovens e adultos, as necessidades dos idosos, com vistas à promoção de políticas de erradicação do analfabetismo, ao acesso a tecnologias educacionais e atividades recreativas, culturais e esportivas, à implementação de programas de valorização e compartilhamento dos conhecimentos e experiência dos idosos e à inclusão dos temas do envelhecimento e da velhice nas escolas. (BRASIL, 2014).

Ainda que faça parte do Plano Nacional de Educação, o fato da discussão da educação de idosos estar localizada na meta que trata sobre alfabetização faz com que as ações educativas voltadas para pessoas com 60 anos ou mais, que tenham outros focos, não estejam contempladas. O que se percebe é que cada instituição vai elaborando seus cursos, de acordo com sua organização interna, considerando as possibilidades e os recursos, sejam eles humanos

ou materiais, que têm para realizar a oferta, buscando contemplar as necessidades desse público, sem que haja uma orientação nacional.

O aumento da expectativa de vida da população vem fazendo crescer a procura desses sujeitos por cursos variados, sejam eles escolares, não escolares, formais ou não formais, que lhes tragam benefícios para viver essa fase da vida com mais qualidade. Com isso, há a necessidade de se ampliar a discussão sobre o campo de estudo da educação de idosos e de como essas práticas vêm acontecendo. Abordar essa temática pode incentivar a oferta de mais opções de práticas educativas que promovam a possibilidade de novos aprendizados, mais autonomia, mais saúde física e mental, ampliação dos espaços de atuação e maior intensidade quanto ao sentimento de estarem ativos socialmente. Buscando contribuir para a ampliação das análises sobre esse assunto, o capítulo seguinte discute os achados da pesquisa com o suporte necessário das bibliografias sobre o tema.

*Para Paulo Freire<sup>26</sup>*

*O livro aberto  
Parece ave que quer voar  
Quem lê reza uma prece  
Ao ver o santo no altar*

*O sábio às vezes é como o sol  
Com o seu brilho arrojado  
Para refletir na lua  
Esconde do outro lado  
Assim pode ver o céu  
Lindo, todo estrelado*

---

<sup>26</sup> (CARLOS, Maria I. Para Paulo Freire. In: SENA, Bernardina de e LACERDA, Patrícia. (Orgs.) **Eu Bonsai** - Minha vida em versos. Belo Horizonte: Grupo Cultural Meninas de Sinhá, 2017.

## CAPÍTULO 4 – A EDUCAÇÃO DE IDOSOS NO CENTRO DE REFERÊNCIA DA PESSOA IDOSA VEREADOR SÉRGIO FERRARA

### 4.1 – A formação dos educadores de idosos

Analisar as atividades educativas ofertadas para idosos e seus benefícios passa também pela discussão do perfil dos profissionais que lidam com esses sujeitos. Os sucessos alcançados no processo têm relação direta com as conduções dadas pelos profissionais ao realizarem tais atividades. No entanto, a formação inicial desses profissionais, em especial, no Brasil, não ocorreu, na maioria dos casos, voltada para atender as especificidades desses sujeitos.

Em relação à formação específica para se trabalhar com educação de pessoas idosas, Cachioni (2003) ressalta que Glendenning (1989) havia proposto o termo “Educação Gerontológica” como campo que visava formar recursos humanos em gerontologia. No entanto, a mesma autora aponta que, em 1990, Glendenning e Battersby se mostraram favoráveis a uma gerontologia educacional, que fosse mais crítica, o que seria denominado por Lemieux (2000) como “Gerogogia crítica”. De acordo com Cachioni (2003), apesar de não ter sido Lemieux (2000) o primeiro a usar o termo, foi ele quem criou seu significado como sendo “a ciência educacional interdisciplinar cujo objeto de estudo é o idoso em situação pedagógica.” (CACHIONI, 2003, p. 9). Ainda Sobre a Gerogogia crítica e a Educação Gerontológica, Cachioni (2002) afirma:

Uma nova gerontologia educacional crítica e sua prática – a *gerogogia crítica* –, são propostas como uma alternativa que promove a tomada de consciência por parte dos próprios idosos sobre seus direitos, sua qualidade de vida, suas formas de auto-realização e o papel social que podem realizar. Trata-se, segundo Martinez (1998), de um projeto educativo e moral, transformador e liberador; com ele se espera corrigir o afastamento institucional dos idosos e devolver-lhes a relevância que têm como pessoas e como grupo. (CACHIONI, 2003, p. 10).

Cachioni (2003) aponta que Lemieux (2000) defende que a Gerontologia Educacional é uma especialidade da Gerontologia e que esta seria uma disciplina das ciências da educação. A mesma autora aponta que países da Europa, assim como os Estados Unidos e o Canadá, apresentam vários programas voltados para a Gerontologia e ressalta que, na Espanha, na década de 1990, foi criado um curso de especialização denominado “Gerontologia: intervenção socioeducativa com pessoas idosas”, o qual tinha como objetivos:



- Caracterizar e impulsionar a gerontagogia, na construção da profissão de educador em atenção às pessoas idosas;
- Dar a conhecer aos profissionais da educação e do trabalho social os novos campos de atividades associadas aos idosos;
- Demonstrar a necessidade de especialistas nessa área, tanto nos programas em instituições de ensino formal, como no meio comunitário;
- Proporcionar instrumentos metodológicos de pesquisa-ação para identificar problemas, elaborar conhecimentos e estratégias para o trabalho educacional;
- Capacitar para a elaboração de programas de ação socioeducativa como alternativa aos problemas específicos dos idosos;
- Proporcionar o encontro intergeracional construindo comunidades de aprendizagem com presença de idosos e jovens num mesmo espaço educativo e formativo (as Universidades da Terceira Idade). (CACHIONI, 2003, p. 11).

Na maioria dos casos, quando se trata de educação de idosos no Brasil, os profissionais não receberam uma formação inicial ou até mesmo continuada para trabalhar com esses sujeitos. Esse também é o caso dos professores que foram entrevistados nesta pesquisa, os quais não passaram por uma formação inicial para lidar com a educação nessa fase da vida.

Fernanda, a professora de Teatro, como já mencionado, é formada em artes cênicas, é professora efetiva da educação básica na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte e na Rede Municipal de Educação de Contagem. Possui larga experiência com teatro, tendo produzido vários espetáculos, e foi, durante alguns anos, diretora de importantes casas de espetáculo na Capital Mineira. No entanto, até chegar ao CRPI, nunca tinha trabalhado com grupo de idosos. Fernanda estava cedida pelas Secretarias Municipais de Educação das cidades de Belo Horizonte e de Contagem para trabalhar com as aulas de Teatro no Centro de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferrara. Ao falar do momento em que foi convidada para trabalhar no CRPI, ela ressaltou:

Eu conhecia o CRPI de nome, e quando eu vim pra cá, a minha formação sempre foi para trabalhar com adolescente e criança, mas, como tudo na minha vida são escadas, sabe... a gente sobe, desce, sobe de novo, eu tenho a vida muito assim, eu tenho como meta da minha vida sempre aprender. Sempre estar aprendendo. Então, eu considerei, vindo pra cá, como um novo desafio. Mais um desafio. **E esse desafio me fez estudar, estudar antes o Estatuto do Idoso e vivenciar, a ouvir muito esses idosos. E ouvindo eu aprendi a conviver com eles e respeitá-los.** E isso fez com que crescesse esse projeto maravilhoso. (FERANDA, 67 anos, grifo nosso).

Com o professor de Voz e Violão, não foi diferente. Como mencionado, Daniel é músico profissional, tendo gravado vários álbuns e alcançado prêmios ao longo da carreira como cantor gospel. Possui um estúdio de gravação musical e é formado em teologia. O grupo de Voz e Violão fazia parte de um projeto que foi idealizado pelo próprio professor. Daniel estava há 8 anos no Centro de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferrara, à frente das aulas de

Voz e Violão e de Canto Coral. Quando questionado se ele já havia trabalhado com idosos como no CRPI, ele respondeu:

Com idosos, não. Com idosos, não. Eu gravei, durante muitos anos música evangélica, disco evangélico, que era vinil. Em 1979, foi meu primeiro disco e eu me lembro que, em uma época, acho que 1985, eu tive alguns alunos para aprender comigo, mas era da igreja, eram uns quatro ou cinco alunos. Mas não prossegui também, não. Eu fiquei uns quatro ou cinco meses dando aula. Aí, como eu tava viajando muito, eu deixei de lado. Eu não consegui dar essa sequência de trabalho. Mas, com essa sequência, com essa consequência do trabalho, de esforço em conjunto, é a primeira vez. E veio, assim, a inspiração e, depois, a expiração. (risos) Veio a inspiração de fazer, agora, estou na expiração de trabalho, de correr, de mostrar, de ensinar, de falar.... e tem sido gratificante. (DANIEL, 53 anos).

Daniel, como já mencionado, foi contratado para trabalhar no CRPI em um cargo administrativo, de livre nomeação, mas, a partir do momento em que estava naquele espaço, sentiu a necessidade de oferecer uma atividade para os idosos e se propôs a ensiná-los a tocar violão. O professor relatou como surgiu a proposta das aulas de Voz e Violão no CRPI:

Eu vim como funcionário administrativo e nas primeiras semanas que eu vim pra trabalhar, eu ficava olhando para as coisas e pensando: o que eu vou fazer? Só isso aqui? Aí lá no fundo tinha as árvores e eu parei pra pensar e comecei a conversar sozinho. Mas na verdade, eu estava conversando com alguém, né?! Esse alguém se chama Deus. Aí eu falei: Meu Deus, o que eu vou fazer aqui, além do que eu já estou fazendo? Aí me veio na mente: por que você não ensina o idoso a tocar violão? Aí eu comecei a me fazer umas perguntas: mas como eu vou fazer isso? O idoso? Como que eu vou fazer isso? Eu tava conversando sozinho, mas parecia que eu estava conversando realmente com alguém. “Não, você vai fazer assim, assim, assim...” Você vai pegar nas mãos deles,  **você vai conversar, você vai dialogar, você vai trazer a autoestima deles, você vai trazer a memória.**” E isso foi refletindo na minha cabeça. Daí surgiu. Escrevi rapidinho o que me veio na mente, as propostas para a execução desse trabalho e falei com a Mara (nome fictício da coordenadora do CRPI na época). (DANIEL, 53 anos, grifo nosso)

Enquanto a professora Fernanda foi convidada pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte a trabalhar no CRPI com as aulas de Teatro, devido a sua ampla experiência e formação na área, o Daniel, iniciou o trabalho neste local de forma diferente. Apesar de toda sua experiência musical, sua participação como professor de música no espaço se deu a partir de sua própria iniciativa. É interessante notar que ele mesmo percebeu que poderia fazer mais pelo CRPI e por aquelas pessoas que estavam ali buscando por novas atividades para sua vida. Sobre o crescimento do grupo de Voz e Violão, Daniel revelou:

E quando nós divulgamos aqui, na primeira semana, nós tivemos dois alunos, o Sr. Gustavo e a Laurinha. No segundo dia, nós tivemos a Célia e mais uma pessoa que eu não me lembro. Aí, já no terceiro dia, esses já trouxeram outros. E hoje nós contamos com inscritos e atuantes 385 pessoas. Porque hoje o projeto cresceu. E hoje nós temos

aulas segunda, terça, quarta e quinta. E sexta que eu assumi o coral. Há dois anos e meio, eu assumi o coral e hoje nós temos 85 vozes no coral. (DANIEL, 53 anos).

A fala de Daniel, ao descrever como surgiu a proposta de aulas de violão no CRPI, disse muito a respeito da sua disponibilidade e do sucesso tanto das aulas de Voz e Violão como daquelas de Canto Coral. A considerável adesão de idosos e a permanência deles nas atividades estavam diretamente relacionadas com a forma do professor lidar com esses sujeitos e de como ele conduzia as atividades educativas, apesar de não ter tido formação inicial para dar aulas. O fato de ter sido ele mesmo o idealizador da proposta pode explicar sua dedicação ao trabalho. Daniel estava sempre procurando formas de atender aos idosos que participavam de suas atividades, buscando desenvolver, da melhor maneira possível, métodos para fazê-los aprender e se sentirem felizes. No próximo subitem, que trata sobre as metodologias de trabalho dos professores, ficará ainda mais evidente sua dedicação ao trabalho e sua busca por aprimorar formas de promover a aprendizagem de seus alunos, levando em conta suas especificidades.

Tanto a professora Fernanda quanto Daniel aprendiam na prática e com os idosos como promover uma educação de qualidade para esses sujeitos. Era a partir da interação, da escuta e da participação efetiva dos idosos nos encaminhamentos das atividades que o processo formativo se dava. É nesse sentido que Paulo Freire (2001) aponta para o aprendizado do professor ao ensinar:

O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer. (FREIRE, 2001, p. 259)

Os trechos grifados acima, apresentados dos nos relatos de Fernanda e de Daniel, mostram qual era o caminho desses educadores para terem sucesso em suas empreitadas na educação com pessoas idosas. O processo educativo se fazia com a participação dos educandos. Era a partir da escuta desses sujeitos que os professores iam aprimorando seus métodos e práticas. A escuta e o olhar atento ao que os idosos traziam faziam com que esses educadores se aperfeiçoassem no trabalho desenvolvido. Esses educadores iam se formando ao ensinar, conforme nos aponta Freire (2018, p. 25): “(...) vai ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”. Paulo Freire (2018), ainda destacando o importante papel da escuta no processo formativo, ressalta que:

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele. (FREIRE, 2018, p.111)

Diniz-Pereira e Fonseca (2001) reforçam a potencialidade do ambiente escolar para a formação dos professores, em especial, a partir das relações estabelecidas com os educandos. Os autores, ainda que tratando mais especificamente da formação de professores da EJA de forma mais escolar, contribuem para se refletir quanto à importância desse espaço de aprendizagem na constituição do papel de professores de pessoas com 60 anos ou mais. Diniz-Pereira e Fonseca (2001) dizem:

Conceber a escola como espaço de formação, também para o professor, significa entender que o aluno tem um papel decisivo como interlocutor, ator e co-autor das práticas pedagógicas, papel esse que o aluno adulto pode e quer desempenhar, como marca de sua disposição para o resgate de seu direito à escolarização. (DINIZ-PEREIRA e FONSECA, 2001, p. 70).

Além da escuta e da observação quanto ao que os idosos apresentavam para Fernanda e Daniel como caminhos possíveis para o desenvolvimento dos trabalhos, os professores também buscavam formas de aprender mais sobre o envelhecimento. Quando questionada se, durante o período em que trabalhava no CRPI, ela teve alguma formação para lidar com pessoas idosas, Fernanda respondeu:

Eu assisti. Aqui tem muitas oficinas, né? Muitas oficinas que o povo da Saúde traz e eu procurei também fazer as oficinas, também estar junto, né? Pesquisar muito, porque nós fazemos muita montagem e, a cada montagem que a gente faz, montagem sobre o câncer de mama, montagem sobre o Alzheimer, montagem sobre a violência contra pessoa idosa, montagem sobre acessibilidade... são várias cenas curtas que nós, nós, a gente se propõe a fazer, a montar, né? E sempre em função da necessidade da pessoa idosa, do idoso, né? (FERNANDA, 65 anos).

Fernanda compreendia as oficinas, as palestras e as rodas de conversa que ocorriam no CRPI, as quais abordavam temas relacionados ao envelhecimento, como um espaço formativo para si. No entanto, o que se percebeu é que tanto ela quanto o professor Daniel buscavam a formação por si próprios. Não havia no espaço uma organização voltada para a formação desses educadores que lidavam com os idosos. As oficinas que Fernanda destacava eram ofertadas tendo como público prioritário os frequentadores do espaço e não os servidores que compunham as equipes de trabalho.

O questionamento quanto à formação também foi feito ao coordenador do CRPI. Quando perguntado quanto à formação em serviço, para que os trabalhadores pudessem lidar com pessoas idosas, o coordenador do equipamento ressaltou que havia cursos disponíveis para os servidores, mas destacou que sua formação também vinha da vivência de algumas experiências, tais como o período em que esteve à frente do Conselho Municipal do Idoso, em Belo Horizonte:

Olha, o Conselho capacita, né? Conviver no conselho é um baita aprendizado. Particpei de vários conselhos: Conselho Municipal do Idoso, Conselho da Infância e da Adolescência, no Conselho de Promoção e Igualdade Racial. A vida no conselho ela é muito rica. Mas a prefeitura tem bastantes espaços formativos, muitos eles nos ofertam, cabe ao servidor escolher fazer. Como eu vinha de uma carreira de âmbito administrativo, eu vim pra prefeitura por sonho, por desejo. Naquele momento que você fala “eu quero algo que me gere vida”. Então, eu saí do âmbito empresarial e vim pra cá, então, eu cheguei aqui e falei “poxa, vou beber de tudo que tem” Tem muitas ofertas, mas acho que está ligado com aquilo que eu te disse do âmbito da informação, da gente buscar, também... [A prefeitura] tem diversas capacitações para os servidores. (LUCAS,40 anos).

No entanto, apesar de Lucas reforçar que houvesse, por parte da prefeitura, diversos cursos à disposição dos trabalhadores, para sua formação em serviço e, sabendo que houvesse um plano de carreira que incentivava a formação continuada dos servidores efetivos do município de Belo Horizonte, o que se percebeu foi que cabia aos trabalhadores procurarem por essa formação. O próprio Lucas, no período da entrevista, estava cursando uma pós-graduação *lato-sensu* em Gerontologia, por sua própria iniciativa. É importante que os educadores se formem a partir de seus desejos e buscas pessoais, mas também seria interessante, especialmente no que se refere à educação de pessoas idosas, a qual ainda é pouco estudada, que as próprias instituições ofertassem cursos destinados aos seus trabalhadores que, como no caso do CRPI, lidam com a educação desse grupo etário sem terem tido uma formação específica para isso.

No caso do CRPI, a defesa de que a iniciativa da proposição de cursos nesse sentido deva partir da própria prefeitura e que sejam estes cursos direcionados aos profissionais do espaço em questão se deve pelo fato de que algumas pessoas que estavam ali, formando esses idosos, eram de áreas diversas e tinham vínculos com o equipamento, a partir de naturezas distintas, existindo entre elas servidores efetivos, contratados por recrutamento amplo e até mesmo voluntários. Assim, a formação ofertada para esses educadores poderia promover práticas educativas ainda mais qualificadas para as pessoas que frequentavam o espaço.

O que se percebeu, no percurso formativo dos profissionais analisados, é que eles vinham se formando ao longo do processo e por meio da convivência com os idosos. A

formação de Fernanda e Daniel se aproxima do que Libaneo (2001), no livro “Arte de Formar-se”, escreveu sobre essa questão:

Formar-se é tomar em suas mãos seu próprio desenvolvimento e destino num duplo movimento de ampliação de suas qualidades humanas, profissionais, religiosas e de compromisso com a transformação da sociedade em que se vive [...] é participar do processo construtivo da sociedade [...] na obra conjunta, coletiva, de construir um convívio humano e saudável (LIBANEO, 2001, p. 13-14).

A professora Fernanda compreendia que suas atividades no CRPI eram desafios que a faziam estar sempre estimulada a aprender mais. A educadora destacou o amor pela arte e por seu trabalho como elementos que fomentavam sua ação pedagógica e, além disso, destacou que percebia as atividades com os idosos como um momento de troca de saberes:

E, aí, eu comecei aquilo que eu te falei, a ouvir muito os idosos e ficar apaixonada, né? Eu tenho muito, como lema da minha vida, o tesão. Eu tenho que ter tesão por aquilo que eu faço. E é o tesão que me faz mover montanhas. Fazer com que o desafio se torne pequeno diante das dificuldades. Porque, se a gente tiver amor por aquilo que a gente faz, amar, acreditar, os desafios se tornam altamente pequenos, sabe? É só a gente ter amor, acreditar mesmo, que pode transformar, que pode ajudar, que pode ser transformado também. Porque a gente tem que ser humilde para reaprender, para aprender junto com eles, porque é uma troca. Há uma troca aqui. E eu descobri isso desde o início. (FERNANDA, 65 anos)

Fernanda ainda destacou que seu trabalho é uma forma de ajudar as pessoas e, ao mesmo tempo, ser ajudada. Segundo ela, “quando eu ajudo, quando eu participo, quando eu coloco no coração dessas pessoas a arte como transformação, eu estou me ajudando. Eu estou contribuindo também para meu amadurecimento maior”. Ela compreendeu que, ao lidar com a formação desses sujeitos, acabou se formando também. No entanto, ela acrescentou que a formação não se dava apenas na área pedagógica, mas era uma formação para a vida, para se pensar como alguém em processo de envelhecimento. Em relação às trocas de saberes entre educandos e educadores, Freire (2021) aponta:

Entretanto, o fato de que o professor supostamente sabe o que o estudante supostamente não sabe, não impede o professor de aprender durante o processo de ensinar e o estudante de ensinar no processo de aprender. A boniteza do processo é exatamente esta possibilidade de reaprender, de trocar. Esta é a essência da educação democrática. (FREIRE, 2021, p. 24)

Ao analisar a formação dos profissionais que atuam no CRPI, sejam eles servidores de recrutamento amplo, como Daniel, ou servidores efetivos, como Lucas e Fernanda, observou-se que havia um requisito que se destacava para a atuação dessas pessoas: a experiência que

cada uma delas veio construindo em suas vidas. Lucas, apesar de ser o mais jovem dos três, já possuía experiência com políticas públicas para a pessoa idosa, por atuar no Conselho Municipal do Idoso de Belo Horizonte.

Quanto à Fernanda, nos seus 29 anos de profissão, teve a arte como guia de suas empreitadas profissionais. Sua experiência como produtora e diretora de teatro, além de professora, fazia com que, mesmo não tendo experiência anterior com educação de idosos, conseguisse desempenhar um trabalho de qualidade com seu grupo. Assim também era com Daniel, que tinha uma vida profissional voltada para a música, com sua carreira de cantor e produtor musical gospel, com a qual obteve, no ano de 1982, a sua primeira carteira da Ordem dos Músicos do Brasil. Sobre a experiência dos profissionais do CRPI, Lucas afirmou:

Aqui sempre foi um espaço muito rico, com profissionais muito experientes, as oficinas que transitam aqui são com profissionais que têm, de fato, experiência e sensibilidade de escutar as pessoas que aqui são inseridas e de acompanhá-las, a seu tempo, com liberdade, para que se desenvolvam, se redescubram ou mesmo que elas tenham liberdade de se encontrar com os pares. Isso é o que eu acredito que seja a maior riqueza desse espaço. (LUCAS, 40 anos).

Lucas destacou o papel da experiência como um elemento importante na capacitação dos profissionais que estavam à frente das atividades no CRPI. Cavaco (2009), ao buscar a definição de experiência, aponta o conceito elaborado por Jobert (1991), segundo o qual:

a experiência é o que é constituído, ao longo do tempo, individual e coletivamente, na intimidade das pessoas, no seu corpo, na sua inteligência, no seu imaginário, na sua sensibilidade, na sua confrontação quotidiana com a realidade e com a necessidade de resolver problemas de toda natureza (JOBERT, 1991 *apud* CAVACO, 2009, p. 31).

Para Cavaco (2009), há uma relação entre a experiência vivida e a interpretação que se dá a ela, e a formação, por meio da experiência, ocorre, uma vez que se compreende o sentido do que se experienciou. Josso (2002) também apresenta uma análise nesse sentido, já que para essa autora, a experiência só ocorre quando se realiza um trabalho acerca do que foi sentido, observado e percebido. Para Josso (2002), o aprendizado acontece a partir do momento em que o sujeito se apropria do que foi experienciado, conseguindo, assim, repassar o que aprendeu para resolver desafios em eventos futuros. Segundo Cavaco (2021, p. 10), “a formação é um processo natural, amplo e difuso, inseparável da vida e da história de cada sujeito, que ocorre em todos os tempos e espaços”.

No texto “Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério”, Tardif e Raymond (2000, p. 223) ressaltam que “o professor não é somente um ‘sujeito epistêmico’ que

se coloca diante do mundo em uma relação estrita de conhecimento”, mas, na realidade, ele é um ser que se constitui pelo comprometimento com sua própria história, a qual lhe oferece as ferramentas para a compreensão e para a interpretação das novas situações vivenciadas. Sua trajetória de vida acadêmica, pessoal e social interfere na formação desse sujeito como educador.

Tardif (2012) aponta que o saber que vem da experiência é um dos elementos fundamentais para o trabalho do professor. Para esse autor, o processo de construção da profissionalização do professor acontece no seu cotidiano, no local de trabalho, devido aos momentos vivenciados e experienciados ao longo de sua carreira. Em relação à carreira profissional do professor, Tardif e Raymond (2000) afirmam:

Os saberes dos professores são temporais, pois são utilizados e se desenvolvem no âmbito de uma carreira, isto é, ao longo de um processo temporal de vida profissional de longa duração no qual intervêm dimensões identitárias, dimensões de socialização profissional e também fases e mudanças. A carreira é também um processo de socialização, isto é, um processo de marcação e de incorporação dos indivíduos às práticas e rotinas institucionalizadas das equipes de trabalho. (TARDIF e RAYMOND, 2000, p. 217).

A experiência desses sujeitos, nas diversas atividades profissionais desenvolvidas ao longo de suas vidas, como também as experiências pessoais, contribui para um bom desempenho de suas ações como educadores. Freire (2018, p. 58) alerta para o fato de que “ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática”.

No entanto, a formação para lidar com as pessoas idosas em processos de aprendizagem poderia elevar ainda mais a qualidade dos serviços ofertados. Mas a escassa formação específica para se trabalhar com a educação de pessoas idosas, pensada de forma sistemática, seja no processo de formação inicial ou continuada, é uma realidade no Brasil. É isso o que apontam Cachioni e Todaro (2016):

Pode-se afirmar, contudo, que a discussão a respeito de currículos, metodologias, material didático e programas educacionais destinados ao idoso vem ocorrendo de maneira incipiente e isolada, sendo por vezes conduzida por professores, coordenadores de programas e pesquisadores com formação em pedagogia e/ou gerontologia, que buscam ferramentas para enfrentar os desafios apresentados neste novo cenário educacional. (CACHIONI e TODARO, 2016, p. 183).

De acordo com Cachioni (2003, p. 14), “a educação de idosos está a exigir cada vez mais a formação especializada de profissionais para o cumprimento de papéis e tarefas



específicas junto à clientela idosa que cresce e ganha visibilidade e poder social em muitos países, inclusive no Brasil”. Essa é uma realidade para a qual o país e as universidades, em especial na área da educação, devem se atentar. De acordo com Cachioni (2003):

No Brasil, raras são as referências ao docente (que trabalha com a educação de pessoas idosas). Não possuímos uma área definida para a sua formação, ela tem estado a cargo de poucos cursos de atualização oferecidos nas próprias Universidades da Terceira Idade, dos núcleos de estudos gerontológicos na universidade e dos cursos de especialização em gerontologia. (CACHIONI, 2003, p. 15).

Em relação aos cursos voltados para a formação de recursos humanos para lidar com pessoas idosas no Brasil, Neri e Pavarini (2017) destacam que houve uma evolução, resultado da internacionalização da Gerontologia e das mudanças sociais que vêm ocorrendo nos últimos 50 anos, dentre as quais, se destaca o notório envelhecimento da população brasileira. Segundo as autoras, “o crescimento das universidades brasileiras e, dentro delas, da oferta de uma variedade crescente de cursos alinhados com as novas necessidades da sociedade, resultou na criação de novos cursos de graduação e pós-graduação, entre eles os de Gerontologia” (NERI e PAVARINI, 2017, p. 3550).

As pessoas idosas estão cada vez mais presentes na educação, seja ela formal, não formal, escolar ou não escolar. Assim, pensar em metodologias e práticas educativas que sejam direcionadas a esses sujeitos, fortalecendo sua autonomia, sua participação social, sua autoestima e melhorando sua qualidade de vida, deve ser uma prática incentivada em espaços destinados à formação de educadores. Não é mais possível promover a educação desse grupo etário recorrendo às discussões sobre processos educativos de crianças, de jovens ou de adultos. Há que se levar em conta suas especificidades para que se tenha uma educação de qualidade também para quem está nessa fase da vida. Há que se utilizar da produção já realizada acerca da educação de idosos para fomentar a formação desses profissionais e ampliar ainda mais a discussão acerca desse tema. O próximo subitem pretende analisar a forma como ocorriam as práticas educativas das atividades investigadas e demonstrar como é relevante considerar as especificidades dessa faixa etária para o sucesso no percurso educativo.

#### **4.2 – As práticas pedagógicas nas atividades de Teatro e de Voz e Violão**

Na análise das práticas pedagógicas nas atividades de Teatro e de Voz e Violão, foram identificadas questões que se destacaram, dentre elas: as percepções dos professores sobre a necessidade de que sejam trabalhados temas de interesse das pessoas acima de 60 anos; a

consciência dos educadores quanto às diferenças entre os sujeitos que compõe o grupo de educandos; e o fato de os professores buscarem atender a cada um com suas peculiaridades. Além disso, percebeu-se como esses professores foram inovando e adequando suas práticas para que mantivessem o interesse desses sujeitos na participação das ações propostas.

Quanto aos temas trabalhados nas aulas, constatou-se que os professores buscavam sempre relacioná-los a assuntos de interesse dos idosos e que, em muitos casos, os próprios alunos contribuía com proposições para o melhor desenvolvimento da atividade apresentada. No caso das aulas de Teatro, as peças e os esquetes encenados trataram de temas como o Alzheimer, os cuidados dos familiares com as pessoas idosas e os casos de desrespeito que muitas vezes há com os sujeitos que compõem esse grupo etário, como, por exemplo, a peça teatral intitulada “Sete malas e uma poesia”. Trataram ainda sobre a valorização da sabedoria da pessoa idosa, como é o caso do espetáculo “A Tinta e o Pincel do Tempo”.

A elaboração das peças de teatro era realizada com a participação ativa dos idosos, havendo sugestões quanto às falas e às formas de interpretação dos personagens. Durante as aulas presenciais, a professora normalmente chegava com uma proposta de tema já escrita, com algumas falas elaboradas. Na sala de aula, com a turma em círculo, Fernanda distribuía o texto, explicava a ideia para o grupo e perguntava quem desejava participar e quais personagens cada um se dispunha a representar. A professora costumava fazer propostas que englobassem um bom número de participantes, uma vez que as turmas eram numerosas. Ainda assim, na maioria dos casos acompanhados, as pessoas se dividiam em produções distintas. Em relação ao período em que as aulas foram acompanhadas de forma presencial, essa dinâmica de divisão dos idosos para participar das peças teve como exceção o espetáculo preparado para a festa de fim de ano, em 2019, no CRPI, o qual contou com a participação de todos os inscritos.

A partir do momento em que os idosos se propunham a participar de alguma ação, eles estudavam suas falas e iniciavam os ensaios. Durante os ensaios, era comum haver trocas entre as pessoas em relação aos personagens. A desistência por parte de uns e o interesse por parte de outros era algo corriqueiro e visto com naturalidade pelo grupo e pela professora. Cabia a cada um dos idosos escolher seus personagens e avaliar sua disponibilidade para tal atuação. Essa liberdade de escolha era um elemento fundamental para a confiança dos sujeitos no processo e para o desenvolvimento de suas habilidades. A compreensão da professora e dos demais colegas possibilitava a todos os idosos sentirem-se livres para escolher tanto os personagens pelos quais mais se interessavam quanto os dias nos quais poderiam participar das apresentações previstas. Em algumas peças, mais de uma pessoa ensaiava o mesmo personagem, caso um dos participantes precisasse se ausentar no dia da apresentação.

A autonomia dos idosos, percebida durante os ensaios, assim como a segurança que tinham, ao apresentarem sugestões de adequação nas falas e de atuação dos personagens, devem ser ressaltadas. São estes elementos que devem estar presentes na educação, de uma forma geral, mas, tratando-se de pessoas idosas, são imprescindíveis, uma vez que seja fundamental que os idosos se sintam acolhidos e seguros para poderem definir o que querem realizar e como desejam fazê-lo. A segurança que adquirem para suas escolhas, nos espaços educativos, contribui também em suas atuações em outros espaços sociais. Quanto à autonomia dos idosos nas participações das atividades propostas, Fernanda apontou: “Eu começo minha aula sempre assim: ‘todos nós somos artistas. Todos nós temos essa capacidade artística.’ Agora a gente tem que descobrir, a cada dia, a cada atuação, a cada movimento. Por isso que eu tenho que saber respeitar os movimentos de cada um”. Para Freire (2018):

Outro saber necessário à prática educativa, e que se funda na mesma raiz que acabo de discutir – a da inconclusão do ser que se sabe inconcluso –, é o que fala do respeito devido à autonomia do ser do educando. Do educando criança, jovem ou adulto. Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo. Não faz mal repetir a afirmação várias vezes feita neste texto – o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos faz seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um fator que podemos ou não conceder uns aos outros. (FREIRE, 2018, p. 58).

A postura de respeito ao desejo dos idosos, por parte da professora, quanto às suas participações nas peças, assim como a predisposição de Fernanda para a escuta das contribuições feitas por eles, para o aprimoramento dos textos e das encenações, eram fundamentais para o sucesso das atividades propostas. A pessoa idosa, a partir do que já viveu, sabe bem o que deseja e valorizar seus conhecimentos, seus limites e sua autonomia é de suma importância para que ela se sinta confortável e livre para se posicionar e estar onde quiser. Assim, a partir de sua permanência e de sua participação, esses sujeitos podem, então, ampliar seu conhecimento e suas habilidades. As ações da professora Fernanda iam ao encontro do que afirmam Cachioni e Todaro (2016), ao tratarem das Universidades Abertas da Terceira Idade:

Os alunos precisam ser convidados a serem parceiros na elaboração das atividades. Ainda que apoiados no princípio da educação permanente – afinal, o homem aprende ao longo do seu processo dedesenvolvimento –, o que caracteriza a busca desses cursos pelos mais velhos é a fruição, o gosto por aprender, a realização de sonhos e projetos de vida adiados, a necessidade de se sentir vivo, ativo, atualizado e inserido na sua comunidade. Esse aluno não deve fazer nada que seja obrigado; deve poder escolher seu horário, seu professor e suas atividades. Deve poder buscar seu crescimento pessoal e coletivo. (CACHIONI e TODARO, 2016, p.182).

Cachioni e Todaro (2016) abordam, no trecho acima, outro ponto de suma importância na educação de idosos e que se faz presente nas atividades desenvolvidas pelo CRPI. A busca desses sujeitos por essas práticas educativas se dá pelo desejo de participar de um coletivo, de aprender algo novo, de socializar suas histórias e seus conhecimentos. Aqueles idosos não estavam ali fazendo um curso para uma formação profissional, seja em artes cênicas ou em música. Estavam pela fruição, em busca de realizações, de sonhos e da elaboração de outros desejos. É fundamental que os processos educativos vivenciados propiciem a eles momentos de prazer e permitam que os idosos possam se sentir bem para que permaneçam em tais processos atuando efetivamente. A busca desses sujeitos é também pela participação social, é por sentirem-se vivos socialmente. As temáticas que eram abordadas, à medida que tratavam de elementos muito próximos das vivências do cotidiano desses sujeitos ou das situações que eram recorrentes na vida de outras pessoas que estivessem na mesma fase da vida que eles, os sensibilizavam para a participação e provocavam neles o desejo de atuar e de contribuir na elaboração das cenas.

Além das temáticas acima descritas, foram produzidos esquetes sobre acidentes domésticos e sobre queimaduras, de forma presencial, e, no ano de 2021, de forma virtual, com contribuições dos idosos para a elaboração das falas e das cenas. Outro tema que foi trabalhado, durante a pandemia da COVID-19 pelo grupo de Teatro, foi o assédio financeiro sofrido por pessoas idosas, seja por parte das instituições financeiras ou até mesmo por parte de integrantes da família. Como já mencionado aqui, o tema foi abordado, a partir da elaboração de cenas para o videoclipe<sup>27</sup> da música “Aprendendo a dizer não” de autoria da cantora e compositora Rê Mineira e de iniciativa do Instituto Defesa Coletiva.

A elaboração desse videoclipe foi feita a distância, no período de isolamento social, durante a pandemia da COVID-19. A professora apresentou a música, por meio do grupo de *WhatsApp* e solicitou que cada um que desejasse participar da produção do videoclipe lhe enviasse sugestões de cenas para compor a produção. A professora se disponibilizou a discutir, por meio de ligações telefônicas, com quem assim desejasse, a elaboração das cenas. Após a definição das participações e de que maneira seriam as encenações, os idosos realizavam a gravação doméstica, com aparelhos celulares e com o auxílio de familiares e amigos, enviando, em seguida, os vídeos para a professora.

Outra atividade realizada no período da elaboração do vídeo e que também teve cenas gravadas, as quais compuseram a produção final do videoclipe, foi uma carreata com seresta,

---

<sup>27</sup>O videoclipe pode ser visualizado por meio do endereço eletrônico: <<https://www.youtube.com/watch?v=wdI0JKriKZ4>>.

proposta pelo CRPI, em comemoração ao “dia dos avós”. Esta carreata contou com a participação de alguns funcionários do CRPI, incluindo o coordenador do espaço, o professor de Voz e Violão e a professora de Teatro, além da cantora e compositora Rê Mineira. A proposta da seresta na porta da casa dos idosos que frequentam o CRPI ocorreu a partir da sugestão dos professores visando demonstrar para os idosos, em especial para aqueles que não estavam conseguindo participar de alguma atividade remota no período da pandemia da COVID-19, que os servidores do CRPI se preocupavam com eles.

A ação da seresta foi realizada três vezes no período de isolamento social e surtiu um efeito afetivo muito intenso na vida das pessoas que receberam a homenagem. Os funcionários do CRPI foram até a porta da casa de alguns idosos, devidamente protegidos com máscaras, e cantaram algumas canções, entregaram flores e exibiram cartazes que demonstravam o carinho do Centro de Referência para com esses sujeitos. A iniciativa foi tão significativa que se tornou matéria de alguns jornais<sup>28</sup> do estado de Minas Gerais, assim como do *site* da própria Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. O jornal “Estado de Minas”, do dia 23 de julho de 2020, ao tratar do assunto, trouxe um depoimento de uma das idosas que recebeu a seresta:

Foi uma surpresa muito emocionante! Eu adorei. Foi a maior festa. As pessoas de lá são muito bacanas e essa ação de hoje foi maravilhosa”, contou Conceição Ângelo, de 68 anos, moradora do Bairro Caiçara, na Região Noroeste, e atendida pelo CRPI há cerca de 13 anos. (FERREIRA e SALGADO, 2020)

As ações como esta, da seresta e da carreata na porta de alguns dos frequentadores do CRPI, demonstravam a forma afetiva e humanizadora como os funcionários do espaço tratavam os idosos. Sair para uma ação que levava música e carinho, em um momento em que as pessoas estavam isoladas em casa, com a maior parte das atividades sociais e comerciais suspensas, tendo que conviver com o temor de se contaminar com uma doença grave, potencialmente mortal, que até aquele momento, ainda não tinha vacina aprovada, demonstrava a atenção que o CRPI destinava aos idosos, mesmo tendo que manter o equipamento fechado por um longo

---

<sup>28</sup> Mais detalhes sobre as matérias de divulgação da ação da carreata e da seresta desenvolvida pelo CRPI na casa dos idosos frequentadores do espaço durante a pandemia da COVID-19 podem ser encontrados no *site* do Jornal Estado de Minas pelo endereço eletrônico

<[https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/07/24/interna\\_gerais,1169823/afeto-forma-de-musica-idosos-isolados-se-emocionam-serenata-porta-casa.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/07/24/interna_gerais,1169823/afeto-forma-de-musica-idosos-isolados-se-emocionam-serenata-porta-casa.shtml)> Acesso em: 12/09/2021

O jornal Hoje em dia, também produziu uma matéria, a qual pode ser encontrada pelo endereço eletrônico: <<https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/moradores-de-bh-ganham-serenata-em-carreata-comemorativa-do-dia-dos-av%C3%B3s-1.796853>> e ainda no site da prefeitura de Belo Horizonte por meio do endereço eletrônico <<https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/prefeitura-leva-musica-em-casa-para-pessoas-idosas>>. Acesso em: 12/09/2021

período. Enquanto prática pedagógica, essas ações se relacionavam com ensinamentos sobre a humanização e a amorosidade, as quais são tão defendidas por Paulo Freire.

Paulo Freire defende que, nas ações pedagógicas, o ser humano deve estar no centro das questões mais fundamentais. Freire destaca que seja necessário reconhecer que as transformações do mundo e dos homens só poderão ocorrer a partir das relações dos seres humanos com o mundo e com os próprios homens e mulheres. As ações realizadas pelos servidores do CRPI, como as serestas e carreatas nas casas dos idosos durante o período da pandemia da COVID-19, refletem o que diz Freire (2008a):

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. **Vai humanizando-a.** Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando e criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. (FREIRE, 2008a, p. 51, grifo nosso).

Em relação aos ensinamentos propostos nas atividades do Teatro, seja por meio das peças teatrais que tratavam de temas voltados para situações relacionadas ao envelhecimento, ou para as ações do cotidiano, como a prevenção de acidentes domésticos, seja com a elaboração do videoclipe da música “Aprendendo a dizer não” é interessante notar que tais ensinamentos não surgiam a partir de uma cartilha sobre esses conteúdos. Eles, nesses casos, vinham a partir de sutilezas. Ocorriam quando eram elaborados, por exemplo, os esquetes que os idosos iriam apresentar sobre cuidados para não se acidentarem em casa com uma panela no fogão ou ao construir uma cena sobre os abusos financeiros sofridos por pessoas idosas. O processo de ensino estava presente, por exemplo, quando a professora apresentava a eles a letra da música e pedia que eles elaborassem cenas que retratassem situações de abusos financeiros. A partir de então, eles liam sobre o assunto, criavam algo em relação ao que dizia a letra, elaboravam uma cena e se ocupavam em repassar as informações por meio da sua arte.

Freire (2021) ressalta que um professor, ao buscar ensinar um determinado conteúdo, como, por exemplo, a sintaxe da língua portuguesa, deve se questionar por estar ensinando a favor de que, em favor de quem, em favor de que sonho e ainda contra quem, contra o que e contra que sonho se está ensinando. Segundo Freire (2021):

Se nós considerarmos a educação em suas dimensões filosóficas, epistemológicas e históricas, nós não podemos fugir dessas questões. Eu chamo essa qualidade da educação de ir além de si mesma - pelo fato de que o processo de educação vai sempre além de si própria - de diretividade da educação. (FREIRE, 2021, p. 27).

No caso das turmas de Voz e Violão, os temas trabalhados estavam relacionados às vivências das pessoas idosas. As músicas escolhidas para serem tocadas, na maioria dos casos, eram músicas que se relacionavam ao gosto musical daqueles sujeitos. Em muitos momentos, durante as aulas, os próprios alunos escolhiam as canções que desejavam cantar e tocar. Havia, a partir de então, em muitos casos, troca de saberes entre eles. Quando realizavam a apresentação de uma música que agradava a alguém mais, esse alguém pedia a cifra da música para aprender a tocá-la. Passavam, por vezes, parte das aulas discutindo sobre como tocar determinada música trazida por um colega.

Nesse sentido, a prática acima descrita, além de facilitar a aprendizagem e despertar o interesse por músicas que os próprios alunos traziam, tinha uma dinâmica interessante de aprendizagem cooperativa entre os pares. Essa dinâmica foi muito incentivada pelo professor Daniel. Para o trabalho desenvolvido nas turmas de iniciantes, o professor chamava os alunos mais experientes, da turma dos mais avançados, que tivessem disponibilidade para auxiliá-lo com os novatos. Sobre essa prática, Daniel explicou:

(...) dessa turma toda, eu fiz o tal do multiplicador, que é aquele aluno que aprendeu, ele traz mais um e ele é o professor. Aquele aprende, traz mais dois e ensina aqueles dois. Aqueles dois trazem mais dois, trazem mais quatro e assim sucessivamente. Um vai ensinando para o outro. E a gente vai fazendo essa corrente de pessoas dentro do projeto “Despertando talentos na maturidade”, que é o Voz e Violão e o Coral. Aí, você pega um aluno que tá lá, na turma de segunda e quarta, que [é] a turma de avançados, e trago ele até os iniciantes. (DANIEL, 53 anos).

O multiplicador ficava responsável por estar ao lado de mais dois ou três colegas iniciantes, durante as aulas presenciais, para auxiliá-los com a afinação do instrumento, com as posições das mãos e com a execução da canção. Como as turmas tinham, em média, uns 20 estudantes, Daniel dava as orientações gerais, no centro da sala, que estava disposta em círculo. Enquanto os alunos tocavam a música, ele ia passando em cada grupo e verificando se alguém precisava de algum auxílio. Além desses multiplicadores, a aprendizagem cooperativa entre os pares ainda acontecia em outros momentos, como relatou José:

O Daniel até lançou um desafio, que ele convocava a turma para fazer uma apresentação sobre o violão, sobre tocar o violão, sobre música, em geral. Escolher uma dupla para ir na frente fazer uma explanação, uma aula sobre música. Ele escolhia a dupla, que escolhia um tema, se preparava e, apresentava lá na frente para todo mundo. E o pessoal perguntava também. Essa dupla fazia uma apresentação de meia hora, falando de alguma coisa da música ou do violão, e depois o pessoal fazia pergunta. Por exemplo, alguém quis apresentar o capotraste, que é o instrumento que muda a tonalidade do violão. Isso eu achei até interessante. Outros apresentaram as partes do violão, descreveram o tom do violão, outros apresentaram músicas. Na

minha época, fui eu e a Geisa, aí, nós apresentamos. Escolhemos três músicas e dissertamos sobre os acordes, sobre o ritmo da música, como que toca. A gente apresentou nesse sentido. O Daniel está sempre inovando alguma coisa nesse sentido, para cativar o pessoal, para a pessoa ficar mais atenta, entendeu? (JOSÉ, 72 anos).

José identificava a prática pedagógica de Daniel, denominada por ele como um desafio para os estudantes, como algo que os motivava. Daniel, ao tratar dessa prática, ressaltou que sua intenção com essas atividades dizia respeito ao envolvimento dos educandos no processo educativo, fazendo com que realizassem pesquisas sobre temas de seu interesse e, ao repassar seus conhecimentos aos outros colegas, também exercitariam suas memórias. Sobre sua prática educativa o professor relatou:

Então tem aula que eu paro. Ao invés de ficar só no violão, vamos conversar. Vamos dialogar? Aí, eu pergunto: “o que você ouvia naquela época? O que você sentia?”. Então, isso contribui. Então a gente escuta de um por um. Como é que foi a aula, o que eles gostaram, o que não gostaram. Uma coisa que eu fiz também e que ajudou muito a eles, é que eu os coloquei em dupla. Não sei se você chegou a ver. Eu pegava dois alunos e eu fazia eles ficarem um de frente pro outro e dizia: “vocês vão preparar a aula para a semana que vem”. Então eu provoco eles. Então eu peço que eles passem para os alunos aquilo que eles aprenderam. Provocando, então, o exercício da memória, escrevendo, lendo, ir lá, atrás, pesquisando e trazendo à tona. Aí, eu fotografo, filmo e coloco no grupo. O pessoal bate palma. Isso é participação. O aluno trazendo aquilo que ele aprendeu lá, atrás. (DANIEL, 53 anos).

É interessante destacar que a escolha do tema que seria apresentado se dava a partir do desejo da dupla. Era a partir do interesse de ambos que iam ocorrendo novas aprendizagens sobre o violão e sobre a música. A partir de suas escolhas, as duplas tinham que estudar sobre o tema e sobre como apresentar aos colegas. Essa prática pedagógica se aproximava da metodologia de aprendizagem cooperativa.

Johnson, Johnson e Holubec (1999) afirmam que a aprendizagem cooperativa é um método de ensino no qual os estudantes trabalham de forma conjunta com o objetivo de maximizar a sua própria aprendizagem e aquela de seus colegas. Para Johnson, Johnson e Holubec (1999),

La cooperación consiste en trabajar juntos para alcanzar objetivos comunes. En una situación cooperativa, los individuos procuran obtener resultados que sean beneficiosos para ellos mismos y para todos los demás miembros del grupo. El aprendizaje cooperativo es el empleo didáctico de grupos reducidos en los que los alumnos trabajan juntos para maximizar su propio aprendizaje y el de los demás. Este método contrasta con el aprendizaje competitivo, en el que cada alumno trabaja en contra de los demás para alcanzar objetivos escolares tales como una calificación de “10” que sólo uno o algunos pueden obtener, y con el aprendizaje individualista, en el que los estudiantes trabajan por su cuenta para lograr metas de aprendizaje desvinculadas de las de los demás alumnos. En el aprendizaje cooperativo y en el individualista, los maestros evalúan el trabajo de los alumnos de acuerdo con



determinados criterios, pero en el aprendizaje competitivo, los alumnos son calificados según una cierta norma. Mientras que el aprendizaje competitivo y el individualista presentan limitaciones respecto de cuándo y cómo emplearlos en forma apropiada, el docente puede organizar cooperativamente cualquier tarea didáctica, de cualquier materia y dentro de cualquier programa de estudios. (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 3).

No entanto, esses autores apontam que, para alcançar todo o potencial do grupo, é necessário que o método seja estruturado a partir de cinco elementos essenciais, que são: a interdependência positiva; a responsabilidade individual e de grupo; a interação promotora; ensinar aos alunos competências interpessoais e de grupo; e o processamento de grupo.

Segundo Johnson, Johnson e Holubec (1999), a interdependência positiva consiste na percepção, por parte do grupo, de que todos estão ligados uns aos outros, de forma que o sucesso de cada um depende do sucesso de todos. Com isso, todos aprendem a valorizar o esforço de cada um e, ao perceber o progresso de cada elemento do grupo, todos seriam beneficiados. Esse seria o elemento principal da aprendizagem cooperativa, a qual cria um compromisso com o sucesso de todos os envolvidos no processo.

Em relação à responsabilidade individual e de grupo, os autores acima citados afirmam que se trata da responsabilidade de cada um dos membros do grupo em contribuir, com sua parte, levando à participação efetiva todos os membros. Já quanto à interação estimuladora, os autores apontam que ela deve ocorrer frente a frente, compartilhando recursos e ajudas. Esse é um dos elementos que se liga mais diretamente com as atividades descritas relativas à atuação em grupos de aprendizagens nas aulas de Voz e Violão. De acordo com Johnson, Johnson e Holubec (1999), ao tratar da interação estimuladora,

Algunas importantes actividades cognitivas e interpersonales sólo pueden producirse cuando cada alumno promueve el aprendizaje de los otros, explicando verbalmente cómo resolver problemas, analizar la índole de los conceptos que se están aprendiendo, enseñar lo que uno sabe a sus compañeros y conectar el aprendizaje presente con el pasado. Al promover personalmente el aprendizaje de los demás, los miembros del grupo adquieren un compromiso personal unos con otros, así como con sus objetivos comunes. (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p.7).

Além das práticas citadas acima, como exemplos que se relacionam com a aprendizagem cooperativa e, em especial, com a interação estimuladora, foi possível verificar, ainda durante a pandemia de COVID-19, significativa integração dos idosos no grupo de *WhatsApp*, para que pudessem aprender a tocar novas músicas. José foi um dos mais atuantes, se encarregando, por sua própria vontade, por elaborar as cifras de determinadas músicas e por gravar vídeos sobre como tocá-las, disponibilizando-os para os colegas do grupo. Isso

incentivou os demais a aprenderem as músicas apresentadas por ele e por outros colegas que acabaram gravando seus vídeos, nos quais tocavam outras canções, tendo postado estes vídeos no grupo também.

Quanto a ensinar aos alunos as competências interpessoais e de grupo, Johnson, Johnson e Holubec (1999) ressaltam que se trata de ensinar aos educandos, além de conceitos acadêmicos, regras e comportamentos interpessoais e de grupo, de forma que os possibilitem trabalhar em equipe. Sobre o processamento de grupo, Johnson, Johnson e Holubec (1999) afirmam que isto ocorre quando os participantes analisam as formas de como levarem o grupo a atingir seus objetivos, apontando ações positivas e negativas acerca do comportamento de seus membros. Para os autores, “Para que el proceso de aprendizaje mejore en forma sostenida, es necesario que los miembros analicen cuidadosamente cómo están trabajando juntos y cómo pueden acrecentar la eficacia del grupo”. (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999, p. 7).

Esse último elemento, que consiste na autoavaliação do grupo quanto suas ações, era outra prática frequentemente realizada pelo professor Daniel. Normalmente, no encontro seguinte após a realização das apresentações pelo grupo, o professor destinava um tempo para a autoavaliação coletiva. Presenciou-se esse momento, após a apresentação do espetáculo “A Era de Ouro do Rádio”, no ano de 2019, e após uma apresentação virtual do grupo, realizada a partir da gravação de vídeos dos idosos tocando e cantando coletivamente, em virtude da comemoração do aniversário de oito anos de existência do coletivo, no ano de 2021. Essa reunião, após a apresentação virtual, foi inicialmente pensada para um ensaio de uma determinada música, mas, antes de começar o ensaio, o professor quis saber a opinião de cada um dos presentes sobre a apresentação e sobre a comemoração do aniversário das aulas de Voz e Violão. Ao final da reunião, questionou-se o professor sobre o motivo da realização da avaliação coletiva e ele afirmou:

Nós íamos ensaiar a música. Mas eu fiz a pergunta de como eles se sentiram em relação a data de ontem, da comemoração de oito anos, sobre os comentários que foram feitos no grupo de *WhatsApp*, sobre o pessoal que entrou... Então, cada um deu sua opinião, falou, e nós estamos até agora. E é só um bate-papo. É uma avaliação para a gente melhorar para o próximo ano. É uma avaliação. E, além de melhorar, a gente acertar os erros e programar, também. (DANIEL, 53 anos).

É interessante notar que, por mais que o professor Daniel não tenha formação pedagógica e que, possivelmente não conheça a teoria acerca da aprendizagem cooperativa, suas ações caminhavam no mesmo sentido daquilo que essa metodologia de ensino aponta. Em relação às avaliações coletivas, na aprendizagem cooperativa, Magalhães (2014) resalta que

No seio do grupo é necessário analisar as ações dos membros que são úteis ou inúteis e tomar decisões sobre quais os comportamentos que deverão continuar ou mudar. A melhoria contínua do processo e dos resultados de aprendizagem depende da análise cuidadosa de como todos os seus membros estão a trabalhar em conjunto. (MAGALHÃES, 2014, p. 24).

Ainda nessa mesma reunião, durante a avaliação dos idosos a respeito dos oito anos da existência do grupo, o professor afirmou:

Olha o quanto que a Eliza cresceu, o tanto que a Olga cresceu, olha o quanto que a Alma está contribuindo. Gente, olha o trabalho que a Betânia está fazendo. Então, quer dizer, essa engrenagem está legal. O grupo está crescendo. A gente acha que não está fazendo nada, mas para o outro, lá... viu?, Greice, você está sendo remédio, tá? Para o outro, lá, você está sendo remédio. (DANIEL, 53 anos).

As falas do professor Daniel, ao demonstrar o crescimento dos alunos, destacando vários nomes dos participantes, promoviam um sentimento de pertencimento e de maior integração entre eles, o que remetia à interdependência positiva, conforme destacado por Johnson, Johnson e Holubec (1999) como sendo uma das características da aprendizagem cooperativa.

Além da interdependência positiva, outros elementos, tais como o processamento de grupo e a interação promotora, também apareceram nas falas dos idosos, ao fazerem suas avaliações. Mesmo durante as aulas remotas, eles tentavam se ajudar mutuamente, buscando o crescimento uns dos outros:

É difícil para eles, né? Então, assim, a atenção, o cuidado com aqueles que não sabem, ter mais paciência... Igual, tem o que mora aqui em cima, eu esqueci o nome dele; toda vez que ele me encontra, ele fala: “eu estou treinando, viu, Denise? Estou treinando. Todo dia eu pego no violão”. Eu respondo: “isso, mesmo”. Aí, ele me disse: “ah, porque eu não ia aprender”. Então, eu falei com ele: “claro que aprende. É só insistir”. Então, eu acho que nós, que sabemos um pouquinho, para ensinar aqueles que não sabem, devemos persistir com eles que eles conseguem, sim. Vamos insistir. E a nossa equipe vai só aumentar. (DENISE<sup>29</sup>, 65 anos).

De acordo com Morais e Barbosa (2021), para que a estrutura cooperativa ocorra, de forma efetiva e coerente, é necessário que a instituição, na qual o processo educativo se desenvolve, tenha uma cultura de cooperação, com um projeto coletivo, priorizando o reconhecimento, a compreensão e a adesão dos diferentes sujeitos que participam das atividades. Ainda sobre as características da aprendizagem cooperativa, essas autoras afirmam que

<sup>29</sup> Denise era uma das idosas que participava das aulas de Voz e Violão. Apesar de não ter sido entrevistada, ao ouvir esse seu relato, em uma das atividades remotas do grupo, entendeu-se que este seria relevante para a análise.

As estratégias de Aprendizagem Cooperativa favorecem uma dinâmica cooperativa em sala, na qual as metas entre os alunos se correlacionam positivamente, em que os estudantes trabalham juntos, buscando objetivos comuns. A interdependência positiva é estabelecida, resultando em aumento de esforços em direção ao êxito, relações interpessoais positivas, saúde emocional, desenvolvimento de responsabilidade grupal e individual, fomento de interações que visam à aprendizagem de outros, democratização da oportunidade de êxito, desenvolvimento de destrezas sociais relacionadas com a comunicação, cooperação, resolução pacífica de conflitos, apoio e ajuda mútua. (MORAIS e BARBOSA, 2021, p. 29).

Segundo Freire (1980) é necessário que a educação esteja, a partir de seus métodos, conteúdos e programas, adaptada ao fim que se deseja: “permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história.” FREIRE (1980, p. 39). Assim, é nesse sentido que os processos educativos que ocorriam tanto nas aulas de Teatro quanto naquelas de Voz e Violão sigam sendo realizados. É também nesse sentido que Antunes e Almeida (2019) apontam como deve caminhar a educação de pessoas idosas:

Neste enquadramento, os adultos idosos aprendem numa dinâmica de autoformação participada de forma construtivista e por descoberta, uma vez que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1981, p. 79). O conhecimento constrói-se num processo de interação e colaboração, no qual o educador assume, apenas, o papel de dinamizador do processo, criando as condições necessárias para que os adultos possam trabalhar de maneira autônoma e encontrar as soluções para as questões e problemas que têm interesse ou necessidade de solucionar. Esta forma participada e colaborativa de construir o conhecimento e a aprendizagem resulta, também, numa referem questões e problemas significativos das suas histórias de vida. (ANTUNES e ALMEIDA, 2019, p. 100).

Nessa mesma direção, outro momento de destaque, relacionado às práticas pedagógicas dos professores de Teatro e de Voz e Violão, foi a elaboração do espetáculo “A Era de Ouro do Rádio”, como já mencionado aqui. A análise da elaboração iniciou-se pela escolha da proposta pelo professor Daniel. Foi ele quem sugeriu a criação de um espetáculo sobre esse tema para o Centro de Referência da Pessoa Idosa. O professor incentivou os participantes das aulas de Voz e Violão e de Canto Coral a realizarem apresentações, valorizando o talento de cada um, ao cantarem e tocarem músicas dessa época, além de atuarem representando celebridades e políticos desse mesmo período. Além disso, Daniel buscou uma integração com os participantes das aulas de Teatro para que eles encenassem trechos da novela “O direito de nascer”, que foi exibida, inicialmente, como radionovela.

A temática dizia respeito a um período importante da música e da cultura nacional, época em que grandes nomes da música popular brasileira começaram a despontar, os quais muitos dos frequentadores dessas práticas educativas do CRPI tinham como referências musicais. A memória dos idosos acerca desse período da cultura popular brasileira foi resgatada com esse projeto. Além disso, o professor buscou realizar uma ação integradora entre os idosos que frequentavam suas aulas com aqueles que frequentam as aulas de Teatro.

Para iniciar a preparação do espetáculo, o professor anunciou sua ideia em cada uma das turmas nas quais dava aulas e pediu para que cada um dos idosos buscasse informações sobre o período para auxiliá-lo a montar o show. Ele perguntava aos alunos sobre quais eram os nomes dos cantores que fizeram sucesso nessa época, sobre quando o rádio chegou ao Brasil e quem era o presidente da República nesse período. Além disso, ele perguntava quem gostaria de participar representando algum artista no espetáculo. Nesse primeiro momento, alguns já falavam sobre nomes de artistas que cantavam no rádio nessa época. Enquanto os nomes iam aparecendo, o professor ia incentivando alguns dos estudantes a realizarem a representação dos artistas citados.

Na aula seguinte, o professor, após ensinar a tocar algumas músicas no violão, voltou a perguntar a respeito da pesquisa sobre a “A Era do Rádio” e os alunos foram participando, falando daquilo que pesquisaram, daquilo que se lembravam e de como gostariam de participar. Em relação à elaboração de propostas educacionais com os sujeitos e não para os sujeitos, Silva, Soares e Pinho (2021) afirmam que:

A atenção à riqueza das experiências culturais que formam as múltiplas identidades dos jovens e adultos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é de fundamental importância para construir um currículo “com” os educandos – e não “para” os educandos. Estabelecer um diálogo entre as necessidades e as demandas educacionais e culturais é um aspecto basilar para desenvolver o respeito às especificidades dos sujeitos que compõem a EJA. (SILVA; SOARES e PINHO, 2021, p.404)

Ainda no que se refere à preparação para o espetáculo, o professor anunciou que estava planejando uma visita ao “Museu da Imagem e do Som”, em Belo Horizonte, para que os estudantes conhecessem sobre os equipamentos usados naquele período. Ao tratar da visita, o professor perguntou quem se lembrava de alguma vinheta da TV Itacolomi. Alguns idosos se lembraram e cantaram. O professor Daniel, em vários momentos observados, buscava formas de exercitar a memória dos alunos por meio de perguntas. Em sua entrevista, ele relatou sua intenção em buscar formas de manter a memória de seus alunos ativa: “inclusive, o violão trabalha a memória. Por que eu busco as músicas lá, atrás? Por causa da memória. Trabalha a memória”.

Quanto à ida ao Museu da Imagem e do Som, a visita seria realizada durante uma tarde, no horário da aula. Haveria alguns carros disponibilizados pela prefeitura para que ela ocorresse, mas não seria possível a ida de todos os idosos por este meio, pois as vagas nos carros era em número inferior àquele dos interessados. Este era, inclusive, um dos pontos criticados pelos idosos durante as entrevistas. Para organizar a ida ao museu, o professor fez uma lista com os nomes daqueles que iriam por conta própria e daqueles que iriam utilizar o transporte da prefeitura.

Essa proposta, de ida ao museu, é um ponto que merece destaque na prática pedagógica do professor Daniel. Muito se fala, na educação, da utilização de trabalhos de campo para que se facilite e enriqueça a aprendizagem sobre determinado tema, mas, muitas vezes, o cotidiano da escola, o desinteresse do professor na realização desse tipo de atividade e os poucos recursos para essas ações acabam por inviabilizar a prática. Nesse caso, cabe ressaltar que o que Daniel propôs ultrapassa suas “obrigações” enquanto professor de Voz e Violão e de Coral, uma vez que, aparentemente, o objetivo final da sua prática educativa fosse o de ensinar técnicas para tocar violão ou cantar. Além de partir dele a sugestão da criação do espetáculo, ele propôs ampliar o conhecimento daqueles sujeitos acerca da história dos meios de comunicação, como o rádio e a televisão, e sobre esse período que iriam retratar no espetáculo, levando-os ao museu.

Percebe-se que a “Era do Rádio” se tornou o tema gerador de uma proposta pedagógica que foi além de apresentações musicais sobre o período. Tratava-se de uma prática pedagógica que buscou, além de ampliar o conhecimento dos sujeitos sobre a cultura musical do país, possibilitar a eles o acesso a bens culturais, como o Museu da Imagem e do Som e, a partir daí, a condição de exercitarem suas memórias sobre os equipamentos dos meios de comunicação e sobre outras vivências, como, por exemplo, recordar propagandas de épocas anteriores, as quais foram veiculadas em rádios e televisões.

Freire destaca que os temas geradores devem se relacionar às temáticas significativas, que podem ser vivenciadas nas relações homem-mundo. Deve-se tratar de temas que dizem respeito às realidades concretas de homens e mulheres. É nesse sentido que Freire (2008a) destaca a relevância do estudo sobre a cultura como conteúdo programático na educação. Para Freire (2008 a), homens e mulheres, sejam letrados ou iletrados, são produtores de cultura e, ao interferirem e modificarem elementos ao seu redor, acabam modificando suas realidades.

A construção do espetáculo foi um processo novo nas atividades do grupo Voz e Violão e alguns, como José, não acreditavam que as apresentações aconteceriam com a qualidade que conseguiram realizar. Sobre a organização do espetáculo, José apontou:

Aquela apresentação da Era do Rádio, eu não acreditava que aquilo ia dar certo, não. Eu até não acreditei quando vi aquela festança funcionando. Porque, nos ensaios, eu vi que o pessoal parecia não estar levando muito a sério. Então, eu pensei assim: não vai dar certo! Não vai dar certo! Mas, no final, todo mundo se interou se imbuíu daquela responsabilidade, e o Daniel... o Daniel é aquele que eu falei, ele é sempre para cima, então ele puxou o pessoal para cima dizendo: “vamos tocar essas músicas que ensaiamos e, vamos arrebentar! Vai dar certo!” Eu achei que deu muito certo. (JOSÉ, 72 anos).

O relato de José em relação ao resultado das apresentações demonstrou um trabalho realizado com o esforço dos envolvidos tanto do professor quanto dos idosos. A busca por uma prática inovadora promoveu aprendizagens e os levou a sentir novas emoções e a descobrir novas habilidades e talentos. Sobre essa forma de aprendizagem, Freire (2018) destaca:

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em que aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (FREIRE, 2018, p. 68).

A realização da apresentação foi um sucesso, já que ocorreu uma proposta, por parte da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, para que, após a pandemia de COVID-19, o espetáculo fosse apresentado em outros espaços da cidade. Em 2021, foram gravados vídeos, com novas apresentações para eles realizarem “A Era de Ouro do Rádio II”, ainda que de forma virtual. Há que se destacar também que houve resultados de ordem pessoal em relação aos idosos envolvidos no processo. É isso que o professor Daniel ressaltou:

teve pessoa que chegou perto de mim e falou: “mas você tá acabando comigo?”. E eu assustei: “por que que eu estou acabando com você?”. Ela falou: “porque, na época da Era do Rádio, a minha filha tava aqui (mostrando a barriga) e agora ela vem me trazer de carro”. Então, quer dizer, trouxe à tona, lá de trás, aquelas músicas que tocavam no rádio 40, 50, 60 anos atrás E hoje a filha vê a mãe se apresentar no palco, aquilo que ela ouvia quando estava grávida dela. Na época do projeto “A Era do Rádio”, eu ouvi várias pessoas falando isso. Inclusive uma que eu vou dizer o nome, a Dira, que é uma das minhas alunas que hoje me ajuda também a dar aula. Ela toca violão, ela toca pandeiro, ela toca xique-xique, ela toca cavaco. Então, quer dizer, ela se aperfeiçoou. E, no dia da “Era do Rádio” que nós fizemos aqui no Centro de Referência, ela se caracterizou de Hebe Camargo. Então, a filha dela falou: “minha mãe está radiante porque o sonho dela era conhecer a Hebe; ela não a conheceu pessoalmente, mas está representando a Hebe dentro do projeto”. Então são coisas que eu ouvi aqui... é tremendo! (DANIEL, 53 anos)

O relato do professor Daniel ressaltou os sentimentos de realização e as sensações agradáveis pelo fato de os idosos lembrarem momentos importantes da vida deles que participaram do espetáculo. O resgate da memória realizada pelo projeto foi um fator importante para o engajamento dos sujeitos na realização da atividade. Le Goff (1990, p. 424) afirma que a memória conserva as informações e “(...) remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de

funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

Algumas pesquisas vêm sendo realizadas no sentido de relacionar memória e envelhecimento. Na investigação de Paiva (2011), intitulada “Os sentidos do envelhecer: identidades e memórias de idosas”, encontrou-se como resultado que as memórias referentes aos fatos recordados favoreceram a constituição da trajetória de vida das idosas e do grupo investigado. Marinho e Reis (2016) concluíram que, a partir das memórias, as identidades foram sendo construídas e se reconfigurando no processo de envelhecimento. A pesquisa de Marinho e Reis (2016) destacou ainda que a memória familiar é fundamental para a formação da identidade e para a reconstrução do que passou.

Ainda sobre a memória e o processo de envelhecimento, a investigação de Lima (2016), intitulada “Memórias de leituras de idosos da UAIT/UFES: resignificando suas histórias”, trouxe como resultado que o ato de recordar é importante para que as pessoas, ao reviverem os momentos do passado, também resignifiquem suas trajetórias. Para Lima (2016), as memórias de histórias pessoais e das leituras realizadas contribuem para um envelhecimento saudável.

Para cada um dos participantes dessas atividades propostas pelos professores, há um sentido e uma realização pessoal em desenvolvê-las. Ainda em relação ao espetáculo “A Era de Ouro do Rádio”, Greice, uma senhora de 73 anos, que cantou ao vivo, representando a cantora Maysa, e que foi muito elogiada por sua performance, disse ao professor, durante uma aula remota, que ele havia realizado seu sonho de cantar em um palco, com um público assistindo, e que já tinha um próximo sonho a ser realizado com a ajuda dele, mas que só revelaria quando todos voltassem às aulas presenciais. Sobre sua apresentação, ela destacou:

Eu, por exemplo, eu subi naquele palco, naquele dia, por incentivo do Daniel. Mas eu tinha loucura para vencer aquele medo. Então, eu tive oportunidade de vencer o medo. E, sei lá, eu achava que não era eu que estava lá em cima, não. Não dá nem para acreditar, entendeu? E eu era louca para vencer aqui. E eu tenho outro desafio, que eu quero que o professor, também, seja parceiro, mesmo. (GREICE, 73 anos).

Assim, para ela, aquele instante foi a concretização de um sonho antigo, de cantar em público. Para outros, a realização com as atividades das aulas de Voz e Violão estava em aprender a tocar um instrumento musical. Isso foi o que apontou Celso, ainda durante a reunião de avaliação do evento comemorativo dos oito anos do CRPI:

Oh, eu tenho pouco tempo que eu estou no grupo, né? Era impensável que, há cerca de dois anos, eu pudesse desenvolver algum tipo de música, né? Porque eu não sabia



tocar nada de violão. Hoje eu não sei, não, mas já me evolui um pouquinho. Estou aprendendo. Mas só de você poder pegar um instrumento e cantar, eu acho que isso é sensacional. Então, eu tenho muito a agradecer o grupo pelo apoio e estou doido para voltar às aulas presenciais. Porque essa aula *online* é complicadíssima, viu? (CELSO<sup>30</sup>, 61 anos).

A heterogeneidade dos educandos, um tema tão abordado quando se trata de turmas de EJA escolar, também estava presente nas turmas com pessoas idosas no CRPI. Além da heterogeneidade em relação à raça, à condição econômica, ao gênero, à escolarização, às condições de saúde e em relação à idade, existiam as diferenças quanto aos objetivos que os levaram a frequentar as atividades. Alguns estavam ali para ocupar o tempo, outros para que pudessem aprender um instrumento; uns para fazer novas amizades, outros para que aprendessem a atuar; e, em alguns casos, havia aqueles que desejavam tudo isso.

Os idosos que chegavam naquele espaço traziam consigo expectativas e motivações próprias para que pudessem frequentar as atividades propostas. Cabia, então, aos professores, identificarem o que eles buscavam, compreender o limite de cada um e incentivar o desenvolvimento de novas habilidades. Sobre a percepção dos variados ritmos, das limitações de cada um e das diferentes motivações dos estudantes em suas turmas de Teatro, Fernanda apontou:

Olha, é um grande desafio, mesmo! Porque você tem que ter muita compreensão. Saber ouvir. Eu não posso exigir deles esse grau de profissionalismo. Porque eu fiz cursos, eu fiz faculdade, fiz pós-graduações, cinco pós em arte e eu tenho que ir dentro do limite deles. Respeitando o limite deles e, dentro disso, adequar. Eu preciso adequar ao movimento deles. Tem pessoas que eu puxo mais, tem pessoas que eu vou mais devagar. Mas eu gosto que todos participem, mesmo os que têm um desafio maior, mesmo os que eu sinto que têm um desafio maior... Eu sou psicodramatista, então, dentro da psicologia, dentro do meu lado professora, eu procuro um entendimento maior com cada um. Eu conheço cada um deles. (FERNANDA, 65 anos).

As singularidades dos sujeitos eram percebidas durante a convivência, no cotidiano das atividades, a partir da escuta atenta dos professores. É dessa forma que eles compreendiam melhor o que cada um esperava das atividades que desenvolviam. A professora Fernanda acrescentou: “Mas eu procuro sempre entender qual é esse idoso que tem essa vontade de fazer teatro, de estar comigo, até onde ele pode ir e como eu devo tratar esse idoso. (...) Nós já

---

<sup>30</sup> Celso era um senhor que participa ativamente das aulas de Voz e Violão, em especial, nesse período de atividades remotas. Ele não foi uma das pessoas escolhidas para ser entrevistado, no entanto, acredita-se que seu relato, nessa atividade remota, foi relevante para o tema discutido nesse trecho do trabalho e, assim, decidiu-se por trazê-lo para o texto.

nascemos artistas, agora vai depender da vivência que nós temos, né?”. Quanto às singularidades dos seres humanos, Santos e Antunes (2007) ressaltaram:

Cada ser humano revela-se em distintas internalizações e subjetividades, que o caracterizam e o identificam com exclusividade. Seja pelos processos motivacionais vivenciados por cada indivíduo, nos diferentes contextos sociais e culturais, ou pelas características individuais de cada um, o ser humano constitui-se na diversidade. (SANTOS e ANTUNES, 2007, p. 156).

Entre os idosos que participavam das atividades no CRPI, as singularidades se apresentavam nos desejos e nas expectativas de cada um, assim como nas condições de saúde física e mental. Na turma de Voz e Violão, uma das entrevistadas afirmou que chegou ao CRPI com depressão, causada pela morte de sua mãe, como já mencionado aqui, e foi ficando lá por se sentir acolhida e ver sua vida melhorar. Betânia não procurou pelas aulas de Voz e Violão para se tornar uma artista, mas buscava uma atividade para melhorar sua condição mental. Ela relatou que a depressão era tão forte que ela chegou a passar mais de uma semana deitada, sem ânimo nem mesmo para tomar banho. No entanto, ressaltou que a forma como o professor Daniel a tratava durante as aulas foi fazendo com que conseguisse sair da depressão e retomasse sua vida:

Eu acho que foi a ajuda do Daniel, em primeiro lugar. Porque ele me tratava de um jeito... – como que eu vou te falar? – ele me via triste, ele começava a enfiar agulha, para eu rir. Eu falo “enfiar agulha”, mexer com a pessoa, sabe? E foi assim. Ele olhava para mim e fazia careta, sabe como? Assim, de um jeito diferente. E eu peguei umas responsabilidades, assim, porque eu quis, não foi o Daniel que mandou. Eu dei sugestão ao Daniel para a gente ir para os asilos cantar para os velhos, eu dei uma sugestão... Uma porção de sugestão que eu dei ao Daniel. E tudo que eu falava com ele, ele acatava. (...) Defendo o Daniel em qualquer lugar. E devo muita obrigação a ele. Então, quer dizer, eu acho que foi esse acolhimento que eu tive que me ajudou. Porque, se fosse o tipo de tratamento de uma outra pessoa, que eu não sei como seria, talvez eu não teria ficado lá. (BETÂNIA, 74 anos).

A escuta e o acolhimento do professor fizeram com que Betânia permanecesse frequentando as atividades de Voz e Violão. A forma como ele a fazia se sentir nas aulas fez com que ela gostasse de estar ali, aprendendo e convivendo com outras pessoas. Com o passar do tempo, Betânia foi ganhando confiança e começou a propor algumas novidades ao professor, dentre elas, a proposta para que os integrantes das aulas de Voz e Violão passassem a realizar visitas em ILIPs, tocando e cantando para os idosos internos. Essa atividade é desenvolvida pelo grupo há alguns anos e é uma prática hoje reconhecida como uma marca das ações do grupo. A escuta de Daniel a Betânia se relaciona com o que nos aponta Freire (2018, p. 117): “Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar,

no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro”.

As ações de ouvir e valorizar as sugestões dos aprendizes idosos faziam com que eles se sentissem respeitados e reconhecidos como integrantes do processo educativo, aumentavam a confiança deles em si mesmos, faziam com que eles se sentissem úteis, ampliavam o sentimento de pertencimento do grupo e melhorava a autoestima desses sujeitos. A fala de Betânia se relacionava com a forma como Daniel dizia que preparava para desenvolver suas aulas:

A primeira coisa é que, quando eu chego aqui, eu avalio como está meu dia. Segunda coisa, eu lembro quando eu estudava. Quais seriam as coisas primordiais que chamariam minha atenção? Então, eu me coloco no lugar do idoso, assim como um professor na sala de aula se coloca no lugar do aluno. O que eu quero aprender hoje? O que eu quero pra mim? O que eu quero pra mim é o que eu quero para a segunda pessoa, para aquele senhor, aquela senhora. Então eu avalio quando eu chego, o que eu realmente quero transmitir. Eu tenho que transmitir pra eles o que eu acho que vá chamar atenção e que eles escutem a minha voz. E, através da minha voz, a minha intenção, a minha intenção de mostrar que ele está em atividade; segundo ponto primordial é que ele está produzindo. E o terceiro é que ele saiba que aquilo tudo que eu desejei, que vem do fundo, que vem da alma. Que, quando eu dou aula, eu me entrego no meio deles. Eu faço bagunça. Então, eu procuro primeiro, me sentir à vontade no meio deles. Eu brinco com um, eu brinco com outro... Aí, depois que eu vi que eu conquistei a confiança deles, aí eu começo a dar a aula. Primeiro eu conquisto o meu aluno. Igual hoje, eu fui chegando, eu fui ensinar como usar a voz, para atender um telefone, para conversar, para não ter uma voz irritante. Aí eu mostrei pra eles que eles são importantes para conversar, nos lugares que a gente se apresenta, é muito importante a maneira deles se sentarem, a maneira como eles vão se conduzindo até a apresentação, a maneira do comportamento, mesmo eles sendo idosos. Uma coisa que eu aprendi muito se chama valorização. Valorizar o sujeito. **Valorizar os meus alunos.** Aí eu me coloco, eu não sou um professor, eu sou um músico e estou te passando informações e essas informações eu quero que você aprenda a postura, a maneira de se conduzir, de se apresentar, de proceder diante de dois, três, dez ou mil pessoas. Seria a mesma característica na tonalidade de voz, na hora da apresentação, do olhar, do rosto, das mãos, articularem no momento certo, na hora certa. Porque eu não só trabalho com a voz ou com as mãos, eu trabalho com a personalidade de cada um. Então eu sempre trago isso, a valorização de cada um. (DANIEL, 53 anos, grifo nosso).

Além de lidar com as questões psicológicas de alguns idosos, como foi o caso de Betânia, o professor Daniel teve alunas com deficiência em suas turmas, como já mencionado aqui. Na turma do Canto Coral, havia uma senhora que era cega e que ia às aulas sempre acompanhada por seu filho. Na turma de novatos, de Voz e Violão, chegaram, no segundo semestre de 2019, duas alunas cegas. A deficiência visual, das estudantes das aulas de Voz e Violão, fez com que o professor tivesse que buscar novos métodos para ensiná-las. As apostilas digitadas não as auxiliavam na aprendizagem. Com uma dessas alunas cegas, ele ensinou as

notas musicais utilizando os nomes dos seus filhos dela. Daniel destacou como ensinava Martinha<sup>31</sup> a aprender a tocar violão:

Uma delas, nas primeiras aulas, ela já tá, assim, tá radiante, tá tocando, né?! Então ela mesma aprendeu uma tática. Então ela pega o polegar, no primeiro dia, eu ensinei pra ela: aqui acabou, aqui é o braço do violão; aqui é a mãozinha do violão; depois da mãozinha, vêm as tarrachas, depois das tarrachas ... é quando termina o braço do violão, aí começa a primeira casa, segunda... aí eu mostrei pra ela, pra ela vir com o dedo indicador, passando a mão. Quando chegar no braço, ela conta um, dois, na segunda casa, aí, ela desce as cordas, a primeira, a segunda, a terceira. Na terceira corda, você vai colocar ali seu indicador, é a corda de Ré. Mais embaixo, nós temos uma outra corda, com o outro dedo chamado “maior de todos”, é a outra corda, ela se chama Sol. Com seu anelar, a terceira corda, na segunda casa, mesmo, é a corda de Si. Então nós pegamos três acordes para fazer uma nota, chamada de Lá maior. A gente pegou a corda de Ré, a corda de Sol e a corda de Si e formamos um acorde, chamado Lá maior. Então, ensinei pra ela dessa forma. (DANIEL, 53 anos).

No entanto, a forma utilizada por Daniel para ensinar Martinha não estava funcionando com a Lídia<sup>32</sup>, a outra aluna cega. Daniel chegou a buscar por um aplicativo que ela pudesse usar no celular, em casa, para ir aprendendo sobre as notas musicais. Além disso, ele fazia um trabalho, na sala de aula, mais individualizado com ela:

A outra já tem um pouco de dificuldade. O que eu estou fazendo? Eu estou trabalhando, primeiro, a articulação, porque ela perdeu a confiança do que segura, ela perdeu a confiança, ela perdeu a confiança de onde ela coloca os pés. Então, na aula de violão hoje, além dos outros alunos, eu estou ensinando essa tática pra elas. Que é uma teoria para ensiná-las mais rápido a aprender o violão. Porque, com as mãos dela hoje, ela perdeu a autoconfiança. Foi o que eu falei hoje com ela e com o filho dela. Eu falei: “oh, Lídia, você vai confiar na minha palavra, na minha voz e eu vou te mostrar o que você vai fazer”. (DANIEL, 53 anos).

A percepção de Daniel quanto às limitações e quanto aos desafios para o aprendizado de cada um era resultado de um olhar atento durante as aulas. O professor afirmou que aprendeu a prestar atenção na receptividade de seus ensinamentos por parte de seus alunos, a partir de sua experiência como cantor nos palcos: “Então, quando eu canto ‘*quando eu estou aqui, eu vivo esse momento lindo*’, eu tenho que ver nos seus olhos, em você, que essa música está fazendo bem pra você. A minha percepção tem que estar bem aguçada com meu público e com os meus alunos”. Ainda em relação aos seus educandos, Daniel afirmou:

E com os outros alunos a minha percepção tem que ser essa. Eu posso estar cantando ou tocando, mas eu tenho que estar atento aos meus alunos. Se estão respirando corretamente, se estão atentos, com os olhos fixos. Porque, de acordo como você está

<sup>31</sup> Nome fictício utilizado para tratar uma das alunas cegas sobre a qual o professor Daniel se referiu no relato aqui transcrito.

<sup>32</sup> Nome fictício utilizado para tratar a outra estudante cega sobre a qual o professor Daniel se referiu.

me olhando, você está prestando atenção no que eu falo. Então eu estou olhando seus olhos e vejo que você está consumindo, né? Você está se alimentando daquilo que eu falo. Assim também são eles. (DANIEL, 55 anos).

Ao discutir sobre a educação de pessoas idosas, Doll (2017) destaca a variedade de processos educativos e de formas de aprendizagens existentes, além das motivações e funções distintas que a educação tem para cada uma dessas pessoas. Segundo Doll (2017),

Isso se deve justamente à heterogeneidade entre as pessoas idosas, bem como aos diferentes desafios que o processo de envelhecimento representa para as mesmas. Finalmente, contribui a série de contextos diferentes em que pessoas idosas vivem e o fato de que cada uma dessas pessoas traz consigo sua própria história biográfica. (DOLL, 2017, p. 3560).

Ainda sobre essa discussão, o mesmo autor apresenta as várias dimensões que podem estar presentes no processo educativo de pessoas idosas: socioeducativa; do lazer; compensatória; emancipatória; de atualização; e das capacidades cognitivas. Cada sujeito que vem em busca de uma atividade educativa, como no caso das práticas analisadas, carrega consigo expectativas em relação a uma ou mais de uma dessas dimensões e cabe ao professor identificar e auxiliar no percurso para que cada um possa atingir seus objetivos.

Segundo Doll (2017), o foco da dimensão socioeducativa é desenvolver novos contatos e outras relações sociais. O autor ressalta que a manutenção das relações sociais se deve, em grande medida, pela “competência dialógica, baseada em ‘virtudes comunicativas’, competência esta que precisa ser aprendida e treinada (Burbules e Rice, 1993)”. (DOLL, 2017, p. 3560).

Quanto à dimensão do lazer, Doll (2017) aponta que ela surge quando as pessoas idosas passam por transformações importantes em suas rotinas, como, por exemplo, após a aposentadoria ou quando os filhos saem de casa. Esses acontecimentos promovem o aumento do tempo livre na vida dos idosos e possibilita a eles preencherem seus dias com atividades educativas que sejam significativas. Segundo o autor, a criação das Universidades da Terceira Idade se relaciona com essa dimensão. Podemos dizer que a busca pelas atividades ofertadas no CRPI também se relaciona à dimensão do lazer.

A dimensão compensatória, de acordo com Doll (2017), diz respeito ao fato de que muitos desses sujeitos tinham, durante anos e anos de suas vidas, o desejo de aprender determinada coisa, mas não tiveram, até aquele momento, a oportunidade para que realizassem seus sonhos. A dimensão emancipatória, segundo o mesmo autor, ocorre quando o idoso passa a compreender melhor o mundo que o cerca, tendo mais condições de intervir. A dimensão

emancipatória está ligada à capacidade do idoso de acreditar na sua capacidade de aprender e de compreender o mundo e, ainda, de ter as competências e os instrumentos necessários para sua participação mais efetiva na sociedade. No entanto, Doll (2017, p. 3562) destaca que “No contexto de trabalho com pessoas idosas, especialmente em condições desfavoráveis, este foco é da maior importância, pois além de outros preconceitos que possam existir em relação a este grupo (classe social, etnia, gênero), ainda há os preconceitos em relação à idade”.

No que diz respeito à dimensão de atualização, Doll (2017) afirma que ela consiste em ir aprendendo e se adaptando às mudanças constantes do mundo, assim, cita as aprendizagens ligadas à área da informática como um exemplo importante nesse sentido. Já quanto à dimensão das manutenções das capacidades cognitivas, o autor ressalta que os processos educativos são capazes de assumir uma função profilática, uma vez que:

os dados das pesquisas gerontológicas demonstram, claramente, que as capacidades que continuamos exercendo mantêm o seu funcionamento, enquanto a passividade leva à perda de capacidades. Isso vale também para nossas capacidades cognitivas, como a memória e a reflexão. Dessa forma, utilizando o cérebro, manter-se informado, continuar aprendendo, treinando a memória é a melhor forma de se proteger ou amenizar possíveis perdas cognitivas que possam acontecer, geralmente por causa de doenças. (DOLL, 2017, p. 3562).

Percebe-se que as práticas educativas desenvolvidas nas atividades do Teatro, assim como naquelas de Voz e Violão, eram capazes de atender a cada uma dessas dimensões, a partir dos anseios e das necessidades dos idosos que delas faziam parte. Em muitos casos, havia uma conjugação dessas dimensões no desenvolvimento dessas práticas educativas. Os relatos dos sujeitos da pesquisa apontaram que, ao buscarem por uma das dimensões apresentadas por Doll (2017), frequentando as práticas educativas no CRPI, foram alcançando outras e, com isso, obtiveram ganhos na qualidade de vida, conforme será discutido no capítulo 5.

É interessante destacar que, apesar de se tratar de aulas de Teatro e de Voz e Violão, os conteúdos e as formas como as atividades ocorriam faziam com que esses processos não se limitassem ao ensino de técnicas de artes cênicas ou de técnicas musicais, simplesmente. Eram processos educativos abrangentes que diziam respeito à convivência, aos direitos das pessoas idosas e às aprendizagens relacionadas a uma atuação mais efetiva desses sujeitos no mundo. Essas práticas educativas se relacionavam com o que Gohn (2014) destaca, ao apresentar seu texto *Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos*:

Em síntese, adota-se neste texto uma perspectiva de aprendizagem como sendo um processo de formação humana, criativo e de aquisição de saberes e certas habilidades que não se limitam ao adiestramento de procedimentos contidos em normas

instrucionais, como em algumas abordagens simplificadoras na atualidade. Certamente que em alguns casos há a incorporação ou a necessidade de desenvolver alguma habilidade ou grau de "instrumentalidade técnica", não como principal objetivo e nem o fim último do processo. (GOHN, 2014, p. 39).

As aprendizagens relacionadas às práticas pedagógicas das turmas de Teatro e das turmas de Voz e Violão se dão deram numa perspectiva humanística e libertadora. Para além das práticas que ocorriam nos momentos destinados às temáticas das artes cênicas ou da música, havia conteúdos discutidos acerca da vivência do envelhecimento humano. A educação ofertada dessa maneira remetia a Freire (2021):

a educação vai além da mera transferência de técnica. Eu vejo como perigosa a possibilidade da educação se reduzir à técnica, se transformar meramente em técnica, em uma prática que perde de vista a questão do sonhar, a questão da boniteza, a questão de ser, a questão da ética. (FREIRE, 2021, p. 32).

Além desses temas, as exposições das peças de teatro, sejam no CRPI ou em outros espaços da cidade, assim como as visitas do grupo de Voz e Violão às ILPIs e suas apresentações em diferentes locais da Região Metropolitana de Belo Horizonte, contribuíam para a formação artística dos idosos e para reconfigurar suas atuações sociais, assim como para melhorar a autoestima de cada um dos participantes. Havia momentos nos quais os participantes do grupo Voz e Violão faziam apresentações até mesmo sem a presença do professor. Sobre estas apresentações, Felipe, em sua entrevista, destacou:

Essa peça *Sete Malas*, mesmo, nós fizemos uma apresentação lá no Sesc Palladium, eu achei que foi muita gente, eu achei que ficou muito maravilhosa. Lá é bonito, né? Nós fizemos naquele de... porque tem dois. Tem dois palcos. Nós fizemos no menor. Mas, mesmo assim, eu achei muito chique. E, modéstia à parte, eu tenho... a minha participação nessa peça aí, ela é boa, sabe? Tudo fui eu que criei, eu mesmo. Eu dei uma vida no personagem que eu faço, as falas, tudo eu que criei. Então... eles dão essa liberdade à gente. Aí eu fico... As coisas que eu crio, eu tenho um amor pelas coisas que eu crio! Eu sou muito humilde, mas eu tenho uma vaidade pelas coisas que eu crio, que eu mesmo crio. Eu acho que é como se fosse um filho ali. Então, eu tenho aquele cuidado com as coisas que eu crio, aquele carinho. (FELIPE, 83 anos).

O relato de Felipe demonstrou como uma prática educativa, que valoriza o saber dos idosos e possibilita o desenvolvimento de suas habilidades, faz com que eles saiam da invisibilidade social, na qual esses sujeitos, muitas vezes, são colocados. Esta invisibilidade social ocorre principalmente em sociedades capitalistas, voltadas para a valorização dos grupos considerados economicamente produtivos. Práticas como aquelas desenvolvidas no CPRI, que levam em consideração as ideias das pessoas idosas para sua elaboração e valorizam a atuação

desses sujeitos, fazem com que eles se percebam como capazes e os retiram do lugar do processo de desumanização, muitas vezes imposto a quem atinge idades mais avançadas.

Freire (1983), em seu livro “Extensão ou comunicação?”, propõe a comunicação como processo educativo humanizador, defendendo a necessidade de um humanismo que seja concreto, realizado com rigor científico, e que não seja alienado, sem deixar de ser esperançoso e amoroso. Essa discussão proposta por Freire (1983) se relaciona com o que Felipe apresentou em seu relato sobre a apresentação no *SESC Paladium*, em especial quando Freire defende que:

Humanismo, que vendo os homens no mundo, no tempo, “mergulhados” na realidade, só é verdadeiro enquanto se dá na ação transformadora das estruturas em que eles se encontram “coisificados”, ou quase “coisificados”. Humanismo que, recusando tanto o desespero quanto o otimismo ingênuo é, por isto, esperançosamente crítico. E sua esperança crítica repousa numa crença também crítica: a crença em que os homens podem fazer e refazer as coisas; podem transformar o mundo. Crença em que, fazendo e refazendo as coisas e transformando o mundo, os homens podem superar a situação em que estão sendo um quase não ser e passa a ser ou estar sendo em busca do ser mais. (FREIRE, 1983, p. 74).

Assim, percebe-se que as práticas educativas analisadas estavam além do ensino específico de componentes artísticos. Elas consistiam em práticas humanizadoras que, conforme nos apontou Gohn (2014), se preocupavam com uma formação humana, que se baseasse no incentivo da criatividade e na aquisição de saberes e habilidades que não se limitassem às questões puramente técnicas das áreas ensinadas e que fizessem com que esses idosos se sentissem mais felizes e mais capazes para atuar socialmente.

Além de estarem atentos as especificidades de cada aluno presente na sala de aula, tendo que lidar com as diferentes expectativas e limitações, propondo metodologias mais adequadas para atingir os objetivos daqueles que buscavam por suas atividades e com o objetivo de ampliar os benefícios gerados por elas em outros aspectos da vida desses sujeitos, o ano de 2020 trouxe mais um desafio para as práticas pedagógicas desses professores. A pandemia da COVID-19, como já abordado aqui, fez com que as atividades presenciais fossem suspensas e foi necessário reorganizar o trabalho. O próximo subitem trata dessa reorganização das atividades de Teatro e de Voz e Violão durante o necessário isolamento social.

### **4.3 – As práticas pedagógicas de Teatro e de Voz e Violão durante a pandemia**

A pandemia da COVID-19 provocou mudanças profundas nas formas como as atividades de Voz e Violão e de Teatro estavam sendo organizadas. Diante da suspensão das atividades do CRPI, em março de 2020, a retomada das atividades, no mês de julho do mesmo



ano, teve que ser repensada, devido à necessidade do distanciamento social, buscando evitar a propagação do novo coronavírus e a contaminação dos sujeitos envolvidos nas práticas pedagógicas. Sobre os efeitos da pandemia da COVID19 na educação, Pasini, Carvalho e Almeida (2020) ressaltam:

A COVID-19 nos levou a uma dessas situações emergenciais. A pandemia afastou os alunos presenciais, da educação básica e do ensino superior, das salas de aula. Os gestores educacionais ficaram naturalmente atônitos e a reação demorou um pouco a ocorrer. Surgiram, então, as necessidades de adaptação e de superação, tanto por parte da gestão, dos docentes quanto pelos discentes, incluindo toda a sociedade. (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020, p. 3)

Os estudantes e os professores já mantinham contato por meio de grupos do *WhatsApp*, antes mesmo da pandemia da COVID-19, mas o uso do aplicativo era apenas para a interação no dia a dia, entre os membros do grupo, e para disparar avisos relevantes sobre as atividades. Não era um espaço destinado às práticas pedagógicas. Entretanto, foi por meio desse aplicativo de mensagem, que as aulas de Teatro passaram a ser realizadas, toda terça-feira, de 14h às 15h.

No caso das turmas de Voz e Violão, o grupo de *WhatsApp* passou a servir como veículo de comunicação entre os participantes, para que houvesse discussões sobre quais aplicativos seriam usados para a realização das aulas, por videoconferência. Além disso, com o passar do tempo, aquelas pessoas começaram a utilizar o grupo, como já mencionado aqui, como espaço de trocas de vídeos dos próprios estudantes e de cifras de músicas incentivando, assim, o aprimoramento de técnicas.

As metodologias utilizadas pelos dois professores precisaram passar por novos planejamentos e reorganizações, já que os encontros presenciais com as turmas não poderiam mais acontecer naquele período. Os professores tiveram que se reinventar, buscando novas alternativas, e os estudantes tiveram que se adaptar ao novo formato, sem que houvesse previsão de retorno ao modelo anterior.

Vale ressaltar que nem todos os educadores brasileiros tiveram formação adequada para lidarem com essas novas ferramentas digitais, precisam reinventar e reaprender novas maneiras de ensinar e de aprender. Não obstante, esse tem sido um caminho que apesar de árduo, é essencial realizar na atual situação da educação brasileira. (CORDEIRO, 2020, p. 10).

Santos (2020) realizou uma pesquisa sobre as experiências vivenciadas pelos educadores de língua inglesa, na educação básica, ao terem que instituir aulas remotas durante a pandemia da COVID-19. Os resultados dessa investigação apontaram que, depois dos desafios com o novo formato das aulas, quando os docentes tiveram que ir descobrindo novos recursos

didáticos e novas metodologias, os professores vinham, gradativamente, se adaptando ao novo contexto.

Nas aulas de Teatro, como já mencionado aqui, os encontros semanais eram iniciados com um vídeo da professora contendo sempre uma mensagem positiva e, na sequência, ela encaminhava um vídeo que tratava de algum tema relacionado às artes cênicas, o qual era debatido com a turma. No entanto, a aula não se resumia às questões próprias do teatro. A professora propunha uma atividade chamada “Qual é a música?”, na qual ela encaminhava vídeos, nos quais aparecia tocando uma parte de algumas músicas no piano, e pedia para os integrantes do grupo adivinharem quais músicas seriam aquelas. Os estudantes participavam mandando áudio ou escrevendo os nomes das canções. Além disso, os próprios idosos começaram a fazer atividades de adivinhações e charadas durante o período das aulas. Alguns participantes do grupo mandavam vídeos, nos quais eles se apresentavam em casa. Os vídeos expunham suas produções realizadas naquele período como, por exemplo, cenas teatrais, músicas ou poesias criadas por eles.

A cada encontro havia a proposta de uma temática, buscando promover a discussão no grupo. Passaram por temas diversos, como brincadeiras da época de criança, discussões sobre propagandas que eles recordavam e até mesmo sobre os animais de estimação que tinham ou gostariam de ter. Tais atividades contribuía para manter o entrosamento do grupo, mesmo diante da necessidade do distanciamento social. Contribuía para que os idosos exercitassem suas memórias, ao trazerem as lembranças das brincadeiras da infância ou sobre as peças publicitárias que eles se recordavam, ou ainda quando precisavam rememorar canções na atividade “Qual é a música”, por exemplo.

Sobre o trabalho com a memória da pessoa idosa, é importante destacar a valorização de cada um e a autovalorização do grupo a partir dessas práticas. Bosi (1994, p. 84) questiona “Por que decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências”. As conversas no grupo, as trocas de experiências e produções, as brincadeiras e as mensagens de positividade, diante de um momento tão difícil para a humanidade, fizeram com que as aulas fossem também ressignificadas. De acordo com Bosi (1994), valorizar e dar visibilidade ao saber transmitido por meio da oralidade da pessoa idosa são formas de se evitar o apagamento da memória dos velhos e da memória da sociedade.

Em relação ao papel das atividades lúdicas para a contribuição de um envelhecimento ativo, Veras e Caldas (2004) afirmam que todos os idosos deveriam fazer parte de atividades como o teatro, as danças, os jogos e as atividades físicas e dinâmicas, pois, ao trabalharem em

grupo, estimulariam a mente, o físico, os sentidos, ampliariam os círculos de amizades, passariam a ficar menos inibidos e se tornariam mais ativos.

É interessante destacar que, mesmo com o distanciamento físico, as produções artísticas foram acontecendo nos encontros das turmas de Teatro. Além das dinâmicas apresentadas anteriormente, a professora incentivava a produção artística do grupo. Um destaque nesse período foi a criação de uma personagem por parte de Aureliana, integrante do grupo. Ela criou, como já apontado aqui, uma bonequinha que, mais tarde, veio a receber, por parte da professora, o nome de Boneca Pandêmica. Aureliana criou uma personagem, com voz característica, que, ao enviar áudios no grupo, as pessoas já a identificavam como a Bonequinha Pandêmica. Essa bonequinha dava muitos palpites durante as aulas e brincava com os colegas. Aureliana ainda gravava vídeos, com vestido próprio, representando a Bonequinha Pandêmica.

Outro participante que fez produções interessantes durante a pandemia foi Felipe. A partir das aulas de Teatro e das aulas de Contação de história, as quais participa no CRPI, ele criou um canal no *Youtube* para contar suas histórias, recebendo, para tanto, o auxílio do seu neto. A cada vídeo gravado, ele divulgava no grupo de *WhatsApp* do Teatro. Sobre seu canal no *Youtube*, Felipe ressaltou que:

Foi na pandemia que eu comecei. Eu fiquei muito parado, Isa, e eu comecei a adoecer. Porque eu sempre fui muito dinâmico, eu não aguento ficar parado. E eu criei esse canal e isso aí me fez um bem. Se eu estivesse sem ele, eu não sei como eu estava, não, viu? Porque, mesmo com ele... Que agora ele deu uma parada. Porque eu tenho um neto que ele que faz as coisas para mim e agora ele está meio rebelde e, aí, o meu canal deu uma parada. Então, eu estou sentindo um... eu sinto aquela falta. Eu tenho que estar mexendo e fazendo alguma atividade, senão eu... Então, esse canal me fez muito bem, viu? Muito bem, mesmo. (FELIPE, 83 anos).

A pandemia da COVID-19, conforme nos aponta Felipe, foi um momento difícil, no qual muitas pessoas foram afetadas também psicologicamente, devido à necessidade de se manterem isoladas em casa, sem que pudessem seguir com suas rotinas. No entanto, as aulas remotas, no caso desses idosos, foram formas de eles continuarem produzindo arte e, ao mesmo tempo, manterem contato, ainda que a distância.

A liberdade e o incentivo para a criação artística desses idosos fizeram com que eles se sentissem protagonistas de seus processos de desenvolvimento e de aprendizagem. Esse protagonismo permitiu a eles acreditarem mais em si mesmos e essa autoconfiança provocou mudanças de atitude e de postura em outros espaços de suas vidas. Para Antunes e Almeida (2019),

O segredo da intervenção educativa na terceira idade parece residir na metodologia de intervenção, dado constatar-se que um projeto de educação e aprendizagem significativo na terceira idade é um projeto que pressupõe, ou implica, mais do que uma participação ativa, um fortalecimento sistemático da participação e a criação de condições para que essa participação se efetive, atribuindo aos participantes o papel de protagonistas do seu processo de educação/aprendizagem (ANDER-EGG, 1990; GARCÍA, & SÁNCHEZ, 1997; MARCHIONI, 2001) os quais assumem o papel de agentes ativos do seu processo de desenvolvimento humano. (ANTUNES e ALMEIDA, 2019, p. 100).

Podemos dizer que essas práticas pedagógicas promoviam o empoderamento social dos idosos. Barquero *et al.* (2012) analisam a concepção de Paulo Freire sobre o empoderamento e afirmam que esse surge a partir de um processo de ação social no qual os sujeitos, por meio da interação com outras pessoas, vão desenvolvendo o pensamento crítico frente à realidade e vão tomando posse de suas próprias vidas. Barquero *et al.* (2012) ressaltam que essa categoria abarca noções de democracia, de direitos humanos e de participação. Afirmam que um empoderamento eficaz se faz por meio do envolvimento de dimensões individuais e coletivas no seu processo.

No caso das turmas de Voz e Violão, as aulas sofreram transformação na forma como os idosos passaram a tocar as músicas. Durante as aulas presenciais, as músicas eram tocadas de forma coletiva. O professor propunha que tocassem e cantassem determinada canção que constava nas pastas de letras e cifras e todos o acompanhavam. No entanto, com as aulas remotas, foi necessário tornar as práticas mais individualizadas.

Os encontros, como já mencionado, eram realizados por meio de aplicativos de videoconferência. O professor abria uma sala virtual e mandava o *link* pelo grupo do *WhatsApp*. Durante o encontro, cada estudante escolhe escolhia uma música para tocar e os outros assistiam à apresentação. Após tocarem, eles conversavam com o professor e entre eles sobre as notas musicais usadas para executar a canção e sobre se estava correta a forma como esta canção havia sido desempenhada. A mudança se deveu ao fato de que, quando mais de uma pessoa toca ao mesmo tempo, há interferências no som, o que prejudicaria a audição da execução da música pelo grupo, e o professor acabaria não conseguindo acompanhar, de forma individualizada, o desenvolvimento de cada um que estivesse tocando remotamente. José, ao ser questionado sobre o que estava achando das aulas remotas, ressaltou que as mudanças ocorridas prejudicaram o estilo do grupo, de tocar e cantar as músicas de forma conjunta. Sobre esse aspecto, José ressaltou:

Bom, mudar, mudou, né? Agora, para o grupo, ficou pior. Quer dizer, até outro dia, eu opinei sobre isso, com você mesmo, foi que, para essa convivência com o pessoal, para manter o relacionamento que tem entre certas pessoas do grupo, foi muito bom. Mas, para o grupo, do Voz e Violão, que é treinar música, e mostrar aquele coletivo,

de ter aquele coral, foi pior. As músicas que eu tinha... que a gente tocava lá no grupo, eu tive que mudar tudo... quase todas eu mudei o tom, porque, sozinho, eu não consigo alcançar o tom que tocava no grupo, entendeu? (JOSÉ, 72 anos).

As descrições das atividades acima demonstram como o período era desafiador e necessitava de adaptações tanto da parte dos professores quanto da parte dos estudantes. Assim como ocorreu com José, a forma dos demais idosos, de ensaiar as músicas em casa, também foi sendo modificada. Além desse aspecto, eles passaram a lidar com sua aprendizagem, feita de outra maneira, menos coletiva. Apesar da existência dos grupos tanto de Teatro quanto de Voz e Violão, nos quais os participantes compartilhavam, durante a pandemia, as atividades que vinham realizando, por meio de vídeos, a construção elaborada em conjunto, em tempo real, como era feita nas dependências do CRPI, teve que ocorrer por cada um, individualmente, em sua residência, e, na maioria dos casos, cada qual em seu próprio tempo.

Apesar das diferenças e das limitações impostas para a realização das atividades remotas, essas ações permitiram aos idosos, que participavam delas de forma mais frequente, se conhecerem melhor. Foram, assim, estreitando laços de amizade e percebendo talentos de membros do grupo que até então eles não conheciam. É o que revelou o relato de Dalva, durante a reunião ocorrida após a comemoração dos oito anos das aulas de Voz e Violão:

Tem muita gente que tem muito para dar, sabe, que tem potencial, e que chegou no CRPI, por a turma ser muito grande, aí, a pessoa fica acanhada, aí, não demonstra o que ela sabe. Então, com esse trabalho aí que a gente está fazendo *online*, ou mesmo esses contatos, a gente descobriu muitos talentos, sabe? Tanto no violão, né, Daniel? Aquela moça lá, a Tânia, dá um *show* de música caipira com o violão. No entanto, ela fica escondidinha na sala, sabe? Então, eu não sabia, eu tinha a impressão de que ela não sabia nem mexer com o violão. No entanto, ela deu um *show* com várias músicas no CRPI em casa. Parece que ela já cantou duas músicas, ela tocando. Então, como ela tem outras pessoas, também, que estão se revelando, com habilidade boa, e que a gente tem que buscar isso para nós, para o nosso lado. (DALVA<sup>33</sup>, 67 anos).

No entanto, deve-se ressaltar que as observações permitem concluir que o número de estudantes que participaram efetivamente das atividades remotas é muito inferior ao número de participantes das turmas presenciais. Entre os motivos para a não participação nas aulas remotas, pode ser citada a ausência de acesso a equipamentos e a recursos que permitissem acessar as aulas, como *smartphones*, computadores e internet. Isto se deu tanto por condições financeiras quanto pela dificuldade no uso das novas tecnologias. Inclusive, duas senhoras, as quais já haviam sido entrevistadas para a pesquisa, não participavam das atividades que estavam

---

<sup>33</sup> Dalva não foi uma das pessoas escolhidas para ser entrevistada, no entanto, entendeu-se que esse seu relato, feito durante uma atividade remota, contribuiu para a análise realizada. Ela era uma senhora que participava de forma ativa das atividades do grupo de Voz e Violão.

sendo ofertadas remotamente. Decidiu-se, então, fazer uma ligação telefônica para elas visando compreender o porquê de suas ausências, já que gostavam tanto das atividades.

Ana, que participava presencialmente das atividades das turmas de Voz e Violão e de Teatro, disse que não estava conseguindo acompanhar as aulas remotas por não saber utilizar o *smartphone*. Ela contou que seu filho lhe presenteou com um aparelho moderno, mas que não tinha paciência para ensiná-la. Ana ainda afirmou:

Menina, eu estava na aula de informática no CRPI, mas eu ainda não tinha aprendido a mexer no celular. Eu, às vezes, faltava da aula e agora veio essa pandemia e tudo teve que parar. Se eu soubesse que ia me fazer tanta falta nesse período, eu tinha sido uma aluna mais dedicada e já estaria usando. (ANA, 67 anos).

Claudina, aluna da turma de Teatro, de 95 anos, afirmou que mantinha contato com a professora Fernanda, por meio de ligações telefônicas, e que estava sabendo das aulas remotas, via *WhatsApp*, mas que não tinha condições de acompanhar os encontros, por ela não saber manusear o *smartphone*. Sobre as dificuldades dos idosos em relação às tecnologias digitais durante a pandemia da COVID-19, Costa *et al.* (2021) apontam que:

Em relação às barreiras, participantes idosos dos estudos realizados na China, Itália e a revisão de literatura realizada por suecos, relataram que as questões técnicas de funcionamento; dificuldades no gerenciamento e manuseio da tecnologia; o custo dos aparelhos com relação direta sobre a renda; design inadequado e divergente da preferência do idoso; limitações físicas e funcionais, como visão reduzida e deficiência física; além do sentimento de pouca confiabilidade e segurança, se caracterizaram como limitadores da incorporação das tecnologias pelos idosos (Sun *et al.* 2020; Rolandi *et al.* 2020; Tsertsidis *et al.* 2019). (COSTA *et al.*, 2021, p. 10).

No caso das atividades investigadas, as dificuldades diante das aulas remotas não estavam situadas apenas nas condições de acesso. Mesmo durante as aulas de Voz e Violão com aqueles que conseguiam acessar os aplicativos, era comum ver a dificuldade dos alunos em relação às suas funcionalidades, como ligar a câmera, ligar e desligar o microfone, dificuldades em ouvir os colegas durante as reuniões virtuais, as quais eram provocadas por ruídos de automóveis, ambulâncias e motocicletas nas ruas dos participantes, ou até mesmo devido às falas de outras pessoas e barulhos de animais nas casas dos alunos. Estes ruídos atrapalhavam não somente quem executava as canções mas também quem tentava acompanhar a ação.

O som oriundo de diferentes aparelhos, com microfones abertos ao mesmo tempo, gerava interferências. Diante das dificuldades com os ruídos, os próprios estudantes do grupo de Voz e Violão sugeriram ao professor a mudança para outro aplicativo. Durante aquele

período, como já mencionado aqui, testaram vários aplicativos de reunião virtual, como o *Google Meet*, o *Zoom Cloud Meeting* e o *Google Duo*. Além disso, havia ainda as dificuldades geradas em razão da instabilidade da *internet* de algumas pessoas.

Percebe-se que, ainda que houvesse um esforço dos profissionais do CRPI em tentar levar as aulas aos seus estudantes, nem todos conseguiam acessar ou tinham interesse em ter essa forma de aula. Os entraves apresentados representavam o que vinha acontecendo na vida de muitos outros idosos que tinham atividades presenciais relevantes, mas que, durante a pandemia, tiveram que deixar de realizá-las. No entanto, quanto aos que tinham acessado, observou-se a alegria por terem mantido o contato com os colegas e os professores, ainda que de forma virtual.

Felipe, que era um senhor muito ativo, como a maioria dos participantes das atividades do CRPI, relatou, em sua entrevista, conforme já mencionado aqui, que, além das aulas de Teatro e da contação de história, no Centro de Referência da Pessoa Idosa Sérgio Ferrara, fazia parte de dois corais em diferentes locais. Um coral era vinculado ao seu antigo local de trabalho, coral em que ele começou a fazer parte, assim que se aposentou, e o outro era formado por um grupo religioso espírita, próximo à sua residência. No entanto, as atividades presenciais, durante a pandemia, tiveram que ser suspensas e ele começou a se sentir mal. A participação nas aulas de Teatro, por meio do *WhatsApp*, nas aulas de Contação de História, como também a criação do canal no *Youtube* foram formas importantes para que Felipe conseguisse manter-se ativo e com algumas interações sociais, ainda que a distância, durante o período da pandemia da COVID-19. Sobre as atividades remotas para pessoas idosas nesse período, Cordeiro (2020) destaca:

Todas essas medidas realizadas têm o intuito de motivar alunos e professores a continuarem o processo educacional mesmo que a distância, mas com o objetivo de colaborar para que estes sujeitos se mantenham conectados e interajam entre si proporcionando a todos momentos salutar de convivência virtual, pois, além dos conteúdos, o diálogo, a interatividade e a criatividade são elementos que fazem a diferença neste patamar de incertezas e insegurança mundial. (CORDEIRO, 2020, p. 10).

No entanto, apesar de perceberem a extrema necessidade do distanciamento social, imposto pelos protocolos de segurança, visando controlar a pandemia da COVID-19, como também evitar o contágio pela doença, e sabendo reconhecer a importância desses encontros virtuais para a qualidade de vida de cada um, sendo o único recurso possível para a realização das atividades, os idosos apontaram que preferiam as atividades presenciais. Sobre suas percepções sobre a aula remota, Cátia ressaltou:

E participo das aulas, também. Mas é muito ruim essas aulas, viu? Olha, porque, se fosse uma coisa, assim, que você entendesse direitinho, ficasse, assim, igual está nós duas, aqui, você está entendendo o que eu estou falando, né? Eu entendo o que você está falando. Mas, nessas aulas, assim, de muita gente, não é assim, sabe? Tem hora que sai, tem hora que a internet abaixa e apaga... Nossa, é uma confusão danada. Eu não gosto desse trem, não. Eu gosto, mesmo, é ao vivo e a cores. (CÁTIA, 81 anos).

O relato de Cátia apontou para os problemas vivenciados pelos estudantes das turmas de Voz e Violão no cotidiano das aulas remotas. Os ruídos vindos das casas dos outros participantes, os quais estavam com microfones abertos, atrapalhavam, por muitas vezes, o diálogo entre eles. Era muito comum que o professor e os colegas pedissem para que os outros desligassem o microfone, para o melhor andamento do encontro, mas, muitas vezes, também, os microfones continuavam ligados.

Felipe apontou alguns problemas que ele percebeu durante as aulas de Teatro que ocorreram pelo grupo de *WhatsApp*. Segundo ele, o formato deixava as pessoas mais livres e mais dispersas, conversando sobre assuntos diversos, o que prejudicava, em sua visão, o andamento das aulas: “agora, *on-line*, assim, parece que está mais... ficou mais solto e parece que é mais um encontro do que uma aula”. Felipe compreendeu que, como as temáticas tratadas eram muito mais diversificadas, se comparadas com aquelas das aulas presenciais, havia uma perda em relação à formação teatral do grupo. Além disso, ele achava que as pessoas tratavam de assuntos que não deveriam ser tratados no momento das aulas. Quando questionado sobre o que tinham achado das aulas remotas, Felipe respondeu:

Eu acho que está bom. Está bom, sim. Não, acho não, está bom. Eu acho que só disciplina, para as coisas correrem mais... assim, com mais... fluir mais, né? Precisava ter um pouco mais de disciplina. Só isso. Só isso, mesmo. (...) As pessoas são muito livres, demais da conta. A pessoa fala o que quer, a hora que quer, da forma que quer e pronto. Tem que ser assim, mesmo, falar o que quer, na hora que quer, da forma que quer, mas na hora que... eu acho que é na hora, no momento. É isso. Assim, devia falar o que quer, da forma que quer, mas no momento certo. E o que está faltando é isso, esse momento. Mistura muito as coisas e... Mas dá para levar. Dá para levar bem. O que tem de positivo é que... é só a convivência, sabe? Essa convivência, de a gente estar... porque senão, se não tivesse isso, o grupo até desfazia. Então, isso aí que... o mais importante desse grupo é a gente estar junto, estar tendo esse encontro aí uma vez por semana. (FELIPE, 83 anos).

Apesar de destacar as dificuldades percebidas por ele durante as aulas de Teatro, como as conversas no grupo durante as apresentações das propostas das aulas, Felipe ressaltou a importância de haver esses encontros para que o grupo se mantivesse coeso. Segundo ele, se eles tivessem ficado todo esse tempo distantes, sem a possibilidade da interação via internet,



provavelmente o grupo não existiria mais. Sobre o papel do educador durante as aulas remotas na pandemia da COVID-19, Vogel (2020) enfatiza que:

Os educadores devem se perguntar sobre seu papel e o papel da “escola” nesta crise. Talvez as escolas e os professores considerem como prioridade oferecer aos alunos uma rotina estável e cuidado atento. Se for esse o caso, a prática deve refletir esse valor - talvez as escolas tenham tempo para os professores acompanharem os alunos em vídeo conferências durante a semana ou comecem todos os dias com uma “verificação de temperatura” emocional durante um bate-papo por vídeo. (VOGEL, 2020, p. 27).

A rotina do mundo inteiro foi sendo modificada com a chegada do novo Coronavírus e houve, portanto, a necessidade de repensar e de reorganizar as práticas educativas. Ao perceber as diferenças que ocorreram nas aulas, sejam nos formatos, nas dificuldades dos idosos com a utilização das novas tecnologias, ou nos entraves nas comunicações em reuniões por aplicativos, os idosos destacaram que, apesar das diferenças e do que eles consideraram como prejuízos, havia um ganho na convivência nesse período. E é aí que está o ponto central, destacado por Vogel (2020), ao discutir qual é o papel do educador e dos processos educativos nesse cenário.

Além da necessidade de mudar o formato e o meio por onde aconteceriam as práticas educativas, foi necessário ressignificá-las. Os encontros passaram a ser um momento no dia em que se deixava de se preocupar com a pandemia da COVID-19 para viver uma atividade que remetia à rotina anterior à doença. Era um momento de aprendizagem, mas também de trocas, conversas, contatos sociais, risadas e manutenção de vínculos, o que foi favorecido pelo perfil dos professores.

A ressignificação dos encontros esteve retratada numa fala de Cátia, durante uma das aulas, quando ela agradeceu ao professor por tê-la retirado da solidão, ao retomar as atividades, mesmo que *online*. A sensação de Cátia, que chegou a ser verbalizada, podia ser vista no rosto de muitos outros presentes nos encontros remotos. Sobre a potência desses encontros mediados pela arte, Teixeira, Kohlrausch e Silva (2020) evidenciam:

As artes cênicas e a música são capazes de estimular mulheres e homens de qualquer idade a conectarem-se consigo e ao seu próprio processo de sentir. Essa conexão estimula que alcem a imaginação e inventem outros mundos possíveis, atravessando os limites instituídos no cotidiano. Dessa forma, cada experiência é individual, mas também alcança o dia-a-dia das pessoas e pode modificá-lo. (TEIXEIRA; KOHLRAUSCH; SILVA, 2020, p. 10).

Além dos momentos de descontração e de encontro, as aulas remotas acabaram promovendo aprendizagens acerca de temas que não eram trabalhados nas aulas presenciais. O uso das novas tecnologias fez com que esses idosos tivessem que ir aprendendo novas habilidades. Assim, foram aprendendo a gravar vídeos, com auxílio dos familiares, e a enviar esses vídeos nos grupos de *WhatsApp*. Outras aprendizagens ocorreram a partir da utilização de diversos aplicativos de videoconferência no grupo de Voz e Violão. Ao mudarem de plataforma, fazia-se necessário aprender sobre as funcionalidades de cada uma delas. Foi durante a reunião de avaliação da comemoração dos oito anos das aulas de Voz e Violão, que os idosos começaram a usar o *chat* para conversar:

Nós nunca tínhamos experimentado esse recurso do *chat*, entendeu, Isamara. Aí, hoje que eu vi aqui. Que eu estava procurando aqui, que eu vi que aqui tinha um *chat*, aí, eu resolvi fazer uma pergunta pro Daniel, direto lá. Porque eu vi o Celso fazendo um sinal que ele queria falar. Aí, eu peguei e falei assim: “em vez de eu falar aqui, no microfone aqui, eu vou passar o *chat* para o Daniel, porque o Celso quer falar”. Aí ele deve ter visto lá, porque ele me respondeu depois, entendeu? Aí é uma boa maneira de a gente... ao invés de falar junto com o outro, faz a pergunta pelo *chat*. (JOSÉ, 72 anos).

José foi o primeiro a usar o recurso e perguntou aos colegas se eles haviam visto o que ele disse no *chat*. Alguns responderam que sim e que gostariam de saber como usá-lo. José, então, explicou aos colegas como tinha feito. Assim, alguns começaram também a fazer uso desse recurso. Daniel pediu a José para criar um passo a passo e publicar no grupo de *WhatsApp*, para que todos pudessem aprender a utilizar o *chat* nas aulas. Ao ver a movimentação dos estudantes, Daniel destacou “Isamara, então você está vendo a importância do grupo? Além de cantar e tocar, eles aprenderam tantas coisas. Igual, gravaram com playback, fizeram vídeos... Então, quer dizer, o grupo está crescendo. Não é só uma coisa, entendeu, Isamara?”

As aulas remotas permitiram que as aprendizagens continuassem sendo ampliadas para além das técnicas vocais ou de violão. Em uma das aulas remotas, o professor apresentou aos idosos seu estúdio musical e foi mostrando a eles como era realizada uma gravação de uma música naquele espaço. Durante esse momento, vários fizeram perguntas sobre diferentes aspectos das produções musicais. A aula, além disto, serviu para que os idosos compreendessem como fariam a gravação de músicas nesse período da pandemia, para que estas canções fossem apresentadas em ILPIs ou em festividades, tais como a comemoração dos oito anos das aulas de Voz e Violão. Para auxiliar no ensaio e na gravação de algumas apresentações, os idosos utilizaram mais um recurso tecnológico trazido por José. Ele baixou um aplicativo de karaokê e disponibilizou um tutorial para os colegas sobre como baixar e utilizar essa ferramenta.

Durante as aulas remotas, a participação de José foi crescendo no grupo. O professor sempre pedia seu auxílio para mediar os encontros. Houve momentos em que o professor precisou se ausentar e foi José quem conduziu as aulas. Além disso, ele tinha uma participação muito ativa no grupo de *WhatsApp*, sempre contribuindo com as cifras e com vídeos de como tocar determinadas músicas. Sobre suas participações nas aulas remotas, José relatou:

Passou a ser assim, a partir dessa videoconferência, né? Porque, antes, não era assim, não. Quer dizer, ele me chamava lá, para tocar lá na frente, junto com outros, para o pessoal acompanhar junto, entendeu? Mas, agora, com relação a coordenar a aula, de uma maneira geral, passou a ser, agora, nesse período que a gente está com essa videoconferência. Eu acho, né? Eu acho legal que o Daniel vê a contribuição que eu posso dar. E outra: é uma satisfação para mim ver que o Daniel confia que eu posso ajudar em alguma coisa, entendeu? Isso, para mim, que é interessante, que é muito importante para mim, no caso. (JOSÉ, 72 anos).

É interessante perceber que mesmo a distância o professor Daniel continuou a buscar a cooperação dos idosos no desenvolvimento das atividades. Ele foi se atentando para aqueles que tinham mais habilidades com as ferramentas utilizadas naquele período e foi dando espaço para que pudessem contribuir mais com as aprendizagens das turmas. Essa postura de Daniel nos remete a Freire (2018), que afirmar que:

Todo ensino de conteúdos demanda de quem se acha na posição de aprendiz que, a partir de certo momento, vá assumindo a autoria também do conhecimento do objeto. O professor autoritário, que se recusa a escutar os alunos, se fecha a esta aventura criadora. Nega a si mesmo a participação neste momento de boniteza singular: o da afirmação do educando como sujeito de conhecimento. (FREIRE, 2018, p. 122).

Além disso, outra característica mantida pelo professor, durante as atividades por meio da videoconferência, foi a construção coletiva das propostas que poderiam ser realizadas. Um exemplo disto foi a elaboração, feita pelo coletivo, de como levar até as ILPIs algumas de suas apresentações no período de distanciamento social.

Com a pandemia da COVID-19, as visitas às Instituições de Longa Permanência para Idosos foram suspensas, devido ao risco de contaminação dos internos. Os idosos, que frequentavam as aulas de Voz e Violão e que realizavam essas visitas, comentaram, ao final de uma aula remota, sobre a falta que estavam sentindo das atividades presenciais e desses momentos, nos quais iam tocar e cantar nas ILPIs. A partir dessa fala, o professor disse que acreditava que os internos dessas instituições também estavam sentindo falta dessas visitas e perguntou como eles poderiam fazer para levar alegria aos idosos institucionalizados.

Betânia, que foi a idealizadora da proposta da realização das visitas às Instituições de Longa Permanência para Pessoas Idosas, questionou se não seria possível duas ou três pessoas fazerem uma visita e cantar para os institucionalizados. Os colegas reagiram dizendo que as ILPIs não os deixariam entrar. Leonora<sup>34</sup> sugeriu que eles gravassem vídeos. A partir dessa sugestão, passaram a organizar como seriam as ações.

Daniel pediu para Betânia que ela ligasse para as instituições, as quais os idosos costumavam visitar, para perguntar se lá teriam interesse em receber os vídeos dos componentes do grupo tocando e cantando uma determinada música e se teriam condições de exibir esses vídeos para os idosos internos. José sugeriu que cada um gravasse um vídeo cantando e tocando uma música para enviar às ILPIs. O professor sugeriu que eles gravassem, cada um, três vídeos, com três músicas distintas, e encaminhassem a ele, que ficaria responsável pela edição e pelo envio às instituições interessadas.

As sugestões foram surgindo. Alzira<sup>35</sup> sugeriu que Betânia perguntasse às instituições as datas de aniversário dos internos, para que os idosos do CPRI pudessem falar os nomes dos aniversariantes da semana no vídeo e para que lhes enviassem os parabéns. Daniel sugeriu que Cátia e Ângela, que sempre se fantasiavam para fazer alguma brincadeira durante as aulas remotas, também gravassem vídeos fantasiadas e elaborassem alguma brincadeira para enviar às ILPIs. Assim, foram elaborando vídeos e encaminhando para as Instituições de Longa Permanência Para Idosos ILPIs que se localizavam na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Essa construção coletiva fez com que a prática do grupo Voz e Violão fosse reorganizada e ressignificada. Os vídeos eram personalizados, de acordo com cada uma das instituições que os receberiam. Os vídeos tinham início com uma fala do professor recordando algum momento em que estiveram naquela instituição, eram falados os nomes dos aniversariantes da semana e o professor cantava os parabéns. Na sequência, vinham os vídeos de três diferentes participantes do grupo de Voz e Violão, cantando, tocando, fazendo alguma brincadeira ou, ainda, levando alguma mensagem de alegria para os idosos das instituições. A pesquisadora chegou a gravar algumas mensagens para também serem enviadas para as ILPIs, nos vídeos produzidos pelos integrantes do grupo de voz e violão, a pedido do professor Daniel.

---

<sup>34</sup> Leonora era uma das idosas que participa de forma ativa das aulas de Voz e Violão. Apesar de não ter sido entrevistada, foi necessário trazer sua contribuição para narrar a elaboração das apresentações para as ILPIs no período da pandemia da COVID-19.

<sup>35</sup> Alzira era uma das idosas que participa de forma ativa das aulas de Voz e Violão. Mesmo não tendo sido entrevistada, foi considerado importante trazer a sua contribuição para a compreensão sobre o processo coletivo de elaboração das apresentações para as ILPIs no período da pandemia da COVID-19.

Como retorno dessa ação, recebiam, por parte da coordenação das instituições, gravações de imagens e som dos momentos em que a produção deles era exibida aos internos e como eles reagiam aos vídeos enviados. Essa foi uma iniciativa coletiva que, por ter sido construída a partir das sugestões dos membros do grupo, fez com que eles se envolvessem bastante. Além de ter o caráter de construção coletiva, a ação tinha um sentido para cada um daqueles que dela participava. Essa prática trouxe mais dinâmica na produção de arte por parte dos idosos das turmas de Voz e Violão. Era mais um incentivo para que eles aprimorassem suas técnicas musicais e a produção dos vídeos que gravavam em casa. Além disso, a prática trouxe, para os participantes do CRPI, um sentimento de poder ser útil e de levar alegria àquelas pessoas idosas que também estavam em isolamento social nas ILPIs.

Os aspectos acima destacados, quanto à elaboração dos vídeos para as ILPIs, se relacionam com o que afirma Gadotti (2011) quando, no capítulo intitulado “Aprender com emoção, ensinar com alegria”, ressalta que os seres vivos aprendem na interação com o outro e com o contexto em que estão inseridos. O autor ressalta que o ser humano aprende aquilo que para ele tem algum sentido. A construção coletiva para a elaboração dos vídeos para as ILPIs, durante a pandemia da COVID-19, remeteu ao que aponta o Relatório DELORS *et al.* (1998):

O professor deve estabelecer uma nova relação com quem está aprendendo, passar do papel de “solista” ao de “acompanhante”, tornando-se não mais alguém que transmite conhecimentos, mas aquele que ajuda seus alunos a encontrar, organizar e gerir o saber, guiando, mas não modelando os espíritos, e demonstrando grande firmeza quanto aos valores fundamentais que devem orientar toda a vida. (DELORS *et al.*, 1998, p. 154-155).

As ações dos professores de Teatro e de Voz e Violão, durante o período da pandemia da COVID-19, destacaram o caráter amoroso, democrático e participativo das suas práticas pedagógicas. Essas características dos modelos pedagógicos desenvolvidos nas atividades analisadas remetem ao pensamento de Rodrigues e Todaro (2021) sobre a educação:

Esse processo pressupõe que tanto educador, quanto educando, sejam sujeitos da educação, ativos na produção do conhecimento, que por sua vez não se dá verticalmente, mas dialógica e democraticamente, em uma relação horizontal, cuja condição primordial é que haja, da parte do educador, respeito e consideração pelo que é trazido pelo aprendiz de seu contexto social. (RODRIGUES e TODARO, 2021, p. 193).

As mudanças nos formatos e nas metodologias foram necessárias durante a pandemia da COVID-19 e eram inevitáveis. Ao dar início às aulas remotas, os professores não sabiam como seria a receptividade de seus educandos e nem a complexidade que seria exigida de cada

um para fazer com que essas atividades se tornassem parte do cotidiano daqueles sujeitos. Não houve tempo para se prepararem para o novo modelo que seria utilizado a partir de então.

A disponibilidade para propor tais práticas remete às palavras de Freire (2018, p. 75), quando ele questiona “Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte?”. De acordo com Paulo Freire (2018), a educação se faz com o outro e mediatizados pelo mundo. É no processo de troca, de comunhão de saberes, tendo como base a realidade em que se está inserido, que se dá o processo educativo. Esse foi o caminho trilhado pelos sujeitos da pesquisa também durante a pandemia da COVID-19. Nita Freire (2021), ao tratar dos sentidos da amorosidade nas obras de Paulo Freire, ressalta:

O educador deve criar um clima afetivo e de inquietação em sala de aulas que propiciem aos estudantes a busca do conhecer com alegria, em co-laboração e sem competições entre os estudantes, que estimule a aventura do criar e do recriar como curiosidade epistemológica e rigorosidade científica; o educador (a) necessariamente tem que amar o exercício do ato educativo; e; por fim, eles e elas, educadores (as) tem que gostar do que ensinam, os conteúdos programáticos do curso que estão ministrando. (FREIRE, Nita, 2021, p. 53).

De acordo com Freire (1996, p. 103), “O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico”. Dessa forma, ao elaborarem propostas em conjunto, ao valorizarem a participação dos idosos, ao fazerem com que se tornassem parte da construção dos saberes, as aprendizagens continuaram a ocorrer, mesmo com o distanciamento social. As aprendizagens ultrapassaram os limites das técnicas utilizadas nas áreas específicas de cada atividade. Elas também se deram no campo da utilização das novas tecnologias e foram se destacar nas questões ligadas à solidariedade, às formas de lazer possíveis naquelas circunstâncias, à escuta do outro, ao amparo, ao fortalecimento de vínculos e ao pertencimento de grupo. Aprendizagens estas fundamentais em um momento tão delicado para a humanidade.

A educação vivenciada por aquelas pessoas remete ao que aponta Oliveira (2021, p. 110), quando ele afirma que “uma educação contemporânea deve, portanto, ser humanizadora, fomentadora de solidariedade e de fortalecimento de comunidade”. O que se aprendia naquelas aulas dizia respeito às questões que favoreceram o bem-estar da pessoa idosa, o que contribuiu, em diversos aspectos, para a melhoria da qualidade de vida daqueles sujeitos e é sobre esses aspectos, trazidos por essas práticas educativas, que tratará o capítulo seguinte.

**Felicidade**<sup>36</sup>

*Não fui eu que quis a vida, foi a vida que me quis  
 Mas já que estou nesta vida, quero muito ser feliz  
 A felicidade é querida e existe, é o que todo mundo diz*

*E, nesse pega, não pega, quase que sou feliz  
 Pego e ela escorrega, me escapa por um triz  
 Eu peço, ela me nega, pelo que quis e não fiz*

*Se quer felicidade, então seja feliz  
 Não há dificuldade se é o que sempre quis  
 Segure com vontade, bem forte e peça bis*

*Se me perguntam de felicidade, respondo: Sou feliz!  
 E é com sinceridade, e não fui eu quem quis  
 De rir em quantidade do choro, enquanto tu ris*

*Ai que felicidade na esperança do amanhã  
 Hoje é o amanhã de ontem, ontem do anteontem  
 E a felicidade é vã*

*Entende que a felicidade é um estado de espírito  
 Sou feliz em quantidade, à medida que acredito  
 Vivendo a realidade, fica o dito pelo não dito*

*Uns são felizes com isso, outros com aquilo  
 Com o trinar rouxinol, com o chiado do grilo  
 Em um dia de trabalho ou uma noite de cochilo*

*A felicidade existe, você pode acreditar  
 Há uma lenda de um rei triste e de um pobre a cantar  
 Quem canta insiste em a felicidade encontrar*

---

<sup>36</sup> CARLOS, Maria I. Felicidade. In: SENA, Bernardina de e LACERDA, Patrícia. (Orgs.) **Eu Bonsai** - Minha vida em versos. Belo Horizonte: Grupo Cultural Meninas de Sinhá, 2017.

## CAPÍTULO 5 – AS CONTRIBUIÇÕES DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE TEATRO E VOZ E VIOLÃO PARA A QUALIDADE DE VIDA DE PESSOAS IDOSAS

### **5.1 – As relações interpessoais a partir das práticas educativas: um elemento fundamental para a qualidade de vida no envelhecimento humano**

Muitas pessoas com 60 anos ou mais passam essa fase da vida com maior restrição em relação aos laços de amizade, seja por estarem aposentadas, por perderem contatos com amigos que cultivaram ao longo da vida, ou pelo fato de terem, muitas vezes, poucas oportunidades de participação em espaços sociais. Muitas vivem sozinhas ou com familiares que, por terem outros compromissos, acabam não dando a devida atenção a elas, fazendo com que sintam uma carência afetiva e emocional. As relações sociais são fundamentais para a qualidade de vida dos seres humanos, em geral, e isto não seria diferente com as pessoas idosas.

Um dos pontos que merece destaque nesta pesquisa diz respeito a como as relações interpessoais que iam sendo estabelecidas, a partir da participação dos idosos nas práticas educativas analisadas, contribuía para a melhoria da qualidade de vida daqueles sujeitos. As relações entre os funcionários do CRPI e as pessoas que ali frequentavam faziam com que os idosos se sentissem mais acolhidos e menos carentes afetivamente.

Para enfrentar essas mudanças, por um lado, é necessário que os idosos recriem novas alternativas de participação, lazer e ocupação do tempo livre, mas por outro, é imprescindível que a sociedade garanta o desenvolvimento integral e permanente do homem também nessa etapa da vida. (BULLA; KUNZLER, 2005, p. 82).

Os centros de convivência têm sido espaços privilegiados para que pessoas com 60 anos ou mais estabeleçam novos laços sociais. Muitos procuram esses locais não só para ocuparem o tempo ocioso ou realizar uma atividade mas também para que possam criar novas amizades. Nesse sentido, as relações entre os servidores e os idosos no CRPI fazia com que os idosos se sentissem mais integrados socialmente e mais confiantes quanto a sua importância para a sociedade.

Além da terapêutica, exames e atendimento às necessidades físicas, deve-se considerar os aspectos emocionais, como as carências afetivas que o rondam. Daí a importância de valorizar, na relação com o idoso, a forma de interagir e comunicar-se, pois ele possui peculiaridades e sua necessidade de segurança afetiva é uma realidade. (PROCHET, *et al.*, 2012, p.96).

A discussão acerca da educação de idosos passa pelo perfil dos profissionais que lidam com esses educandos, assim como pelas relações estabelecidas entre eles durante o processo



educativo. Não há como falar dos resultados alcançados com as práticas educativas sem que seja mencionado o papel das relações interpessoais no percurso educativo. As falas dos idosos, quando manifestavam os benefícios gerados pelas atividades desenvolvidas, ressaltavam a importância da postura dos educadores frente a seus educandos.

O destaque, dado pelos frequentadores do CRPI ao papel desempenhado pelos professores, fazia referência à forma como aqueles educadores os recebiam, os atendiam e como ofereciam, além dos ensinamentos teóricos e práticos próprios da área em que atuavam, afeto, carinho e atenção. A maneira como lidavam com seus educandos fazia com que as aulas se tornassem momentos prazerosos, chegando a se constituírem como momentos de lazer. Promoviam para aqueles sujeitos idosos uma maior compreensão acerca do que era ser idoso, dos seus direitos e das formas de lutar por mais respeito.

Ao discutir sobre formação de professores da EJA em um trabalho apresentado na 30ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPEd), no ano de 2007, Maria Hermínia Lages Fernandes Laffin abordou aspectos que se aproximam daqueles encontrados nesta investigação. Em sua tese de doutoramento, afirmou que:

Um outro elemento constitutivo das práticas dos docentes situa-se no envolvimento do trabalho docente com a questão relacional. Inscreve-se uma perspectiva em que ensinar e aprender estão intrinsecamente articulados por uma relação de intencionalidade, de reciprocidade e de diálogo entre os alunos e docentes. (LAFFIN, 2007, p. 12).

Laffin (2007) ainda destaca o acolhimento como sendo um dos elementos que encontram-se presentes na relação de ensino na EJA. Para essa autora, “Uma intencionalidade e disponibilidade docente de acolhimento do sujeito para o ato de conhecimento provê condições que podem viabilizar uma outra relação com o saber, mobilizando o aluno para o ato de aprender” (LAFFIN, 2007, p. 12). No caso desta pesquisa de doutorado, o acolhimento promovia benefícios em outros setores da vida dos idosos, setores os quais estavam além da questão da aprendizagem de teorias e de práticas musicais ou teatrais.

Uma das estudantes do CRPI, Ana, com sessenta e sete anos de idade na época da entrevista, frequentava o espaço há apenas quatro meses. Como já abordado aqui, ela relatou que inicialmente foi em busca da aula de computação, mas que o CRPI não oferecia tal atividade naquele período. Ana poderia ter voltado sem ter se matriculado em nenhuma aula, no entanto, foi recepcionada com muito carinho pela professora de Teatro e passou a realizar essa atividade que, até aquele momento, não tinha intenção de fazer. É interessante observar, no relato de Ana,

como a acolhida no espaço fez diferença para que ela permanecesse lá e, a partir daí, percebesse os benefícios advindos da sua participação nas aulas.

Ela me tratou tão bem, tão bem, tão bem... com um carinho tão grande, com um abraço tão forte, que eu não tive coragem de falar com ela: “oh filha, eu não vim aqui pra procurar teatro, filha. Eu vim para procurar computação”. Eu fiquei sem graça. Seria muito indelicado da minha parte, como se diz, desagradar um carinho que foi dado, assim, com tanta espontaneidade. Eu já fui chegando e ela com o sorriso dela me abraçando e falando com o cara lá: “pode fazer a inscrição dela, tinha cinco vagas, mas agora uma é dela”. Te tira, né?! Te desarma. O que aconteceu? O carinho dela com a gente, como ela me recebeu, ela me desarmou. (ANA, 67 anos).

Esse relato de Ana demonstra a necessidade de um perfil acolhedor do profissional que vai lidar com a pessoa idosa. A primeira etapa para se ter sucesso em uma ação com o idoso é fazer com que ele permaneça nas atividades. Faz-se necessário, além de se discutir sobre a ampliação de acesso às práticas educativas para idosos, tratar também da sua permanência e um dos elementos fundamentais para que isso ocorra é a forma como se estabelece a relação entre os profissionais destes espaços e esses sujeitos. Os ganhos percebidos por Ana, a partir de sua frequência, só foram possíveis porque ela teve alguém no processo que a tratasse com afeto e atenção, desde o primeiro momento, e a fizesse querer permanecer ali.

O interessante é que a atenção e os cuidados não se limitaram apenas ao dia da inscrição. As falas da professora de Teatro nas aulas ajudavam Ana a mudar suas atitudes perante a vida e as pessoas:

Mas aqui, pra mim, é como se diz, foi a tábua de salvação. Depois que eu vim pra cá, o Teatro, ela fala com a gente: “Vamos tomar mais cuidado, com a mente, com medicamentos, com você. Cuidado com esses medicamentos que os outros ficam falando aí em televisão”. Então eles te dão atenção em tudo! E isso vai fazendo com que você vai acordando. “Acorda, porque você é um ser humano, você não é um robô. Seus filhos já estão criados”. (ANA, 67 anos).

Além dos ensinamentos dos professores durante as aulas, como já tratado aqui, o CRPI oferecia oficinas, palestras e rodas de conversa durante o ano, com temas relacionados aos cuidados com os idosos. Os temas passavam por questões relacionadas ao direito do idoso, à alimentação, aos cuidados com o corpo e à saúde em geral. Essas atividades eram abertas ao público e amplamente divulgadas entre os participantes das aulas no CRPI. Ana, em sua entrevista, ressaltou a importância dessas palestras para sua vida:

Falam, falam. Conversam com a gente, quando têm aquelas reuniões. Quando têm as palestras, eles orientam muito a gente sobre medicamentos, sobre a vida, sobre viver com as outras pessoas. Porque você tem que procurar viver bem, mas a outra pessoa

tem que procurar viver bem com você. Senão, você se sacrifica sozinho e não vale de nada. Então é muito bom. (ANA, 67 anos).

Essas ações contribuíam para que os idosos passassem a ter uma visão mais consciente de suas condições nessa fase da vida. Contribuíam também para que se percebessem como sujeitos de direitos e, assim, cuidassem melhor de si mesmos. As falas dos educadores, assim como as ações de cunho formativo ofertadas, promoviam mudanças na maneira como aquelas pessoas, que frequentam o CRPI, se viam e se relacionavam com a sociedade, de uma forma geral, inclusive com seus familiares. Tratava-se de um processo de humanização daqueles que, muitas vezes, eram tratados como incapazes, como aqueles que não tinham um papel importante a desempenhar, aqueles que, em uma sociedade capitalista e produtivista, passavam a ser vistos como quem não tivesse com o que contribuir. As ações desenvolvidas no CRPI remetiam ao que aponta Freire (2018) no trecho:

E a diminuição da distância da realidade hostil em que vivem meus alunos não é uma questão de pura geografia. Minha abertura à realidade negadora de seu projeto de gente é uma questão de real adesão de minha parte a eles e a elas, a seu direito de ser. (...) O fundamental é minha decisão ético-política, minha vontade nada piegas de intervir no mundo. (...) Com relação a meus alunos, diminuo a distância que me separa de suas condições negativas de vida na medida em que os ajudo a aprender não importa que saber, o do torneiro mecânico ou o do cirurgião, com vistas à mudança do mundo, à superação das estruturas injustas, com vistas a sua imobilização.” (FREIRE, 2018, p.135).

Durante a entrevista, Ana destacou que, em seu aniversário, recebeu muito carinho dos colegas, professores e funcionários do CRPI. Disse que as pessoas fizeram questão de cantar parabéns e abraçá-la. Ela falou que o carinho recebido nesta data lhe fez perceber que seus filhos não a tratavam com a atenção que ela achava que merecia e que passou a cobrar mais deles nesse sentido. Ela afirmou que as ações das pessoas, no cotidiano do CRPI, aliadas às falas dos professores, às palestras e às rodas de conversa, nas quais ela vinha participando, a fizeram questionar a relação com os filhos e a conversar em casa sobre isso:

A maneira com que eles tratam a gente. Eu penso assim: se eles, que não são nada, meu me tratam desse jeito, então, eu também posso exigir lá dentro de casa. Eu quero ser tratada com amor, com carinho, com respeito, Porque “Bença, mãe, Deus te dá vida, saúde e boa sorte”. Mas e as outras coisas? Então, vamos conversar, vamos esclarecer, não tô gostando disso. (ANA, 67 anos).

Os relatos de Ana se relacionam com as discussões de Doll (2017), presentes no capítulo 4, momento no qual foram tratadas as dimensões dos processos educativos para pessoas idosas. No caso de Ana, as falas demonstravam que sua preocupação inicial estava relacionada à

dimensão da manutenção das capacidades cognitivas, buscando manter sua memória ativa. No entanto, ao frequentar as atividades, foi também atingindo a dimensão emancipatória, a dimensão do lazer e a dimensão socioafetiva. É importante que isso ocorra em processos educativos com idosos. É possível que, ao irem em busca de uma determinada melhoria para suas vidas, acabem alcançando outros benefícios, desde que as atividades sejam desenvolvidas com qualidade e que eles recebam a atenção e o afeto necessários para o desenvolvimento desses outros elementos. De acordo com Tagliaferro *et. al.* (2018):

A afetividade é uma condição indispensável de relacionamento com o mundo. Nossa relação com o mundo é em si afetiva; sempre estabelecemos um vínculo que envolve nossa afetividade, que nos agrada ou desagrade em diferentes níveis. Mas não amamos nem odiamos por predisposição genética. É a partir das experiências prazerosas ou desagradáveis que se constituem nossas inclinações, nossas preferências, nossa forma de nos posicionarmos com o mundo, nossa forma de entendê-lo. Este é um marco de uma cultura que nos provem dos significados socialmente construídos. Por isso que consideramos importante não esquecer o quão importante é esse conceito na hora de refletir nossas práticas, sociais em especial, a educação. É preciso recuperar a ideia de homem como unidade, como indivíduo social, históricocultural, para pensar que o aluno não é um depósito de conhecimento, dando lugar à uma forma de relacionamento com o mundo. Melhorar essa relação gerando experiências positivas de encontro com o conhecimento, talvez seja um conteúdo a mais que a formação docente tem que incorporar. (TAGLIAFERRO *et al.*, 2018, p.1).

O afeto, a atenção e o carinho destinados aos idosos não foram destacados apenas por Ana. A idosa Claudina, de 95 anos, estudante das aulas de Fernanda, apontou que a professora estava sempre preocupada com ela. Conforme já tratado aqui, ela contou que, quando iam realizar apresentações teatrais fora do CRPI, a prefeitura oferecia um transporte para levar os estudantes, mas, no caso dela e de outra senhora, também com mais de 90 anos, a professora fazia questão de levá-las em seu próprio automóvel. Ao falar de Fernanda, ela afirmou:

É um doce de coco (risos). Acho que não precisa dizer mais, né? Ela é muito preocupada comigo. Não, não. A Fernanda ela é um exemplo em tudo. Ela é muito animada, muito amiga. Ela é professora, mas é muito amiga. Eu acho que a Fernanda é um exemplo. (CLAUDINA, 95 anos)

A atenção da professora de Teatro com seus estudantes mais idosos pôde ser percebida até mesmo fora dos momentos das aulas. No dia da realização da entrevista com Claudina, a professora fez algumas recomendações em relação aos cuidados destinados a ela, sendo que uma dessas recomendações foi a necessidade de que se esperasse a filha dela buscá-la e a necessidade de que se acompanhasse Claudina até o carro.

A preocupação da professora se estendia para os dias de festas, quando o CRPI encontrava-se cheio e ela não tinha condições de acompanhar tão de perto seus estudantes.

Durante as comemorações de final de semestre, carnaval ou outro dia de celebração, Fernanda mantinha-se observando e se preocupando com os estudantes mais idosos. Em uma das comemorações, ela chegou a pedir ajuda para procurar por Claudina durante a festa. Quando foi encontrada, Claudina estava em frente ao palco, dançando com outras colegas. A idosa disse à professora que poderia ficar tranquila, pois ela estava muito bem e que iria aproveitar para dançar.

Essa atenção fazia com os sujeitos idosos se sentissem acolhidos e, ao mesmo tempo, mais encorajados quanto à realização das atividades que desejassem executar. Sabiam que estavam em um espaço no qual poderiam se liberar para que aproveitassem bem o que desejavam fazer, pois teriam ali pessoas dispostas a ajudá-los, caso precisassem. Além disso, viam que outras pessoas, que tinham idades próximas, estavam realizando as atividades propostas, o que provoca neles a sensação de serem também capazes.

O mesmo tipo de atenção foi percebido durante as festas em relação ao coordenador do equipamento e aos funcionários, de forma geral. Eles estavam sempre presentes, circulando entre os participantes, e atentos para que pudessem verificar se os idosos necessitavam de algo. O coordenador fazia questão de dançar com as idosas durante os bailese passava um bom tempo tirando fotos com muitos dos idosos e integrando com eles. Assim, as relações entre eles se fortaleciam cada vez mais, o que fazia com que os idosos se sentissem bem-vindos e com uma sensação maior de pertencimento àquele espaço.

Em relação ao período da pandemia, com as aulas acontecendo de forma remota, via aplicativo de videoconferência, o fato de o professor Daniel ter ido até a casa de alguns dos idosos para instalar o aplicativo e ensiná-los como utilizar tal recurso, conforme apontado no capítulo 4, merece destaque. A atitude desse educador, na busca pela realização das aulas, neste cenário, remete a Freire, quando ele afirma “me movo como educador porque primeiro me movo como gente” (FREIRE, 2018, p.94).

As ações em relação à pandemia não pararam por aí. Os professores de Voz e Violão e de Teatro, juntamente com o coordenador do CRPI, realizaram, algumas vezes, serestas na porta de alguns alunos que não estavam conseguindo acessar as aulas remotas, conforme mencionado anteriormente, também no capítulo 4.

A pandemia do novo coronavírus colocou o mundo diante de uma situação inesperada e difícil. Situação esta que impôs restrições à circulação e aos contatos sociais presenciais a todos e, em especial, ao grupo etário maior de 60 anos, declarado como grupo de risco. A postura desses educadores, naquele momento, remete a Paulo Freire quando esse autor afirma que: “Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de

amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita” (FREIRE, 2008b, p. 15).

A realização das aulas remotas, no período da pandemia provocada pelo novo coronavírus, demonstrava, como já mencionado aqui, a importância do perfil daqueles profissionais. A insistência deles, em buscar a participação dos idosos ou em dar atenção aos educandos de suas turmas, fazia com que fossem mantidos os laços sociais estabelecidos durante as aulas e a esperança em que voltassem a ter momentos felizes, como aqueles vividos durante as ações presenciais no CRPI. A manutenção das aulas, ainda que remotamente, propiciou aos estudantes idosos uma forma de vivenciar um pouco, ainda que de uma forma diferente, as atividades que davam a eles prazer antes do isolamento social, como já abordado aqui.

Nas aulas semanais de Teatro, como já explorado nesta tese, a professora sempre iniciava os encontros com um vídeo motivador. O tom da fala da professora era sempre muito animador e ela pedia aos alunos para cultivarem a alegria, mesmo em momentos difíceis, como naquele tempo da pandemia da COVID-19. As aulas se tornaram um espaço de trocas e encontros, ainda que virtuais, entre os participantes.

Os dois professores demonstraram um perfil integrador, o que fazia com os estudantes se sentissem acolhidos e incentivados a acolher. Sobre o perfil amoroso dos professores, Freire (2018) destaca que:

Faz parte da prática do professor o querer bem a seus alunos, e quem nos fala desse compromisso. Esta abertura de querer bem não significa, na verdade, que, porque professor me obrigo a querer bem todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade preciso destacar como falsa a separação radical entre "seriedade docente" e "afetividade". Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais servo, mais frio, mais distante e "cinzento" me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. (FREIRE, 2018, p. 159).

Durante as aulas, era comum os professores falarem das propostas que tinham para realizar no ano de 2020 e que tiveram que ser adiadas devido à pandemia da COVID-19. O professor de Voz e Violão falou da intenção de ensaiar e apresentar o espetáculo “A Era de Ouro do Rádio II”, o qual contaria com novas apresentações musicais que representassem esse período importante do rádio no Brasil. Além disso, relatou a intenção de fazer com que os estudantes, que se sentissem capacitados pelo Projeto Voz e Violão, se tornassem multiplicadores de suas aprendizagens pela cidade. Segundo o professor, a intenção era montar

duplas, com estudantes do seu grupo, para que fossem até centros de convivência e ILPIs, em Belo Horizonte, ensinar violão a outros idosos. O professor ressaltou que esses dois projetos seriam realizados em 2021, mas, devido à continuidade da pandemia, precisaram ser adiados.

A professora de Teatro também falava com seus educandos sobre propostas de peças que seriam apresentadas no ano de 2020 e que foram temporariamente suspensas. Com isso, manteve os idosos mais animados e esperançosos por dias melhores. Nesse sentido, as práticas desses professores se aproximam da visão de Paulo Freire sobre a educação. Segundo esse autor, patrono da educação no Brasil, “uma educação sem esperança não é educação” (FREIRE, 2001a, p. 15). Era notável a importância desses projetos e das aulas para a vida desses sujeitos que se encontravam em casa, sem atividades presenciais durante a pandemia, mas que puderam, assim, projetar sonhos e novos desejos para o futuro.

A esperança que as falas dos professores trouxeram para os participantes das atividades remotas, durante o período de pandemia, leva a refletir sobre o que Paulo Freire apontou em relação ao papel da esperança na vida humana, quando entrevistado em 1993, por Moacir Gadotti, a partir de uma iniciativa da revista Nova Escola. Nesta entrevista, ele falou, dentre outras coisas, como a esperança é importante para o ser humano e para seu fazer histórico. Nesse sentido, argumentou a:

Cabe ao pedagogo, ao filósofo, ao político, aos que estão compreendendo a razão de ser da apatia das massas - e às vezes da apatia de si mesmos - a briga pela esperança. Eu não posso desistir da esperança porque eu sei, primeiro, que ela é ontológica. Eu sei que não posso continuar sendo humano se eu faço desaparecer de mim a esperança e a briga por ela. A esperança não é uma doação. Ela faz parte de mim como o ar que respiro. Se não houver ar, eu morro. Se não houver esperança, não tem por que continuar o histórico. A esperança é a história, entende? No momento em que você definitivamente perde a esperança, você cai no imobilismo. (NOVA ESCOLA, 2018).

De acordo com o que foi relatado até aqui, em relação à postura daqueles educadores, entende-se que suas práticas se aproximam do que Barros (2020) resalta como características típicas de uma pedagogia freiriana:

Realçamos, ainda, que no contributo da pedagogia freiriana aponta-se algumas das características que um educador, comprometido com a importância de reconhecer e valorizar o saber experiencial como alicerce dos programas educacionais que visam promover um ‘envelhecimento ativo ao longo da vida’, deverá ter, designadamente, a necessidade de ser: tolerante, opondo-se a qualquer tipo de discriminação; amoroso, promovendo a busca pelo ser mais de todos; esperançoso, sabendo encetar uma espera que é pacientemente paciente; dialógico, exercendo a escuta do outro para assim poder falar com ele; coerente, que forneça pelo exemplo um testemunho ético dos pressupostos que defende, e realista, ciente dos limites existentes num dado momento (Freire, 1997). (BARROS, 2020, p.220).

É também nesse sentido que Fernández *et.al.* (2020), ao citar Bermejo (2013), apontam para uma pedagogia a serviço das pessoas idosas, que seja capaz de levar esses sujeitos à aquisição de novos conhecimentos, favorecendo uma maior participação destes na sociedade, conhecimentos estes que facilitem para eles a tomada de decisões e contribuam para que assumam mais responsabilidades e compromissos. Que seja uma pedagogia que se apoia na prática dialógica e que o conhecimento seja construído a partir de interações e do compartilhamento de experiências e saberes. Uma pedagogia que visa contribuir para o empoderamento das pessoas idosas, de modo que sejam elas mesmos “los artífices y protagonistas de su propio proceso formativo, que, al mismo tiempo, les permitirá tomar las riendas de su propia vida de forma autónoma al tiempo que, poder apoyarse en recursos grupales” (FERNÁNDEZ, *et.al.*, 2020, p.254).

As ações pedagógicas acima descritas resultaram na permanência dos sujeitos envolvidos nas atividades, como já abordado, o que possibilitou a eles ampliarem seus conhecimentos sobre as artes, sobre a convivência, sobre o ser idoso na sociedade atual e sobre si mesmos. A forma como as atividades no CRPI eram desenvolvidas provocava nesses sujeitos o desejo de que permanecessem naquele espaço e era a partir dessa frequência regular que surgiam os ganhos em suas vidas, como já dito aqui.

A forma como se estabelecem as relações nessas práticas educativas pode ser associada ao conceito de permanência simbólica, tratado por Santos (2009). Ao tratar da permanência de estudantes negros nas universidades, a autora discute elementos que contribuem para que esses sujeitos continuem a frequentar o ensino superior. Esses elementos foram categorizados de forma a se traduzirem no que a autora classifica como permanência material e permanência simbólica. Quanto à permanência simbólica, Santos (2009) ressalta que o fato de permanecer por mais tempo no local, deve possibilitar não só a constância do sujeito no espaço educativo, mas também a sua transformação. A permanência simbólica, para Santos (2009), se associa aos ambientes e às condições que os estudantes têm para se identificarem com o grupo, para se sentirem pertencentes a este grupo e, ainda, para serem reconhecidos como parte integrante dele.

O pertencimento é um elemento que foi ressaltado na fala dos sujeitos, quando eles se referiam ao CRPI. Ana, em um momento da entrevista, salientou que ela se apropriou do Centro de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferrara como seu espaço de direito:

Mas você já ouviu falar: “tomou posse do pedaço?”. Eu que “tomei posse do pedaço”, porque eu venho na segunda-feira, igual hoje, eu vim, porque nós tínhamos esse compromisso, mas eu não sabia que ia ter teatro, porque teatro pra gente é na terça-



feira, então eu vim pelo nosso compromisso. Quando for amanhã, eu já faço violão, fico pro teatro e, quando for quinta-feira, eu tô aí, de novo, pro violão. (ANA, 67 anos)

Ao tratar das aulas de Teatro e de Voz e Violão, Ana demonstrou sua satisfação em poder participar das atividades que vinham modificando seu cotidiano e sua forma de pensar sobre si mesma. Assim, as trocas existentes entre os educandos e os professores, para além dos conteúdos técnicos, promoviam melhorias na vida daqueles idosos. Tais práticas pedagógicas se relacionavam com aquilo que aponta Freire (2018), ao ressaltar que “Esse é outro saber indispensável à prática docente. O saber da impossibilidade de desunir o ensino de conteúdos da formação ética dos educandos” (FREIRE, 2018, p.93).

A importância de um espaço que seja pensado para a pessoa idosa, considerando suas especificidades, se revela em relatos como aqueles que aqui se apresentam. Ana passou por inúmeras dificuldades durante a vida. Mulher negra, pertencente à camada popular, mãe solo, migrante do interior de Minas Gerais, teve que construir sua cidadania por meio de muitas lutas. Ter um espaço como o CRPI para frequentar, de forma gratuita, o qual lhe propiciava momentos nos quais se sentia valorizada e respeitada permitia a ela viver uma velhice com mais dignidade. Sobre a importância quanto ao idoso participar de atividades em grupos nessa fase da vida, Dal Rio e Miranda (2009) ressaltam:

Os trabalhos desenvolvidos em grupo exercem no idoso um poder restaurador da afetividade, da autoestima, da autoconfiança e até um sentimento de capacidade de retorno à atividade produtiva. A sensação de pertencimento, de fazer parte de um grupo, é fundamental para a pessoa idosa, como é, aliás, para qualquer uma. Mas, no idoso, essa necessidade pode se acentuar em face da exclusão que gradualmente passa a acompanhar seu processo de envelhecimento. (DAL RIO e MIRANDA, 2009, p. 37).

A pesquisa de Vieira (2021), ao discutir sobre as ocupações de mulheres idosas nos cotidianos de vulnerabilidade social, se aproxima dos achados deste trabalho. A pesquisa foi realizada com idosas que viviam na Vila Marçola, no Aglomerado da Serra, na cidade de Belo Horizonte. A autora discute em seu trabalho sobre como aquelas mulheres percebiam sua participação em um grupo de convivência e os resultados de sua pesquisa se relacionam com aquilo que foi encontrado no CRPI, inclusive quanto ao sentimento de pertencimento:

Fazem referência aos encontros nesses projetos como uma oportunidade de ter momentos lúdicos, de prazer, descanso e criatividade; contar suas histórias; resgatar valores e princípios de seus povos; confraternizar; fazer amizades e ampliar os vínculos sociais; sorrir, demonstrar afeto e se sentir amada; sentir pertencente a um grupo; conhecer lugares diferentes; ser vista por outras pessoas e se enxergar de um outro ponto de vista; experimentar novas habilidades; aprender e ensinar umas para as outras; rever suas potencialidades e reconhecer suas limitações, por vezes identificadas nas outras mulheres com trajetórias similares. (VIEIRA, 2021, p. 49).

Outro elemento que se destaca neste trecho da pesquisa de Vieira (2021), quando comparada com a pesquisa aqui apresentada, é como as entrevistadas ressaltaram a relação com os pares etários para a troca de conhecimentos e para as percepções sobre limitações e potencialidades. Neste trabalho de doutorado, também se percebeu como as práticas educativas no CRPI contribuía para que as relações entre os pares geracionais se estabelecessem visando favorecer o surgimento de novas amizades e de outras perspectivas sobre essa fase da vida, o que colaborava para a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos analisados. Sobre esse aspecto, Cátia ressaltou:

Mas as colegas, nossa, são todas amigas. A gente tem uma amizade, assim, sabe, de fazer inveja a muitos. É uma pela outra, entendeu? Se tem uma doente, a outra fica naquela tristeza, tenta ajudar. Se uma está com uma dor, é um remédio, um chá, alguma coisa... É aquela integração, sabe? Graças a Deus, nós somos muito unidas, tanto a aula de violão como o coral. (CÁTIA, 81 anos).

José, quando questionado sobre o sentido de ir às aulas de violão no CRPI mesmo tendo outro professor particular, respondeu: “É o tal do entretenimento. É um grupo de pessoas. Lá tem um grupo de pessoas e tudo mais. Ali transmite alegria. Ali é todo mundo conhecendo um pouco de cada um, entendeu? E são todas pessoas da mesma faixa etária.” Siqueira (2015), ao discutir sobre a teoria da atividade, destaca a importância de serem realizadas tais práticas e encontros nessa fase da vida:

A teoria da atividade considera que, ao envelhecer, o indivíduo se depara com as mudanças relacionadas às condições anatômicas, psicológicas e de saúde típicas dessa etapa da vida, mas suas necessidades psicológicas e sociais permaneceriam as mesmas de antes. O mundo social contrai-se, tornando difícil para o idoso satisfazer totalmente suas necessidades. A pessoa que envelhece em boas condições é aquela que permanece ativa e consegue resistir ao desengajamento social. (SIQUEIRA, 2015, p.1038)

O fato de se estabelecerem relações sociais com outros idosos é um destaque para essas atividades. Muitas vezes, após a aposentadoria, as pessoas perdem vínculos sociais e passam a conviver, na maior parte do tempo, apenas com seus familiares, gerando perdas importantes enquanto seres sociais. Sobre esse aspecto, Schneider e Irigaray (2008) ressaltam:

Socialmente, pode-se inferir que a pessoa é definida como idosa a partir do momento em que deixa o mercado de trabalho, isto é, quando se aposenta e deixa de ser economicamente ativa. A sociedade atribui aos aposentados o rótulo de improdutivos e inativos. Com a aposentadoria, muitas vezes se percebe um rompimento abrupto das relações sociais com outras pessoas com as quais o indivíduo conviveu durante muitos

anos. Ocorre, ainda, uma redução salarial considerável e a falta de atividades alternativas fora do ambiente de trabalho. (SCHNEIDER e IRIGARAY, 2008, p.590).

Para Cachioni (1998), “Os programas educacionais para idosos funcionam como instrumentos para prolongar, até a terceira idade, o processo de socialização que se inicia na infância, atravessa a adolescência, atinge a idade adulta e a velhice” (CACHIONI, 1998, p.7). De acordo com Pinto e Neri (2018),

Um estilo de vida envolvido é entendido como componente importante do envelhecimento bem-sucedido. Muitos idosos com elevados níveis de participação social relataram bem-estar positivo, o que contribuiu para a confirmação da teoria da atividade por estudiosos, praticantes e pesquisadores. (PINTO e NERI, 2018, p.3444).

Os espaços de convívio entre idosos, como o CRPI, permitem que eles possam estabelecer relações com pessoas que passaram e ainda passam por situações parecidas com as quais eles vivem nessa etapa da vida. É um espaço importante de trocas de experiências e de criação de novas amizades. Quanto às relações de amizade entre idosos, Alves (2007) afirma:

As amizades dos idosos colocam em cena as afinidades de gosto, de estilo de vida e uma outra linguagem de sentimentos que apela mais abertamente para as negociações das relações. A intimidade e a reciprocidade implicadas nas relações de amizade favorecem a construção de uma identidade comum e de laços de ajuda e conforto emocional. (ALVES, 2007, p.130)

Claudina destacou as relações interpessoais neste espaço como algo positivo em sua vida. Ela afirmou: “É porque a gente tem comunicação com muitas pessoas. Então, você forma um grupo de amizade muito grande, que é coisa muito boa, e isso fortifica, né? Dizem que abraçar é o melhor remédio que tem, né?”. Betânia também destacou as boas relações pessoais e suas contribuições para os participantes das atividades do CRPI:

Ali ajuda. Porque a pessoa, quando ela está ali, ela esquece dos problemas, ela tem amizade. Se ela está sentido, se um dedo está doendo, ela vê a outra que o pé inteiro está doendo. São pessoas humanas, que vivem a mesma coisa das outras. Você reclama um de “trem” comigo, eu posso não te apoiar, mas outra ali te apoia. Tem sempre um abraço para cada pessoa ali. (BETÂNIA, 74 anos).

Claudina reforçou o relato de Betânia e acrescentou que a convivência com diferentes pessoas lhe fazia refletir sobre sua realidade, como também compreender melhor sua condição: “Pra melhorar a memória, aceitar bem as coisas. A gente, vivendo assim, com várias pessoas, então você vê uma que tem um problema, então, a gente, ao invés de ficar triste, a gente fala não, a minha parte tá muito boa”.

Felipe apontou sobre o que é ter uma boa qualidade de vida: “Olha, fazer alguma atividade, conviver com outras pessoas e... É isso. Fazer uma atividade e conviver. Convivência, né? É, seria isso. E ter alegria. Tem que ter alegria, tem que ser alegre, rir.” (FELIPE, 83 anos). Sobre esses aspectos levantados por Felipe, Pezavento e Ribeiro (2018) destacam que:

Nesse sentido, o envolvimento social pode proporcionar melhoras significativas na percepção da confiança pessoal, a satisfação em viver e a promoção de um envelhecimento saudável, com dignidade e autonomia. Diante desses fatores, pode-se perceber a importância que esses grupos exercem na vida dos idosos, visto ser uma oportunidade para eles encontrarem estímulos que melhorem sua qualidade de vida física e emocional, acarretando ganhos relacionados à autonomia e aceitação na sociedade. (PEZAVENTO e RIBEIRO, 2018, p.100).

Os processos de trocas e de socialização entre os idosos, como aqueles vivenciados no CRPI, são pontos que merecem destaque, no que diz respeito à qualidade de vida nessa fase da vida. Sobre os benefícios gerados pela participação de pessoas idosas em centros e grupos de convivência, Dal Rio e Miranda (2009) destacam:

A socialização é a meta central dos centros e grupos de convivência de idosos, que utilizam como estratégia o trabalho coletivo, com atividades regulares e permanentes que incentivam o convívio, desenvolvendo habilidades nas relações interpessoais. Estruturadas de acordo com o interesse comum ou propostas pelos coordenadores, as atividades permitem adquirir novos conhecimentos, muitas vezes sobre a terceira fase da vida e as contínuas mudanças da realidade. Possibilitam trocar experiências, estabelecer vínculos de amizade, partilhar preocupações e sentimentos, viver situações inéditas. Transformam as histórias individuais compartilhadas em história coletiva, construída com base em um novo conceito sobre envelhecimento e velhice. Exercem poder restaurador da afetividade e da autoestima e servem até de estímulo para retorno ao mercado de trabalho. Evitam o isolamento e a solidão e criam espaço para a participação, para a integração social. (DAL RIO e MIRANDA, 2009, p. 18)

Garcia, Santos e Zuzarte (2020), ao discutirem os achados de sua pesquisa, afirmam que “Os relatos mostram que as atividades do grupo favoreceram o bom entrosamento, ao compartilhar histórias e elaborar materiais em conjunto. A arte possibilita a expressão e liberação de afetos, favorecendo a comunicação e os potenciais criativos (Guedes *et al.*, 2011).” (GARCIA; SANTOS; ZUZARTE, 2020, p.211).

As aulas no CRPI possibilitaram encontros geracionais e fortaleceram os laços sociais dos sujeitos participantes das ações, estando aí mais um benefício gerado por aquelas atividades. As relações afetuosas construídas naquele espaço promoveram, além da alegria do convívio, reflexões acerca das relações familiares, passando inclusive, a exigir mais respeito e atenção. É o que sugeriu a fala de Ana, ao tratar do dia do seu aniversário e comparar os afetos recebidos das pessoas do CRPI com aqueles recebidos dos seus filhos, conforme citado anteriormente. Em relação à sua participação nas atividades do CRPI, Ana ainda afirmou que

“quando você chega aqui as pessoas te dão uma atenção tão especial que quando você não vem, você sente falta”.

Os relatos dos idosos reafirmaram a importância de propostas educativas qualificadas nesse período da vida. É nesse sentido que o texto de Neto, Gomes e Amaral (2018) aponta:

As vivências com características próprias em cada etapa da vida ajudam a construir a autoimagem que pode e deve ser ressignificada a partir da educação. Como cidadãos, os idosos podem e devem ingressar nos espaços sociais que lutam em busca de mudanças, repensando posturas e participando de forma ativa, tornando-se verdadeiros sujeitos de direitos de seu tempo e de sua história, o que fará com que se distanciem do comportamento conformista e solitário. (NETO; GOMES; AMARAL, 2018, p. 167).

De acordo com Teixeira, Kohlrausch e Silva (2020), à medida que o idoso participa de atividades artísticas vinculadas à música e ao teatro, ele abre espaço para transformar suas vivências em arte particular e coletiva. Além disso, esses autores destacam que “A participação nesses espaços configura novas perspectivas de pertencimento e criação de vínculos, tanto com os próprios pares, quanto com os educadores e demais participantes intergeracionais” (TEIXEIRA; KOHLRAUSCH; SILVA, 2020, p. 12).

Assim, percebe-se que as boas relações interpessoais, promovidas pelas atividades de Voz e Violão e de Teatro, seja entre os funcionários do CRPI ou entre os idosos e seus pares, estimularam a permanência das pessoas idosas e fizeram com que elas acabassem notando os benefícios promovidos em suas vidas, a partir da participação ativa naqueles espaços. No item a seguir, serão discutidas as contribuições dessas práticas educativas para a qualidade de vida dos idosos.

## **5.2 – Os benefícios das práticas educativas investigadas para a melhoria na qualidade de vida das pessoas idosas**

As diversas atividades educativas ofertadas pelo CRPI tendiam a contribuir para uma vida mais dinâmica, mais saudável e mais integrada socialmente, o que levava a um aumento na qualidade de vida das pessoas que delas participavam. Neri (2015), em relação à qualidade de vida, ressalta que:

É importante compreender que, em qualquer momento do ciclo vital e em qualquer sociedade, qualidade de vida é um fenômeno de várias fases e, assim, é mais bem discutido por intermédio de um construto multidimensional. A avaliação das características de seus vários domínios tem como referência critérios biológicos, sociais e psicológicos aplicados às relações atuais, passadas e prospectivas de indivíduos, grupos humanos e sociedades com o ambiente físico e social. Nessa

avaliação, são também levados em conta valores individuais e sociais à respeito do que é normal e do que é tido como desejável ou ideal quanto ao bem-estar objetivo e subjetivo. (NERI, 2015, p.2278 e 2279).

Neste trabalho, conforme exposto no capítulo 2, apoiou-se na perspectiva de qualidade de vida defendida pela OMS (1998), a qual leva em consideração, principalmente, a percepção do indivíduo quanto à sua inserção na vida, na cultura e nos sistemas de valores e quanto aos seus objetivos, suas preocupações, seus padrões e suas expectativas. A compreensão sobre qualidade de vida, defendida neste trabalho, encontra-se centrada no que o sujeito entende como benefícios gerados em sua vida, no âmbito físico, emocional ou social, a partir das participações nas práticas educativas de Teatro e de Voz e Violão.

A educação deve ser considerada como um elemento importante na manutenção e, até mesmo, na ampliação da qualidade de vida de pessoas idosas. Ao se pensar os sentidos da educação nessa fase da vida, concorda-se com Teixeira (1968) que afirma que a finalidade da educação se confunde com a finalidade da vida:

A única finalidade da vida é mais vida. Se me perguntarem o que é essa vida, eu lhes direi que é mais liberdade e mais felicidade. São vagos os termos. Mas nem por isso eles deixam de ter sentido para cada um de nós. À medida que formos mais livres, que abrangermos em nosso coração e em nossa inteligência mais coisas, que ganharmos critérios mais finos de compreensão, nessa medida nos sentiremos maiores e mais felizes. A finalidade da educação se confunde com a finalidade da vida. No fundo de todo este estudo paira a convicção de que a vida é boa e que pode ser tornada melhor. É essa a filosofia que nos ensina o momento que vivemos. Educação é o processo de assegurar a continuidade do lado bom da vida e de enriquecê-lo, alargá-lo e ampliá-lo cada vez mais. (TEIXEIRA, 1968, p.11).

Um dos pontos ressaltados pelos entrevistados mostrou que a prática das atividades educativas os levaram a pensar mais em si mesmos e a se cuidarem melhor. Os relatos referiam-se às percepções acerca do momento de vida, tido por eles como o tempo para realizarem seus sonhos, para serem felizes e para manterem a saúde. É o que nos relatou Cátia:

Porque, sabe, eu não tinha tempo, assim, para nada, para sair, porque eu fiquei criando os meus netos... depois, quando eu acabei de criar os meus filhos, aí eu comecei a criar os netos. Aí, você sabe que é mais problema, né? Aí eu nunca tive tempo, assim, para ir para o cinema, ir para o teatro... nunca tive tempo, não. Então, a minha oportunidade é agora, é essa que eu agarro, mesmo, com muita vontade, porque agora eu posso. (CÁTIA, 81 anos).

Ana, contou que foi buscar uma atividade no Centro de Referência da Pessoa Idosa Vereador Sérgio Ferrara para melhorar sua memória. Ela havia percebido que estava esquecendo as coisas com facilidade e, com receio de a situação ir se agravando, foi em busca de uma atividade para exercitar a memória:

E também, eu vim pra aqui, ó, porque eu já não tava... olha, isso já deveria estar acontecendo... Eu só descobri, acho que foi primeira ou segunda semana de agosto, eu saí da pia para pegar alguma coisa na geladeira, quando eu cheguei na geladeira, eu não lembrava mais o que fui buscar. Isso já devia tá acontecendo, mas a gente não presta atenção. Eu nunca fui de prestar muita atenção em mim, mas, dessa vez, eu assustei. Porque da pia... um cubículo de cozinha e não lembrar? Eu tive que sair da pia de novo falando o que eu fui buscar. Aí eu assustei. Eu comecei a reclamar. Foi aí, eu reclamando, reclamando sem parar, foi aí que, na época que eu fazia fisioterapia, eu vinha pra cá pra fazer caminhada com acompanhamento, aí, eu vim pra cá pra ver se tinha vaga. (ANA, 67 anos).

Ana, como dito anteriormente, começou a fazer as aulas de Teatro e, logo em seguida, se inscreveu também na turma de Voz e Violão. Ela relatou que, com quatro meses de participação nas atividades, já era capaz de perceber alguns benefícios:

Então, é igual eu falei com Deus: “você, com problema de articulação, tudo bem. Mas, problema mental?”. Falei com Deus: “Quem vai cuidar de mim com problema mental?”. Ninguém vai ter tempo pra cuidar de mim, não. Mas aí, agora, eles cuidam, me ensinam a cuidar, me ensinam a ler, a me preocupar mais, a ter mais cuidado, guardar mais as coisas. Nossa! De agosto pra cá, agosto, setembro, outubro, novembro. Desse tempo que eu tô aqui, melhora mentalmente, melhora emocionalmente... acho que eu tava precisando mais emocional e a mente tava, assim, sumindo; e eu não estava prestando atenção. (ANA, 67 anos).

Esse relato de Ana apresentou a dimensão das mudanças na sua vida, apesar do pouco tempo em que frequentava as aulas no CRPI. Ela destacou como os profissionais os ensinavam a cuidar mais de si mesmos e como as aulas e os momentos coletivos vivenciados naquele espaço tinham contribuído emocionalmente para a melhoria de sua qualidade de vida.

Siqueira (2015) aponta que Cavan, Burgess, Havighurst, Goldhamer e Albrecht (PASSUT e BENGSTON, 1988) foram os proponentes da Teoria da Atividade. Essa é a teoria que orientou a proposta do lazer e da educação não formal como caminhos para a promoção do bem-estar das pessoas idosas. De acordo com Siqueira (2015), na Teoria da Atividade:

A proposição básica é que o declínio em atividades físicas e mentais, geralmente associadas à velhice, é fator dominante nas doenças psicológicas do idoso. O esforço para manter os mesmos níveis de atividade de estágios anteriores contribui de forma importante para o envelhecimento bem-sucedido. Para a manutenção de um autoconceito positivo, o idoso deve substituir os papéis sociais perdidos com o processo de envelhecimento por novos, de modo que o bem-estar na velhice seria o incremento de atividades relacionadas a esses novos papéis sociais. Ao mesmo tempo em que enfatiza a atividade como benéfica e necessária para a satisfação com a vida na velhice, a teoria assume que todo idoso precisa de altos índices de atividade social e os deseja. (SIQUEIRA, 2015, p.1033).

Claudina, apesar de realizar outras atividades fora do CRPI, como pilates, coral e ginástica, destacou a importância das aulas de Teatro para exercitar sua memória: “Eu acho que

é a atenção que ajuda muito. A gente tem que ter e trabalhar muito o cérebro da gente. Eu acho que ajuda muito. Se você fica preocupada em decorar um texto, você foca”. Ela ainda contou como as filhas reagem quanto à sua dedicação em decorar os textos das peças teatrais:

Decoro. Às vezes, vai uma filha minha lá em casa e ela me pede pra lembrar alguma coisa e eu falo com ela: “Ah, esqueci”. Aí, ela fala comigo: “Deixa eu pedir a senhora pra falar um texto do Teatro, aí, texto do Teatro a senhora sabe, né? Esquece o que a senhora não interessa”. (CLAUDINA, 95 anos).

Os conhecimentos adquiridos, a partir de uma atividade que trazia aos idosos prazer, promoviam melhorias na vida dos sujeitos envolvidos. Tais melhorias ocorriam, porque aquelas práticas estimulavam a memória e a conexão consigo mesmos. Ocorriam, ainda, ao se perceberem capazes de aprender e de ir notando os avanços que alcançavam. Sobre esse tema, Risse, Pereira e Souza (2018) afirmam:

A intervenção mediante a estimulação cognitiva tem como objetivo estimular as diversas funções cognitivas do sujeito (memória, atenção, linguagem, etc), procurando alcançar o desempenho máximo do paciente e, assim, tornar mínima a confusão mental, o que melhora nitidamente a qualidade de vida dessa pessoa. Essa melhoria da qualidade de vida está relacionada diretamente ao fato de que esta estimulação pode auxiliar o indivíduo a ter uma vida mais autônoma, independente e feliz, pois uma disfunção cognitiva altera toda a vida do paciente, em todas as esferas sociais frequentadas por essa pessoa. (RISE, PEREIRA e SOUZA, 2018, p. 199).

A pesquisa realizada por Garcia, Santos e Zuzarte (2020) teve como objetivo avaliar a relação existente entre a memória e a cognição de mulheres acima de 60 anos, sem alteração ou com leve alteração de memória, após a intervenção em grupo para resgate de memórias, por meio de atividades artísticas. Também teve como objetivo identificar a expectativa das idosas em relação ao grupo e à percepção sobre os resultados da intervenção. Como achados da pesquisa, as autoras apontaram que houve melhora quanto à autopercepção das memórias das mulheres idosas, a partir da estimulação cognitiva, por meio da arte, da socialização e do resgate das suas memórias. Para as autoras, a arte se mostrou como um instrumento importante de acolhimento, de trocas de experiências e como forma de reafirmar a identidade daquelas mulheres. Os resultados apontados corroboram com os achados da investigação aqui apresentada.

Claudina destacou que a melhoria na sua saúde se deu antes mesmo de chegar ao CRPI. Ela contou que começou a fazer diversas atividades no Serviço Social do Comércio (SESC) e que isso foi fundamental para o aumento de sua qualidade de vida:



Eu tive uma fase, nos 50 e poucos anos, até quando eu entrei pro SESC, com 64 anos, eu vivia internada. Eles achavam que eu ia embora. Era muita coisa, sabe? Aí, quando eu entrei pro SESC, eu comecei a melhorar, eu comecei a diminuir os remédios. Agora eu tomo uns remédios, porque tem que tomar mesmo, né? Mas eu melhorei muito. Então, o SESC, pra mim, foi um remédio. (CLAUDINA, 95 anos).

Ainda em relação aos aspectos relacionados à saúde, Ana destacou que sua participação nas atividades no CRPI trouxe benefícios até para a qualidade de seu sono: “Sem comparação. Eu durmo muito bem. Acabou a irritação. Porque, antes, eu não dormia, eu ficava irritada”. Este relato demonstrou que os benefícios na vida de Ana, que foi em busca de uma atividade para exercitar sua memória, foram ampliados para outros elementos que contribuíram para a melhoria de sua qualidade de vida. De acordo com Pinto e Neri (2017),

Podem-se identificar ao menos três caminhos para explicar os mecanismos pelos quais a participação social melhora o bem-estar dos idosos:

- Os contatos sociais podem permitir o acesso a recursos disponíveis, promover um senso de propósito, e aumentar a motivação para o autocuidado com a saúde
- A integração social pode aumentar o fluxo de informações relacionadas com boas práticas de saúde e encorajar o uso mais adequado dos serviços de saúde
- O envolvimento em atividades sociais pode desencadear uma série de reações fisiológicas benéficas para o organismo como a regulação neuroendócrina e hormonal, responsável pelo estresse
- Promove alívio para situações de estresse financeiro ou eventos adversos mediante apoio dos membros da rede social. (PINTO e NERI, 2017, p.3441)

Claudina, no período da pandemia, esteve afastada das atividades, por não saber utilizar a internet no *smartphone*. Ao questioná-la sobre como estava lidando com essa situação de ter que ficar resguardada em casa, já que ela normalmente tinha atividades externas todos os dias da semana, ela respondeu:

Ah, olha! Eu tinha uma vida muito ativa, eu só não tinha atividade na sexta-feira. Eu fazia atividades no SESC, no CRPI e ainda fazia pilates. Agora, eu só fico em casa, nem na casa dos meus filhos eu vou mais. Eu falei que agora que eu vou ficar velha. Eu não era velha, não, mas agora eu vou ficar, de tanto ficar parada em casa. (CLAUDINA, 95 anos).

É interessante notar que Claudina, mesmo com seus 95 anos, afirmava que não era velha. Sua vida, cheia de atividades durante a semana, no período anterior ao isolamento social, a fazia se sentir ativa e, assim, considerava-se saudável e capaz de atuar socialmente.

As práticas educativas que ocorriam no CRPI promoviam formas de autoconhecimento daqueles sujeitos, além de favorecerem que eles conhecessem seus direitos. Eles passaram a se identificar como idosos, reconhecendo seus limites pessoais, mas também suas capacidades e as suas possibilidades. Uma das perguntas feitas aos sujeitos, com 60 anos ou mais, na época

da realização das entrevistas, era se eles se viam como pessoas idosas. José respondeu “sim”, e sua esposa, que estava próxima, acompanhando a entrevista, falou “não”. Ele reafirmou o que disse:

Idoso, sim. É o tal negócio: idoso, sim, velho é que não. Porque eu recebi uma mensagem que fala que velho é aquele que está acabado, que não tem atividade nenhuma. Eu não. Eu participo. Inclusive, agora que eu estou morando no sítio por causa da pandemia, eu cuido das plantas, eu rastelo. Eu não gosto de ficar parado, não. Eu tenho atividade! (JOSÉ, 72 anos).

É importante destacar que, em todas as entrevistas, as respostas se assemelhavam, no sentido de diferenciar idoso de velho. O termo velho, assim como foi usado no relato de Claudina, se referia, na fala de José, àquele que não participava das atividades praticadas por eles ou a alguém que não fosse capaz de realizar nem mesmo os afazeres domésticos, conforme apontou José na fala anterior.

Ao responder a essa mesma questão, Cátia apresentou, sob a sua perspectiva, o que diferenciava o idoso do velho, assim, para ela: “a diferença é que o velho, ele aposenta de tudo, né? Fica deitadinho, não sai de casa, fica só vendo televisão... E o idoso é, tipo assim, Cátia, né?! Que fica, assim, pela rua, daqui e dali, fica para lá e para cá, toca violão e se diverte”.

A representação social preconceituosa em relação à incapacidade das pessoas maiores de 60 anos apareceu, na fala de Betânia, ao responder se ela identificava, na sociedade, o preconceito por pertencer a esse grupo etário:

“Será que ela aguenta?; será que ela pode?” – né? – “uai, mas mora sozinha? Como que você consegue?”: são umas perguntas tão cretinas que eu respondo: “o dia que eu não conseguir, eu estou morta”. É, uai! Porque você não pode é parar. Você, da sua idade, você é jovem. Eu, como estou na flor da muxibada, eu nem falo, né? Aí, você, se você parar de fazer tudo, de estudar, de trabalhar, ficar dentro da sua casa, deitada, vendo televisão, você se torna uma pessoa velha. (BETÂNIA, 74 anos)

As referências que esses idosos traziam em relação ao termo velho remetiam ao estereótipo social difundido sobre a imagem das pessoas com mais idade, o que levava ao preconceito em relação a esse grupo etário e o que ficou conhecido pelo termo *ageism*. Este termo foi traduzido para o português como idadismo ou etarismo. De acordo com Couto *et.al.* (2009), foi Robert Butler, no ano de 1969, que utilizou, pela primeira vez, essa nomenclatura, a qual definiu como uma forma de intolerância relacionada à idade, o que poderia levar à discriminação de qualquer pessoa, fosse criança ou idoso. No entanto, ainda segundo Couto *et al.* (2009), Palmore (2004) definiu que este termo diz respeito à discriminação e aos preconceitos contra pessoas idosas. Para Couto *et.al.* (2009):

A vivência do processo de envelhecimento pode ser comprometida pela manutenção de estereótipos negativos, de preconceito e de discriminação. Assim, na velhice, a presença de tais indicadores macrossistêmicos negativos pode representar um fator de violência psicológica contra os idosos. Neri (2005) argumenta que o preconceito em relação à velhice tem o potencial de determinar políticas e práticas sociais segregadoras e discriminatórias que podem privar os idosos do acesso a empregos, tratamentos médicos etc. (COUTO et. al., 2009, p. 511).

Conhecer melhor sobre si mesmos e sobre suas capacidades, limitações e direitos eram os benefícios gerados pelas práticas educativas no CRPI, o que ajudava a combater esse estereótipo dos idosos como seres incapazes e os preconceitos existentes em relação à idade. Ao se perceberem como capazes, ao desenvolverem as atividades e as apresentações ligadas a elas, aqueles sujeitos demonstravam para a sociedade que o envelhecimento deve ser vivido com direito à dignidade, à participação em diversas esferas sociais, com o desenvolvimento de seus conhecimentos e das habilidades enquanto seres humanos inconclusos que somos.

A possibilidade de os idosos acessarem novos conhecimentos e aquela de eles poderem levar alegria para outras pessoas, por meio das artes que eles produziram, foram elementos destacados pelos idosos que participaram das entrevistas. Tanto os estudantes das aulas de Teatro quanto aqueles das aulas de Voz e Violão faziam apresentações em espaços públicos, hospitais, empresas e ILPIs, a partir de convites realizados pelas instituições, como abordado aqui. Essas apresentações faziam com que eles se sentissem úteis, mais atuantes socialmente e mais felizes e realizados com suas artes. É o que demonstraram os relatos que seguem:

O violão traz muita alegria pra gente e a oportunidade da gente estar sempre aprendendo coisas novas. E traz, ainda, a oportunidade da gente tocar para outras pessoas também. Meus vizinhos aqui adoram. Os velhinhos aqui, quando eu saía com o violão, eles falavam: “oh, menina, toca uma música aí pra mim”. Eu parava e tocava, e eles ficavam muito felizes! (CÁTIA, 81 anos).

Uma das coisas que me cativou, também, foram as apresentações nos asilos. Porque, além de estarmos fazendo para o nosso entretenimento, nós já estamos transmitindo, fazendo o entretenimento de outras pessoas dentro dos asilos. Fazendo a diversão das pessoas dentro dos asilos! (JOSÉ, 72 anos).

As apresentações tiveram um destaque importante nas falas desses sujeitos. Elas representavam espaços de realização pessoal, onde eles podiam demonstrar o que vêm vinham aprendendo, demonstrar sua arte, mas também representavam espaços de realização enquanto sujeitos que estavam atuando e colaborando socialmente para melhorar a vida de outras pessoas. Eles ressaltavam a importância de suas artes como formas de eles levarem alegria e entretenimento por onde passavam. Era também uma maneira de se sentirem úteis diante da sociedade. Era um momento em que se percebiam como homens e mulheres produtores de

cultura, que estavam no mundo fazendo história. A relação dos idosos com as apresentações podia ser associada ao que afirma Freire (2018):

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é a de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história. (FREIRE, 2018, p. 53).

Percebe-se que os ganhos obtidos por essas pessoas que frequentavam essas práticas educativas estavam além da vinculação específica com os conteúdos próprios das aulas, eles se relacionavam com a manutenção da qualidade de vida e com a percepção da felicidade por parte dos sujeitos envolvidos. Para Cachioni (2017, p. 305), “a educação permanente para idosos, propiciada pelas universidades e fora dela, contribui para a manutenção de altos índices de satisfação com a vida e de sentimentos positivos”. Segundo Pezavento e Ribeiro (2018):

vale a pena ressaltar que os idosos necessitam estar engajados em atividades que os façam se sentir úteis, independente das condições financeiras. De acordo com as observações feitas, o grupo de convivência demonstra ser um ambiente positivo para os idosos manterem o convívio social, de modo que a relação com as outras pessoas contribui de forma significativa para a sua qualidade de vida. No entanto, o idoso deve ter autonomia para decidir se quer participar ou não desses grupos, para que assim possa usufruir deles com satisfação. (PEZAVENTO e RIBEIRO, 2018, p.100).

Ao entrevistar o professor Daniel, questionou-se se ele percebia alguma melhoria na vida dos sujeitos que participavam das atividades por ele conduzidas. Ele respondeu:

Eu sempre escuto deles... eu escuto que teve uma melhora de vida. Que teve hoje uma contribuição para o dia a dia do idoso, do sujeito. Ah... eu tenho alguns testemunhos que eu tenho gravado, o testemunho de uma senhora que tentou suicídio duas vezes e entrou no projeto e, hoje, é o meu braço direito. É ela que marca as visitas nos ILPIs, ela que faz as marcações dos asilos, dos orfanatos. Esse também é um trabalho que a gente faz. Porque não fica só aqui. A gente faz a visita. Leva alegria. Então, o que eu posso dizer é que é um complemento, a alegria, a autoestima, o sorriso de cada um. Então, quando eu vejo o filho, a filha, o esposo trazendo aquele idoso, o filho trazendo o idoso, então, isso, para mim, já é gratificante. É e foi uma contribuição para a alegria desse idoso. Os testemunhos: “ah, hoje eu me sinto bem”; “ah, hoje eu estou bem”; “hoje minha vida é outra, eu estou com autoestima, eu estou alegre.”; ou “oh professor, eu cantei outro dia no barzinho e juntou um monte de gente”; “ah, eu cantei lá na minha casa, o meu esposo não me ouvia, agora, ele pede para eu cantar”; “professor, meu filho me deu um violão de presente”. Então, isso tudo já é a resposta do que o projeto proporcionou para esse idoso, para esse sujeito. (DANIEL, 53 anos).

A professora Fernanda também relatou suas percepções quanto aos benefícios das apresentações para os idosos que participavam das aulas de Teatro. Fernanda destacou a elevação da autoestima como uma das contribuições daqueles momentos:

Nossa!!! Elevação da autoestima. A autoestima desses idosos fica lá no alto. Porque eles percebem o tanto que eles estão contribuindo para a sociedade, para quem nos assiste. Eles têm essa percepção. O idoso é muito inteligente, sabe? A maturidade do idoso é linda! Ele tem essa percepção de até onde ele pode ir e essa capacidade de interagir com o público, sabe? É muito fantástico! Eu sinto que eles ficam com a autoestima... ficam empoderados, ficam com sua autoestima lá no alto quando recebem os aplausos. Aplauso é muito bom, né? É maravilhoso! Eu sinto que eles ficam muito, muito felizes. E a felicidade deles é a nossa felicidade. É pra isso que eu tô aqui. Pra proporcionar sorrisos, proporcionar alegria, bem-estar. Isso não tem coisa mais gratificante para mim do que receber um abraço, um sorriso do idoso. (FERNANDA, 65 anos).

As percepções de Daniel e de Fernanda iam ao encontro daquilo que as respostas dos idosos também mostraram. Estes últimos se sentiam felizes e realizados em poderem apresentar os conhecimentos que foram elaborando ao longo do tempo, em seus encontros com os professores e com os colegas do CRPI. Sentiam-se realmente empoderados e com a autoestima elevada, por estarem ativos, produzindo e levando arte e alegria a quem assiste a sua arte, o que contribuía para um maior bem-estar e uma maior qualidade de vida para esses sujeitos. De acordo com Teixeira, Kohlrausch e Silva (2020):

Espaços que permitem a apresentação dos idosos em artes, constituem-se em uma alternativa de empoderamento dos mesmos. O idoso que se apresenta não é mais invisível, ao menos enquanto durar a cena. Esse microespaço pode ser o prenúncio de uma geografia maior que permita uma visibilidade/presença constante. (TEIXEIRA, KOHLRAUSCH e SILVA, 2020, p.6).

A melhoria da autoestima das pessoas idosas foi destacada pelos professores ao descreverem suas percepções acerca das contribuições das apresentações. De acordo com Garcia, Santos e Zuzuarte (2020, p.212), “Ligada à autoimagem, a autoestima é considerada uma avaliação da pessoa sobre o próprio valor, dependente da percepção de si mesma, englobando dois aspectos: o sentimento de competência pessoal e o sentimento de valor pessoal (FREIRE, 2002)”.

Em relação às respostas dos idosos, Felipe, ao falar das apresentações, afirmou que acreditava que aquele momento fazia bem para o seu ego. Claudina percebia as apresentações como um momento seu de entrega à arte: “eu me sinto bem. Ah...eu me entrego. Se falar para eu fazer um papel de velha, eu faço. Se falar para eu fazer um papel de moleque, eu faço, também. Eu procuro me concentrar ali, mudar a voz, mudar o modo de andar, né?”. E, para a professora Fernanda, essa entrega, o comprometimento deles em desempenhar bem o papel, também se relacionava com a autoestima e com o senso de responsabilidade deles:

Responsabilidade. É muita responsabilidade. Eu questiono com eles sobre isso. quando eu dou um texto, a leitura do texto, a memória, o trabalho com a memória... Uns falam: “ah, eu não vou decorar”. Eu falo: “você não vai decorar, você vai ler”. Então eles leem, eles questionam comigo e a autoestima, quando eu falo a autoestima, é a memória, a postura, equilíbrio. Sabe, o teatro é completo. O teatro é a arte mais completa que existe, porque as artes cênicas envolvem música, envolvem expressão corporal, envolvem dramaturgia, é global, né? Ela envolve todas as artes. As artes cênicas, né? Então, eu respeito todas as artes e eles sabem disso. A leitura deles, na hora, nossa, eles ficam entusiasmados. E, quando não gostam, eles torcem o nariz. E tem a coisa da relação deles com a família, também. Deles quererem que os filhos saibam que eles estão produzindo. (FERNANDA, 65 anos).

As apresentações os faziam se sentir mais confiantes e orgulhosos de seus aprendizados e de suas competências. Tanto o grupo do Teatro quanto aquele de Voz e Violão recebiam vários convites durante o ano para se apresentarem em diferentes espaços e para diferentes públicos. José relatou sua alegria em ter podido se apresentar em tantos locais distintos e com uma boa aceitação por onde passou. Além disso, ele mesmo avaliou como tendo sido muito bonitas as apresentações realizadas pelo seu grupo:

Essas apresentações, cada uma mais bonita! Oh, no Pronto Socorro, foi bacana! Eu participei de duas no Pronto Socorro e no Hospital Militar. A AcerlorMittal é outra que foi bacana. Essa que teve na... a da Fiat, que o Daniel comentou, e tudo mais. Além, também, dos asilos que a gente apresentou. Não só asilos, a gente apresentou, não só [em] espaços da prefeitura, não, às vezes particular, também. (JOSÉ, 72 anos)

O orgulho que José demonstrava em seu relato sobre as apresentações reforçava a ideia de que aqueles momentos promoviam a melhoria na autoestima dos sujeitos envolvidos. De acordo com Garcia, Santos e ZuzuarTE (2020), a arte possui um importante papel social, ao possibilitar o contato e a compreensão das emoções, além de facilitar a expressão dos sentimentos, das sensações e da imagem de si mesmos e do mundo interior. Para esses autores,

A expressão artística, a socialização, a convivência, podem levar indivíduos a se redescobrirem com maior propriedade, sendo a arte instrumento para reconstrução de vida, através da pintura, da música e outras ferramentas, utilizadas durante os encontros e desenvolvidas nas atividades, com intuito de evidenciar o idoso e sua própria história. (GARCIA, SANTOS e ZUZUARTE, 2020, p. 212).

Outro fator que se relacionava com a elevação da autoestima era que as práticas educativas permitiam aos sujeitos realizarem seus sonhos. Sonhos estes que se encontravam adormecidos ou guardados durante toda a vida, até chegarem nessa fase em que encontravam mais tempo livre devido à aposentadoria ou ao fato de já estarem com os filhos mais independentes, sem a necessidade de se dedicarem tanto aos cuidados com a família ou ao trabalho remunerado. Sobre a realização de seu desejo de tocar violão, Cátia relatou:

Você sabe quanto tempo tem que eu tenho vontade de tocar violão? A primeira vez que eu vi um violão, na minha vida, eu ia fazer cinco anos de idade, certo? É, eu tinha cinco anos. Eu fui com a minha mãe. Ainda tinha mãe, né? Fui numa festinha com a minha mãe, e lá tinha um povo cantando e tocando. Eu queria tomar o violão do moço. [risos] Aí, a minha mãe, para me tirar de lá, falou: “não, depois nós vamos procurar um para comprar e tal”. E foi me engabelando, tal, tal, aí, eu fui embora. Só que, pouco tempo depois, a minha mãe morreu; eu fiquei com seis anos de idade, e o violão foi só distanciando de mim; só indo embora. Aí, eu fui trabalhar, ter família... Mas isso aí sempre ficou, né? A vida toda. Agora, quando apareceu esse professor, lá, com essa aula, Nossa Senhora, tudo de bom! Acho que eu fui a primeira a me matricular. Nem nunca tinha pegado um violão. Eu não sabia nem pegar no violão, eu não sabia. Depois de 78 anos que eu consegui tocar o violão, né? Nossa Senhora! Para você ver minha alegria, né? (CÁTIA, 81 anos).

Cátia destacou que passou a vida desejando aprender a tocar violão e que só foi possível realizar esse desejo no CRPI, com 78 anos de idade. Cátia frequentava outras atividades, dentro e fora do CRPI, mas, como processo de realização pessoal, ela destacou sua participação nas aulas de violão. Sobre a autorrealização nessa fase da vida, Faria (2020) aponta que:

A capacidade dos humanos se auto-atualizarem positivamente enquanto pessoas em desenvolvimento possibilita-lhes uma gestão harmoniosa das suas vidas. Tomar consciência do seu próprio processo de envelhecimento e compreendê-lo de uma forma positiva permite-lhes estarem abertos a novos desafios, e consequentemente, encontram-se mais dispostos a vivenciarem experiências diferentes e a delinearem um novo projeto de vida. (FARIA, 2020, p. 225).

A realização do desejo de Cátia, ao aprender a tocar violão após tantos anos de espera, dialoga com o conceito de Paulo Freire sobre o inédito viável. De acordo com Freire (2015), para se concretizar o inédito viável, é necessário superar a situação que cria o obstáculo, o que só é possível a partir da *práxis*, que passa pela ação e pela reflexão.

O inédito viável também podia ser notado na fala de Greice, ao tratar do seu sonho de cantar para uma plateia, o qual foi realizado ao participar do espetáculo “A Era de Ouro do Rádio”. A realização desses sonhos, até então inalcançados, foi possível a partir do momento que aqueles idosos decidiram participar das atividades. Foi possível alcançar a realização de seus desejos, ao irem superando seus limites, referentes às condições impostas pela vida até ali, como também os sentimentos de insegurança, a timidez ou até mesmo aqueles sentimentos relacionados aos preconceitos sociais contra as pessoas idosas. É nesse sentido que Gadotti (2007) aponta, ao tratar do inédito viável em Paulo Freire.

Expressão utilizada por Paulo Freire para designar o devir, o ‘ainda-não’, o futuro a se construir, a futuridade a ser criada, o projeto a realizar. Inédito viável é a possibilidade ainda inédita de ação que não pode ocorrer a não ser que superemos as

situações-limites (...), transformando a realidade na qual ela está com a nossa práxis. (GADOTTI, 2007, p. 10).

As práticas educativas no CRPI permitiam aos sujeitos idosos, além da realização de sonhos antigos, o projetar de novos desejos e a descoberta de outras habilidades. Cátia relatou que, além de aprender a tocar violão, o CRPI a permitiu acessar outras atividades com as quais ela foi aprendendo:

Olha, eu aprendi muita coisa lá. Eu já tinha, assim, uma condição de vida, assim, que a gente não podia parar totalmente, né? E lá, para o CRPI, aí é que eu encontrei tudo que eu queria, tudo que eu tinha vontade de fazer e não tive oportunidade. E fui fazendo os cursos lá e fui me divertindo um pouquinho, entendeu? Aprendi a fazer flor, aprendi a fazer caixinha... eu só não quis crochê, porque crochê eu achei muito sossegado, muito calmo, e eu não sou calma. (CÁTIA, 81 anos).

Em relação às melhorias na vida dos idosos, a partir da participação em práticas educativas, a pesquisa de Coura (2007) apontou que frequentar atividades educacionais formais na EJA também trazia benefícios para a melhoria na qualidade de vida para as pessoas acima dos 60 anos. De acordo com Coura (2007):

Frequentar uma instituição escolar vem provocando uma transformação na vida destas pessoas no âmbito físico, psicológico e social. No âmbito físico tornou suas vidas mais dinâmicas e mais saudáveis. No plano social desenvolveu suas relações interpessoais fazendo com que conquistassem novos amigos e, através da participação em variados eventos, lhes proporcionou mais segurança e desenvoltura para atuar cada vez mais na sociedade em que vivem. Já em relação ao aspecto psicológico melhorou a imagem que tinham de si mesmos, garantindo, assim, uma auto-imagem mais elevada. Todos estes aspectos transformaram a visão de mundo que essas pessoas tinham e fez com despertassem nelas novas expectativas e novos desejos frente à vida. (COURA, 2007, p. 123)

Ao serem comparados os resultados da pesquisa atual com aqueles da pesquisa do mestrado, percebe-se que a educação, seja ela formal ou não formal, promove ganhos importantes na vida de pessoas idosas que dela participam. Acredita-se, assim, que fomentar a existência de práticas educativas gratuitas, que estejam ao alcance de um número cada vez maior de idosos, que delas tenham interesse e condições de participar, pode contribuir para que essa fase da vida seja vivida com mais dignidade, com mais participação social, com melhores condições de saúde e, assim, com maior qualidade de vida.

As declarações dos sujeitos apresentavam a fase que estavam vivendo, do envelhecimento como um momento da vida com muitas possibilidades. Muitas vezes, era aquele o momento, durante toda a trajetória de vida, que eles tiveram para se dedicarem a si mesmos e para a realização de seus desejos. É o que ressaltou Cátia:



Porque, sabe, eu não tinha tempo, assim, para nada, para sair, porque eu fiquei criando os meus netos. Depois, quando eu acabei de criar os meus filhos, aí eu comecei a criar os netos. Aí, você sabe que é mais problema, né? Aí, eu nunca tive tempo, assim, para ir para ao cinema, ir para ao teatro... eu nunca tive tempo, não. Então, a minha oportunidade é agora, é essa que eu agarro, mesmo, com muita vontade, porque agora eu posso. (CÁTIA, 81 anos).

Os achados desta pesquisa reforçaram que o estereótipo do idoso incapaz, que não consegue aprender, que não tem mais lugar na sociedade, não passa de preconceito que deve ser combatido com ações que oportunizem às pessoas idosas espaços que as possibilitem fazer o que desejam e a sonhar novos sonhos. A pesquisa de mestrado, acima citada, tinha como sujeitos pessoas de ambos os sexos, com idades entre 60 e 81 anos, que cursavam distintos períodos da educação básica. Já a pesquisa atual tratou de processos educativos não formais com idosos e das contribuições de tais processos para a vida desses sujeitos, levando em conta a vivência de pessoas de ambos os sexos, com idades entre 67 e 95 anos, nas atividades de Teatro e de Voz e Violão no CRPI. Assim, concorda-se com Galvão e Gomes (2021) na afirmação de que:

O envelhecimento pode ser um percurso prazeroso, o qual integra projetos e realizações, embora esteja diretamente ligado à qualidade de vida, este processo pode ser um trajeto de liberdade e de experiência acumulada, ocasionando maior grau de especialização e capacitação com o desenvolvimento de projetos de vida e de potencialidades. Os alicerces da velhice bem-sucedida assentam em estilos de vida que mantêm o corpo e o cérebro saudáveis através do exercício, bons hábitos de nutrição e participação em atividades interessantes que desafiam o cérebro. O desenvolvimento desses hábitos relaciona-se com a educação e as atitudes da família e amigos que valorizam a vida saudável e produtiva. (GALVÃO e GOMES, 2021, p. 164).

No entanto, é importante ressaltar que as práticas, sejam elas educativas, de lazer, ou relacionadas às atividades físicas, não estão ao alcance de todos os idosos. Há limitações impostas, em alguns casos, pelas próprias condições de saúde ou pelas condições econômicas e sociais, quando, por exemplo, mesmo estando o idoso aposentado ou recebendo o benefício de prestação continuada, os valores não são suficientes para o próprio sustento e aquele de sua família, o que faz com que este idoso precise dedicar seu tempo a algum trabalho remunerado para completar a renda. Há ainda limitações de acesso a tais práticas relacionadas às condições de saúde física ou mental de algumas pessoas nessa fase da vida. E, além disso, percebe-se que a oferta de atividades, como as investigadas, ainda é restrita.

As ações voltadas para a pessoa idosa ainda precisam ser ampliadas, levadas para locais cada vez mais próximos às residências desses sujeitos, para que eles consigam usufruir dos

benefícios promovidos por elas. Mesmo em cidades grandes, como em Belo Horizonte, essas ações ainda são incipientes, levando-se em consideração a população idosa do município. Há a necessidade de que sejam pensadas políticas públicas que alcancem esses sujeitos e promovam para eles melhorias na qualidade de vida. Sobre esse aspecto, Freire (2015) destaca:

Qualidade da educação: educação para a qualidade; educação e qualidade de vida, não importa em que enunciado se encontrarem, educação e qualidade são sempre uma questão política, fora de cuja reflexão, de cuja compreensão não nos é possível entender nem uma nem outra. Não há, finalmente, educação neutra nem qualidade porque lutar no sentido de reorientar a educação que não implique uma opção política e não demande uma decisão, também política de materializá-la. (FREIRE, 2015, p. 50-51).

Assim, ao se destacar os benefícios gerados por essas atividades, que são desenvolvidas em um espaço público, deve-se ressaltar que elas são elaboradas enquanto política pública do município de Belo Horizonte. Deve-se salientar a importância do CRPI, enquanto espaço público, para a garantia do acesso de pessoas, de diferentes classes sociais e das distintas regiões da cidade, como também da Região Metropolitana de Belo Horizonte, a tais atividades.

Além disso, há que se dizer que, apesar de tudo aquilo que foi apontado como positivo, ainda há o que se aprimorar. Os idosos, em suas entrevistas, destacaram alguns pontos que acreditavam que deveriam ser melhorados no CRPI como, por exemplo, ter uma cantina para que pudessem realizar seus lanches, já que, no local ou no entorno dele, não havia nenhuma lanchonete. Falaram também sobre a insuficiência dos transportes oferecidos pela prefeitura para a realização das apresentações. Destacaram que o número de vans disponibilizadas pela prefeitura não conseguia atender à demanda dos usuários que participavam das apresentações. Havia, ainda, por parte dos idosos que participam das aulas de Voz e Violão, a queixa quanto a não oferta, no CRPI, de um espaço no qual pudessem guardar seus violões particulares e, assim, não tinham que transportá-los a cada aula, o que era um transtorno, especialmente para aqueles que utilizam o transporte coletivo para irem para aquele local.

O CRPI, como já mencionado aqui, surgiu a partir da demanda de alguns idosos para que aquele espaço fosse destinado à oferta de atividades voltadas a esse grupo etário. No geral, seus participantes tinham muita consciência sobre os direitos que possuíam, sobre os benefícios que vinham percebendo, ao participarem das atividades naquele espaço público, e a respeito das questões que poderiam levá-los a ter melhores condições para o desenvolvimento de suas atividades. Destaca-se aqui a importância de pesquisas que se aprofundem em temas que relacionem o desenvolvimento de políticas públicas e as ações voltadas para a população idosa, visando à melhoria da qualidade de vida nessa fase da vida.

Além disso, em relação à pesquisa em questão, há que se destacar que a pandemia COVID-19 fez com que fosse necessário analisar também sobre a questão da qualidade de vida nesse cenário. Ao se tratar dos benefícios gerados pelas atividades investigadas, tem-se que levar em consideração que, durante esse momento, no qual foi necessário o isolamento social, a qualidade de vida de todos foi afetada. Os aspectos relacionados à qualidade de vida nesse período serão abordados no item a seguir.

### **5.3 – A qualidade de vida dos idosos participantes das aulas de Teatro e de Voz e Violão durante a pandemia de COVID-19**

A partir de março de 2020, a vida, no mundo inteiro, foi afetada pela pandemia COVID-19. Os riscos diante de uma doença nova, que poderia levar a casos graves e até mesmo à morte, para qual não existia um medicamento ou vacina eficaz que combatesse o vírus ou prevenisse as complicações decorrentes dela, fizeram com que fosse necessário o fechamento de estabelecimentos diversos, tais como escolas, centros comerciais e outros, os quais foram classificados como atividades não essenciais.

A suspensão dessas atividades foi necessária para tentar evitar o contágio de um número de pessoas. Assim, foram estabelecidas medidas de distanciamento social. O fato de ter que deixar de realizar as atividades cotidianas, como sair para resolver questões burocráticas ou ir a um banco, deixar de frequentar uma escola, não poder promover celebrações coletivas, como o Natal ou aniversários, impactou a vida de todos os seres humanos, em especial, a vida das pessoas idosas, as quais foram consideradas como grupo de risco para a COVID-19.

A pesquisa realizada por Costa *et. al.* (2020), buscando comparar a qualidade de vida de pessoas idosas antes e durante a pandemia, teve como sujeitos pesquisados as pessoas, de ambos os sexos, com idades entre 60 e 95 anos. Uma das questões presentes em seu questionário pedia que os idosos resumissem, em uma palavra, o que estavam sentindo após terem percorrido menos de um mês do início da pandemia da COVID-19. Entre as respostas encontradas estavam: “prisão, solidão, ausência, sozinho, tristeza, ansiedade, estresse, angústia, agonia, preocupação, medo, tensão, assustado, difícil, abatido, aborrecido, chateado, inseguro, impaciente, nervoso, apavorado (...)” (COSTA *et al.*, 2020, p.16).

Os reflexos, identificados na pesquisa de Costa *et. al.* (2010), foram sentidos pelos idosos investigados na pesquisa aqui apresentada. A pandemia de COVID-19 fez com que esses sujeitos deixassem de realizar suas atividades regulares, privando-se de manter sua autonomia para resolver problemas diários básicos, como ir ao supermercado, por exemplo. Tiveram que

passar por um isolamento que os impossibilitou, muitas vezes, de conviver até mesmo com seus familiares. É o que apontou o relato de Felipe:

Mas é triste essa pandemia, de toda forma, incomoda muito a gente. Eu tenho uma filha, que ela quase não... depois da pandemia, eu não a vi mais. Ela não vem aqui, porque ela acha que não deve vir e tal. E a gente tem muito contato, mas falta esse... o que eu sinto, falta mesmo é um contato físico, de abraçar, de apertar a mão. Isso aí está me fazendo muita falta. (FELIPE, 83 anos).

Segundo Santos, Brandão e Araújo (2020, p.10), “Durante o isolamento é importante preservar a comunicação constante com familiares e amigos, por ligações de telefone e via redes sociais, como meio de buscar apoio e reduzir o tédio e a sensação de solidão”. Cátia relatou sobre a relação distante com os familiares, durante a pandemia do novo coronavírus. Quando questionada se estava tendo contato com os membros de sua família, ela respondeu:

Não. Só manda *WhatsApp*, manda foto, faz, assim, igual você está fazendo, eu vejo todo mundo. O meu bisnetinho, que é pequenininho, né, ele vai fazer quatro anos em janeiro, levado como ele só. O povo diz que ele sente muita falta de mim, também, fica reclamando: “cadê vovó?”. Nossa! Eu rezo todo dia para acabar esse negócio, viu? Eu não aguento mais. Eu acho que a pior coisa que aconteceu para nós foi isso. Nossa Senhora! Separou todo mundo. (CÁTIA, 81 anos).

Além da distância dos familiares, Cátia também relatou que estava com alguns problemas de saúde, mas que iria esperar a pandemia passar para realizar o tratamento. Um dos problemas relatados por ela era que não estava conseguindo tocar o violão, devido às dores nos dedos das mãos. Segundo ela, a médica indicou sessões de fisioterapia, mas ela preferia aguardar, já que se tratava de uma atividade presencial e que exigia uma constância, o que a levaria a uma grande exposição aos riscos de contágio. Aquilo que Cátia apontou era uma realidade vivida por muitas pessoas durante esse período, em especial, pelas pessoas idosas. Sobre esse aspecto, Silva *et al.* (2020) ressaltam:

Um dos principais agravos causados pelo distanciamento social é a diminuição da procura por suporte de saúde, retardando esse contato até o momento mais crítico, uma vez que ambientes hospitalares e ambulatoriais são locais de grande movimentação de pessoas enfermas e possivelmente contaminadas com o coronavírus. (SILVA, *et al.*, 2020, p. 39).

Durante as aulas, no período da pandemia da COVID-19, Cátia foi uma das integrantes do grupo Voz e Violão que, durante as videoconferências, fazia questão de se arrumar. Ela estava sempre bem-vestida, com acessórios e maquiagem. No seu relato, ela apontou que se arrumava para ter uma sensação parecida com a que tinha quando se aprontava para sair de casa, antes da pandemia: “Nossa Senhora, não tem nem comparação. Só de você aprontar para

sair já é uma grande coisa, né? Então... A gente apronta, para ter ilusão, mas não é igual sair para a rua, né?”. Sobre os efeitos do isolamento social de idosos durante a pandemia da COVID-19, Silva *et. al.* (2020) destaca:

Como consequência das medidas de segurança através do isolamento social, a população idosa que antes praticava atividades ao ar livre passa a sair cada vez menos de suas casas, por vezes priorizando a segurança e por outras por medo do desconhecido. Portanto, esses fatores estabelecem uma situação complexa, tanto psicologicamente quanto fisicamente, pois os idosos precisam manter o corpo ativo. (SILVA, et al., 2020, p. 38).

No entanto, diante das possibilidades, dada à conjuntura daquele momento delicado, Cátia destacou mais um benefício das atividades do CRPI: a realização das aulas, ainda que *online*, o que fez com que ela tivesse um compromisso que lhe dava prazer. Ter o comprometimento de encontrar o professor e os colegas fez com que esta idosa se motivasse a cuidar mais de si mesma. Por esse aspecto, apesar de ter uma dimensão diferente da aula presencial, esses encontros trouxeram para aqueles sujeitos a sensação de terem uma rotina, de terem um compromisso que os remetia ao que viviam presencialmente, o que trouxe benefícios, nesse sentido, para a qualidade de vida deles naquele momento.

Além da rotina, os encontros remotos faziam os idosos terem ocupações diversas e os motivavam para que pensassem na elaboração de afazeres artísticos. Conforme relatado anteriormente, no capítulo 4, as aulas *on-line* de Teatro propunham a realização de diversas atividades que incentivavam a criatividade dos idosos. Em alguns momentos, eles criaram poesias e, em outros, elaboraram cenas sobre determinados assuntos para a produção de vídeos.

As atividades, incentivadas pelos professores, naquele momento de isolamento social, traziam o lúdico, o que promovia alegria nos encontros e na elaboração das propostas. Os momentos dedicados à elaboração dos movimentos artísticos tiravam os idosos, pelo menos por alguns instantes, da vivência de uma realidade de tanta dor e medo diante da COVID-19.

A realização das aulas remotas de Voz e Violão incentivavam os idosos a tocar e a cantar. Mais que aprender a tocar o violão, era um momento de lazer e que trazia um ânimo naquele período conturbado. É isso que apontou José, de 72 anos: “é um momento de integração da gente. Eu fico aqui, no sítio, sozinho, com minha esposa. Se não fosse isso, eu não teria ânimo nem de pegar no violão. Eu ensaio todos os dias e já cifrei muitas músicas nesse período”. Além disso, por ter se tornado um auxiliar do professor Daniel nas atividades, a retomada das aulas fez com que José ocupasse seu tempo produzindo conteúdo para compartilhar com os colegas para os ensaios.

Nesse sentido, a ocupação do tempo livre ganhou outros elementos, como a produção cultural desses sujeitos. Felipe ressaltou a importância de ter criado seu canal de “Contação de história”, no *YouTube*, para melhorar sua qualidade de vida naquele período de isolamento: “aqui, é igual eu te falei, se eu não tivesse criado esse canal, eu acho que eu teria adoecido, talvez... Nossa, a minha qualidade de vida já estava... ficou bem ruim. E isso aí, esse canal já tem mais de um ano que eu criei”.

A criação de diversas atividades artísticas foi incentivada pelos professores e pelo grupo naquele momento de isolamento social. A receptividade dos colegas, assim como de seus educadores, com as criações de cada um dos idosos, fazia com que eles se sentissem felizes e entusiasmados para produzirem mais. Ângela, além de personagens elaborados em conjunto com Cátia, escreveu duas composições musicais que foram ensaiadas pelo grupo. Uma dessas composições foi considerada como o hino do grupo Voz e Violão, ao qual faz referências às características do grupo, assim como às visitas às ILPIs e às alegrias que o grupo promove ao realizar suas apresentações. A outra canção foi elaborada no mês de novembro de 2021, sobre o nascimento de Jesus Cristo, a qual será ensaiada para a apresentação de fim de ano do CRPI.

Cátia, durante uma das aulas virtuais, ressaltou a importância daqueles encontros e agradeceu ao professor por realizar as aulas dizendo: “professor, você me tirou da solidão!”. Tanto as aulas de Teatro quanto aquelas de Voz e Violão, no período, acabaram levando alegria e a esperança aos idosos que delas participavam, o que remetia ao que Freire (2018) aponta:

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. (...) A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e conscientes do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança. (FREIRE, 2018, p.70).

Até mesmo para aqueles idosos que não conseguiam acessar as atividades *on-line*, havia ações, tais como as serestas, e o incentivo dos professores para que os colegas realizassem ligações telefônicas periodicamente, mantendo o vínculo. Segundo Santos, Brandão e Araújo (2020, p.10), “Durante o isolamento é importante preservar a comunicação constante com familiares e amigos, por ligações de telefone e via redes sociais, como meio de buscar apoio e reduzir o tédio e a sensação de solidão”.

Além das aprendizagens, as aulas remotas e as conversas durante a semana, nos grupos de *WhatsApp*, representaram um suporte emocional e afetivo naquele momento, o que certamente contribuiu para abrandar os efeitos negativos da pandemia na qualidade de vida dos

idosos. Ao responder o que as atividades do CRPI representavam para ela, Cátia afirmou: “muito importante. O centro é muito, muito importante para mim, nossa! Eu pus até aquele apelidinho lá, né? De pedacinho do céu. Nossa, eu sinto falta demais. Nossa Senhora!” Assim, os resultados da pesquisa, aliados às teorias apresentadas, nos apontaram para a importância das atividades investigadas para a melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas naquele período adverso de enfrentamento da pandemia.

As aulas remotas de Teatro e de Voz e Violão contribuíram para minimizar os danos, na qualidade de vida dos idosos, causados pelas condições sanitárias impostas pela pandemia. Além de fomentar iniciativas que levaram os idosos a criarem, a exercitarem suas memórias, a manterem o autocuidado, a aprenderem e a se distraírem por meio da arte, havia a integração entre os participantes das atividades, que permitia que eles estivessem em um isolamento social físico, mas com relações sociais ativas, as quais fossem realizadas por meio da tecnologia.

Mesmo impossibilitados quanto à realização dos encontros presenciais, os idosos continuaram a produzir cultura, a exercitar a memória, a manter contato com seus colegas e, assim, se sentiram um pouco menos isolados. Só o fato de terem os momentos de trocas de mensagens e poderem conversar, por meio de aplicativos de videoconferência, já os deixava mais felizes. De acordo com Costa *et al.* (2020, p.11), “A dimensão da qualidade de vida mais afetada durante o momento da pandemia foi a social, com alteração nas relações sociais com família e amigos, conseqüente à quarentena, que foi frequentemente referida como ‘prisão’”.

Assim, percebe-se que a vida dos idosos foi afetada de forma significativa pela pandemia da COVID-19 em diversos aspectos. Eles relataram, por exemplo, os efeitos em relação ao distanciamento dos seus familiares, às restrições na realização de suas atividades e se referiram ao sentimento de solidão, elementos estes que prejudicaram a qualidade de vida daqueles sujeitos. No entanto, a retomada das atividades de Teatro e de Voz e Violão, de forma remota, contribuiu para que aquele período conturbado tivesse alguns momentos de alegria, de aprendizagem, da ocupação do tempo ocioso, de produção cultural e, especialmente, da manutenção das relações sociais que, como se viu, foi um dos pontos fundamentais para a manutenção da qualidade de vida dos sujeitos.

**Gostar de viver<sup>37</sup>**

*Aproveite a melhor maneira de desfrutar da vida*

*A alegria na velhice significa*

*Que os idosos possam gozar a vida*

*A longevidade de seus dias e anos*

*Que são bênçãos em uma boa velhice*

*E devemos aproveitar plenamente a vida*

*Desfrutar nossos dias*

*Dentro do possível*

*Por exemplo, não há nada melhor*

*Do que alegrar-se em se fazer o bem*

*A si e aos outros*

*E veja que é bom e prazeroso*

*Comer, beber e brincar*

*E a si compensar do trabalho árduo*

*De todos os dias de sua vida*

*Este é o seu quinhão*

*Faça bem ao seu coração*

*Vá em busca da sua felicidade*

*Apesar do desconforto*

*Que a idade nos traz*

*Devemos procurar a paz*

*O amor, a serenidade e satisfação*

*E empenhar-se em tudo o que agrada*

*Não importa a idade*

*Jovem ou velho, é a nossa vida*

*É o tempo cobrando*

*O tributo que devemos, quem deve muito, paga muito*

*Quem deve pouco, paga pouco*

*Em devendo nada, nada se paga*

*Encontre motivos para a alegria amando e obedecendo a Deus*

*Seja feliz, apesar dos pesares*

---

<sup>37</sup> CARLOS, Maria I. Gostar de viver. In: SENA, Bernardina de e LACERDA, Patrícia. (Orgs.) **EuBonsai** - Minha vida em versos. Belo Horizonte: Grupo Cultural Meninas de Sinhá, 2017.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A população brasileira vem envelhecendo e os dados do IBGE (2016) apontam para o fato de que, em 2050, um terço da população do país será composta por pessoas com 60 anos ou mais. O aumento da expectativa de vida da população é um fato a se comemorar. No entanto, também traz a preocupação sobre as condições de vida dos idosos. Os meios para assegurar que os indivíduos vivam mais e com uma boa qualidade de vida devem ser garantidos por intermédio, principalmente, de políticas públicas. Essas políticas devem permitir que mais pessoas tenham um processo de envelhecimento com mais saúde, garantia de seus direitos, sociabilidade e oportunidades de acesso a conhecimentos, que as levem a uma melhor compreensão de si mesmas, de seus papéis sociais e de como viver melhor.

A educação é um dos pilares para se alcançar a qualidade de vida no processo de envelhecimento e pesquisas que tratam dessa temática podem contribuir para que as ações nesse sentido sejam fomentadas. Nessa direção, a educação de pessoas idosas é um tema que tem crescido quando se analisa as produções acadêmicas, em especial, se comparado com o ano de 2007, período no qual a pesquisa de mestrado de Coura (2007) foi finalizada. Ainda assim, avalia-se que seja preciso ampliar a discussão. São muitos os aspectos que precisam de um olhar mais atento, para que os resultados obtidos sirvam de subsídios para se ofertar, cada vez mais, ações educativas de qualidade para esses sujeitos.

A pesquisa aqui apresentada procurou compreender de que forma as práticas educativas de Teatro e de Voz e Violão, ofertadas no CRPI, contribuíam para melhorar a qualidade de vida de pessoas com 60 anos ou mais, assim como analisar quais motivações os idosos tinham para permanecer frequentando tais atividades e quais os benefícios vinham percebendo, em relação à qualidade de vida, ao participarem das práticas educativas. Outro aspecto que a pesquisa buscou investigar foi o perfil dos professores dessas atividades. Teve-se ainda como objetivo verificar como esses professores se formaram e de que maneira eles realizavam a educação das pessoas idosas. Pautando-se nessas perspectivas de análise, busca-se agora apresentar os resultados alcançados com essa investigação, ratifica-se que ainda há muito o que compreender acerca dos processos educativos para as pessoas idosas.

Em relação ao perfil dos professores que estavam à frente das atividades aqui tratadas, percebeu-se que ambos não haviam passado por uma formação inicial para lidar com a educação de pessoas idosas. No caso da Fernanda, verificou-se que teve formação pedagógica na área de artes cênicas, sendo professora efetiva das redes municipais das prefeituras de Contagem e de Belo Horizonte. Daniel não havia passado por nenhuma formação pedagógica, tendo sua

trajetória formativa ligada à área musical e teológica. Foi evidenciado também que não há uma proposta de formação continuada, realizada pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, que seja direcionada aos educadores de idosos que atuam no CRPI.

No entanto, percebeu-se que o bom desenvolvimento das atividades educativas analisadas se deve, em parte, à larga experiência adquirida por esses profissionais em outros espaços de atuação durante a vida. Fernanda, além de ser professora, trabalhou como produtora e escritora de espetáculos e foi também diretora do Teatro Marília e do Teatro Francisco Nunes na capital mineira. O convite para trabalhar no CRPI surgiu devido à sua experiência profissional.

Daniel, por sua vez, chegou ao CRPI para trabalhar no setor administrativo e viu que, por meio da sua experiência artística, poderia contribuir para que aulas de violão fossem ofertadas aos idosos que frequentavam o espaço. Foi a partir de sua própria iniciativa que surgiu o “Projeto Oficina de Voz e Violão: Despertando Talentos da Maturidade”, do qual fazem parte as aulas de Voz e Violão e de Canto Coral. Acredita-se que o fato de ter sido o próprio professor o propositor dessa atividade isto colabora de forma positiva para o bom andamento das ações do grupo Voz e Violão.

Em relação ao perfil dos profissionais, Lucas, o coordenador do CRPI, destacou que a experiência é um pré-requisito para que alguém possa estar à frente de alguma atividade nesse espaço. Com a pesquisa, foi possível verificar que, nos casos de Daniel e de Fernanda, certamente este foi um elemento importante para o desenvolvimento desses processos educativos. No entanto, identificou-se que, além da experiência, esses profissionais têm uma pré-disposição para o aprender, em especial, aprender com seus alunos, o que faz com que suas práticas pedagógicas sejam ainda mais qualificadas para o trabalho com este perfil de estudantes.

Os professores Daniel e Fernanda apontaram que foram se formando durante o fazer pedagógico. Foram aprendendo, na prática, no convívio e no diálogo com os idosos, sobre como trabalhar com este público. Identificou-se que se trata de perfis profissionais que se demonstraram abertos para o novo. São pessoas que, apesar de já terem uma longa carreira profissional, cada um em sua área de formação, se disponibilizaram a aprender e a desenvolver novas habilidades, como educadores de idosos.

É relevante destacar que o perfil desses professores se mostrou muito importante para que houvesse ganhos na qualidade de vida dos idosos que participavam das aulas ofertadas por eles. As práticas pedagógicas desenvolvidas por esses educadores apontavam caminhos para se trabalhar com a educação de pessoas nessa fase da vida. Além disso, a escuta amorosa e atenta

de seus alunos, assim como a construção das propostas, a partir da participação ativa dos idosos, se relacionavam com as teorias pedagógicas freirianas quanto à formação dos educadores. Para Freire (2001, p. 68), “o educador já não é mais o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos”.

Esta pesquisa identificou que a educação promovida por esses educadores no CRPI tinha sua centralidade no diálogo com os idosos. É assim que iam construindo as propostas educativas, elaborando as cenas, escolhendo repertórios musicais, preparando as apresentações e fortalecendo os laços sociais e afetivos entre si. O respeito às ideias, às vontades, aos limites e aos desejos desses idosos fazia com que as atividades fossem ainda mais valorizadas por quem buscasse essas aulas.

A forma como as atividades eram desenvolvidas por esses educadores criava nos idosos que as frequentavam um sentimento de pertencimento, o que fazia com que quisessem permanecer nessas práticas e delas participar de forma ativa. A partir dessa participação, os idosos iam percebendo as melhorias em suas vidas. Essa relação mostrava como o perfil do educador, como alguém que acolhe, que esteja aberto a aprender com esses sujeitos e que estabeleça práticas dialógicas, valorizando a participação de cada um, estava vinculado ao sucesso da educação para a promoção da qualidade de vida na velhice.

É nessa perspectiva que se evidenciam tais práticas como referenciadas na amorosidade. Para Paulo Freire, a amorosidade se revela pela via dialógica, na qual se estabelecem vínculos afetivos e de confiança, despertando em cada um dos envolvidos a vontade de “Ser Mais”. A amorosidade dessas práticas educativas se destacava ainda pela preocupação com o incentivo ao desenvolvimento de conhecimentos e habilidades que iam além dos saberes próprios das artes cênicas, das técnicas vocais ou de como se tocar violão. Os idosos eram incentivados a se desenvolverem de forma que houvesse a promoção de mais autonomia e mais dignidade em suas vidas.

No entanto, apesar do bom desempenho dos professores diante das especificidades da educação de idosos e por mais que eles se dedicassem, por si sós, a estarem sempre aprimorando suas metodologias e buscando novos conhecimentos, deve-se destacar a importância de se ofertar uma formação adequada para quem vai lidar com a educação de pessoas acima dos 60 anos. Há que se pensar em cursos de formação inicial e continuada para quem vai trabalhar com essa faixa etária.

As reflexões obtidas a partir da pesquisa apontaram para o fato de que seja importante ressaltar a necessidade de se pensar a educação de idosos como uma realidade posta cujas

discussões precisam ser ampliadas. É imprescindível que as faculdades de educação do Brasil se atentem para esse segmento etário, que se encontra nas salas de aula da EJA, no que diz respeito à educação básica, em algumas salas do ensino superior e na educação não formal, em espaços distintos. Não é mais possível tratar os idosos com os mesmos arcabouços teóricos e metodológicos que os destinados às crianças, aos adolescentes, aos jovens e aos adultos, sem se levar em consideração suas especificidades. Assim, é urgente que a universidade, em especial, a área da educação, se aproxime do que vem sendo produzido sobre esse assunto, promova reflexões e formações nesse sentido e amplie produções que subsidiem ainda mais o campo educacional.

Antes de pautar as questões relacionadas à melhoria na qualidade de vida desses sujeitos, faz-se necessário destacar alguns aspectos relevantes quanto à possibilidade de participação nas práticas educativas nessa fase da vida. A realização de tais atividades pelos idosos aqui mencionados só foi possível por existirem direitos que possibilitaram o acesso e que viabilizaram a permanência desses sujeitos idosos.

O primeiro direito que a pesquisa aqui apresentada destaca é o direito à Educação ao Longo da Vida, como preconizado pela Declaração de Hamburgo, na V Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFINTEA). Este documento aponta para o direito de aprender independentemente da idade, preconiza que as pessoas idosas devem ter seu saber valorizado, aponta que investir em educação é também investir em saúde e declara que a Educação de Jovens e Adultos, seja no âmbito da educação formal ou não formal, deve ter como objetivo principal “a criação de uma sociedade educadora e comprometida com a justiça social e o bem estar geral” (UNESCO,1998), o que dialoga com a perspectiva da investigação realizada.

Deve-se ressaltar aqui, enquanto discussão de direitos, a própria existência do CRPI como espaço público destinado às diversas atividades, visando garantir o acesso das pessoas idosas a novos conhecimentos, novos espaços de sociabilidade e atuação social, garantindo, assim, uma maior qualidade de vida aos que lá frequentam. É um espaço que surgiu a partir da reivindicação da sociedade e que foi concretizado por meio do orçamento participativo. É importante destacar a relevância dessa política pública e a necessidade da ampliação de mais espaços como esse no país.

Assim, destaca-se que foi fundamental, para tanto, a existência de um espaço público com ofertas qualificadas de atividades para pessoas idosas. Além disso, foi preciso a existência de outros direitos que as permitissem usufruir desse espaço, como, por exemplo, os valores

recebidos, seja pela aposentadoria, pela pensão por morte do cônjuge, ou pelo Benefício de Prestação Continuada (BPC).

Em relação ao recebimento desses recursos, ele surge para essas pessoas das classes trabalhadoras, em especial, para as camadas populares, como um momento de libertação e emancipação. São esses valores que garantem a esses sujeitos, ainda que, na maioria das vezes, por meio de remunerações muito baixas, a possibilidade de participação em outras atividades da vida, para além da luta pela subsistência. Esses valores, garantidos por mês, por meio dessas políticas públicas, são o que permite a liberação do tempo para que possam usufruir de espaços que lhes promovam melhorias na qualidade de vida, como, por exemplo, o CRPI.

Para muitas pessoas nessa fase da vida, o envelhecer liberta para a possibilidade de realizar sonhos, como aprender a tocar um instrumento, artes cênicas, pintura ou a ler, como também continuar os estudos na educação escolar. Em muitos casos, é o momento da vida em que os idosos já não precisam mais usar seu tempo para trabalhos remunerados, a fim de suprir as necessidades básicas de subsistência ou para cuidar da família. Trata-se de um período do dia em que essas pessoas se dedicam a fazer alguma atividade que lhes deem prazer. Quando isso acontece, significa que, nesse momento, elas estão se apropriando do seu tempo. Naquele espaço do dia não cabem preocupações com o trabalho, com o cuidado com a família, com atividades que foram sendo desenvolvidas como prioritárias durante boa parte de suas vidas. É um momento emancipatório de muita relevância, principalmente para as mulheres.

Ainda em relação aos direitos, deve-se ressaltar o acesso gratuito ao transporte público para pessoas maiores de 65 anos. Muitos sujeitos que frequentam o CRPI, incluindo a maioria dos entrevistados desta pesquisa, chegavam até ali, vindos de diferentes partes da cidade ou da Região Metropolitana de Belo Horizonte, por meio do transporte público, utilizando-se de seu direito à gratuidade. Alguns apontaram esse direito como um facilitador para poder frequentar as atividades.

Além desses pontos positivos relacionados às políticas públicas voltadas para a população idosa, identificou-se, a partir dos relatos dos entrevistados, que ainda existem questões no próprio CRPI que precisam ser aprimoradas. Uma delas diz respeito à alimentação das pessoas idosas enquanto estão no espaço. Não há no interior do CRPI ou ao seu redor uma lanchonete para que eles possam se alimentar. Outro ponto relevante diz respeito à oferta de transporte, pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, para a realização das apresentações, oferta a qual se mostrou insuficiente, se considerado o número de participantes na ação. Isso faz com que os idosos que desejam participar dessas atividades tenham que ir por conta própria até o local da apresentação, o que muitas vezes dificulta o acesso a essas atividades. Deve-se

acrescentar ainda que, o fato de não conseguir ir na companhia dos colegas e dos professores para eventos como esses, faz os idosos perderem momentos importantes de socialização.

A garantia desses direitos sejam eles de ordem trabalhista ou de ordem relacionada ao lazer, ao esporte, à cultura, à saúde e à educação, precisa ser cada vez mais destacada. A qualidade de vida na velhice perpassa por políticas públicas que ampliem de forma significativa o acesso e a permanência dos sujeitos idosos em espaços e em atividades que os façam felizes e que os possibilitem ter uma vida com mais dignidade. Ressalta-se aqui a necessidade de mais pesquisas que abordem as elaborações e as implantações de políticas de estado visando à melhoria da qualidade de vida da população acima dos 60 anos de idade.

Em relação aos benefícios percebidos a partir dessas práticas educativas para os idosos, identificou-se que foi destacado por eles o estabelecimento de novas relações sociais, o que os levou a construir novos laços de amizade nessa fase da vida. As relações interpessoais têm sido importantes para trocas de experiências e vivências, assim como para se conhecerem melhor e ir compreendendo mais sobre essa fase da vida.

Assim, participar dessas atividades permite aos idosos novas aprendizagens. Essas aprendizagens se dão em diversos aspectos. Trata-se de aprender sobre novos conteúdos e habilidades artísticas, mas trata-se também de compreender mais sobre seus limites, suas potencialidades, seus direitos, sua saúde física e mental, sobre suas necessidades, suas aspirações e, principalmente, sobre como viver melhor.

Neste ponto, ressalta-se a necessidade de mais pesquisas na área da educação de idosos que possam contribuir com o conhecimento sobre as formas de aprendizagem nessa fase da vida. Acredita-se que ainda há muito a se descobrir no campo científico sobre essa questão, de modo que tais descobertas favoreçam que as práticas educativas, tanto na educação formal quanto na não formal, sejam cada vez mais elaboradas para garantir maiores benefícios para a vida desses sujeitos.

Outro destaque feito pelos idosos diz respeito às apresentações que realizavam. Elas vêm lhes permitindo realizar sonhos, perceberem-se como produtores de cultura, como seres capazes de atuarem socialmente para levar alegria para outras pessoas, o que contribuiu de forma substancial para elevar a autoestima desses sujeitos. Ao realizarem as apresentações, podiam mostrar para seus familiares e para toda a sociedade que se encontravam ativos socialmente, que eram capazes de aprender e ainda contribuir para reflexões acerca das suas potencialidades e do tratamento dedicado aos idosos, contribuindo também para a redução do preconceito contra as pessoas com 60 anos ou mais.

Os idosos entrevistados ainda destacaram como ganhos algumas melhorias nas suas condições de saúde tanto física quanto mental. Betânia, por exemplo, enfatizou a importância das aulas de Voz e Violão para que ela conseguisse se recuperar de um grave quadro depressivo a partir da morte de sua mãe. As atividades ainda tiveram destaque no que se refere a contribuir com a melhoria das condições da memória para alguns desses sujeitos. O exercício da memória, seja ao decorar um texto para a peça teatral ou para aprender mais sobre música, foi ressaltado tanto pelos professores como pelos idosos em seus relatos. Ana, por sua vez, ainda frisou que houve benefícios em relação à qualidade de seu sono a partir do momento que começou a frequentar o CRPI. Ademais, os benefícios não foram percebidos apenas em questões pontuais quando se tratava de aspectos relativos à saúde. Percebe-se que as melhorias dizem respeito às condições de bem-estar geral desses sujeitos. O sentimento que eles apresentaram é de que se sentiam felizes quando realizavam tais atividades.

Conforme apontado anteriormente na tese, as práticas educativas analisadas trouxeram benefícios para a vida dos idosos, até mesmo no período da pandemia da COVID-19. Ainda que remotamente, a retomada das atividades foi muito importante para a manutenção das relações interpessoais, para retirá-los do sentimento de solidão causado pelo necessário distanciamento social e para o estabelecimento de uma rotina na vida dessas pessoas, com temáticas que lhes agradavam e que permitiam a elas esquecerem, pelo menos durante os encontros, da realidade dura que estavam vivendo.

As ações desenvolvidas pelo CRPI nesse período levaram um pouco de carinho e cuidado até mesmo para a vida daqueles que não conseguiam acompanhar as atividades remotas. Seja em razão das ligações telefônicas ou das serestas realizadas na porta das casas de alguns, pode-se constatar que houve contribuições para aliviar um pouco da angústia, do medo e da tristeza que esse momento impôs a tantos.

Além disso, verificou-se que as atividades remotas de Teatro e aquelas de Voz e Violão contribuíram para manter os idosos ativos, ensaiando, criando esquetes, produzindo vídeos e aprendendo, além dos assuntos relacionados às temáticas das aulas, a utilizar novos recursos tecnológicos. Considera-se, assim, que as aulas remotas, realizadas durante a pandemia, contribuíram para minimizar os efeitos negativos desse período na vida dessas pessoas idosas.

Em relação ao período da pandemia da COVID-19, faz-se necessário destacar ainda que chegamos até aqui, momento de conclusão desta pesquisa, como sobreviventes de uma tragédia humanitária. Uma tragédia que modificou a realidade do mundo inteiro, interferindo em eventos globais, como o adiamento das Olimpíadas de 2020, e em eventos culturais e nacionais relevantes, como a celebração do carnaval no Brasil, no ano de 2021, entre outros. As ruas

passaram a ficar desertas em diversos países, em todos os continentes do planeta, na busca pela sobrevivência diante de um vírus até então desconhecido, que poderia levar ao comprometimento de várias partes do organismo humano, ocasionando até mesmo a morte. O número de mortes por COVID-19 no mundo já passa dos cinco milhões e, no Brasil, diante da política negacionista do governo federal, chegamos à triste marca de mais de 610 mil vidas perdidas para essa doença, até a data de encerramento desta pesquisa.

A tragédia da pandemia do novo coronavírus chegou à vida de cada um dos seres humanos e com esta pesquisadora não foi diferente. As mudanças no cotidiano, que levaram ao isolamento social e aos receios e às angústias, a partir do medo da contaminação e dos noticiários com tantas mortes, transformaram a nossa vida e interferiram nesta produção acadêmica de diversas formas.

A interferência mais evidente diz respeito às mudanças nas organizações e nos formatos das aulas, o que me levou a um novo período de observações e, conseqüentemente, a novas percepções e análises. Para além das mudanças de ordem prática da pesquisa, houve alterações que interferiram no andamento do trabalho, no que diz respeito às questões de ordem pessoal. Assim como para várias outras famílias, a rotina mudou. Meu orientador e eu passamos a trabalhar de forma remota e as reuniões e orientações passaram a ser realizadas por meio de aplicativos de videoconferência. Vivemos esse período saindo de uma tela para outra. Além disso, os cuidados com a higiene tomavam mais tempo. Era necessário desinfetar cada um dos produtos que chegavam do comércio. A preocupação com a própria saúde e com aquela de nossos familiares e amigos ocupava nossas mentes. Com tudo isso, é preciso ressaltar que não foi um tempo de tranquilidade para a produção acadêmica.

No entanto, a realização da pesquisa foi também uma forma de sair um pouco dessa realidade tão dura e apreciar momentos de produção cultural, trocas de conhecimentos, de relações de afeto, de amor, de apoio diante das dificuldades e de valorização do ser humano. O momento destinado ao acompanhamento das atividades remotas de Teatro e de Voz e Violão, além de ter sido um compromisso com a produção do conhecimento científico, foi também um momento prazeroso, de vivenciar a alegria do contato, ainda que remoto, de cada um daqueles que estavam ali, também isolados fisicamente, tentando preservar sua existência, mas buscando formas de minimizar o sofrimento que a pandemia da COVID-19 tinha nos imposto.

Assim, diante das informações analisadas, constata-se que as atividades investigadas vêm promovendo uma educação humanizadora. É uma educação que tem como centralidade o sujeito, que busca valorizar sua experiência e seus saberes e que contribui para que ele avance no sentido de ter uma vida com mais dignidade, autonomia, respeito e felicidade. A



contribuição, nesse sentido, se dá com a participação efetiva do idoso nesse processo. Para Rodrigues e Todaro (2021, p. 193), “ser, e se fazer humano, se dá no estabelecimento de uma relação dialética com o mundo. Isso ocorre porque antropologicamente somos seres incompletos, inacabados, em um contínuo vir a ser, que por sua vez nos coloca na posição ontológica de constante busca”.

Há que se destacar ainda aqui o caráter político da educação destinadas a essas pessoas a partir das atividades analisadas. As práticas educativas desenvolvidas contribuem de forma significativa para que os idosos se percebam como sujeitos de direitos, desenvolvem neles uma maior capacidade de questionar, os incentiva a sonhar novos sonhos, a estabelecer novas metas e a realizar novas reivindicações tanto no âmbito pessoal quanto social.

As práticas educativas analisadas sinalizam um caminho para que sejam estabelecidas políticas públicas que permitam que alcancem um processo de envelhecimento com mais saúde, mais autonomia, mais dignidade e mais alegria. É possível afirmar que as práticas educativas, desenvolvidas com qualidade, destinadas às pessoas idosas, fazem com que se deixe para traz a noção da velhice enquanto momento de morte social, conforme pensada por Guillemard (*apud* Veras, 1999), a partir do fim das relações sociais devido à aposentadoria, para ser o momento de realização pessoal, de novas formas de participação social e de felicidade.

Para finalizar, afirma-se ainda que as práticas educativas de Teatro e de Voz e Violão são formas de resistência aos preconceitos contra os idosos e representam uma maneira de lutar para promover a dignidade da pessoa idosa, garantindo seu acesso ao consumo e à produção de bens culturais, a novos conhecimentos, às ações que aumentem a autoestima, à uma maior participação social e às ações que viabilizem a promoção de seus direitos enquanto seres humanos. São espaços de esperança, de alegria, de estímulos à curiosidade e aos questionamentos, espaços de sonhos, de superação de medos, de reflexão, de ação e, principalmente, de valorização da vida. São práticas educativas que contribuem para se caminhar no sentido de uma velhice bem-sucedida.

As análises realizadas levam a constatar que tratar da educação de pessoas idosas faz com que se coloque a qualidade de vida dessa população como eixo dessa discussão. Os diversos aspectos destacados como benefícios na vida dos idosos, sejam eles vinculados à saúde mental e física, às relações e participações sociais e, principalmente, às sensações de bem-estar, fazem com que se possa afirmar que as práticas educativas de Teatro e de Voz e Violão no CRPI contribuem de forma efetiva para melhorias na qualidade de vida daqueles que delas participam.



## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. **Comissão muda nome do Estatuto do Idoso para Estatuto da Pessoa Idosa**. 23. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/575228-comissao-muda-nome-do-estatuto-do-idoso-para-estatuto-da-pessoa-idosa/#:~:text=Segundo%20Paulo%20Paim%2C%20assim%20como,de%20mais%20de%2060%20anos>>. Publicado em: 23 ago. 2019 Acesso em: 15 mar. 2020.

ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Betina. Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida, **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.32, n.1, p. 177-197, jan./abr. 2006.

ALMEIDA, E. A. de *et al.* Comparação da qualidade de vida entre idosos que participam e idosos que não participam de grupos de convivência na cidade de Itabira-MG. **Revista brasileira de geriatria e gerontologia**. [online] v.13, n.3, pp. 435-443, 2010. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S180998232010000300010&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S180998232010000300010&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 15 abr. 2019.

ALVARENGA, Glaucia; YASSUDA, Mônica; CACHIONI, Meire. Digital Inclusion With Tablets Between Elderly: Methodology and Cognitive Impact. **Psicologia, Saúde & Doença**, v. 20, n. 2, p. 384-401, 2019. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/335224992\\_Digital\\_inclusion\\_with\\_tablets\\_between\\_elderly\\_methodology\\_and\\_cognitive\\_impact](https://www.researchgate.net/publication/335224992_Digital_inclusion_with_tablets_between_elderly_methodology_and_cognitive_impact)>. Acesso em: 13 set. 2021.

ALVES, A. M. Os idosos, as redes de relações sociais e as relações familiares. *In*: NERI. A (org). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Edições SESC- SP. 2007. p. 125-140.

ANASTASIOU, L.G.C.; ALVES, L. P. (org.). **Processos de Ensino na Universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 8. ed. Joinville, SC: Editora Univille, 2015.

ANDRADE, Everaldo Robson de. **Histórias de idosos: sementes para cultivarmos uma educação para uma velhice bem-sucedida**. 2009. 136 f. Tese (Doutorado em Educação). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.

ANTUNES *et al.* Progressão dos casos confirmados de COVID-19 após implantação de medidas de controle. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**. v.32. n.2. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbti/a/w5ncnKcbTKRR9LDYVYsj6mg/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em: 13 set. 2021.

ANTUNES, Maria C.; ALMEIDA, Nádia. Envelhecer com sucesso: contributos da educação. **Revista Kairós-Gerontologia**, 22(1), 81-107. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 2019.

ARAÚJO, G. C de; OLIVEIRA, A. A. de. O ensino de arte na educação de jovens e adultos. *In*: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 41, n. 3, p. 679-694, jul./set. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ep/v41n3/1517-9702-ep-s1517-97022015051839.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2020.

ARAÚJO, Mônica Ferreira de. **O lazer e sua articulação com a educação:** concepções de alunos e professores de um curso de extensão universitária sobre educação e envelhecimento. 2008. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação). SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

ARRUDA, Ivan E. de A. **Análise de uma Universidade da Terceira Idade no município de Campinas.** 2009. 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2009.

ASSIS, F. S. de e PARRAS, C., R. Envelhecimento bem-sucedido e a participação nos serviços de convivência para idosos. **Psicologia PT.** 2015. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0847.pdf>>. Acesso em 20 out. 2020.

ASSIS, Maria B. T. de. **Múltiplas aprendizagens de idosos da Faculdade Aberta a Terceira Idade UNIA.** 2010. 74 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

AZEVEDO, Diana P. G. D. de; AZEVEDO, Néilton G.; ISTOE, Rosalee S. C. Envejecimiento y longevidad: interfaces biológicas, psicológicas y sociales. In: ISTOE, Rosalle S. C.; MANHÃES, Fernanda C.; SOUZA, Carlos H. M. de. **Envelhecimento humano em processo.** Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2018.

BARQUERO, Marcello *et al.* A situação das Américas: democracia, capital social e empoderamento. **Revista Debates,** Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan-abr. 2012. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/debates/article/view/28218>>. Acesso em 10 set. 2021.

BARROS, Rosanna. Reconhecer e valorizar o saber experiencial dos adultos idosos: contributos da pedagogia-andragogia participativa. In: ANICA, Aurízia e SOUZA, Carolina de. **Envelhecimento Ativo e Educação II.** Universidade do Algarve. 2020. Disponível em: <[http://geronte.pt/pdf/2020Envelhecimento\\_EBook.pdf](http://geronte.pt/pdf/2020Envelhecimento_EBook.pdf)>. Acesso em: 26 set. 2021.

BBC NEWS BRASIL. **Coronavírus:** Olimpíadas de Tóquio é adiada para 2021. **BBC News Brasil.** 24 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52021589>>. Acesso em: 13 set./2021.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice.** Martins, M. H. S (Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1990.

BELO HORIZONTE. Centro de Referência da Pessoa Idosa de Belo Horizonte: espaço aberto para diversas atividades. **Diário Oficial do Município.** Ano XVI Ed. nº 3359 de 16 de junho de 2009. Disponível em: <<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=998542>>. Acesso em 02 mar. 2020

BELO HORIZONTE. Decreto nº 17.304 de 18 de março de 2020. Determina a suspensão temporária dos Alvarás de Localização e Funcionamento e autorizações emitidos para realização de atividades com potencial de aglomeração de pessoas para enfrentamento da Situação de Emergência Pública causada pelo agente Coronavírus – COVID-19. **Diário Oficial do Município, de 18 de março de 2020.** Disponível em: <<https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacao-municipal-de->

cultura/2020/3decreto173042ed18032020suspensaotemporariaalvaracovid19.pdf> Acesso em: 14 set. 2021.

BELO HORIZONTE. Lei nº 9575, de 18 de junho de 2008. Declara de utilidade pública o Centro de Referência dos Idosos de Belo Horizonte "Luz e Sabedoria". Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/mg/b/belo-horizonte/lei-ordinaria/2008/958/9575/leiordinaria-n-9575-2008-declara-de-utilidade-publica-o-centro-de-referencia-dos-idosos-de-belo-horizonte-luz-e-sabedoria>>. Acesso em: 02 mar. 2020.

BELO HORIZONTE. Decreto nº 1395, de 10 de junho de 2009. Cria os equipamentos municipais de apoio à família e à cidadania que menciona. Diário Oficial do Município, de 10 de junho de 2009. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/mg/b/belo-horizonte/decreto/2009/1359/13595/decreto-n-13595-2009-cria-os-equipamentos-municipais-de-apoio-a-familia-e-a-cidadania-que-menciona-2009-06-10-versao-compilada>> Acesso em: 20 fev. 2022

BMJ BEST PRACTICE. Doença do coronavírus 2019 (COVID-19). **BMJ Best Practice**. Disponível em: <<https://bestpractice.bmj.com/topics/pt-br/3000201/pdf/3000201/Doen%C3%A7a%20do%20coronav%C3%ADrus%202019%20%28COVID-19%29.pdf>>. 2021. Acesso em: 13 set. 2021.

BOBBIO, Norberto. **O tempo de memória:** de senectute e outros escritos autobiográficos. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOEHME, Rosana Andrade Rebelo. **Saberes docentes na educação do idoso:** compreensões de professores do Programa de Educação Permanente – *FURB*. 2013. 142 f (Dissertação de mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação). Santa Catarina: Universidade Regional de Blumenau. Blumenau, 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2007. 49ª ed.

BRASIL. **Decreto-Lei 9.853, de 13 de setembro de 1946.** Atribui à Confederação Nacional do Comércio o encargo de criar e organizar o Serviço Social do Comércio e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Decreto-Lei/1937-1946/De19853.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1937-1946/De19853.htm)>. Acesso em: 07 jul. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 29 out. 2020

BRASIL. Lei n.13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF., 26 jun 2014. Disponível em:<[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm) >. Acesso em: 12 jul. 2021.

BRASIL. Lei nº 13.466, de 12 de julho de 2017. Altera os arts. 3º, 15 e 71 da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências.

**Diário Oficial da União, de 13 de julho de 2017.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Lei/L13466.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13466.htm)>. Acesso em: 17 dez. 2019>.

BRASIL. **Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa** - Documento Técnico – Ministério do Desenvolvimento Social- Brasília, DF. 2018. Disponível em: <[https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/Brasil\\_Amigo\\_Pesso\\_Idosa/Documento\\_Tecnico\\_Brasil\\_Amigo\\_Pessoa\\_Idosa.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/Brasil_Amigo_Pesso_Idosa/Documento_Tecnico_Brasil_Amigo_Pessoa_Idosa.pdf)>. Acesso em 18 jun. 2021

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estudo aponta que 75% dos idosos usam apenas o SUS.** Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/44451-estudo-aponta-que-75-dos-idosos-usam-apenas-o-sus>>. Acesso em: 22 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra COVID-19**, de 14 de agosto de 2021. Disponível em:< <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/publicacoes-tecnicas/guias-e-planos/plano-nacional-de-vacinacao-covid-19/view>>. Acesso em: 15 set. 2021.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2001.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BUENO, Meyglá Rezende. **The recorder in the one process of musical initiation of the elder citizens**. 2008. 175 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

BULLA, Leonia Capaverde; KUNZLER, Rosilaine. Envelhecimento e gênero: distintas formas de lazer no cotidiano. In: DORNELLES, Beatriz; COSTA, Gilberto José Corrêa (org.). **Lazer, realização do ser humano: uma abordagem para além dos 60 anos**. Porto Alegre: Dora Luzzatto, 2005.

CACHIONI, Meire. **Envelhecimento bem-sucedido e participação numa Universidade para a terceira idade: a experiência dos alunos da Universidade São Francisco**. 1998. 104f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253522>>. Acesso em: 29 set. 2019.

CACHIONI, Meire. **Quem educa os idosos?** Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade. Campinas, SP: Alínea. 2003.

CACHIONI, Meire. Universidade da Terceira Idade: história e pesquisa. In: **Revista Temática Kairós Gerontologia**, v. 15, nº 7, dez. 2012. São Paulo: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 2012.

CACHIONI, Meire *et al.* Metodologias e estratégias pedagógicas utilizadas por educadores de uma universidade aberta à terceira idade. Porto Alegre: Seção Temática: Educação e Envelhecimento. Educação e Realidade. V.40, nº.1. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edreal/a/rnkWvrrHNGM5j6sMc3sHLzm/abstract/?format=html&lang=pt>> Acesso em 09 set. 2021.

CACHIONI, Meire.; TODARO, Mônica. A. Política nacional do idoso: reflexão acerca das intenções direcionadas à educação formal. In: ALCÂNTARA, Alexandre de O.; CAMARANO, Ana A.; GIACOMIN, Karla C. (orgs.). **Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: IPEA; 2016. p.457-78.

CACHIONI, Meire. Bem-estar subjetivo e psicológico de idosos participantes de uma Universidade Aberta à Terceira Idade. In: **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro. v.20, n°.3. 2017.

CALHA, Antônio. Saúde, bem-estar e convivialidade dos idosos – Portugal e Espanha, diferenças e semelhanças, no contexto europeu. In: ANICA, A., FRAGOSO, A., RIBEIRO, C. e Sousa, C. de. **Envelhecimento ativo e educação**. Universidade de Algarve. 2014. EBOOK. Disponível em:  
<<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/8377/1/Sa%c3%bade%20bem-estar%20e%20convivialidade%20dos%20idosos.pdf>>. Acesso em: 25 maio de 2019

CALHA, Antônio. A condição sénior no Sul da Europa e na Escandinávia. **Revista Saúde Sociedade São Paulo**, v.24, n.2, p. 527-542, 2015. Disponível em:  
<<file:///C:/Users/Isamara/Documents/Doutorado/Literatura%20idosos/Envelhecimento/Calha%202015%20compara%C3%A7%C3%A3o%20entre%20pa%C3%ADses%20europeus.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

CAMARANO, Ana A.; MEDEIROS, M. Introdução. In: CAMARANO, A. A. (org.). **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: Ipea, 1999.

CAMARANO, Ana. A. **Estatuto do idoso: avanços com contradições**. Rio de Janeiro: IPEA. 2013. Disponível em: <[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1279/1/TD\\_1840.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1279/1/TD_1840.pdf)> Acesso em: 20 out. 2020>.

CAMARANO, Ana A. Introdução. In: ALCÂNTARA, Alexandre de O.; CAMARANO, Ana A.; GIACOMIN, Karla C. **Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões**. 2016. Disponível em:  
<[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=28693](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=28693)> Acesso em 14 out. 2021

CAMPAGNA, Jossett. **Lazer: significados e ressonâncias da educação não-formal do idoso**. 2009. 166 f. Tese (doutorado). SP: Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/104674>>. Acesso em 21 out. 2021.

CAMPOS, Leandro F. **As perspectivas para o envelhecimento no diálogo com as políticas públicas para pessoas idosas na cidade de Belo Horizonte**. (Monografia de conclusão de curso) Pós-graduação em Gerontologia e Qualidade de vida da Unidade de Ensino e Aprendizagem de Viçosa (UNESAV). 2020.

CANÁRIO, Rui. **Escola tem futuro? Das promessas às incertezas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CANDA, C. N. **Conscientização e ludicidade na educação de jovens e adultos:** revendo caminhos teórico-metodológicos. Educação Popular, Uberlândia, v. 11, n. 1, p. 10-24, jan./jun. 2012.

CAPUZZO, Denise de Barros. **Elementos para a educação de pessoas velhas.** 2012. 138 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2012.

CARLOS, Maria I. Eu não sabia. *In:* SENA, Bernardina de e LACERDA, Patrícia. (orgs.) **Eu Bonsai** - Minha vida em versos. Belo Horizonte: Grupo Cultural Meninas de Sinhá, 2017.

CARLOS, Maria I. Gostar de viver. *In:* SENA, Bernardina de e LACERDA, Patrícia. (orgs.) **Eu Bonsai** - Minha vida em versos. Belo Horizonte: Grupo Cultural Meninas de Sinhá, 2017.

CARLOS, Maria I. O tempo. *In:* SENA, Bernardina de e LACERDA, Patrícia. (orgs.) **Eu Bonsai** - Minha vida em versos. Belo Horizonte: Grupo Cultural Meninas de Sinhá, 2017.

CARLOS, Maria I. Desorientação e confusão. *In:* SENA, Bernardina de e LACERDA, Patrícia. (orgs.) **Eu Bonsai** - Minha vida em versos. Belo Horizonte: Grupo Cultural Meninas de Sinhá, 2017.

CARLOS, Maria I. Para Paulo Freire. *In:* SENA, Bernardina de e LACERDA, Patrícia. (orgs.) **Eu Bonsai** - Minha vida em versos. Belo Horizonte: Grupo Cultural Meninas de Sinhá, 2017.

CARRARO, Valéria. **E a trajetória de vida se alonga além dos 60 anos... o idoso universitário.** 2016. 145 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação). SP: Universidade Nove de Julho, 2016.

CAVACO, Carmem. Experiência e formação experiencial: a especificidade dos adquiridos experienciais. **Educação Unisinos.** v.3 nº13, 2009. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/4949/2199>>. Acesso em: 18 set. 2021.

CAVACO, Carmem. Formador de adultos: o potencial (trans)formador da biografia. Bahia: **Revista Práxis Educacional** v.17. nº 44, p.1- 40. jan/mar. 2021. Disponível: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/7587>> Acesso: 14 set. 2021.

CHIBA, M. F. **Qualidade de vida dos idosos vai além da medicina. Folha de Londrina.** Londrina, 04 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/geral/qualidade-de-vida-de-idosos-vai-alem-da-medicina-2942197e.html>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CNN BRASIL. VEJA quais países iniciaram a vacinação contra a COVID-19; Brasil está fora. **CNN Brasil.** São Paulo. 24 de dezembro de 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/quais-os-paises-que-ja-comecaram-a-vacinacao-contr-a-covid-19>>. Acesso em: 15 set. 2021.



CORDEIRO, Karolina M. A. O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino. **Repositório institucional**. Manaus, 2020. Disponível em: <<http://repositorio.idaam.edu.br/jspui/handle/prefix/1157>>. Acesso em: 13 fev. 2021.

CONTARINE NETO, Luiz. **Educação permanente como contribuição para a intervenção e prevenção de quedas em idosos**. 2016. 93 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino na Saúde). Niterói: Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, 2016.

COSTA *et al.*. A influência das tecnologias na saúde mental dos idosos em tempos de pandemia: uma revisão integrativa. *In: Research, Society and Development*, v. 10, n. 2. 2021 Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i2.12198>>. Acesso em: 18 out. 2021.

COSTA, Gracielle Elaine Ramos. **Teatro-educação está de cortinas abertas para o espetáculo da longevidade brasileira?** 2013. 129 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia. SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

COSTA, Leandra Costa da. **Acadêmico idoso no ensino superior: características de altas habilidades/superdotação?** 2012. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2012.

COSTA, Leandra Costa da. **Altas habilidades/superdotação e acadêmicos idosos: o direito à identificação**. 2016. 247 f. Tese (Doutorado em Educação). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2016.

COSTA, Patrícia Cláudia. **Sem medo de ser falante: conquistas da oralidade por educandas idosas no MOVA-Guarulhos**. 2008. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação). SP: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2008.

COSTA, Samara Queiroga Borges Gomes da. **A Educação Intergeracional como Tecnologia Social: uma vivência no âmbito da Universidade da Maturidade - UFT.2015**. 131f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2015.

COURA, Isamara G. M. **A terceira idade na Educação de Jovens e Adultos: expectativas e motivações**. 2007. Dissertação (Pós-graduação em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/HJPB-7DSQ36> Acesso em 12 set. 2020.

CUNHA JÚNIOR, Adenilson S.; ARAUJO, Maria I. O. O lugar da aprendizagem ao longo da vida nas políticas públicas para a educação de pessoas jovens e adultas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**. v.1, nº2, 2013.

DAL RIO, Maria Cristina; MIRANDA, Danilo Santos de. **Perspectiva social do envelhecimento**. São Paulo: Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social: Fundação Padre Anchieta, 2009.

DAMIS, O. T. Arquitetura da aula: um espaço de relações. *In: DALBEN, S. I. L. F. et al. (Org.). Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 818p.

DEBERT, Guita G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. *In*: DEBERT, Guita G. **A antropologia e a velhice** - Textos Didáticos, 2ª ed., 1 (13), Campinas, IFCH/Unicamp, 1998, pp.07-28. Disponível em:

<[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4275204/mod\\_resource/content/1/Debert%2C%20Guita.%20PRESSUPOSTOS\\_DA\\_REFLEXAO\\_ANTROPOLOGICA\\_S.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4275204/mod_resource/content/1/Debert%2C%20Guita.%20PRESSUPOSTOS_DA_REFLEXAO_ANTROPOLOGICA_S.pdf)>. Acesso em: 27 nov. 2020.

DEBERT, Guita. G.. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp, Fapesp, 1999a.

DEBERT, Guita G.. Velhice e o curso da vida pós-moderno. **Revista USP**, São Paulo, n.42, p. 70-83, junho/agosto, 1999b. p.111-222.

DEBERT, Guita G.; DOLL, Johannes. Entrevista com Guita Debert. **Estudos Interdisciplinares sobre Envelhecimento**, n. 7, Porto Alegre, 2005, pp. 101-16 Disponível em:< <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4760/2675>>. Acesso em 23 nov. 2019.

DEBERT, Guita G; OLIVEIRA, Glaucia da S. D. Os Conselhos e as narrativas sobre a velhice. *In*: **Dez anos do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso**. 2. ed. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2013. p. 117-144.

DELORS, Jacques *et al.* **Educação: um tesouro a descobrir**: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 1998. Disponível em:<[https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590_por)>. Acesso em: 12 ago. 2021.

DINIZ, Margareth; SANTOS, Eloisa H. A pesquisa e sua escrita: questão de estilo e autoria. *IN*: Dossiê o enigmático na atividade do (a) pesquisador (a): relação entre objetividade e subjetividade. **Trabalho & Educação**, v.25, p.235. UFMG, 2016.

DINIZ-PEREIRA, Júlio E.; FONSECA, Maria C.F.R. Identidade docente e formação de educadores de jovens e adultos. Porto Alegre: **Educação & Realidade**, v. 26, n. 2, 2001.

DOLL, Johannes. A educação no processo de envelhecimento. *In*: FREITAS, Elizabete V. PY, Ligia (Ed.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. 4 ed. p. 3554-3566.

DOLL, Johannes; MACHADO, Letícia R.; CACHIONI, Meire. O idoso e as novas tecnologias. *In*: FREITAS, Elizabete V.; PY, Ligia (Ed.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. 4. ed. p. 3585-3603.

DUARTE, Valter. Morte social. *In*: LEMOS, Maria Tereza T. Brittes e ZABAGLIA (Orgs.) **A arte de envelhecer: saúde, trabalho, afetividade e Estatuto do Idoso**. Aparecida, São Paulo: Idéias e Letras: Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

ERBOLATO, Regina M. P. L. Gostando de si mesmo: a auto-estima. *In*: NERI, Anita L. e FREIRE, Sueli Aparecida (orgs). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papyrus, 2003.2ª ed

FARIA, Maria C. Promoção de atitudes positivas face ao envelhecimento através da internet. In: ANICA, Aurízia e SOUZA, Carolina de. **Envelhecimento Ativo e Educação II**. Universidade do Algarve. 2020. Disponível em:  
<[http://geronte.pt/pdf/2020Envelhecimento\\_EBook.pdf](http://geronte.pt/pdf/2020Envelhecimento_EBook.pdf)>. Acesso em 26/09/2021.

FECHINE, Basílio, R. A. e TROMPLERI, Nicolino. O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. In: **Revista Científica Internacional**. v. 1, nº7, jan/mar de 2012

FERNÁNDEZ, Maria J. A. D. O. *et al.*, Educación y enejecimiento activo: vivir em plentud y aprender a lo largo de La vida. In: ANICA, Aurízia e SOUZA, Carolina de. **Envelhecimento Ativo e Educação II**. Universidade do Algarve. 2020. Disponível em:  
<[http://geronte.pt/pdf/2020Envelhecimento\\_EBook.pdf](http://geronte.pt/pdf/2020Envelhecimento_EBook.pdf) >. Acesso em: 26 set. 2021.

FERREIRA, Edésio; SALGADO, Rodrigo. Afeto em forma de música: idosos isolados se emocionam com seresta na porta de casa. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 24 de julho de 2020. Disponível em:  
<[https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/07/24/interna\\_gerais,1169823/afeto-forma-de-musica-idosos-isolados-se-emocionam-serenata-porta-casa.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/07/24/interna_gerais,1169823/afeto-forma-de-musica-idosos-isolados-se-emocionam-serenata-porta-casa.shtml)>.  
Acesso em: 23 set. 2021.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 79, ago./2002.

FHON, Jack R. S. *et al.*. Atendimento hospitalar ao idoso com COVID-19. **Revista Latino Americana de Enfermagem**. v.28. 2020. Disponível em:  
<<https://www.scielo.br/j/rlae/a/G3t7j6xhWCBY86LjCTMyQGn/?format=pdf&lang=pt>>.  
Acesso em: 13 out. 2021.

FLECK, Marcelo P. A.; CHACHAMOVICH, Eduardo; TRENTINI, Clarissa M. P. Projeto WHOQOL-OLD: método e resultados de grupos focais no Brasil. Ver. **Saúde Pública**. 2003. v.37, nº 6. 2003. Disponível em:  
<<https://www.scielo.br/j/rsp/a/4HPxxTqFQ4MZbXVVG3WR5py/?format=pdf&lang=pt>>  
Acesso em: 13 maio 2021

FONSECA, Sabrina T. **A construção de um grupo de idosas de baixa renda sobre o eixo do trabalho**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2005. (Dissertação de Mestrado).

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980. 4. ed.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, 12. ed.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. *In: Estudos Avançados*. v. 15, nº42, São Paulo. 2001a, p. 259-268.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001b. 31. ed.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008a. 31. ed.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008b. 31. ed.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 57 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. Testemunho da diferença e o direito de discutir a diferença. *In: FREIRE, Ana M. A. e OLIVEIRA, Walter F. de. Pedagogia da solidariedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2021. 4 ed. p. 20-41.

FREIRE, Nita. Algumas palavras e considerações em torno da conferência de Paulo Freire. *In: FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana M. A. e OLIVEIRA, Walter F. de. Pedagogia da solidariedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2021. 4 ed. p. 41-60.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Boletim da Pesquisa por Amostra de Domicílios: mercado de trabalho e gênero. Boletim PAD-MG**, ano 1, n. 1, maio 2011. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, Centro de Estatística e Informações. 2011. Disponível em: <<http://novosite.fjp.mg.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/6-Boletim-PAD-MG-2011-Mercado-de-trabalho-e-g%C3%AAnero.pdf>>. Acesso em 16 jul. 2021.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: Ensinar e aprender com sentido**. São Paulo: Editora e livraria Instituto Paulo Freire, 2011. 2 ed. Disponível em: <[https://www.paulofreire.org/download/boniteza\\_ebook.pdf](https://www.paulofreire.org/download/boniteza_ebook.pdf)>. Acesso em: 12/08/2020.

GADOTTI, Moacir. Educação Popular e Educação Ao Longo da Vida. *In: NACIF, G. S. et. al. (Orgs). Coletânea de textos CONFITEA Brasil+6: tema central e oficinas temáticas*. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. 2016. p.50-69.

GALVÃO, Ana e GOMES, Maria J . O processo de envelhecimento gratificante: Felicidade e afetividade. *In* Pinheiro, J. (coord.), **Olhares sobre o envelhecimento**. Estudos interdisciplinares, vol. I, pp. 159-168. Disponível em: <http://cda.uma.pt/publications/pub21-001-olhares-v1/Ebook-21-V01-159.pdf>. Acesso em 12/09/2020

GERTH, Hélio Marconi. **Representações sociais de mulheres idosas participantes de uma intervenção educacional sobre envelhecimento ativo**. 2015. 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação nas Profissões da Saúde) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação nas Profissões da Saúde. Sorocaba: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.

GIL, Henrique Manuel Pires Teixeira. "A educação e a aprendizagem ao longo da vida pelos adultos idosos através das TIC: Reflexões e propostas de implementação". Trabalho

apresentado em I colóquio internacional de ciências sociais da educação / III encontro de sociologia da educação, 2013. Disponível em:

<<https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/3100/1/A%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20a%20aprendizagem%20ao%20longo%20da%20%20vida.pdf>> Acesso em 03 ago. 2020.

GIL, Thays N. **Meninas de Sinhá: a reinvenção da ida nas tramas do discurso musical**. 2008. 190 f Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. BH: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

GOHN, Maria Glória. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em Educação**. Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. II série, nº 1, 2014. Disponível em: <<http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/index>> Acesso em 09 jul. 2021.

GONÇALVES, Edyane Maria de Souza. **Aprendizagem e construção dos saberes docentes na prática da educação com idosos**. 2015. 152 f (Dissertação de mestrado – Pós-Graduação Strictu Sensu Interdisciplinar em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté). SP: Universidade de Taubaté, 2015.

GROSSI, Flávia C. D. P. "**Mas eles tinha que pôr tudo aí, ó! Isso tá errado, uai!... Seis... Eu vou mandar uma carta prá lá, que ele não tá falando direito, não!**": mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, apropriando-se de práticas de numeramento escolares. 2021. (Tese de doutorado- Pós- Graduação em Educação) Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/38595> Acesso em 20 mar. 2022.

GUIOMAR, V. C. R. V. **Compreender o envelhecimento bem-sucedido a partir do suporte social, qualidade de vida e bem-estar social dos indivíduos em idade avançada**. Trabalho de curso no âmbito de mestrado em psicologia da saúde no Instituto de Beja. 2010. Disponível em: <[www.psicologia.pt](http://www.psicologia.pt)>. Acesso em: 12 mar.2019.

HADDAD, Sérgio. Educação de Jovens e Adultos, a promoção da Cidadania Ativa e o desenvolvimento de uma consciência e uma cultura de paz e direitos humanos. 1996. Disponível em: <[Ci\(camara.leg.br\)](http://Ci(camara.leg.br))>. Acesso em: 06 jul. 2021.

HADDAD, Sérgio. Apresentação. **Revista e-curriculum**. São Paulo. v.5, n1. Dez. 2009. Disponível em: Revista e-curriculum, São Paulo v.5 n.1 Dez 2009. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/ecurriculum>> Acesso em: 06 maio 2021.

HAMMERSCHMIDT, Karina S. de A.; SANTANA, Rosimere F. Saúde do idoso em tempos de pandemia COVID-19. **Cogitare Enfermagem**. v. 25. 2020. Disponível em: <<https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/07/1095404/3-72849-v25-pt.pdf>>. Acesso em 15 set. 2020.

HAYASHI, M. **Health Care, Long-term Care, nd Local Public Finances**. 2011. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/277139067\\_Health\\_care\\_long-term\\_care\\_and\\_local\\_public\\_finances/link/556308e108ae86c06b661839/download](https://www.researchgate.net/publication/277139067_Health_care_long-term_care_and_local_public_finances/link/556308e108ae86c06b661839/download)>. Acesso em: 14 out. 2020.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Síntese de indicadores sociais : uma análise das condições de vida da população brasileira** : 2016 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro : IBGE. 2016 146 p. - (Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, ISSN 1516-3296 ; n. 36). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf> Acesso em 12 de out, 2021.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC). Microdados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE; 2019.

IRELAND, T. D. Educação de Jovens e Adultos como política pública no Brasil (2004-2010): os desafios da desigualdade e diversidade. **Rizoma Freireano**, v. 13, p. 93-110, 2012.

IRELAND, T. D. Educação ao Longo da Vida: Aprendendo a Viver Melhor. **Sisyphus — Journal of Education**, v. 7, n.º. 2, p. 48-64, Universidade de Lisboa. 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5757/575763749004/html/> . Acesso em: 10 jul. 2021.

JACOBUCCI, Daniela F. C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Em Extensão**. Uberlândia, v. 7, 2008.

JAHN, Elisiane de Fátima. **Envelhecimento, campesinato e o crédito consignado: o papel educativo de movimentos sociais em relação as estratégias de educação financeira com idosas camponesas e idosos camponeses**. 2018. 165f. (Tese de doutorado- Programa de Pós-Graduação em Educação). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

JOHNSON, Allan, G. **Dicionário de sociologia: Guia prático da linguagem sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar.1997.

JONHNSON, David W.; JONHNSON, Roger T.; HOLUBEC, Edythe J. El aprendizaje cooperativo en el aula. Argentina: **Paidós**. 1999. Disponível em: <<http://conexiones.dgire.unam.mx/wp-content/uploads/2017/09/El-aprendizaje-cooperativo-en-el-aula-Johnsons-and-Johnson.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2021.

JOSSO, Marie. C. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa. 2002.

KARASAWA, M. *et al.* **Cultural Perspectives on Aging and Well-Being: A Comparison of Japan and the U.S.** 2011. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/51647483\\_Cultural\\_Perspectives\\_on\\_Aging\\_and\\_Well-Being\\_A\\_Comparison\\_of\\_Japan\\_and\\_the\\_United\\_States](https://www.researchgate.net/publication/51647483_Cultural_Perspectives_on_Aging_and_Well-Being_A_Comparison_of_Japan_and_the_United_States)>. Acesso em: 12 out. 2020.

KLUTHCOVSKY, A. C. G. C.; TAKAYANAGUI, A. M. M. Qualidade de vida – Aspectos Conceituais. **Revista Salus**. Guarapuava. Paraná. jan./jun. 2007. Disponível em: <<https://revistas.unicentro.br/index.php/salus/article/view/663>>. Acesso em: 20 maio 2019.

LACERDA, Simone Magalhães. **Universidade Aberta à Terceira Idade: representações da velhice**. 2009. 94 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

LAFFIN, M. H. L. F. **A constituição da docência na Educação de Jovens e Adultos**. 2007. Disponível em: <<http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT18-2847--Int.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2021.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 1990.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez. **Modulo III Escola: espaços e tempos de reprodução e resistências da pobreza**. 2008. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Curso de Especialização Educação, Pobreza e Desigualdade Social). Disponível em: <<http://egpbf.mec.gov.br/modulos/pdf/modulo3.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

LESINHOVSKI, Anne Caroline. **O público idoso e o design participativo para apoio à inclusão digital**. 2017. 167 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade). Curitiba: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2017.

LIBÂNEO, José C. **Didática**. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na educação**. 2005. Disponível em: <<https://www.fclar.unesp.br/Home/Graduacao/Espacodoaluno/PET-ProgramadeEducacaoTutorial/Pedagogia/capitulo-libaneo.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

LIBANIO, João Batista. **A arte de formar-se**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LIMA, Eliana C. M.M. **Memórias de leituras de idosos da UATU/UEFS: ressignificando suas histórias**. Feira de Santana: 2016, 130 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2016. Disponível em: <<http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/433/2/Disserta%20a7%20a3o%20-%20Mem%20de%20Leitura%20de%20Idosos%20da%20UATIUEFS%20Ressignificando%20suas%20Hist%20-%20Eliana%20.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2021.

LIMA, Luciano Feliciano de. **Conversas sobre matemática com pessoas idosas viabilizadas por uma ação de extensão universitária**. 2015. 186 f. Tese - (doutorado). SP: Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2015.

LOPES, Marlene. **Imagens e estereótipos de idoso e de envelhecimento em idosos institucionalizados e não Institucionalizados**. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade da Beira Interior: Covilhã. 2010. Disponível em: <[https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/RCAP\\_a12ddec233774ec72b6af6ce19890f40](https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/RCAP_a12ddec233774ec72b6af6ce19890f40)>. Acesso em: 15 out. 2021.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2 ed. São Paulo: EPU, 2013.

MACHADO, Cássia Cilene de Almeida Chalá. **O empoderamento de idosos na escolarização da EJA do Núcleo de Estudos da Terceira Idade/UFSC**. 2017. 168 f (Dissertação de mestrado – Programa de Pós-graduação em Educação). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

MAGALHÃES, Alice M. C. **A aprendizagem cooperativa enquanto estratégia para promoção da atenção dos alunos**: O caso de uma turma do 10º ano da disciplina de Economia A. 2014. 99f. (Dissertação de mestrado – Mestrado em Ensino de Economia e Contabilidade). Universidade de Lisboa. 2014. Disponível em:

<[https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/17963/1/ulfpie047139\\_tm\\_tese.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/17963/1/ulfpie047139_tm_tese.pdf)>. Acesso em: 22 set. 2021.

MANHÃES, Fernanda C.; GUIMARÃES, Décio do N.; MACIEL, Priscila C. “Gerontofobia”, o medo de envelhecer na sociedade contemporânea: uma análise bibliométrica. In: ISTOE, Rosalle S. C.; MANHÃES, Fernanda C.; SOUZA, Carlos H. M. de. **Envelhecimento humano em processo**. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2018.

MARINHO, Maykon dos S.; REIS, Luciana A. dos. Reconstruindo o passado: memórias e identidades de idosos longevos. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 243-264, 2016. Disponível em:

<<https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/63692>>. Acesso em: 19 set. 2021.

MARQUES, Filipa D. *et al.*. A vivência dos mais velhos em uma comunidade indígena Guarni-Mbyá. **Revista Psicologia & Sociedade**, nº 27, v.2, 2015. p.415-427. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/psoc/a/Z5BCPwNKb9nC4RJ6Lb8pCQS/?format=pdf&lang=pt>>  
Acesso em: 25 maio 2021.

MASSI, G. S. *et al.*. Impacto de atividades dialógicas intergeracionais na percepção de crianças, adolescentes e idosos. In: **Revista CEFAC**. Março e abril; p. 399-407. 2016 Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v18n2/1982-0216-rcefac-18-02-00399.pdf>>. Acesso em 24 out. 2020.

MEDEIROS, Almira Lins de. **Governamentalidade, educação e normalização**: as práticas de subjetivação da Universidade Aberta à Maturidade. 2013. 277f. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Paraíba: Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, 2013.

MELLO, Andréia Nóbrega de. **A Qualidade de vida na fala dos egressos da Universidade Aberta à Terceira Idade / Universidade Federal de São Paulo (UATI / UNIFESP)**. 2008. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências). SP: Escola Paulista de Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo, 2008.

MENNOCCHI, Lauren Mariana. **Representações sociais de professores e alunos sobre envelhecimento humano e educação em um programa de Universidade Aberta à Terceira Idade**. 2009. 180 f. Dissertação (mestrado). SP: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências de Bauru, 2009.

MINAYO. M. C. S.; HARTZ. Z. M. de A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência e saúde coletiva**, vol.5, n.1. Rio de Janeiro. 2000. Disponível em:

<[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232000000100002](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232000000100002)>. Acesso em: 15 mar. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2010.



MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JUNIOR, C. E. A., (Orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf#page=36>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

MINAYO, M. C.; SANCHES. O Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Caderno de Saúde Pública**. p. 239-262. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102311X1993000300002&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102311X1993000300002&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 11 out. 2020.

MIRABELLI, Sandra Carla Sarde. **Ações socioeducativas na educação permanente o trabalho social com idosos (TSI) do Sesc SP**: diálogo com o contexto globalizado e impacto na vida dos sujeitos participantes. 2016. 156 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.

MIRANDA, E. C.; RIVA, L.C. O direito dos idosos: constituição federal de 1988 e estatuto do idos. In: **Anais do Sciencult- Simpósio Científico Cultural**. Universidade Estadual do

MIYAKE, Gabrielle Mitico. **Estágio interdisciplinar em centros de convivência para idosos**: uma proposta de intervenção para os cursos de educação física. 2016. 75f. (Mestrado Profissional Formação Interdisciplinar em Saúde). SP: Universidade de São Paulo, 2016.

MORAES, Edgar N.; MORAES, Flávia Lanna; LIMA, Paula P. Características biológicas e psicológicas do envelhecimento. In: **Revista Médica de Minas Gerais**. vol. 20. nº 1, 2010. p. 67-73. Disponível em: <<http://rmmg.org/Sumario/34>>. Acesso em: 12 maio 2020.

MORAES, Paulo Fernando. **Envelhecimento ativo de professores de um programa de atividades físicas da UnATI/ESALQ/USP**. 2014. 142 f. Dissertação - (Mestrado). SP: Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2014.

MORAIS, Alessandra de; BARBOSA, Laís Marques. Aprendizagem Cooperativa: conceitos básicos, fundamentação, elementos essenciais, técnicas e métodos. In: MORAIS, Alessandra de; BARBOSA, Laís Marques; BATAGLIA, Patrícia Unger Raphael; MORAIS, Mariana Lopes de (org.). **Aprendizagem Cooperativa**: fundamentos, pesquisas e experiências educacionais brasileiras. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p.25-56.

MOTTA, Alda. B. da. Gênero, idades e gerações. Salvador: **Caderno CRH**. v. 17, nº 42, p.349-355. set./dez. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18727/12100>>. Acesso: 14 jun. 2021

MOTTA, Alda. B. da “**Não tá morto quem pelega**”: a pedagogia inesperada nos grupos de idosos. Salvador- Bahia (Tese de doutorado). UFBA.1999

NEIVA, Larissa Maria de Resende. **Escrita autobiográfica do idoso e invenção de si**. 2017.120 f (Dissertação de mestrado- Programa de Pós-Graduação em Educação) Faculdade de Educação. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

NERI, Anita L. e FREIRE, Sueli. Apresentação: Qual é a idade da velhice? NERI, Anita L. e FREIRE, Sueli. A. (orgs). **E por falar em boa velhice**. Campinas, SP: Papirus. 2003. 2 ed.

NERI, Anita L. **Idosos no Brasil: vivência, desafios e expectativa na terceira idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Edições SESC, 2007.

NERI, A. L.; YASSUDA, M. S. (orgs); CACHIONE, M. (colab). **Velhice bem-sucedida. Aspectos afetivos e cognitivos**. 3ª ed. Campinas: Papirus. 2008.

NERI, Anita L. *et al.* (orgs.). **Saúde e qualidade de vida na velhice**. 3. ed. Campinas, SP: Alínea, 2009 (Coleção velhice e sociedade).

NERI, Anita L. Qualidade de vida na velhice e subjetividade. In: NERI, A. L (Org) **Qualidade de vida na velhice: enfoque multidisciplinar**. Campinas, SP: Editora Alínea. 2011. p. 13-60

NERI, Anita L. Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. In: Malloy –Diniz,L.,Fuentes, D. e Consenza, R. M. **Neuropsicologia do Envelhecimento: Uma Abordagem Multidimensional**. Porto Alegre: Artmed Editora. 2013. p. 18-42.

NERI, Anita L. **Desenvolvimento e Envelhecimento: perspectivas, biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas: Papirus, 2015. Ebook Kindle.

NERI, Anita. L. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Alínea. 2009.

NERI, Anita L.; PAVARINI, Sofia C. L. Formação de Recursos humanos em Gerontologia e desenvolvimento da profissão. O Brasil em face da experiência internacional. In: FREITAS, Elizabete V.; PY, Ligia (Ed.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017, p. 3521-3552.

NETO A. G.; GOMES, N. C.; AMARAL, S. C de S. Educação e o contexto sociocultural do idoso na perspectiva dos novos direitos. In: ISTOE, R. S. C; MANHAES, F. C. E SOUZA, C. H. M de. **Envelhecimento humano em processo**. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2018. p. 155-169.

NOAL, Débora da S.; PASSOS, Maria F, D.; FREITAS, Carlos M. Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. 2020. 342p. Disponível em: <[https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/10/livro\\_saude\\_mental\\_covid19\\_Fiocruz.pdf](https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/10/livro_saude_mental_covid19_Fiocruz.pdf)>. Acesso em: 15 maio 2021.

NOVA ESCOLA. Paulo Freire: "Nós podemos reinventar o mundo". **NOVA ESCOLA**. 2018. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/266/paulo-freire-nos-podemos-reinventar-o-mundo>>. Acesso em: 09/11/2020.

OLIVEIRA, Maria M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, N.S. *et al.* Avaliação da qualidade de vida de idosos que frequentam uma instituição piauiense. In: **Revista Interdisciplinar Uninovapi**, v.8, n.4, 2015. Disponível em: <<https://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/688>>. Acesso em: 16 abr. 2019.

OLIVEIRA, Walter F. de. Fatalismo e conformidade: a pedagogia da opressão. *In:* FREIRE, Ana M. A. e OLIVEIRA, Walter F. de. **Pedagogia da solidariedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2021. 4 ed. p. 94-116.

OMISTE, A. Saavedra; LÓPEZ, Maria Del C.; RAMIREZ, J. Formação de grupos populares: uma proposta educativa. In CANDAU, Vera Maria; SACAVINO, Susana (Org.). **Educar em direitos humanos: construir democracia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU) 1982 - **Plano de Ação Internacional de Viena sobre o envelhecimento** (Tradução de Sergio Antonio Carlos- UFRGS). Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/e-psico/publicas/humanizacao/prologo.html>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). OMS. Promoción de la salud: glosario. Genebra: OMS, 1998.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Guia Global: Cidade Amiga do Idoso**. 2008. Disponível em: <[http://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/Brasil\\_Amigo\\_Pessoa\\_Idosa/publicacao/guia-global-oms.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/Brasil_Amigo_Pessoa_Idosa/publicacao/guia-global-oms.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde**. 2015 Disponível em: <[https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186468/WHO\\_FWC\\_ALC\\_15.01\\_por.pdf;jsessionid=10665186468](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186468/WHO_FWC_ALC_15.01_por.pdf;jsessionid=10665186468)>. Acesso em: 10 jul. 2019.

OSBORNE, M.; BORKOWSKA, K. **Uma lente europeia sobre a aprendizagem de adultos e ao longo da vida na Ásia**. Asia Pacific Educ. Rev. 18, 2017, p. 269–280. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s12564-017-9479-4>>. Acesso em: 03 dez. 2020.

PAIVA, Wanderléia da C. **Os sentidos do envelhecer: identidades e memórias de idosas**. São João Del-Rei: 2011, 102f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de São João Del-Rei, 2011. Disponível em: <http://docplayer.com.br/11456540-Wanderleia-da-consolacao-paiva-os-sentidos-do-envelhecer-memorias-e-identidades-de-idosas.html>. Acesso em: 09 out. 2020.

PALHARES, J. A. Reflexões sobre o não-escolar na escola e para além dela. *In:* **Revista Portuguesa de Educação**. v.22, n.2. Braga. Portugal. 2009, pp. 53-84.

PASCOAL, M. Qualidade de vida e educação. **Revista de Educação da PUC- Campinas**. São Paulo: Campinas. n.17. 2004. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/272>>. Acesso em: 20 maio 2019.

PASINI, C.G.D.; CARVALHO, E.; ALMEIDA, L. H. C. **A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações**. Observatório Socioeconômico da COVID. UFMS. 2020.

Disponível em: <<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/820/2020/06/Textos-para-Discussao-09-Educacao-Hibrida-em-Tempos-de-Pandemia.pdf>>. Acesso em: 03/10/2020.

PASKULIN, L. M. G. *et al.*. Percepção de pessoas idosas sobre qualidade de vida. **Acta Paulista de Enfermagem**. v.23, n.1, São Paulo. 2010. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010321002010000100016&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010321002010000100016&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em 22 out. 2021.

PAVIANI, N.M.S.; FONTANA, N.M. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura: Filosofia e Educação** (UCB), v.14, 2009, p.77-88, Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/16>>. Acesso em: 12/07/2021.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, Terceira Idade. In: BARROS, Myriam M.L. de (org.) **Velhice ou Terceira Idade? estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003, 3ªed.

PEREIRA *et al.*. Programa de Melhoria da Qualidade de Vida dos Idosos Institucionalizados. **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Belo Horizonte. 2004. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/congrent/Saude/Saude143.pdf>>. Acesso em 13 ago. 2021.

PEREIRA, Fabíola A. **Educação de pessoas idosas: um estudo de caso da Universidade da Maturidade no Tocantins**. 2016, 219f. Tese (Doutorado em Educação). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2016.

PERES, Marcos A. de C. A Andragogia no limiar da relação entre velhice, trabalho e educação. **Contrapontos**, v.6, nº1, 2006. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/850/702>>. Acesso em 12 ago. 2021.

PERES, Marcos A. de C. Velhice e analfabetismo, uma relação paradoxal: a exclusão educacional em contextos rurais da região Nordeste. **Revista Sociedade e Estado**. v. 26. nº3. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/FzpMmtCqpRNfzPFxbKHfd9D/?lang=pt> Acesso em: 12/08/2021.

PETRUS Antoni, ROMANS Mercè e Jaume TRILLA. **Profissão: Educador social**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PEZAVENTO, Karla.; RIBEIRO, Franciele. (2018). Grupos de convivência como suporte ao idoso na melhoria da saúde. **Pesquisa Em Psicologia - Anais eletrônicos**, 95–102. Disponível em: <[https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/pp\\_ae/article/view/19151](https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/pp_ae/article/view/19151)>. Acesso em 12 set. 2021

PINHEIRO TAVARES, Nayana. Granja Porto, Zélia. **Discursos sobre o idoso no processo de formação do bacharel em educação física da escola superior da UFPE**. 2011. 156f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

PINTO, Juliana M. e NERI, Anita L. Participação social e envelhecimento. In: FREITAS, Elizabete V.; PY, Ligia (Ed.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.p. 3441 -3459.

PINTO, Maria das G. L. C. **Da aprendizagem ao longo da vida ou do exemplo de uma relação ternária**: agora, antes, depois. Tipografia Nunes Lda – Maia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Cadernos de Apoio Pedagógico da FLUP. Porto. 2008. Disponível em:<<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8208.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

PITO ALEXANDRE, Lourdes B. S.; NUNES, Maria I. Problematização sobre a pandemia da COVID-19 como auxílio na formação de enfermeiras/os. **Revista Nursing**. V.23, 2020. Disponível em:<<http://www.revistanursing.com.br/revistas/266/pg16.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2021.

POCAHY. F. Gênero, sexualidade e envelhecimento: miradas pós-críticas em educação. In: PAIVA, J. (Org.) **Aprendizados ao longo da vida**: sujeitos, políticas e processos educativos. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019. Online. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/g8qcy/pdf/paiva-9786599036491.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

PONTAROLO, Regina Sviech. **Políticas públicas educacionais para o idoso e sua implementação pela SEED – PR na cidade de Prudentópolis**. 2008. 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2008.

PORTO, Maria Augusta Rocha. **Tempo cognitivo e tempo social nas aulas de inglês para a envelhescência e terceira idade**. 2017. 116 f. Tese (Doutorado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2017.

PRADO, Shirley D.; SAYD, Jane D. A gerontologia como campo do conhecimento científico: conceito, interesses e projeto político. *Ciência & Saúde Coletiva*. v.11, nº2, 2006. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/csc/a/tvJSTH8jLPfnT5YhMMKsH7R/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Centro de Referência da Pessoa Idosa**. Disponível em:< <https://prefeitura.pbh.gov.br/smasac/sudc/equipamentos/crpi>>. Acesso em: 02 dez. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Diário Oficial do Município, de 16 jun. 2009**. Disponível em: <<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DomDia&dia=06/06/2009&comboA no=2009>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

PROCHET *et al.*. Afetividade no processo de cuidar do idoso na compreensão da enfermeira. *In: Revista da Escola de Enfermagem da USP*, p. 96-102. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n1/v46n1a13>>. Acesso em: 24 out. 2020.

QUADROS, I. P. **Palavras científicas sonhantes em território úmido feito a mão: a arte popular da canoa pantaneira**. 364 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2013.

QUEIROZ, Sheylane Beltrão de. **Educação e envelhecimento: um olhar sobre a participação masculina nos grupos de terceira idade de Manaus.** 2011. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2011.

RAMAYANA, Marcos. **Estatuto do Idoso Comentado.** Rio de Janeiro: Roma Victor, 2004.

RAMOS, Vania. **Velhas e velhos conquistam espaços nas universidades de São Paulo: política, sociabilidade e educação.** 2008. 254 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

RANGEL, Ana L. G.; HEMANDEZ, Rosa I. E.; FERES, Juana J. Impacto de un aula para personas mayores sobre la calidad de vida. Una experiencia intergeneracional. Avances de un proyecto . **Revista Interamericana de Educación de Adultos**, v.27, n. 1. 2005. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/4575/457545085003.pdf>> Acesso em: 13 out. 2021.  
**Revista HISTEDBR** On-line, Campinas, n.20, p. 20 - 27, dez. 2005 - ISSN: 1676-2584.

RIBEIRO, Marinalva L.; SOARES, Sandra R. A prática educativa nas representações de docentes de cursos de licenciatura. **Sitientibus**, Feira de Santana, n.37, p.173-193, jul./dez. 2007. Disponível em:  
<[http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/37/a\\_pratica\\_educativa\\_nas\\_representacoes\\_de\\_docentes.pdf](http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/37/a_pratica_educativa_nas_representacoes_de_docentes.pdf)> Acesso em: 14 abr. 2021.

RISE, L. S.; PEREIRA da C. P.; SOUZA H.M.de S. A expressão artística e a estimulação cognitiva em idosos: estudo de um grupo da terceira idade In: ISTOE, R. S. C; MANHAES, F. C. E SOUZA, C. H. M de. **Envelhecimento humano em processo.** Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2018. p.196-207.

ROBSON, A. S.; INFORSATO, E. C. Aula: o ato pedagógico em si. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de Formação: formação de professores didática geral.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 80-85, v. 9. Disponível em:  
<<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/584/1/01d15t05.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

RODRIGUES, Carla C.; TODARO, Mônica A. Idosos, velhice e envelhecimento: a educação humaniza(?). In: CASTRO, Luiz A. C.(Org.). **Dinamismo e clareza no planejamento em ciências da saúde.** Ponta Grossa- PR: Atena. 2021. Disponível em:  
<<https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/49141>>. Acesso em: 12 out. 2021.

RODRIGUES, Patrícia Mattos Amato. **Envelhecimento e educação, aspectos jurídicos e jornalísticos: a busca por direitos e participação social da pessoa idosa.** 2018. 204 f.Tese (Doutorado em Economia Doméstica) Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2018.

RODRIGUES, Rodrigo. “Não tenham medo”, diz Mônica Calazan, 1ª pessoa a ser vacinada no Brasil. **G1.** São Paulo. 17 de jan. de 2021. Disponível em:< <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/17/nao-tenham-medo-diz-monica-calazans-1a-pessoa-a-ser-vacinada-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 14 set. 2021.

ROMÃO, J. E. Aula. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire.** 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 59-60.

ROOS, Simone Neiva Milbradt. **Projeto Aluno Especial II da UFSM: educação e envelhecimento**. 2017. 72f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Gerontologia. RS, Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2017.

SANTA ROSA, Ana Lúcia Cardozo de. O envelhecimento na pós-modernidade. In: LEMOS, Maria Tereza T. Brittes e ZABAGLIA (orgs.) **A arte de envelhecer: saúde, trabalho, afetividade e Estatuto do Idoso**. Aparecida, São Paulo: Idéias e Letras; Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

SANTIAGO, Maria B.N. **Diálogo e educação: o pensamento pedagógico em Martin Buber**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

SANTOS, Bettina S.; ANTUNES, Denise D. Vida Adulta, Processos Motivacionais e Diversidade. **Revista Educação**, PUCRS, ano XXX, n. 61, 2007. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/848/84806108.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2021.

SANTOS, Camila Medeiros dos. **Autocuidado e processo educativo de idosos com doenças crônicas não transmissíveis que demandam cuidados de enfermagem no domicílio**. (Dissertação de mestrado - Programa de Pós-graduação em Enfermagem). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais. 2014.

SANTOS, Dyane B. R. **Para além das cotas: A permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia – Salvador. Bahia. 2009.

SANTOS, Fabiola Silva dos. **A influência do processo Educacional na qualidade de vida dos idosos a luz da teoria do autocuidado de orem**. 2014. 167f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2014.

SANTOS, Keila M. A aula não é mais presencial, e agora? Tecnologias e experiências docentes em tempos de COVI-19. EM TEIA – **Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana**. V.11, nº2. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/emteia/article/view/248131>>. Acesso em: 08 set. 2021.

SANTOS, Stephany da S.; BRANDÃO, Gisetti C. G. e ARAÚJO, Kleane M. da F. Isolamento social: um olhar a saúde mental de idosos durante a pandemia de COVID-19. In: **Research Society and Development**, v. 9, nº 7. 2020. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/341559210\\_Isolamento\\_social\\_um\\_olhar\\_a\\_saude\\_mental\\_de\\_idosos\\_durante\\_a\\_pandemia\\_do\\_COVID-19](https://www.researchgate.net/publication/341559210_Isolamento_social_um_olhar_a_saude_mental_de_idosos_durante_a_pandemia_do_COVID-19)>. Acesso em: 09 out. 2021.

SARNOSKI, Eliamara Aparecida. Afetividade no Processo Ensino-Aprendizagem. Rei: **Revista de Educação do Ideau**, Erebangó, v. 9, n. 20, p.1-13, dez. 2014. Semestral. Disponível em: <[https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/223\\_1.pdf](https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/223_1.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SAVIANI, Dermeval. **Crise estrutural, conjuntura nacional, Coronavírus e educação – o desmonte da educação nacional**. Revista Exitus, Santarém/PA, Vol.10, p. 01-25 e 020063, 2020. Disponível em: <<http://ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1463/858>>. Acesso em: 28 out. 2020.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 10. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2008.

SCAGION, Matheus Pereira. **Representações sociais de pessoas idosas sobre Matemática**. 2018. 105f. (Dissertação de mestrado- Instituto de Geociências e Ciências Exatas). SP, Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 2018.

SCHNEIDER, Rodolfo H.; IRIGARAY, Tatiana Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**. Campinas/SP, v. 25, nº4 pp. 585-593, out./dez. 2008.

SCORALICK-LEMPKE, N. N; BARBOSA, A. J. G. Educação e envelhecimento: contribuições da perspectiva Life-Span. *In: Educação e conhecimento - estudos de psicologia*. Campinas, SP: Out-Dez, 2012. p.647-655.

SCORTEGAGNA, Paola Andressa. **Emancipação política e educação: ações educacionais para o idoso nas Instituições de Ensino Superior públicas paranaenses**. 2016. 277 f. Tese (Doutorado em Educação). Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2016.

SERRA, Deuzimar Costa. **Gerontagogia dialógica intergeracional para autoestima e inserção social de idosos**. 2012. 269f. – Tese (Doutorado). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, 2012.

SESC - Serviço Social do Comércio – Minas Gerais. Disponível em: <[https://www.sescmg.com.br/wps/portal/sescmg/home!/ut/p/a1/04\\_Sj9CPykyssy0xPLMnMz0vMAfGjzOJN3C1cPZyDDbwMfFwsDRwNPN0MfPw9DE1CzYAKIoEKDHAARwNC-sP1o8BK3A3cjQwNvYFKPP0sgArcLLzcjIOBRphDFeCxiA3wiDTUVERAKpox2k!/dl5/d5/L2dBISEvZ0FBIS9nQSEh/](https://www.sescmg.com.br/wps/portal/sescmg/home!/ut/p/a1/04_Sj9CPykyssy0xPLMnMz0vMAfGjzOJN3C1cPZyDDbwMfFwsDRwNPN0MfPw9DE1CzYAKIoEKDHAARwNC-sP1o8BK3A3cjQwNvYFKPP0sgArcLLzcjIOBRphDFeCxiA3wiDTUVERAKpox2k!/dl5/d5/L2dBISEvZ0FBIS9nQSEh/)>. Acesso em: 23/10/2021.

SIQUEIRA, Maria E. C. de Teorias Sociológicas do envelhecimento. In: NERI, Anita L. (org) **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. 2015.

SILVA, Fernanda A. O. R., Soares, Leôncio J. G., PINHO, Clarice W. de . Educação, cultura popular e Educação de Jovens e Adultos. **Revista da FAEBA- EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE**, v. 29, p. 403-416, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/5157/6974>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

SILVA NETO, A. F, da. Conquistas do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso e Novos Desafios. In: **Dez anos do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso**. 2. ed. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2013. p.151-153.

SILVA, Anna C. de A. Pereira da; SILVA JÚNIOR, Paulo Isan Coimbra da. Para além de um estatuto: direitos e obrigações de velhos indígenas. **Anais do XV Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito- CONPEDI**. 2006. pp. 3432-3444. Disponível em: <[http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/bh/anna\\_cruz\\_de\\_araujo\\_pereira\\_da\\_silva\\_.pdf](http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/bh/anna_cruz_de_araujo_pereira_da_silva_.pdf)>. Acesso em 12 maio 2021.



SILVA, Sara Regina Moreira da. **Processos educativos e memórias de mulheres em processo de envelhecimento que vivem em um abrigo e participam de uma tertúlia musical dialógica**. 2008. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

SÍVERES, Luiz. **Encontros e diálogos: pedagogia da presença, proximidade e partida**. Brasília: Liber Livro, 2015. 208 p.

SOARES, Leôncio José Gomes. As especificidades na formação do educador de jovens e adultos: um estudo sobre propostas de EJA. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.27, n.2, p.303-322, ago. 2011.

SOARES, Leôncio José Gomes; PEDROSO, Ana Paula Ferreira. Formação de educadores na Educação de Jovens e Adultos (EJA): alinhavando contextos e tecendo possibilidades. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.32, n.04, p. 251-268. Out/Dez. 2016.

SOARES, Leôncio. As políticas de EJA e as necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos. In: RIBEIRO, Vera Maria Masagão (Org). **Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras**. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil – ALB; Ação Educativa, 2001.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018

TAGLIAFERRO, Ariane R. *et al.* **Emoção, Afetividade e a Relação com a Educação, segundo a Teoria Histórico – Cultural**. Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/ep127/emocao.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 14ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.21, n.73, p.209-244. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214>. Acesso em 10 dez. 2020.

TAVARES, Dirce Encarnacion. **A presença do aluno idoso no currículo da universidade contemporânea: uma leitura interdisciplinar**. 2008. 297 f. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

TAVARES, Nayana Pinheiro. **A prática pedagógica de professores de educação física do Programa Academia da Cidade do Recife com idosos**. 2017. 300f. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Educação). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

TEIXEIRA, Anísio. **Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola**. 5.ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1968. Disponível em <[http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/eng/livro5/chama\\_cap2.html](http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/eng/livro5/chama_cap2.html)>. Acesso em: 22 dez. 2020.

TEIXEIRA, Rodrigo S.; KOHLAURSCH, Estela; SILVA, Suzane W. da. Processos de envelhecimento: criação de espaços nas artes cênicas e música. In: **Anais do Seminário de Pós-graduação**. 13ª Ed., v.13. Novo Hamburgo. Universidade FEEVALE. 2020. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/219611/001122694.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 set. 2021.

TIRADO; Marcella G A. A UFMG e a atenção ao idoso. **BOLETIM – Informativo Oficial da Universidade Federal de Minas Gerais**. nº1237, ano 25. 1999.

UCHOA, E. Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso. **Cadernos de Saúde Pública**, ano 19, Nº3, p.849-853, 2003.

UNESCO. Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos. **V Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFINTEA)**, 1998. Disponível em: <[https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000116114\\_por?posInSet=2&queryId=dfc90a9e-9c84-41e9-b9f8-733c7acbb546](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000116114_por?posInSet=2&queryId=dfc90a9e-9c84-41e9-b9f8-733c7acbb546)>. Acesso em: 14 out. 2020.

UNESCO. **Segunda Conferência Mundial de Educación de Adultos**, Montreal, 22-31 de agosto de 1960: informe. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133863>>. Acesso em: 14 out. 2020.

VERAS, Renato (org.). **Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

VERAS, Renato P.; CALDAS, Célia Pereira. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.9 n.2, p.423-432, 2004.

VERAS, Renato P. A longevidade da população: desafios e conquistas. **Revista Quadrimestral de Serviço Social**, São Paulo, n.75, Ano 24, out. 2003.

VIANNA, C. E. S. **Evolução histórica do conceito de educação e os objetivos constitucionais da educação brasileira**. Janus. Lorena, ano 3, nº 4, p. 128-138, 2006.

VIEIRA, Ana. L. M. **As ocupações de mulheres velhas nos cotidianos de vulnerabilidade social**. Dissertação de mestrado. 2021(Mestrado em Estudos da ocupação – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional). UFMG. Belo Horizonte. 2021. (Não publicado).

VOGEL, Sara. Questões centrais para a formação de professores na/durante a pandemia. In: LIBERALI, Fernanda C. et. al. (org). **Educação em tempos de pandemia: brincando com um mundo possível**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/202157244-Educacao-em-tempos-de-pandemia-brincando-com-um-mundo-possivel.html>>. Acesso em 12/10/2021.

VOLTOLINI, R. **Psicanálise e Formação de professores: antiformação docente**. São Paulo: Zagodoni Editora, 2018. p. 19- 108.

ZABALLA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.

ZIMERMAN, G. I. **Velhice: aspectos biopsicossociais**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ZITKOSKI, Jaime J. Ser Mais. In: STRECK, Danilo. R.; REDIN, Euclides.; ZITKOSKI, Jaime J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.4<sup>a</sup> ed.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Termo de concordância do Centro de Referência da Pessoa Idosa

#### DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

O Sr. Leandro Faria Campos, Coordenador do Centro de Referência da Pessoa Idosa (CRPI) do município de Belo Horizonte, vinculado à Diretoria de Políticas para a População Idosa da Subsecretaria de Direito e Cidadania, autoriza a pesquisadora Isamara Grazielle Martins Coura e seu orientador Leôncio José Gomes, ambos da Universidade Federal de Minas Gerais, a realizar a pesquisa intitulada: "A educação de idosos em Belo Horizonte: uma na análise de seus impactos para o envelhecimento bem-sucedido" na unidade do qual é responsável. Trata-se de uma pesquisa que tem como objetivo analisar quais são as práticas educativas destinadas aos idosos em Belo Horizonte e que impactos esses processos educativos têm em suas vidas. A etapa de coleta de dados pesquisa que será realizada no equipamento acima referido e consistirá em análise de fichas cadastrais, observações não participantes e entrevistas semi-estruturadas, agendadas previamente sem comprometer o andamento das atividades.

Os pesquisadores se comprometem em resguardar a confidencialidade, o sigilo, a privacidade, a proteção de imagem, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas, inclusive em termos de autoestima e de prestígio econômico ou financeiro. Os participantes do estudo serão claramente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, tanto os participantes quanto os responsáveis pela instituição poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo.

Belo Horizonte, 07 de março de 2019.

---

Leandro Faria Campos

## APÊNDICE B – Roteiro da entrevista semiestruturada com as pessoas idosas

### Questionário para entrevista semi-estruturada com idosos(as)

- 1) Qual é sua cidade natal?
- 2) Qual seu estado civil?
- 3) Você tem filhos? Se sim, onde eles vivem?
- 4) Você reside com quem?
- 5) Qual é sua idade?
- 6) Trabalha ou trabalhou com o quê?
- 7) Você se considera uma pessoa idosa? Por quê?
- 8) Como você entende sua presença na sociedade? Você se sente valorizado(a)? Sofre algum preconceito? Quais os motivos para isso?
- 9) Antes de frequentar este espaço educativo você já frequentou alguma outra instituição com atividades educativas? Se sim, quais? Quantos anos você tinha quando as frequentou?
- 10) Por que você deixou de frequentar?
- 11) Como você ficou sabendo do Centro de Referência da Pessoa Idosa (CRPI)?
- 12) O que lhe fez buscar o centro de referência da pessoa idosa para fazer suas atividades? Por que você vem aqui e não em outro espaço com atividades parecidas?
- 13) Quais as atividades você faz no Centro de Referência da Pessoa Idosa?
- 14) Por que escolheu cada uma dessas atividades?
- 15) Qual das atividades que você faz que você mais gosta? Por quê?
- 16) Qual das atividades que existem aqui você não faria? Por quê?
- 17) Você já fez outras atividades no CRPI? Quais? Por que não as faz mais?
- 18) Você percebe alguma mudança na sua vida após frequentar as atividades no Centro de Referência da Pessoa Idosa? Quais?
- 19) Você indicaria as atividades que faz aqui para alguém? Por quê?
- 20) Tem alguma coisa que você acha que poderia ser melhorado nas suas atividades? O que?
- 21) Tem alguma atividade ou algum assunto que você acha que deveria ser tratado com as pessoas idosas e ainda não existe aqui? Quais? Por que seriam importantes?
- 22) O que seus familiares acham da sua participação no CRPI?
- 23) A relação com sua família e seus amigos mudou depois que você veio participar das atividades aqui no Centro de Referência da Pessoa Idosa?
- 24) O que você considera como importante para se ter uma boa qualidade de vida?
- 25) Você acredita que suas atividades no CRPI ajudam a melhorar sua qualidade de vida? De que forma?

## APÊNDICE C – Roteiro da entrevista semiestruturada com o coordenador do CRPI

## Questionário para entrevista semi-estruturada com os coordenadores do Centro de Referência da Pessoa Idosa

- 1) Qual é sua idade?
- 2) Qual é a sua formação?
- 3) Você trabalha aqui há quanto tempo?
- 4) Antes de trabalhar aqui você trabalhava onde?
- 5) Por que veio trabalhar aqui?
- 6) Antes daqui você já havia trabalhado com idosos?
- 7) Você recebeu alguma formação para trabalhar com a atividade que você desenvolve aqui?
- 8) Você apontaria quais as vantagens de se trabalhar num espaço como esse?
- 9) Quais os maiores desafios de se trabalhar num espaço como esse?
- 10) Quais os maiores desafios para se trabalhar com os idosos?
- 11) A organização do CRPI tem como referência algum outros espaço destinado à atividades educativas para idosos? Se sim, qual ou quais?
- 12) De que forma as atividades do CRPI são escolhidas? Há participação dos idosos no processo de escolha?
- 13) Como os professores são escolhidos? Há um processo seletivo?
- 14) Como você acha que as atividades educativas do CRPI contribuem para a melhoria na qualidade de vida desses sujeitos?
- 15) Em relação às atividades ofertadas e ao espaço como um todo, quais são os pontos que você destaca como positivos?
- 16) Em relação às atividades ofertadas e ao espaço como um todo, quais são os aspectos que você acha que poderiam ser melhorados?
- 17) Você acredita que teria alguma outra atividade ou algum outro tema que deveria ser trabalhado com os idosos aqui? Se sim, qual ou quais?
- 18) O que você acredita que seria necessário para que as práticas educativas se tornassem ainda mais significativas para os idosos?

**APÊNDICE D** – Roteiro de entrevista semiestruturada com os educadores do CRPI**Roteiro para entrevista semiestruturada com os educadores do Centro de Referência da Pessoa Idosa**

- 1) Você trabalha aqui desde quando?
- 2) Antes você trabalhava onde?
- 3) O que te levou a querer trabalhar aqui?
- 4) Você já havia trabalhado com idosos?
- 5) Qual é a sua formação?
- 6) Você recebeu alguma preparação para trabalhar com pessoas idosas?
- 7) Quais as vantagens de se trabalhar num espaço como esse?
- 8) Quais os desafios de se trabalhar num espaço como esse?
- 9) Quais as diferenças existem entre suas práticas pedagógicas neste espaço e em outros espaços que você atua ou tenha atuado?
- 10) Como você acha que suas aulas contribuem para a melhoria na qualidade de vida desses sujeitos?
- 11) O que levam as pessoas a escolher fazer sua atividade educativa no CRPI?
- 12) Conte um pouco sobre como você desenvolve seu trabalho no CRPI.
- 13) Como se dá a participação dos idosos?
- 14) Em relação as atividades ofertadas e ao espaço como um todo, quais são os pontos que você destaca como positivos e poderiam ser melhorados?
- 15) Teria alguma outra atividade ou algum outro tema que deveria ser trabalhado com os idosos aqui? Quais?

APÊNDICE E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido recebido e assinado pelos entrevistados

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) Sr. (a) \_\_\_\_\_ está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa "A educação de idosos em Belo Horizonte: uma na análise de seus impactos para o envelhecimento bem-sucedido", que tem como objetivo analisar quais são as práticas educativas destinadas aos idosos em Belo Horizonte e que impactos esses processos educativos têm em suas vidas.

A pesquisa será de natureza qualitativa e o processo investigativo se dará através de entrevistas semi-estruturadas. Salienta-se que todas as documentações orais das entrevistas e serão transcritas e apresentadas aos participantes da pesquisa, antes de sua publicação, para análise e alterações, caso achem necessário. Os resultados das interpretações dos dados ficarão à disposição para a livre consulta a quem se interessar, com os/as responsáveis pela pesquisa.

Os riscos à saúde física dos participantes são mínimos, porém como será realizada entrevista, o tempo para a execução deste procedimento poderá causar cansaço ou algum tipo de desconforto emocional. Caso o/a sr/a relate cansaço ou algum desconforto o procedimento poderá ser suspenso e continuarem data posterior.

Para participar deste estudo o(a) Sr. (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. O(a) Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar em qualquer momento e estará livre para participar ou recusar-se a participar e a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos, valendo a desistência a partir da data de formalização desta. A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o(a) Sr. (a) será atendido (a) pelos(as) responsáveis pela pesquisa. A sua identidade será resguardada de forma sigilosa. O (A) Sr. (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que este trabalho possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelos responsáveis pela pesquisa e a outra será fornecida ao(à) Sr. (a).

Os dados, materiais e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com os pesquisadores responsáveis por um período de 5 (cinco) anos e, após, serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa "A educação de idosos em Belo Horizonte: uma na análise de seus impactos para o envelhecimento bem-sucedido", de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Rubrica do pesquisador: \_\_\_\_\_  
 Rubrica do participante: \_\_\_\_\_



Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

**Nome completo do participante:**

\_\_\_\_\_  
Data: \_\_\_\_\_

**Assinatura do participante:**

\_\_\_\_\_  
**Nome completo do Pesquisador Responsável:**

**Leônio José Gomes Soares**

Endereço: Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte

Telefones: (31) 3409-5320

E-mail: leonciojsoares@gmail.com

**Assinatura do pesquisador responsável**

\_\_\_\_\_  
Data: \_\_\_\_\_

**Nome completo do Pesquisador: Isamara Grazielle Martins Coura**

Endereço: RuaTinguassu,871, Novo Eldorado, Contagem - MG

Telefones: (31) 986520989

**Assinatura do pesquisador**

\_\_\_\_\_  
Data: \_\_\_\_\_

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

**COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG**

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.

Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: 34094592.

**APÊNDICE F – Termo de Confidencialidade (Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012 – CNS/CONEP)**

**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE (Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-  
CNS/CONEP)**

Em referência a pesquisa intitulada "A educação de idosos em Belo Horizonte: uma análise de seus impactos para o envelhecimento bem-sucedido". Eu, Leôncio José Gomes e minha pesquisadora (doutoranda) Isamara Grazielle Martins Coura, comprometemo-nos a manter em anonimato, sob sigilo absoluto durante e após o término do estudo, todos os dados que identifiquem os sujeitos da pesquisa, usando apenas para divulgação os dados inerentes ao desenvolvimento do estudo. Comprometemo-nos também com a destruição, após o término da pesquisa, de todo e qualquer tipo de mídia que possa vir a identificá-lo tais como filmagens, fotos, gravações, questionários, formulários e outros.

Belo Horizonte, 12 de março de 2019.

Pesquisador Responsável:

---

Orientador

Pesquisador Assistente:

---

Orientanda

---

## ANEXOS

## ANEXO 1 – Parecer do Comitê de Ética na pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais.

 <p style="margin: 0;"><b>UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS</b></p>				
<b>PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP</b>				
<b>DADOS DO PROJETO DE PESQUISA</b>				
<b>Título da Pesquisa:</b> A Educação de Idosos em Belo Horizonte: Uma análise de seus impactos para o envelhecimento bem-sucedido				
<b>Pesquisador:</b> Leônidas José Gomes Soares				
<b>Área Temática:</b>				
<b>Versão:</b> 2				
<b>CAAE:</b> 13897919.7.0000.5149				
<b>Instituição Proponente:</b> Faculdade de Educação/UFMG				
<b>Patrocinador Principal:</b> Financiamento Próprio				
<b>DADOS DO PARECER</b>				
<b>Número do Parecer:</b> 3.501.943				
<b>Apresentação do Projeto:</b>				
A pesquisa de doutorado busca analisar quais são as práticas educativas destinadas aos idosos em Belo Horizonte e que impactos esses processos educativos têm em suas vidas. Procura verificar quais idosos têm acesso e quais os momentos e atividades eles apontam como fator positivo para a melhoria de sua qualidade de vida, levando-se em consideração as distinções entre esses sujeitos que as frequentam quanto a sua autonomia e condição de saúde física e mental.				
A pesquisa considera como parte da categoria de idosos as pessoas com 60 anos ou mais de idade. Esse recorte etário segue os parâmetros utilizados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e também pelo Estatuto do Idoso, criado no Brasil em 2003.				
A investigação será realizada no Centro de Referência da Pessoa Idosa de Belo Horizonte e tem como objetivo investigar o perfil dos idosos que frequentam esse espaço, apresentar as práticas educativas destinadas aos idosos da cidade neste lugar e analisar quais são as mais significativas levando em consideração as escolhas dos sujeitos da pesquisa e a relação com sua autonomia e com a possibilidade de uma velhice mais saudável.				
<b>Objetivo da Pesquisa:</b>				
<b>Objetivo Primário:</b>				
<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td><b>Endereço:</b> Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2ª Ad. Sl 2005</td> </tr> <tr> <td><b>Bairro:</b> Unidade Administrativa II <b>CEP:</b> 31.270-901</td> </tr> <tr> <td><b>UF:</b> MG <b>Município:</b> BELO HORIZONTE</td> </tr> <tr> <td><b>Telefone:</b> (31)3409-4592 <b>E-mail:</b> cep@pqc.ufmg.br</td> </tr> </table>	<b>Endereço:</b> Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2ª Ad. Sl 2005	<b>Bairro:</b> Unidade Administrativa II <b>CEP:</b> 31.270-901	<b>UF:</b> MG <b>Município:</b> BELO HORIZONTE	<b>Telefone:</b> (31)3409-4592 <b>E-mail:</b> cep@pqc.ufmg.br
<b>Endereço:</b> Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2ª Ad. Sl 2005				
<b>Bairro:</b> Unidade Administrativa II <b>CEP:</b> 31.270-901				
<b>UF:</b> MG <b>Município:</b> BELO HORIZONTE				
<b>Telefone:</b> (31)3409-4592 <b>E-mail:</b> cep@pqc.ufmg.br				
Página 01 de 02				

Continuação do Projeto: 3.001.643

A pesquisa de doutorado busca analisar quais são as práticas educativas destinadas aos idosos em Belo Horizonte e que impactos esses processos educativos têm em suas vidas.

Objetivo Secundário:

- Pesquisar o perfil dos idosos que frequentam o Centro de Referência do Idoso de Belo Horizonte;
- Investigar como as pessoas que frequentam tais práticas educativas se vêem enquanto pertencentes a categoria de idosos;
- Analisar quais são os processos educativos mais significativos para os idosos levando em consideração as escolhas dos sujeitos da pesquisa e a relação com sua autonomia e qualidade de vida;
- Verificar quais são os benefícios gerados para a vida desses sujeitos que participam dessas atividades;
- Investigar as possíveis lacunas existentes nos processos educativos para uma velhice-bem sucedida;
- Pesquisar qual a formação das pessoas que lidam com os idosos no centro de referência do idoso;
- Analisar se a concepção de educação que o profissional que trabalham com os idosos possuem e se sua formação contribui para uma aprendizagem significativa.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos são mínimos, mas sabe-se que em toda pesquisa com seres humanos existem riscos. A partir das entrevistas, a pesquisa pode trazer algum dano psíquico ao relembrar de algum fato do seu passado ou de algum fato que considera ruim relacionado ao seu processo educativo. Pode ainda trazer algum desconforto em relação ao tempo destinado às entrevistas. No entanto, a pesquisadora se compromete a minimizar os riscos, reconhecendo ao entrevistado o direito da escolha do local e horário mais apropriado para a entrevista, buscando deixar o entrevista a vontade para parar quando desejar e ainda a parar a entrevista quando perceber um desconforto por parte dos entrevistado.

Benefícios:

A pesquisa busca contribuir com a análise do perfil dos idosos de hoje no Brasil, tendo em vista o crescimento da expectativa de vida no país. Outro benefício da pesquisa é trazer elementos para se pensar a educação destinada a essa categoria geracional, na tentativa de que, sendo a educação ao longo da vida um direito, esta deve ser estruturada para gerar melhorias na qualidade de vida dessa população. Os resultados podem contribuir para que haja uma formação mais adequada aos

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6527 2º And 51.200  
 Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901  
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE  
 Telefone: (31)3409-4000 E-mail: ccep@cepq.ufmg.br

Continuação do Parecer 3.001/143

profissionais que trabalham com a educação de idosos. Além disso, a pesquisa visa contribuir reflexões acerca do que é ser idoso hoje e que subsidie discussões acerca de como as políticas públicas podem atuar para melhorar a condição de

vida dessas pessoas. Pode ainda haver benefícios pessoais na autoimagem dos entrevistados por sentirem-se valorizados por estarem contribuindo

com uma pesquisa científica.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa relevante para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da política pública.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

todos os requisitos apresentados.

**Recomendações:**

Substituir a expressão "sujeitos da pesquisa" por "participantes da pesquisa".

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Somos, s.m.j., pela aprovação do projeto apresentado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

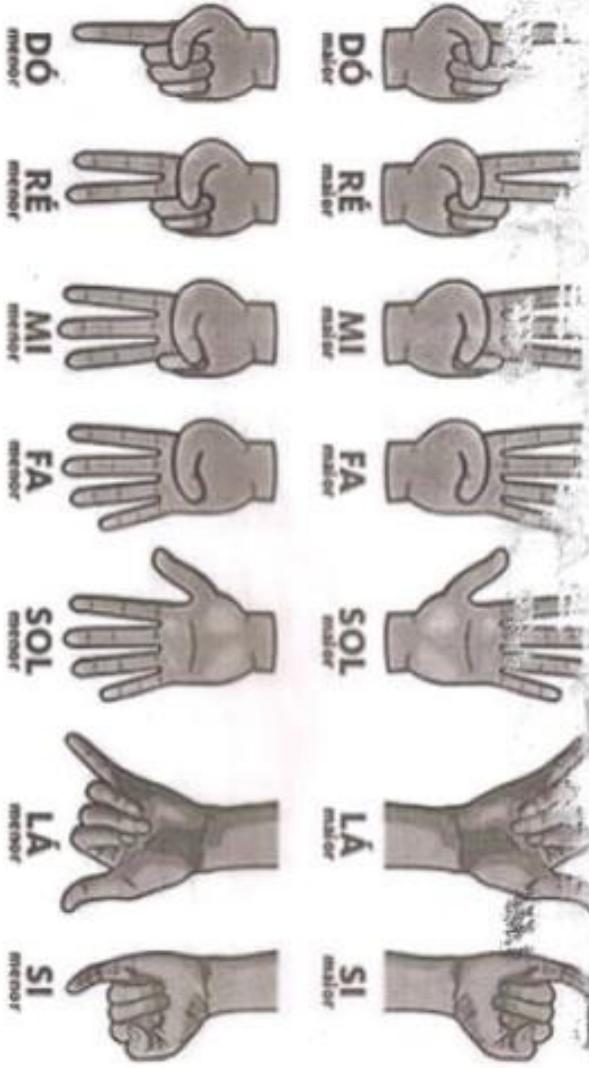
Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROJETO_1305243.pdf	04/07/2019 11:48:55		Aceito
Outros	carta_resposta_pendencias.doc	04/07/2019 11:49:12	ISAMARA GRAZIELLE MARTINS COURA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_idosos.docx	04/07/2019 11:48:38	ISAMARA GRAZIELLE MARTINS COURA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_coordenadores.docx	04/07/2019 11:33:31	ISAMARA GRAZIELLE MARTINS COURA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_professores.docx	04/07/2019 11:33:12	ISAMARA GRAZIELLE MARTINS COURA	Aceito
Outros	questionario_coordenadores.doc	04/07/2019	ISAMARA	Aceito

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2ª Ad. 31200-000  
Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901  
UF: MG Município: BELO HORIZONTE  
Telefones: (31)3409-4592 E-mail: cep@pq.ufmg.br

## ANEXO 2 – Materiais didáticos elaborados pelo professor das aulas de Voz e Violão

Lã	A
Si	B
Dó	C
Ré	D
Mi	E
Fá	F
Sol	G



**COMUNICAÇÃO ENTRE MÚSICOS.**

*Canis lupus*

Hand C.

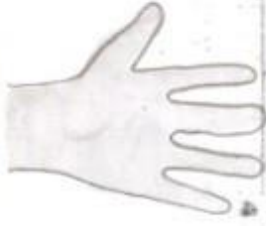
Mão Esquerda	Mão Direita
1 - indicador	p - polegar
2 - médio	i - indicador
3 - anelar	m - médio
4 - mínimo	a - anelar

1 2 3 4

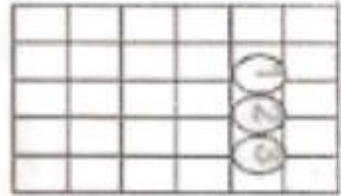
1 2 3 4 m a

p

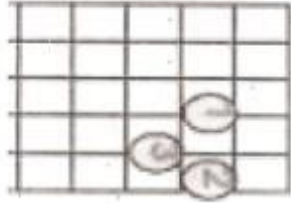




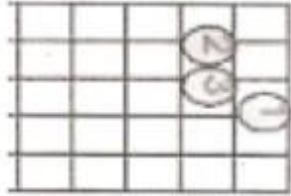
Só Cifras  
Gospel



D



E



F



G

